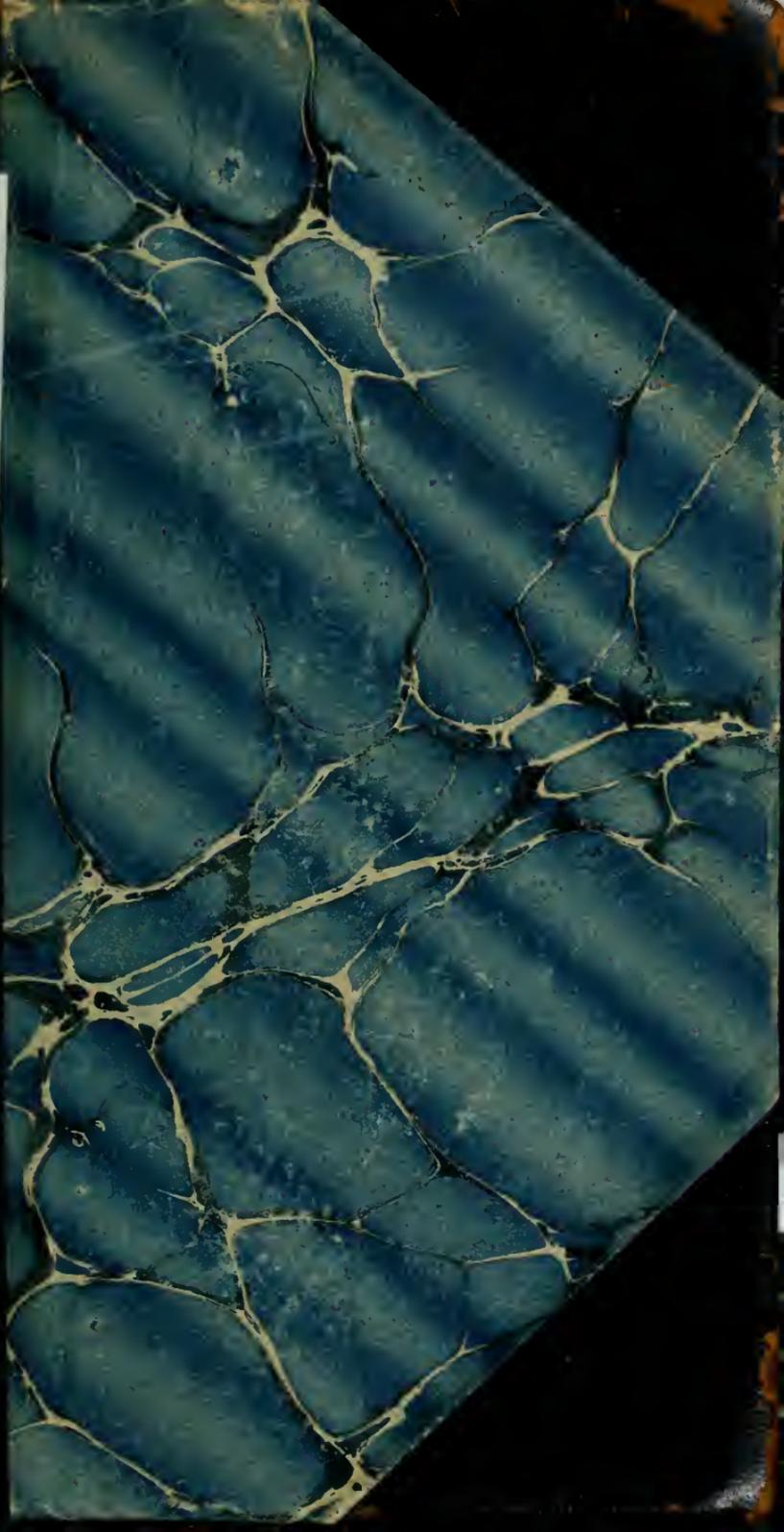


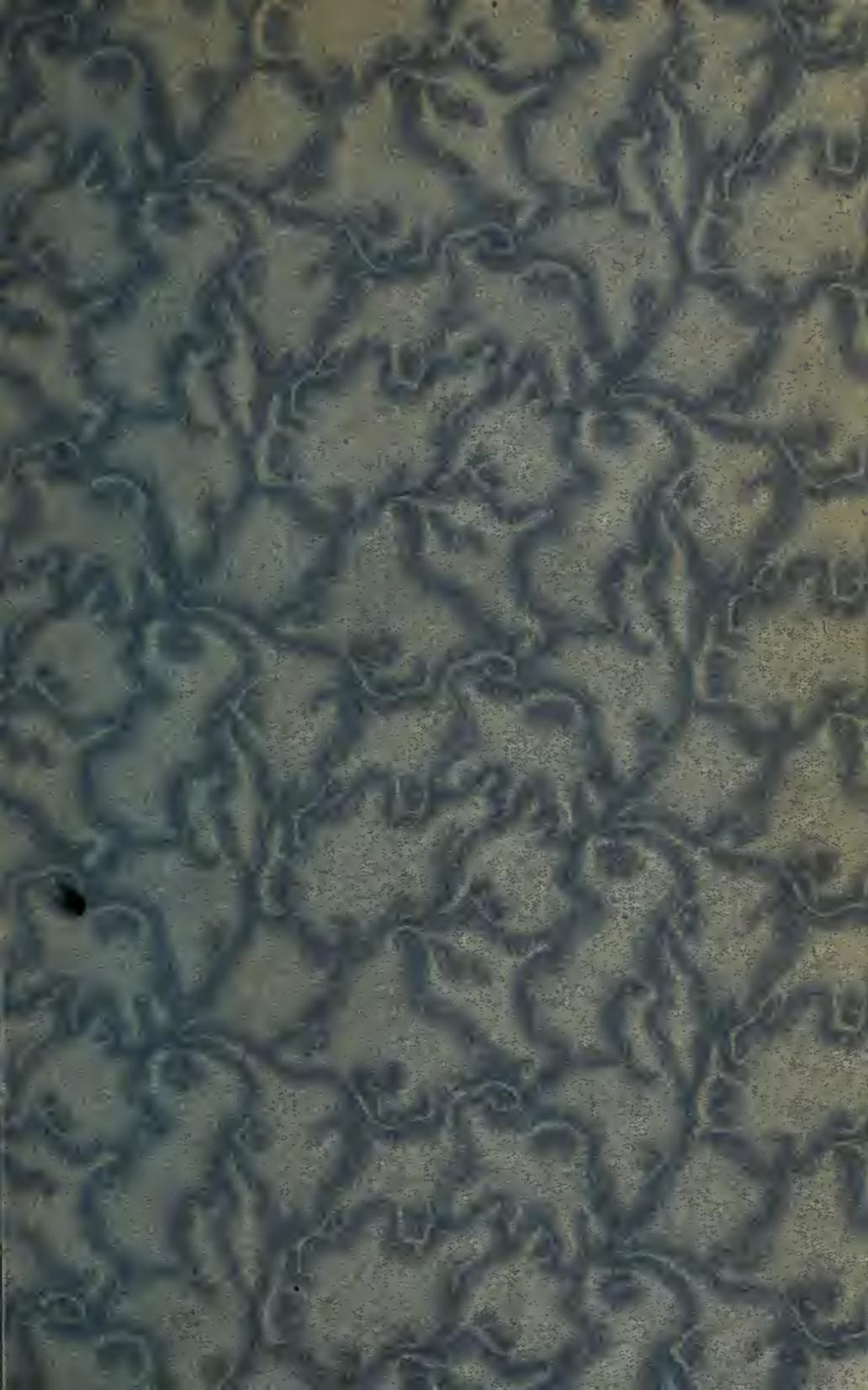
UNIVERSITY OF TORONTO

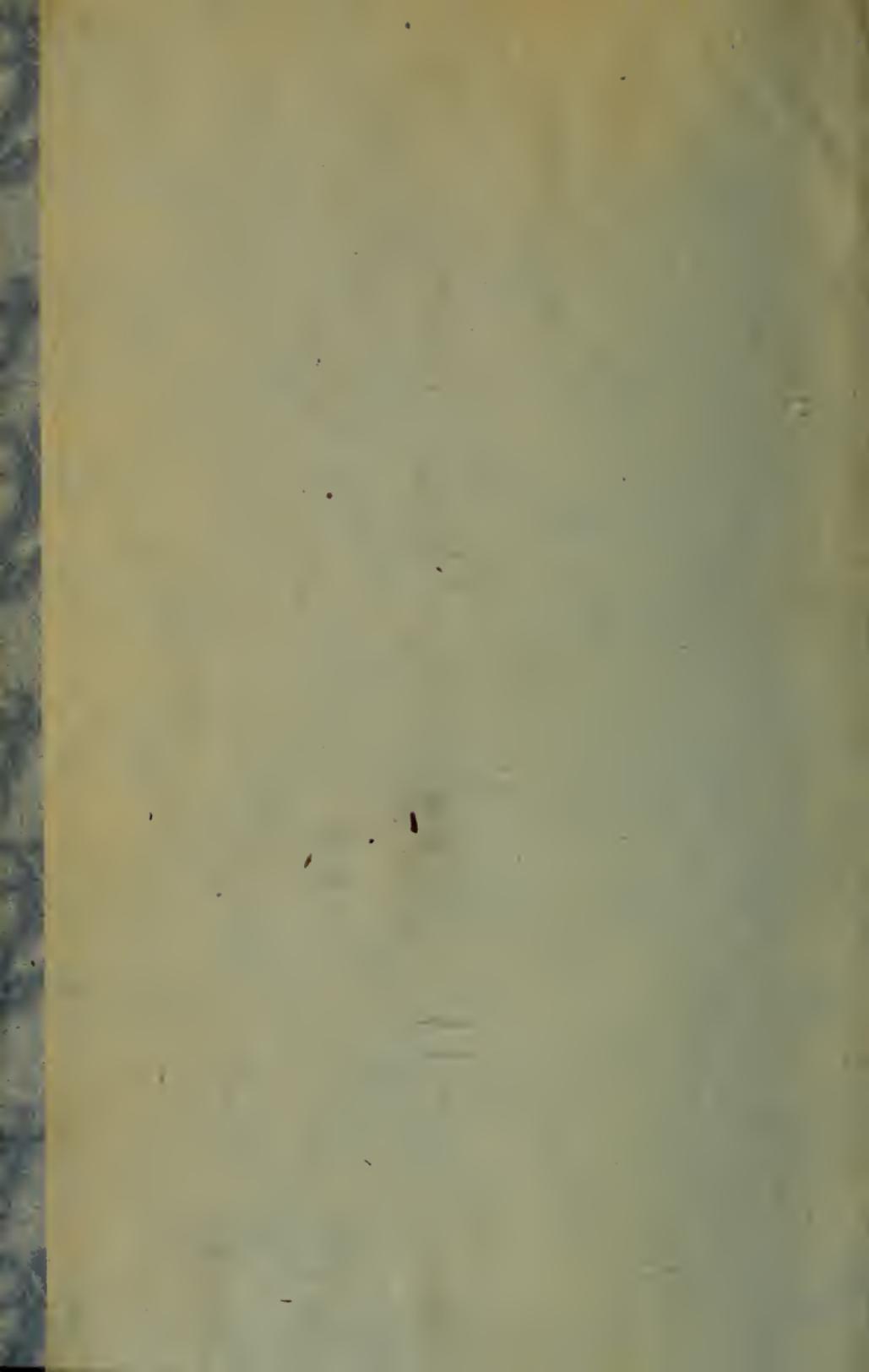


3 1761 00265282 4









FIGURAS LITERARIAS

Bulhão Pato—  
Júlio César Machado—  
O Conde de Gubernatis—  
João Penha—  
Ramalho Ortigão—Zorrilla—  
Gonçalves Crespo—Júlio  
de Vilhena—Marco-António Canini—  
Simões Dias—Silva Pinto—  
Nekrassov—Castilho—Silveira  
da Mota—O Conde de Chambrun—Maria  
Amália—Barbosa Leão—D. Vicente  
Riva Palácio—Alfredo da Cunha—Manuel de  
Melo—Alexandre da Conceição—Rousseau—  
Alberto Pimentel—Cláudia de Campos—  
Magalhães Lima—Michelet—Albertina  
Paraíso—Teixeira de Vasconcellos—  
Visconde de Castilho (Júlio)—João Milton—  
Visconde de Sanches de Frias—Dr. Pereira  
Caldas—João Dinis—Mickiewicz—Júlio  
Lourenço Pinto—Mariana Angélica de  
Andrade—Miguel Vicente de Abreu—António  
Rodrigues Sampaio—José Maria Ançan—  
Zeferino Brandão—Victória  
Woodhull—Visconde de Santa-Mónica—  
D. João da Câmara—Camões.

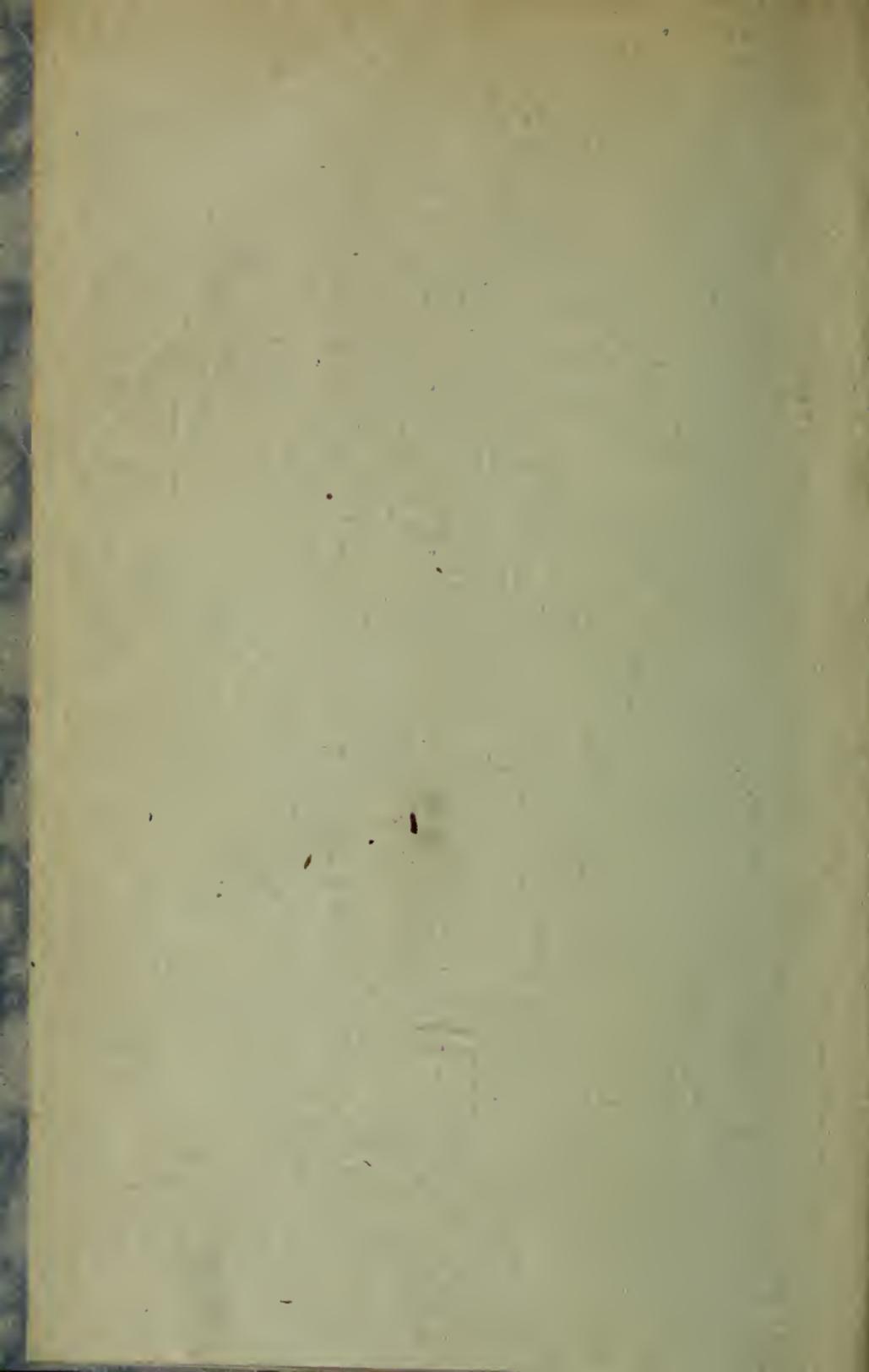
REGISTOS E MEMÓRIAS

do último quartel do século XIX

LISBOA

Livraria Editora VIUVA TAVARES CARDOSO

5 — Largo de Camões — 6



FIGURAS LITERÁRIAS

## OUTRAS OBRAS DO MESMO AUTOR

Nôvo Diccionário da Lingua Portuguêsa, 2 vol.....	8\$000
Lições Práticas da Lingua Portuguêsa, 3 vol.....	2\$100
Estrangeirismos.....	700
O que se não deve dizêr.....	700
Problemas da linguagem.....	700
Manual da sciência da linguagem, (trad.).....	600
Fisiologia do Amôr, (trad).....	600
Problema do casamento, (trad.).....	700
O Bacharel Ramires.....	200
Amôres de um marinheiro.....	500
Homens e letras.....	700
Livro de Job.....	400
Quadros Cambiantes (esgot.).....	
Tasso, (esgot.).....	
Parietárias, (esgot).....	
Poema da Miséria, (esgot.).....	
Nictagínias, (esgot.).....	
Historia Universal.....	600
Historia de Portugal, (esgot.).....	
Manual de Geografia.....	500
Manual de Literatura.....	200
Manual de direitos e devêres.....	300
Rudimentos de Economia Política.....	200
Rudimentos de direito civil, publico e administra- tivo.....	800
Lisbôa no ano três-mil.....	300
Vencer ou morrer (trad.).....	300
A liberdade de Industria.....	300
Pequeno diccionário de latitudes e longitudes.....	160
Subsidios pãra um diccionário geographico.....	200
Episodios e figuras célebres da Historia de Portugal.....	300
Fisiologia da mulher, (trad).....	700
Vamiré (trad.).....	300

Etc., etc.

CANDIDO DE FIGUEIREDO

# Figuras Literárias

NACIONAES E ESTRANGEIRAS

(Perfis e medalhões)

LISBOA

LIVRARIA EDITORA

VIUVA TAVARES CARDOSO

*5, Largo de Camões, 6*

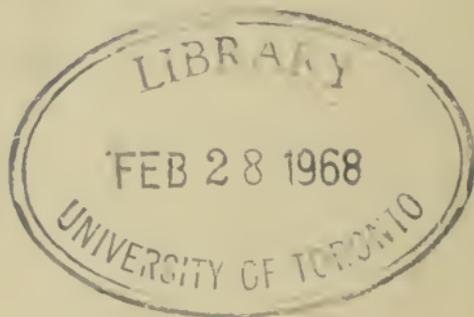
—  
1906

LISBOA

Typ. de Francisco Luiz Gonçalves

80, RUA DO ALECRIM. 82

—  
1906



## RAZÃO DA OBRA

---

**S**E não fôsse inútil publicar-se a autobiografia do autôr dêste livro, reconhecêr-se-ia que a sua vida literária de trinta anos não tem decorrido ociosa ou remansada, nem, talvez, estéril. Bons ou maus, correm mundo mais de quarenta volumes, de variada matéria, inconciliáveis com a pecha da ociosidade; e que alguns dêles conseguiram lograr inesperadas atenções e carinhos, não só da gente letrada, senão também da gente que estuda, e suscitaram, àquém e além do Atlântico, profícuos debates, a que não podiam sêr estranhos os interesses da literatura e da lingua, documentam-nos reiteradas edições, que atestam, ao mesmo tempo, um resurgimento de estudos, que pareciam sopitados ou menosprezados.

Mas a vida literária, em regra, não se concentra exclusivamente no livro; e raro será o homem de letras, que hoje em dia não pague o seu tributo mais ou menos espontâneo, mais ou menos avultado, á indiscutida soberania da imprensa periódica.

Que assombrôso dispêndio de trabalho e intelligencia não representa o jornal moderno! E, contudo, os artigos de um jornal não aspiram geralmente a uma vida mais longa que a de um dia: accusam, defendem, invectivam, doutrinam, denunciam, moralizam, pervertem; produzem num momento, efeitos que se prolongam e se dilatam; mas a folha, que os exhibiu, era volante, desapareceu.

Do alto da minha idade, estiro a vista pelo caminho andado, e não posso calcular a soma das largas horas que devotadamente sagrei ao jornalismo. Aprendiz de jornalista aos 15 annos; colaboradôr de dezenas de diários e revistas; redactôr da *Folha*, do *Jornal de Coimbra*, do *Jornal da Noite*, do *Jornal*, do *Português*, do *Repórter*, do *Correio Português*, do *Diário Illustrado*, do *Globo*, da *Gazeta da Beira*, do *Diário de Noticias*; directôr do *Cenáculo*, da *Capital*, do *Diário de Portugal*: deixei esparsas, nas folhas efémeras do periódico, milliares de bagatelas literárias,

noticiosas, criticas e doutrinárias, que, se merecêsem colecção, dariam volumes sem conta.

Não a merecem, nem a terão, é certo. Mas, de envolta com essa alude de prozas de um dia, alguma coisa distingo, que deveria sobreviver ao jornal, não porque eu a escrevi, ou porque o escrito, de per si só, valha registo; mas porque as minhas palavras enquadraram figuras, que se impõem á consideração geral; e porque essas palavras, traduzindo um preito, equivaliam a uma oblata de justiça nos altares da pátria e no panteão de todas as literaturas.

Pareceu-me pois que, reunindo os meus esbôços dessas figuras, avigorava aquêlê preito e fortificava aquella oblata.

Se taes esbôços me saíssem hoje da pena, natural é que alguns perfis fossem ampliados, que outros fossem reduzidos, e que as tintas da palêta sofrêsem, uma vez ou outra, ligeiras modificações.

Mas êste livro é uma verba de inventário, e o cabeça de casal não tem o direito de consertar ou desfalcar os objectos que arrola. Relativas a épocas distintas, estas páginas são o que eram os artigos, nelas reproduzidos. Representando uma série no tempo e no espaço, não quero desvirtuálas, fundindo-as num jacto

e numa época. Por outro lado, se a individualidade do autôr merecêsse estudos críticos e psicológicos, essa individualidade mais completamente ressaltaria do estudo comparado dos factos literários de diferentes épocas, do que da observação de productos simultânêos.

Explicado fica também que esta galeria de figuras não é destinada a todos os primazes das lêtras, nem só a primazes. Nas lêtras como na *Biblia*, há profetas maiores e profetas menores; de uns e outros, apresento êste ou aquêle que o acaso ou a oportunidade se sugeria, omitindo muitos, a quem me prende devotada estima e elevada consideração.

Uma galeria completa de figuras literárias, inda que só portuguezas, sería enexequível, até pela razão de que não caberiam nas naves dos Jerónimos todas as entidades que se crêem figuras literárias.

No livro *Homens e lêtras*, (1882), já eu deixei os perfis de brilhantes personalidades, que não entram na compilação de hoje; e, se vale a pena alargar as dimensões da minha modesta galeria, outros farão o resto e melhor.

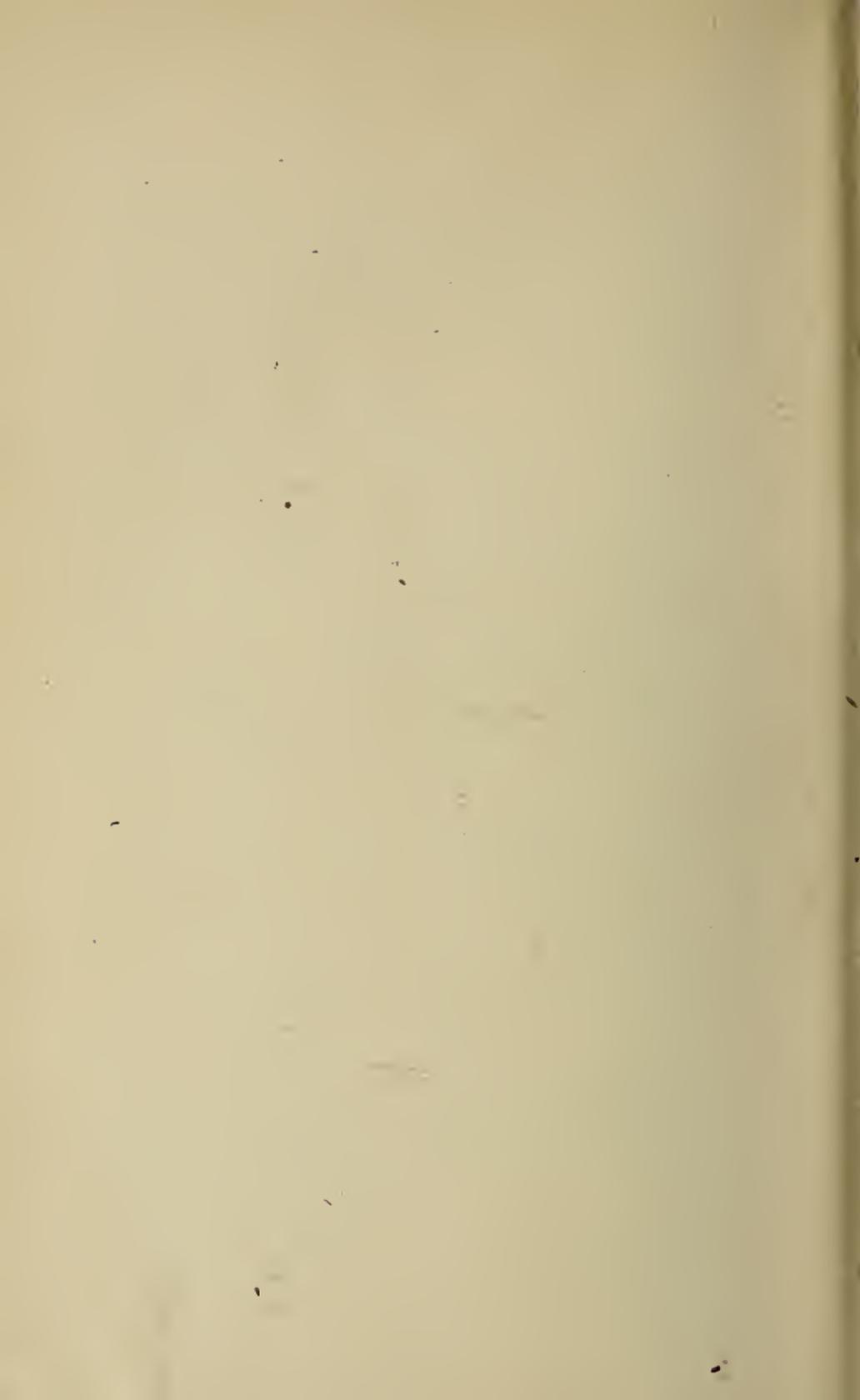
*Lisbôa, 1-1-906.*

C. de F.

1

BULHÃO PATO

(1894)



## Bulhão Pato

(1894)



ESTE nome, incontestavelmente dos mais illustres que sobredoiram as lètras nacionaes, está vincuiado ás saudosas reminiscências da minha meninice, e é-me portanto gratíssimo, ainda que outros motivos não houvesse, o rememorar-lo mais uma e muitas vèzes.

Um dia, — era eu um imberbe estudiantinho de latim, em Viseu, e já colaboradôr de almanaques e publicações menos vistosas, com tendência; infelizmente não contrariada, para a suposta profissão de lètras, — annunciou o *Viriato*, gazêta da localidade, a chegada do poeta da *Paqueta* á capital da Beira.

Como eu tivesse na memória e no coração a esplêndida poesia de Bulhão Pato, *A um retrato*, e como eu não conhecesse, á excepção de Tomás Ribeiro, nenhum poeta em pessoa, a notícia alvoroçou-me naturalmente, e, em vèz de solicitar ousadamente uma apresentação fácil, procurei velo e contemplá-lo muitas vèzes, sem que êle de mim soubesse nem me visse.

De tarde, durante alguns dias, e com mais empenho que um espião de ruins tenções, seguia, a distância, os passos do poeta; já no *Passeio de D. Fernando*, já no sítio da *Meia-*

*Laranja*, ou por entre os renques de plátanos e acácias da *Cava de Viriato*, os meus olhares cravavam-se no poeta; e, rebuçando-me na capa acadêmica, perguntava a mim mesmo por que milagre é que o gênio pôde incarnar-se às vêzes num sêr que veste e come e fala e passeia como toda a gente.

Mas, atentando bem, reconhecia-se que a personalidade física do poeta não se confundia com qualquer personalidade.

Ainda na mais familiar conversa com Paulo Emilio ou Melo Borges, — os jornalistas da terra, — o olhar, o gesto, a voz de Bulhão Pato não eram a voz, o gesto, o olhar do comum dos mortaes; havia ali, como diria Camões,

*aquêle não sei quê,  
que aspira não sei como.*

Estávamos ainda em pleno romantismo; e a formosa cabeladura nêgra de Bulhão Pato, agitada pelas brisas do Pavia, trazia-me á ideia a cabeleira de Child-Harold, sôlta aos ventos do Oceano. Na fronte desafogada e nobre, no sorriso discreto, na palavra cadenciada, meio solene e meio affectuosa, no gesto espontâneo e seguro, havia um misto de meiguice e majestade, de soberania e de doçura, que me subjugava e me atraía.

Cheguei a possuir-me da tentação de lhe falar e procurei o dr. Melo Borges.

—Traz versos para o jornal?— perguntou-me êle.

—Não trago nada; por outra, trago o desejo de que me apresente ao Bulhão Pato.

—Não é preciso; apresente-se você, que êle recebe-o admiravelmente.

—É preciso, porque eu não tenho coragem para isso.

—Nêsse caso, e como a apresentação só se justificará pelo parentesco literário, traga-me versos e vamos têr com êle. —

Aceitei o alvitre, e fui para casa fazêr versos.

Impressionado por uns desgostos de criança, comecei umas nênias, tomando para epigrafe êstes versos do canto V da *Paqueta*:

«Não profiro o teu nome! Venturôso,  
Outro o profere agora a teus ouvidos.

Teu rosto se lhe volve carinhoso,  
Estremecem de amôr os teus sentidos;  
Mas ah! que ao menos possam, na tua alma,  
Um eco despertar os meus gemidos!»

As minhas nêias começavam por êste teôr:

Chegou a hora da suprema angústia!  
Os dias, que a ventura  
vinha doirar com lúcidos fulgôres,  
fugiram, como foge na espessura  
o arroio que trepida entre verdôres.  
Ao rosto magoado  
assoma agora a lágrima das lágrimas...

E, num *crescendo* de tragédia, enchi de rimas uma fôlha de papel almaço. (1)

Nô dia seguinte, dizia-me Melo Borges:

—Não posso apresentá-lo; o Bulhão Pato foi hoje para Farminhão; está em casa do Luis de Campos.—

Não pude respondêr. Dir-se-ia que me abandonava alguém que me era querido, e, se o meu pobre coração falasse, teria dito talvez:—«Nunca mais o tornarás a ver!»—

Nessa noite, estudei mal o meu Virgílio e dormi peor.

Passaram dias. Uma tarde, vi sair da casa do Francisco Mendes aquêle adoravel e mallogrado Luís de Campos, que, antes de sêr par do reino, era mais do que isso,—um coração de ouro e poeta de levantada inspiração.

—O Bulhão Pato? onde está o Bulhão Pato? — perguntei-lhe eu.

—Estêve em nossa casa; caçámos nos fraguedos da Ortigueira; e foi encantado com as nossas paisagens. Viu-o? falou-lhe? —

Contei-lhe tudo, e pediu-me os versos, que deveriam têr sido o pretexto da minha apresentação. Logrei ao menos a satisfação de vêr que êsses versos de rapaz entusiasmaram a boa e expansiva alma de Luís de Campos, mórmente a seguinte estrofe, que ele repetia com calôr e na intenção mais cativante:

---

(1) Essa composição, com o título de *Emfim!* está arquivada na pag. 159 dos meus *Quadros Cambiantes*, 2.<sup>a</sup> edição, Coimbra, 1874.

Não, não te hei de esquecer! Còrram os anos,  
 leve me longe meu cruel destino,  
 sulquem me a face amargos desenganos...  
     teu rôsto peregrino,  
 perdido já seu nítido fulgôr,  
     é sempre a estrêla pálida  
     nas trevas desta dôr.

Sòbre êste tema, burilou êle uma sentida composição, que me dedicou pela imprensa, com o título de *Confidências*, e que principiava por êstes versos, que fòram talvez a profecia do prematuro fim do poeta:

«Da esp'rança a esquiva flôr levanta a fronte  
 no cume de escabrosa, íngreme, rampa;  
 cansado, ardendo, o peito busca a fonte  
 que lhe mitigne o ardôr, febre e cansaço.  
 O mísero, trepando, arrasta o passo,  
 e vai batêr na cruz de humida campã,  
 que para sempre o estreita em férreo abraço.»

Hoje, pouca gente se lembrará de Luis de Campos, do fogoso oradôr parlamentar, do poeta da *Granadina*, de um dos primeiros ornamentos da minha Beira; e menos ainda se lembrariam dêle, se lhe não sobrevivêsem irmãos distintos, como o general Antonio Campos e o par do reino Francisco de Barros Coêlho e Campos, que são um vivo reflexo daquêle nobilíssimo caráter.

E porque poucos se lembrarão dêle, quero eu alistar-me entre êsses poucos, ligando o seu nome ao de Bulhão Pato, que tanto lhe quis.

Decorrêram annos; e só em 1875, encontrando-me com Bulhão Pato nas sessões da Academia das Sciências, é que pude realizar a ambição do imberbe estudantito de latim, falando com o poeta e sentindo a minha mão apertada pela sua. Aquela ambição, se êla pudesse lisonjear o notabilíssimo homem de lêtras, ficaria sobejamente compensada pelo íntimo júbilo de tratar de perto a fidalga e brilhante personalidade de Bulhão Pato. E, com efeito, quem não tenha refolhos na consciência, quem não tenha o estrabismo da inveja e da paixão egoísta, quem não desconhêça que a litteratura e a pátria são ideias inseparáveis, quem dentro de si não recuse lugar ao culto que se deve aos caracteres sem

mancha, não pôde deixar de curvar-se, em respeitôso affecto, perante a figura moral e literária do gloriôso poeta da *Paqueta*.

\*

Educado literariamente ao lado de Alexandre Herculano, na convivência dos mais rígidos caracteres de uma sociedade em que êles não abundam, Bulhão Pato, no seu trato social, tomou por uma estrada, que pôde sêr a de um espartano imaculado, mas que não é o *chemin des ânes*, que leva ás grandêzas sociaes, ás comodidades da vida, ao capitôlio de duvidosas celebridades, e ao affecto convencional de camarilhas politicas ou literárias.

Nascido em Bilbao, parece que o céu das Vascongadas lhe instilou com o leite materno a independencia e a nobre altivêz que caracterizam os filhos daquela região. Bulhão Pato viu certamente, na sua infância, como as montanhas das Astúrias encaram majestosas e serenas o golfo que se lhes contorce aos pés, ameaçando-as inutilmente com uma submersão medonha: em todos os lances da sua vida, através de tudo e de todos, Bulhão Pato mantêve sempre aquella superiôr firmêza do homem justo, de quem falava o velho Horácio:

«Se estalado cair o orbe, ferem-no  
as ruínas impávido!»

Contemporâncos dêle, menos prestadios e mais audazes ou menos escrupulosos, ascendêram ás culminâncias do poderio, do renome e da fortuna; e os que lhe não voltaram as costas, dispensaram-lhe simplesmente uma benevolência estéril, quando não uns ares de protecção. . . platónica. É a história de cada dia: de todos os que sobem, há dois têrços, pelo menos, que deveriam ficar atrás de muitos que estão em baixo.

Mas Bulhão Pato, tendo aliás a consciência de si próprio, refreia os ímpetos da sua musa, causticamente satirica, e, poupando os que outrem castigaria, esquece-os generosamente, e chêga a considerar-se feliz na sua pacífica tebaida, quere deleitando-se no trato da Arte e da naturêza, quere galgando montes e gândaras em cata de perdizes e laverças,

quere dialogando com os pescadôres da costa, ou com as aldeans, que sobem o Monte de Caparica, para vêr as barbas brancas do asceta, e ouvir-lhe a palavra amorosa, paternal e san. Do seu Monte de Caparica, olha êle para o resto do mundo, como do alto da tôrre Eiffel se olhará para a população que se vê formigando, a toda a hora, á beira do Sena, do rio que leva ao mar e ao esquecimento as ambições, os ódios, as lutas, as grandèzas e as misérias, que se amalgamam e se embatem na prôdigiosa cidade, que alguém chamon o coração do mundo.

De longe em longe, Bulhão Pato deixa por algumas horas o seu deserto e passa rapidamente pela cidade, para se certificar bem de que a Providência é sempre boníssima, visto que o fogo do céu ainda não calcinou nem varreu a lama em que se reholca uma sociedade gangrenada. Depois, volta ao seu ermo, onde não há infecções paludosas, nem o rangêr de dentes do inferno biblico.

Embora sem matrícula na irmandade dos felizes, talvez êle nos possa dizêr onde está a felicidade!

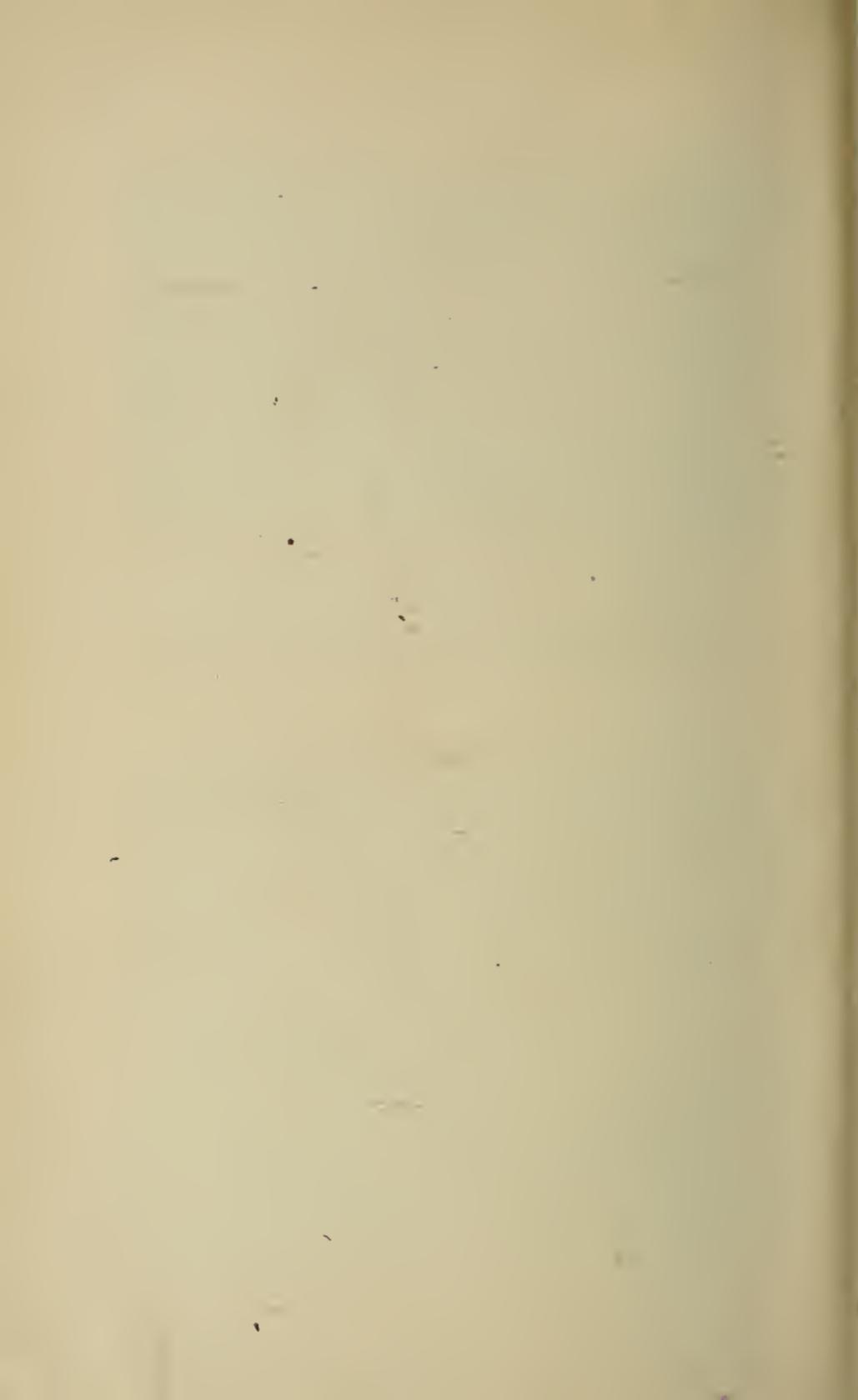
\*

Como se vê, não faço a biografia nem a crítica do poeta: apenas uns traços, ao acaso, de um esbôço moral, que não é dos mais conhecidos, num país em que toda a gente se conhece. O esbôço literário do poeta está feito, na consciência de todos os que sabem lêr com olhos de vêr, porque resalta nítido da longa e perdurável obra de Bulhão Pato. Em prosa, as *Memórias, Portugêses na India*, e *Sob os ciprestes*; em verso, *Cantos e Sátiras, Paqueta, Flôres agrestes*, e dois ou três volumes de versos, são titulos bastantes para a consagração de uma glória nacional.

Representante de uma época literária, em que o conhecimento da bôa linguagem era a primeira condição de um bom escritôr, e em que um poeta, para o sêr, tinha que familiarizar-se com as regras da metrificaçã, Bulhão Pato observa nos seus trabalhos a mais rara correccão de fôrma, e tem ao seu dispôr o maior número das riquêzas e primôres peculiares ao idioma nacional. Á' belêza e correccão da fôrma correspondem, nôs escritos de Bulhão Pato, a belêza e o

vigôr da ideia, a espontaneidade e aticismo dos conceitos, a envergadura de um pensamento elevado e nobre. E a tal ponto a fôrma se casa com a ideia, que esta transluz nitidamente através daquela, como o sangue vigoroso e quente de um organismo poderoso, através de uma epiderme delicada e sana.

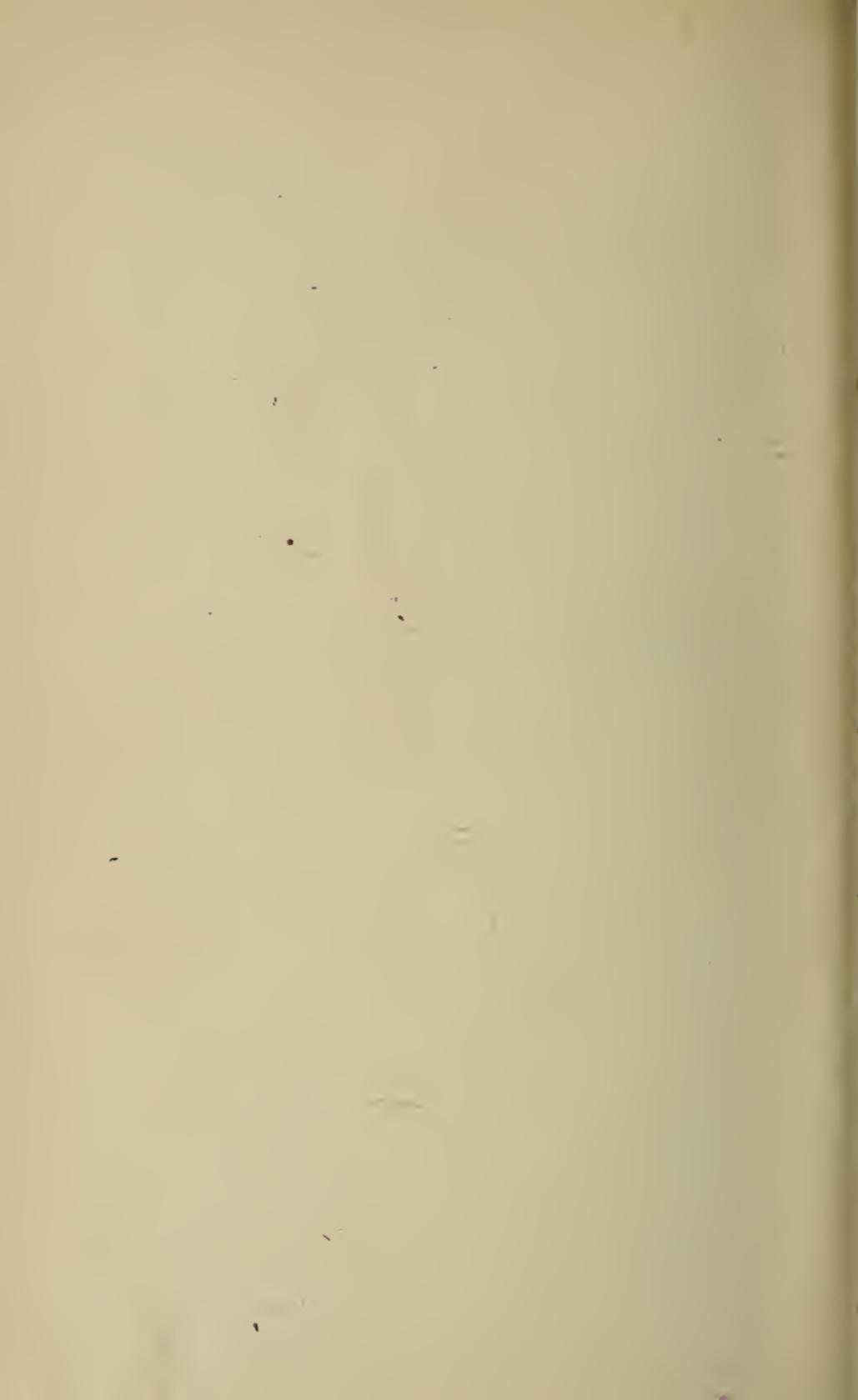
Por isso, os livros de Bulhão Pato poderão passar despercebidos ao noticiário indígena e aos amadores de literatura avariada ou de farólias literárias; mas, se alguma coisa do que temos e valemos tem de ficar depois de nós, sobrevivendo a uma sociedade enfermiça e caótica, êsses livros ficarão, a par daquêles documentos que hão de levar aos nossos netos as memórias mais puras de uma nacionalidade que foi.



II

JÚLIO CÉSAR MACHADO

(1890)



## Júlio César Machado

(1890)



À momentos, em que todo o homem é filósofo, se é filosofia embrenhar-se a gente nos problemas da vida, e procurar o fio da verdade e uma rês-tia de luz, nêste labirinto de mentiras, de convenções e de misé-rias.

Na tarde do último domingo, *filosofava* eu sôbre tudo, ou sôbre coisa nenhuma, encostado a uma janela, donde se estira a vista pelo monte da Graça e pelas várzeas da Charca; e, acompanhando com os olhos as tênues espiraes de fumo, que se evolavam do meu pobre *guergorino*, deixavame ir no enalço de um tema ou ideia alegre, que me servisse para a crónica de hoje, e que por um momento me des-viasse o espirito, e o espirito de quem me lê, da contempla-ção de tantas coisas tristes, que nesta hora ensombram os horizontes da nossa capital e da nossa pátria.

Nessa ocasião, passava na rua um amigo meu, extrema-mente pálido e agitado. Trocou duas palavras com Sousa Lobo, ergueu os olhos para mim, e cumprimentou-me com tristêza.

Preguntei-lhe se estava doente.

Que não, respondeu êle. E acrescentou, soluçando:

— O nosso Júlio e a mulher esfaquearam-se ! —

Julguei têr ouvido mal, e pedi-lhe que repetisse.

Mas não repetiu. Baixou os olhos, marejados de lágrimas, disse-me adeus com um gesto, e deixou-me.

Compreendi tudo.

O suicídio de uma criança abrira um vácuo enorme no grande coração do pai, e no terníssimo coração da mãe. Nem as consolações dos amigos, nem as alegrias do mundo, puderam enchêr êsse vácuo; e, pai e mãe, juntaram-se no mesmo pensamento e na mesma resolução, procurando àlém da vida o sêr que lhes levara as alegrias do lar e os sonhos do futuro.

Fechei a janela, e abismei-me na mais tormentosa das filosofias humanas. Profundamente abalado por mais uma das maiores brutalidades do destino, triturei em silencio, convulsamente, o inofensivo *guergorino*, e quebrei a pena que devia escrevêr uma crónica alegre.

E não pensava então no secundo e laureado escritôr, que foi a glória do folhetim em Portugal, e cujos contos são deliciosamente devorados por todos os que prezam a literatura san.

Pensava no amigo, no bom e dedicado amigo de tantos anos, no affectuoso e boníssimo companheiro de trabalho, no lutadôr exemplar, que, ainda dois dias antes, subia corajôso e alegre a encosta ingreme da vida, e que de improviso tropeçou fatalmente no fantasma do desânimo, deixando em tantos corações a mais fria e dolorosa surprêsa.

Se alguém me lê, permita-me que eu não deixe afastar-se de mim a querida sombra do amigo, em vêz de defrontar com as glórias do escritôr e de registrar serenamente o passamento de um benemérito das lêtras.

São tão raros os bons amigos, que, quando a fortuna me depara algum, que realmente o seja, sinto que alguma coisa de comum me prende a êle; e êsse laço misterioso envolve e trava tão intimamente as duas existências, que, ao apagar-se uma, a outra bruxoleia, como agitada por um vento de morte.

Há vinte anos, Guilherme de Azevêdo levou-me a casa de Júlio César Machado, àquela modesta casa da Travessa do Moreira, que eu creio sêr conhecida de todos os escritôres

portuguêses; e, desde essa hora, o coração do brilhante escriptor abriu-se para mim nas mais dóces e francas expansões, e demonstrou-me que, na sociedade de hoje, nem tudo é vasa e sânie, e que ainda há espiritos de eleição, sobrenadando ao limo, em que se rebolca a mascarada geral.

Nunca lhe devi favôres, e nunca m'os deveu; que o desinteresse é a pedra de toque para os affectos imperecíveis; mas nos lances amargurados, como nas efêmeras alegrias da vida, os nossos braços travavam-se, os nossos risos fundiam-se num riso, as nossas máguas fundiam-se numa só mágua.

Nos seus olhos vivos de andaluz, na sua bela cabeça de uma extrema mobilidade, emoldurada em longa cabeleira nêgra, na sua voz affectuosa, quente e expansiva, espelhava-se a limpidez de uma alma de oiro, e reflectiam-se os cambiantes, a luz e as sombras, de um coração sem refolhos.

Na delicadêza dos seus sentimentos, e na sinceridade da sua desambição, chegava a retrair-se da publicidade, para não recebêr aplausos que não fôsem espontâneos. A convenção e a hipocrisia, odiava-as, como o homiem de bem odeia a mentira. Por isso, e à mingua de audácia, nunca poderia subir muito na escala das grandêzas sociaes. Era secretário de um estabelecimento de instrução, e valia muito mais que muitos daqueles de quem recebia ordens.

A sua desambição e a sua delicadêza de sentimentos tinham extremos que merecem registo. Quando publicou o seu último livro, *Mil e uma histórias*, distribuiu exemplares pelos seus amigos mais íntimos. Eu, amigo e jornalista, não recebi o livro. Não me feriu a omissão, por que não duvidava um momento da velha amizade de Júlio Machado.

Passados muitos menses sôbre a publicação do livro, recebi um exemplar. Dei noticia da obra em uma folha periódica, e o autôr, agradecendo, deu assim a razão da demora do oferecimento:

— «Meu caro amigo:

«Tu bem sabes se eu te ofereceria o meu livro, logo que elle se publicou. Mas escrevias de livros nessa occasião, e era quasi obrigar-te a escrever do meu, no *Reporter*. Não queria que parecesse sêr ao escriptor, e não ao amigo, que eu o mandasse. Aceita-o com um abraço, e as boas-festas, de mim e de meu filho, que tu estimas e que te é grato, e de

minha mulher, que se junta a nós para te enviar os seus cumprimentos.

Muito do coração, teu amigo certo

*Júlio César Machado.»*

Transcrevo integralmente o documento, pelas affectuosas referências ao filho, cuja morte o prostrou a êle e á dedicada companheira que na morte se lhe quis unir.

Quando a desvairada criança, precipitando-se no túmulo, rasgava cruelmente o coração dos pais, todos imaginaram, se não sentiram, a profundidade daquella dôr enorme, mas ninguém supôs que a catástrofe fôsse o prelúdio de outra catástrofe.

Quando Júlio Machado sentiu desprendêr-se-lhe dos braços, para sempre, aquella porção da sua alma, o filho do seu amor, eu, nêsse momento, deslembrei-me do caminho de sua casa: imaginei-mê no seu lugar, não entrevi a possibilidade de uma consolação, e creio que chorei sem lho confessar. Escrevi-lhe não sei quê: que me compreendêsse, e que não desejasse a minha presença.

Compreendeu-me, o infeliz, e respondeu-me simplesmente, num cartão de luto: — *Obrigado, Candido; obrigado, meu amigo.*

Considerava-se obrigado, por todas as manifestações de condolência, mas não chegou a resignar-se.

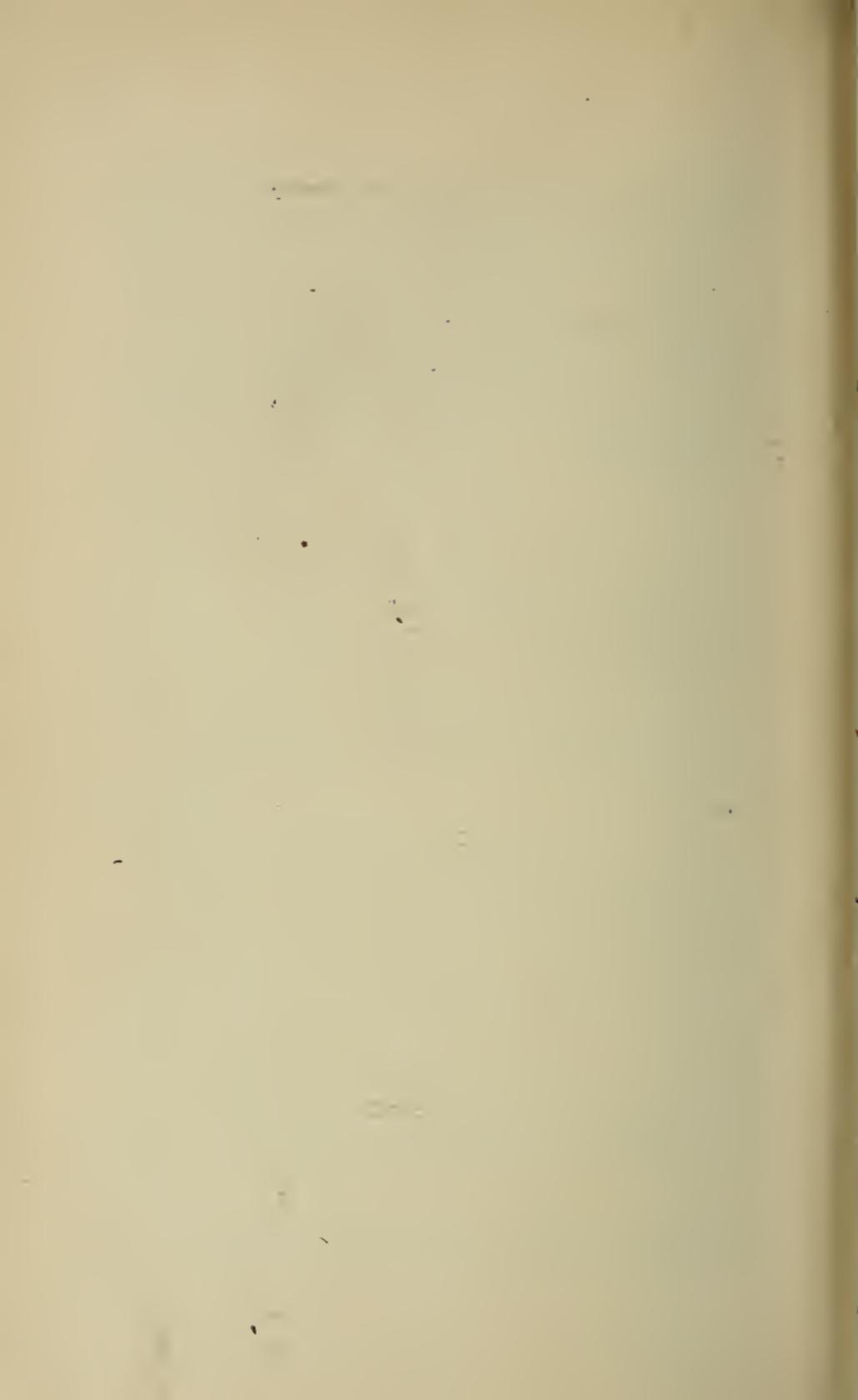
O túmulo de seu filho atraía-o. Era atracção do abismo, uma atracção irresistível. Tentou ainda lutar. Não tinha cabeça para pensar nem para escrevêr, mas saía de casa, sentava-se á mêsá da sua Repartição, e, com as prosas frias da vida burocrática, procurava modificar a saudade febril que o abrasava. Mas, á tarde, recolhia-se ao lar, e, ao sentar-se á mêsá, via deserto o lugar de seu filho; nos olhos de sua mulher, lágrimas em fio; em cada recanto, um silêncio tumula, uma tristêza de morte. E levantava-se a mêsá com as iguarias, e ficavam-se os dois, absôrtos, soluçantes, comungando na mesma dôr, na mesma saudade, e no mesmo tédio da vida.

Caíam as noites, — noites longas e frias, — e á cabeceira dos dois mártires vinham sentar se fantasmas; o sono era

um pesadêlo; por entre as sombras, agitavam-se visões, e recortava-se um busto de criança sorrindo e chamando. Quando, ao termo do suplicio da noite, o sol entrava alegre pelas janelas, de todo o fúnebre scenário da insônia apenas restava a dôr, pálida, hirta, desgrenhada e feroz, repelindo, como um insulto, a entrada do sol, que varre as sombras da noite, mas não varre a noite escura da alma.

Na luta da dôr com a fraca naturêza humana, triunfou a dôr. Um abraço, o abraço extremo, dois jorros de sangue, dois gritos supremos . . . e acabou-se tudo.

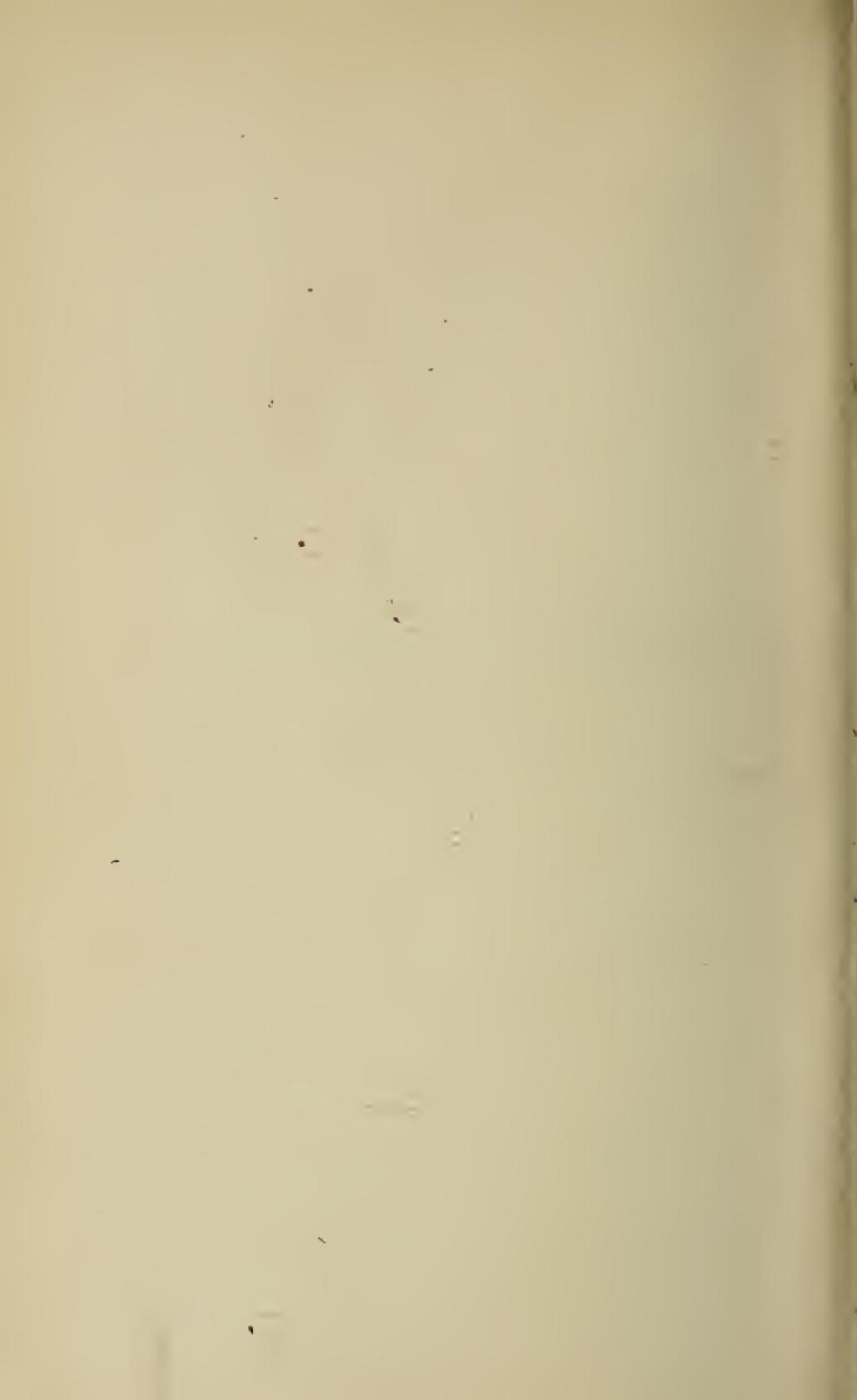
Meu pobre Júlio!



III

O CONDE DE GUBERNATIS

(1889)



## O Conde de Gubernatis

(1889)



RECEBI agora de Venêza os primeiros volumes da obra monumental, o *Diccionario Internacional dos Escriitores Contemporâneos*.

Esta obra, que representa um longo e colossal trabalho, e que é escrita em francès, na língua mais generalizada, constitue uma nova consagração dos largos méritos do seu illustre autòr, o conde Angelo de Gubernatis, uma das maiores notabilidades literárias da Itália e da Europa contemporânea.

Em Portugal, onde a literatura italiana, aliás irman da nossa, é escassamente conhecida, e agora que todas as bibliotecas do mundo culto estão necessariamente adquirindo o mais completo e mais minuciôso diccionário bibliográfico dos tempos modernos, afiguram-se-me oportunas algumas breves indicações sòbre a brilhante personalidade do autòr do *Diccionario Internacional*.

Angelo de Gubernatis não conta ainda cincoenta annos, e as suas obras, notabilissimas pela maior parte, contam-se já por centenares.

Oriundo de uma nobre familia provençal, nasceu em Turim, em 1840, e ali se doutorou em lêtras, em 1861.

Um ano depois, era enviado pelo govèrno italiano a Berlim, para proseguir nos seus estudos filológicos, sendo depois nomeado professôr de sânscrito no Instituto dos Estudos Superiôres, de Florença.

Tão rapidamente crescêram os seus créditos de filólogo, que representou o govèrno em o congresso dos orientalistas de San-Petersburgo; e, convidado pela *Taylorian Institution*, foi a Inglaterra fazêr algumas prelecções sobre Manzoni, na universidade de Oxford. Fêz parte do congresso dos orientalistas em Berlim, percorreu os principaes países da Europa, e fêz uma viagem á India, onde permaneceu quase um ano, fundando no seu regresso o *Museu Indiano*, de Florença, de que é directôr, e a *Sociedade Asiática italiana*, de que é presidente efectivo.

O rei Humberto agraciou-o com o titulo de conde para êle e seus descendentes. Este titulo pertencêra aos chefes de dois extintos ramos da sua familia.

Além de numerosas condecorações, com que os govèrnos dos diferentes países têm revelado o altissimo apreço e a admiração que o grande escritôr inspira, o conde de Gubernatis é membro das mais célebres academias scientificas e literárias, do velho e novo mundo, como a Sociedade Real das Indias Neerlandêsas, a Sociedade Asiática de Bombaim, a Sociedade Filosófica de Filadélfia, a Academia das Sciências de Buda-Pesth, a Academia das Sciencias de Belgrado, etc.

Poéta, dramaturgo, filólogo, jornalista, orientalista, crítico, o conde de Gubernatis tem, nos últimos trinta anos, exercido tão diversamente, e tão fecundamente, a sua actividade literária e scientifica, que é hoje muito difficil, se não impossível, a sua bibliografia completa.

Pelos seguintes tópicos poderá entretanto julgar-se, ao menos, da excepcional actividade e das diversissimas aptidões do célebre poligrafo:

De 1839 até hoje, tem fundado e redigido as seguintes revistas e jornaes:—*Literatura Civil; Italia literaria; Civilização Italiana; Revista Oriental; Revista Europeia; Boletim Italiano dos Estudos Orientaes; Cordelia; Revista Internacional; Jornal da Sociedade Asiática Italiana*. A sua colaboração scientifica e literária encontra-se nas principaes revis-

tas da Alemanha, França, Rússia, Inglaterra, Estados-Unidos, etc.

Escreveu para o teatro numerosos dramas e tragédias, em prosa e em verso, como *Sampiero*, *Werner*, *Crescencio*, a *Morte de Catão*, o *Rei Nala*, *Rómulo*, etc. Algumas das suas peças foram representadas pelo célebre trágico Rossi, que Portugal teve ensejo de conhecer e admirar, há anos.

Além das suas poésias soltas, novelas e folhetins, e além do que deixo aludido, são quase sem conta os seus trabalhos histórico-literários. Ocorrem-me os seguintes: *Recordações biográficas*; *Alexandre Manzoni*; *Eustáquio Degola*; *Anuário da literatura*; *História Universal da literatura*, em 18 volumes.

Sem me detêr em mencionar as suas obras de folclorista, não farei ponto nesta ementa bibliográfica, sem citar a *Vida e Milagres do Deus Indra no Rig-Veda*; a *Mitologia zoológica*, em inglês; o *Manual das Mitologias comparadas*; a *Enciclopedia Indiana*; a *Hungria politica e social*; *Peregrinações Indianas*...

Duas colunas de um jornal não bastariam certamente para a simples resenha dos importantes documentos do fecundíssimo talento e vastíssimo saber do conde de Gubernatis.

Com taes predicados, nada mais dispensável do que enaltecer a autoridade que acompanha o *Diccionario Internacional*, que se está publicando em Florença, nas celebradas oficinas de Nicolai.

O *Diccionario*, impresso em formato grande, a duas colunas, vai no fasciculo ou volume 9.º e chega já a pag. 1:000, em que findam os nomes referentes á letra *F*.

O plano, além da sua enorme vastidão, porque abrange as literaturas actuaes de todos os povos cultos, diverge, quanto á forma, do conhecido *Diccionario Bibliográfico de Innocencio*. Neste último, os escritores são distribuídos pela ordem dos nomes próprios, o que dificulta por vezes a investigação, para quem não conheça por inteiro o nome dos escritores, cuja noticia procura. No de Gubernatis, a distribuição é pelos apelidos.

Dá-se porém aqui uma circunstância curiosa, que, uma vez ou outra, pôde também dificultar o estudo da obra. O autor, orientado fundadamente pelo processos da nomenclatura

italiana e franceza, supòs que em portuguez a particula *de*, ao preceder alguns apelidos, seria parte integrante e inseparável deles. Dessa forma, quando procuramos, por exemplo, o nome de Narciso de Lacerda, não só o não encontrâmos, naturalmente na letra *N*, o que seria oposto ao plano, senão que também o não vemos na letra *L*. E contudo não é um nome omitido: encontra-se na letra *D*: De Lacerda.

Se estas despretenciosas linhas chegassem á mão do conde de Gubernatis, eu pediria ao meu respeitável amigo e mestre que, nas edições subsequentes, — que as há de ter e muitas, — o *Diccionario Internacional* designasse os escriptores portuguezes pelos apelidos, sem precedência de particula. É uma simples questão de forma, mas de essencial importância em trabalhos lexicográficos.

Em França, diz-se *Monsieur de La Martine*; em Italia *il signore De Gubernatis*; mas em Portugal ninguém diz o *senhór de Oliveira Martins*, o *senhór de Barros Gomes*, o *senhór de Alpoim*.

E não me refiro ociosamente a este ponto, porque a obra de Gubernatis, abrangendo a bibliografia de todos os povos que tem literatura, dá a Portugal quinhão largo na participação do precioso inventário.

Largo talvez de mais, quanto ao número dos escriptores citados. Em obra de tal valôr seria, creio eu, perfeitamente dispensável o registo da dramatalogia de feira e do que nós chamamos *literatura de cordel*. E assim, muito naturalmente, e sem aduzir mais que um exemplo, os nossos brios nacionaes não se lisonjeiam extraordinariamente, quando vemos mencionado, a par de Teófilo Braga, de Antonio Ennes, de Gomes de Amorim, e de outros, justamente considerados, o *escriptor dramático Pedro Carlos de Alcântara Chaves!*

Estes senões, quase inevitáveis num diccionario internacional de biogralias, evidentemente não promanam do mau critério do autôr, mas da necessidade do recebêr quaesquer informações que pôde obtêr, e que nem sempre procedem de fonte insuspeita e autorizada.

As dificuldades, com que lutam os nossos autôres de bibliografias nacionaes, explicam e atenuam as deficiências ou demasias que se notem em trabalhos estranhos, alusivos a coisas nossas: e, em vista das inexatidões e da ignorância,

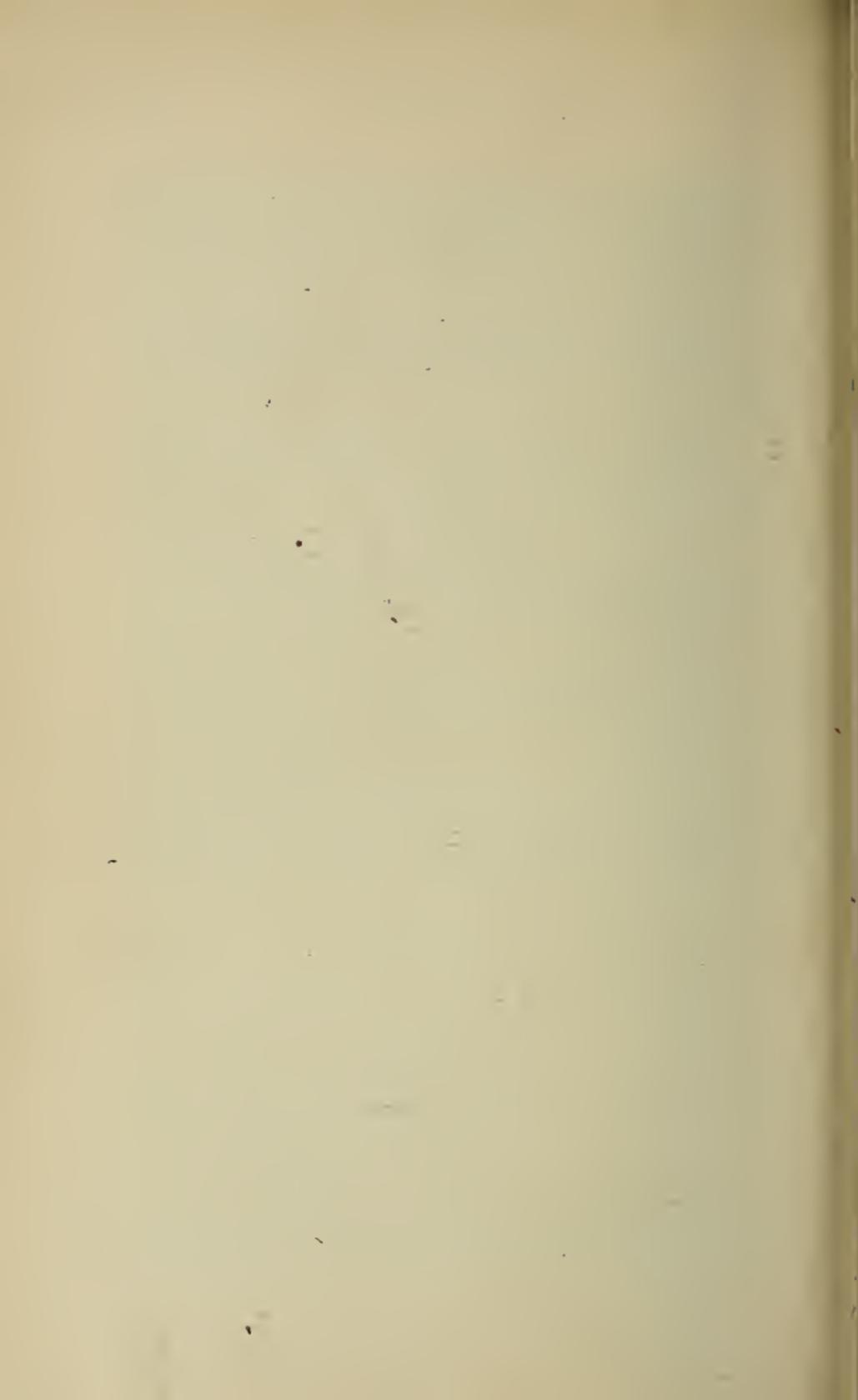
com que os escritôres estrangeiros vulgarmente se occupam de coisas portuguezas, devemos congratular-nos vivamente, pela relativa exactidão e lisonjeira minuciosidade, com que o conde de Gubernatis fala dos nossos escritôres contemporâneos.

Os leves reparos, que o *Diccionario Internacional* possa sugerir á critica, são amplamente resgatados e compensados pelo incontestável e extraordinário valôr da obra, no seu conjunto.

O immortal Daniel Sterne, fazendo justiça inteira ao conde de Gubernatis, e vendo que um dos grandes objectivos da vida intellectual dêste grande lutadôr tem sido o tornar mais conhecida a Itália no estrangeiro e o estrangeiro na Itália, dizia que Gubernatis é *um excelente fio condutôr* entre a França e a Itália, mas não disse tudo: o autôr do *Diccionario Internacional* tornou-se, com esta obra, *um excelente fio conductôr* entre os escritôres de todos os povos civilizados. Fazendo alfabeticamente, e com a possivel larguêza, a história geral de todas as literaturas contemporâneas, estabelece o mais estreito e fecundo laço intellectual e moral entre milhares de escritôres que, reciprocamente, nem de nome se conheciam até hoje.

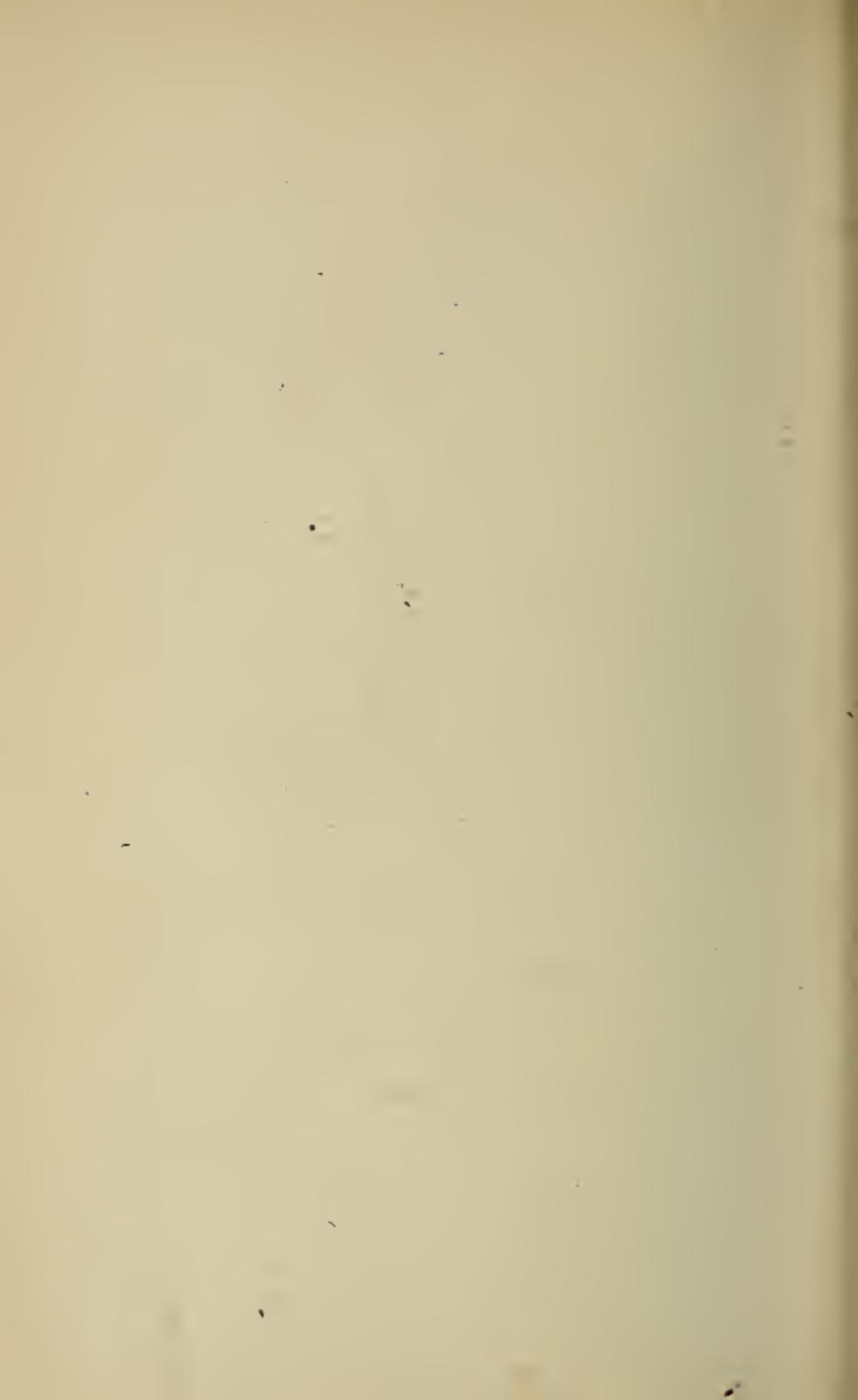
É natural pois que o conde de Gubernatis, àlém da consciência do seu mérito, que é o primeiro e o maior galardão para os espíritos superiores, logre o aplauso affectuoso e franco de todas as nações em que se escreve e se pensa.

---



IV

JOÃO PENHA  
E AS SUAS "RIMAS"  
(1884)

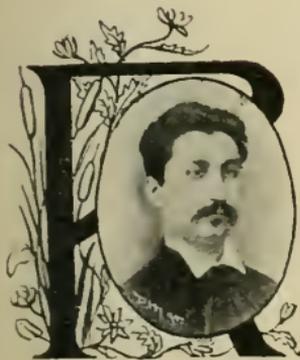


IV

João Penha

E AS SUAS "RIMAS"

(1884)



RIMAS é um título velho, aproveitado com o melhor êxito, num livro novo, por um poeta que imprime á lira antiga de Anacreonte as vibrações da lira moderna.

Mau grado os necrologistas da poesia, a lira não é arma que vá oxidar-se na panóplia dos antiquários, e promete acompanhar os sécu-

los, de que reflecte os progressos e a decadência, as amarguras e os entusiasmos.

A lira que produziu as *Rimas* há de revivêr neste livro, e nos ecos que despertou alegremente nos sinceiraes do Mondego e nos choupaes de Coimbra.

O livro é de João Penha, nome que vale uma lenda, e que ficou saudosamente na memória das gerações académicas que passaram pela universidade, dêsde 1864 a 1873.

Ele foi por êsses tempos o patriarca imberbe de uma imberbe tribo que, das bancadas da universidade, passava para as lutas da imprensa e da politica e para as campanhas da literatura moderna, onde conquistou *devisas* honrosas. Ocorrem-me dois nomes, que me dispensam citar os restantes: Gonçalves Crespo e Guerra Junqueiro.

João Penha, entre os da sua tribo, era legitimamente

considerado em questões de lingua portugueza e na difficil e rara arte de fazêr bons versos.

O *Filinto Elisio* ficava-lhe de noite á cabeceira, e não havia crime de lesa-vernaculidade, que êie não excomungasse em nome do *padre* e dos direitos da lingua.

Já naquêle tempo, ninguém o excedia na correção e harmonia do verso. Bocage, se resuscitasse, abraçá-lo-ia com entusiasmo; e o tradutôr dos *Mártires* espantar-se-ia de que um seu discipulo em purêza da linguagem o excedêsse no florear do metro.

E no entanto, só ao cabo de alguns anos, e muito a custo, a literatura portugueza conseguiu que João Penha reunisse e publicasse em volume os seus irrepreensiveis e originalissimos versos.

Para os poucos que não conhêçam João Penha, vale a pena estampar aqui uma amostra do livro, como justificação do conceito que deixo formulado.

Vejam êste sonêto, oferecido a Camilo Castelo-Branco:

«O velho Satanás da lenda obscura,  
O deus omnipotente do pecado,  
Foi-se há muito da terra, aniquilado  
Pelas afrontas de uma sorte dura.

Já moribundo e triste, o sem-ventura  
Inda na bóssa de um camêlo aguado,  
De cidade em cidade, era mostrado  
Á arraia ignóbil, que listriões procura.

E nem sequer um funebre *aqui jaz*  
Hoje assinala, em monumento erguido,  
As reliquias do pobre Satanás!

Até contam que um sábio, muito lido,  
Encontrando-lhe a ossada, em tese audaz  
Demonstrou que era o fóssil... de um marido!»

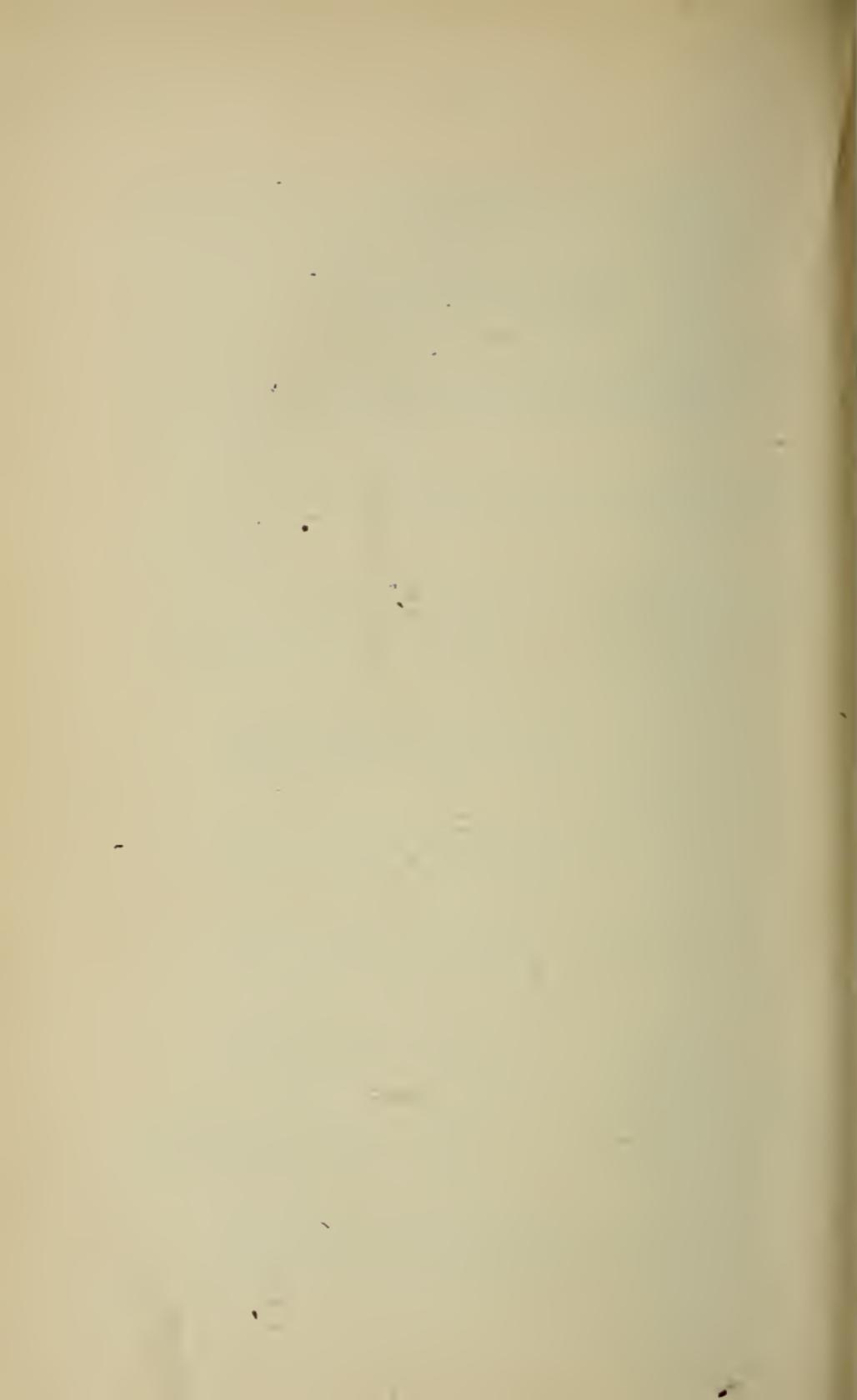
Como o leitôr não desagradeceu a transcrição, veja também já agora a chave do livro, uns versos oferecidos a Gonçalves Crespo. Rezam assim:

«Aquêle meu espirito opulento,  
Que vivia na luz dos sonhos belos,  
Jaz há muito nas ruínas dos castelos  
Que no ar edifica o pensamento.

Inda me lembro do fatal momento  
Desse morrer dos últimos anelos:  
O côro soluçante dos Otelos  
Na sombra erguia o merencôrio acento.

Hoje, resta-me o côrpo. O triste lance  
Nem pôde destruir-lhe a mocidade,  
Nem curvá-lo a preceitos de romance;

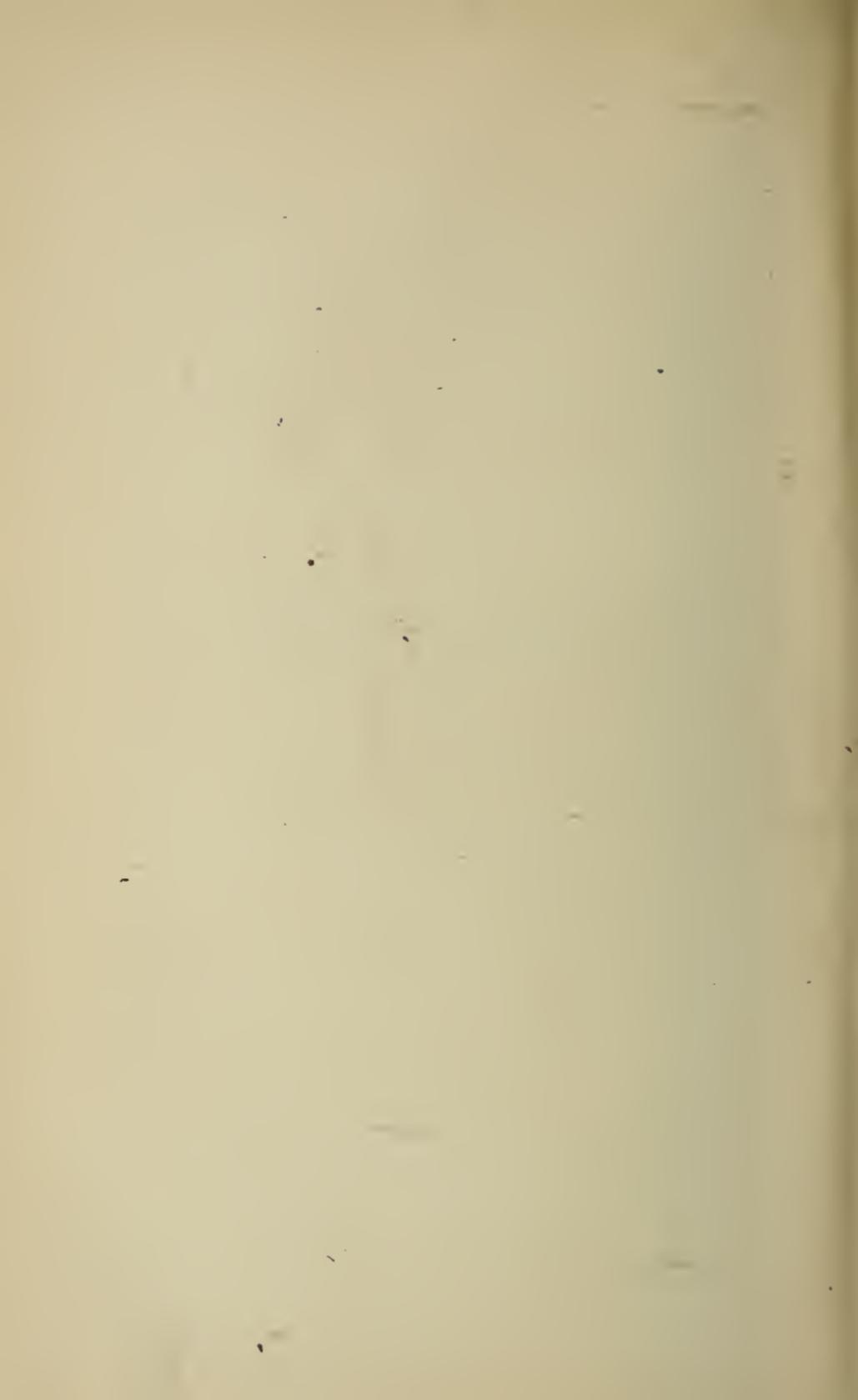
E caminha em tão doce obesidade,  
Que dentro em pouco me verei no trance  
De tomar ordens e fazer-me abade.»



v

RAMALHO ORTIGÃO

(1897)



## Ramalho Ortigão

(1897)



A confraria dos *Ecoss*,<sup>1</sup> como confraria christã, são sempre festivos os domingos.

O calendário ecclesiástico é que nem sempre joga com o calendário desta comunidade: — Em quanto a Igreja reza hoje da Senhora do Patrocínio, o *santo do dia* nesta pequena mas vistosa ermida é o crítico das *Farpas*.

Anunciou-se a festa com alguns morteiros, encomendaram-se flôres, suspendêram-se sanefas, acendêram-se turbulões e espera-se o *prêgador*, o panegirista.

Este porém, deve confessar-se, foi mal escolhido.

É que realmente, tratando de Ramalho Ortigão, sinto-me tentado a traçar, — em vêz de panegirico, — uma catilinária ou uma filípica, com perdão de Cícero e Demóstenes.

E tenho razões para isso.

À mingua de *Flos Sanctorum*, procurei na condescendência de Ramalho umas notas bio-bibliográficas, que dessem ao panegirico o interesse que eu não podia dar-lhe.

---

<sup>1</sup> Referência aos *Ecoss da Avenida*, Revista ilustrada, que e publica aos domingos, e em que se publicou este capítulo.

Baldado empenho. Decorrêram dias, semanas e mèses sôbre promessas amabilíssimas, até que chegou o dia da festa, tendo que me servir com a prata da casa; isto é, para citar factos e dizêr alguma coisa que não sejam lugares comuns de rêtórica sedica, tenho de socorrêr-me da memória, — a fêmia mais frágil que eu ainda conheci.

Na ausência de melhores subsídios, consultemo-la entretanto.

\*

José Duarte Ramalho Ortigão creio sêr natural do Porto, onde nasceu no dia em que sua mãi o deu á luz, como diria o amigo Venceslau. . .

Da sua primeira mocidade, — porque a segunda ainda não findou, — sei apenas que estudou línguas, fêz ginástica, escreveu folhetins e têve a bôa fortuna de nunca fazêr versos.

E não aprendeu só; ensinou também. Foi professôr de francês no Pôrto, e, em 1875, encontrei-o examinadôr da mesma lingua no liceu de Lisbôa.

Da sua estada na provincia ficaram muitos e excelentes folhetins no *Jornal do Porto*, o livro *Em París*, (1866) e creio que algumas traduções teatraes.

Entre as suas traduções dêste genero, ocorre me uma comédia de Thibourt, *Je dine chez ma mère*, o *Monsieur Alphonse* de Dumas, e uma peça de Sardou.

Onde porém o seu valôr literário começou a impôr-se e o prestígio do seu nome a difundir-se merecidamente foi na colaboração das *Farpas* e do *Mistério da estrada de Cintra*.

As *Farpas* evidenciaram o pulso vigorôso de um critico implacável e justo, e o seu estilo terso, cheio de novidade e graça.

Do *Mistério da estrada de Cintra*, em colaboração com Eça de Queirós, como as *Farpas*, todos conhecem a admirável intriga romântica, que fêz as delicias da sua época.

É dêle a *Holanda*, um admirável estudo da vida flamenga; os *Banhos de Caldas*, belas páginas descritivas e . . . hidroterápicas; o *Culto da arte em Portugal*, que afirma qualidades primaciaes de artista, conhecimentos complexos e observação clara.

Foi, por muito tempo, folhetinista da *Gazêta de Notícias*,

do Rio-de-Janeiro; redigiu o *António-Maria*, de Bordalo, o *Album-das-glórias*, e, aonde o chamar o interesse da arte, lá está sempre a sua pena incisiva, franca e original, que umas vèzes se transmuda em pincel maravilhoso, outras em escalpelo açacalado e severo.

Chefe da secretaria da Academia Real das Sciências, bibliotecário da Ajuda, antigo inspectôr das escola industriaes, Ramalho Ortigão, no seu gabinete de trabalho como á carteira burocrática, em casa como na rua, no livro como no jornal, falando ou escrevendo, digerindo o almôço ou fantasiando um quadro, não deixa nunca desconsertar-se o seu inconfundível perfil de artista.

A arte acarinha-o e domina-o. As suas aptidões e compleições artísticas estendem se á comprehensão e análise de tudo que ateste uma fâisca de génio. Em architectura, Ramalho não conhece apenas, como toda a gente, o que sejam as ordens dórica, corintia, jónica e compósita: póde fazêr a crítica dos artesões de uma abóbada medieval, das condições acústicas de uma ábside, de um capitel espedaçado a que se escapou a aresta de um relêvo; póde fazêr o estudo comparativo de uma mesquita de Córdova com um pagóde de Elefanta. Em pintura, são-lhe familiares as maravilhas de todas as escolas, Rafael, Ruysdael, Poussin, Goya... Em qualquer museu, poderá fazêr-vos um dissertação erudita sobre a cerâmica etrusca, o velho Sevres, o velho Saxe... Em tapeçarias, em indumentária, em todas em manifestações de arte ou da indústria, costumam exercer-se admiravelmente as aptidões estéticas, o senso crítico e o gôsto artistico de Ramalho Ortigão.

Por isso, os seus escritos resaeem da prosa sonolenta e morna de quantos fazem livros sem o sentimento da arte.

Por isso Ramalho, escrevendo, pensa menos na glória caprichosa e parcial, do que no prazêr íntimo de dar vida e côr a uma ideia brilhante, a um sentimento de belêza requintada.

Não sei se êle, quando se despedir alegremente, estoicamente, da comédia humana, deixará muitos ou poucos livros. O que me parece é que os seus estudos e trabalhos literários, como os pequenos quadros de Velásquez e as maliciosas telas de Teniers, nada sofrerão pela exiguidade das suas dimensões.

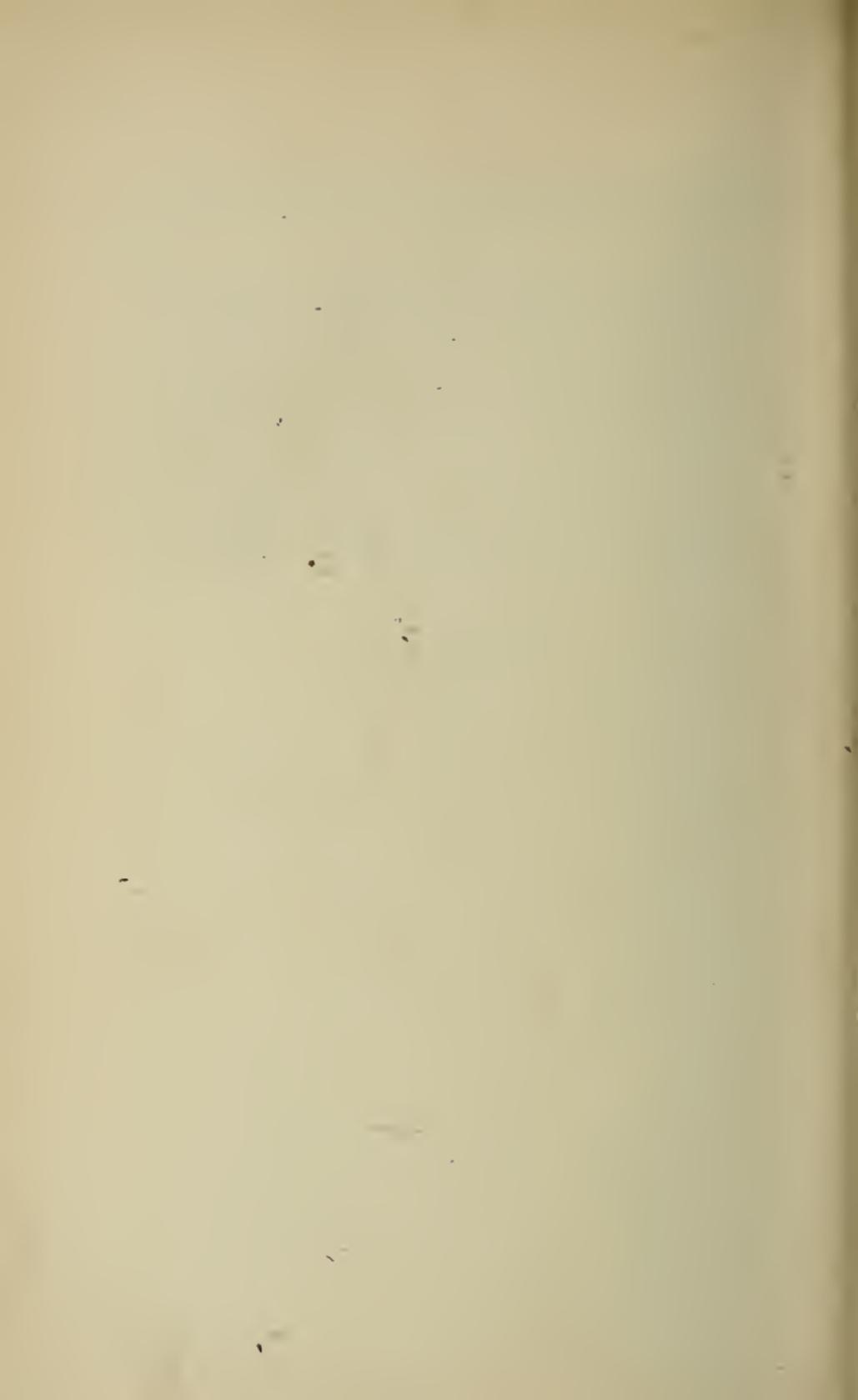
O belo e a perfeição não são proporcionaes á grandêza do objecto que revestem. Avistam-se manchas no sol, mas ninguem as descobriu ainda na mais pequenina das constelações.

Conhêço uma excepção dèste conceito: é o próprio Ramalho Ortigão. Homem corpulento, reforçado, quase hercúleo, é... um perfeito homem, como se costuma dizêr. Nem dispéptico, nem neurasténico: *espírito são em corpo são*. Aos seus dotes naturaes correspondem maneiras patricias, apurmo, delicadêza e distincção de um *galant'uomo*. Dêsde o sapato inglêz até ao colarinho que lhe cinge o pescôço leonino, por toda a área daquela vasta personalidade, escusam úe procurar manchas: não as há. Se o retrato o não diz, é porque a fotografia e a gravura não reproduzem, disfarçam.

Para melhor o conhecêr, não há nada como vê-lo, ouvi-lo e lê-lo.

VI

ZORRILLA  
E A SUA COROAÇÃO  
(1888)



## VI

# Zorrilla

## E A SUA COROAÇÃO

(1888)

---

**S**e eu pudesse nesta hora sair do meu país, é natural que os meus amigos imaginassem que eu ia vêr a Exposição Universal.

Pois enganar-se iam.

Mais do que Paris e Londres e Berlim e todas as grandes cidades do centro e do norte da Europa, que representam as maravilhas da indústria e a feição deslumbrantemente utilitária do Gênio moderno, seduzem-me as cidades do litoral do sul, embaladas pelo Mediterrâneo, sobredoidadas pelo prestígio de tradições simpáticas, e acalentadas pela voz, infavelmente dôce e sentida, da poesia meridional. Creio, até, que a viagem de um artista nunca deveria têr itinerário, que o desviasse da Andaluzia, Venêza, Atenas, Constantinopla, Palestina e Egipto...

Agora mesmo, ao sul da Espanha, na deliciosa Granada, prepara-se uma festa nacional, que é, a meu vêr, uma festa da humanidade, porque é apoteóse do gênio, revelado na mais complexa e na mais bela das artes belas,—a poësia.

Tratam da *coroação*, em vida, do eminente poeta Zorrilla. Preparam-se grandes certames literários, estimulados pelo valôr dos prêmios; resurgirão ali os *jogos floraes*; as sociedades scientificas e literárias, as municipalidades, numerosas associações, formarão cortejos, que hão de lembrar o do centenário de Calderon; a cidade trajará de gala; as aca-

demias fecharão os seus *in-folios*, para repetir e glosar os primôres do grande poeta nacional; e as flâmulas e os galhardêtes e as serenadas darão á terra do Boabdil o aspecto de uma cidade encantada dos contos orientaes.

Se eu pudésse nesta hora sair do meu país, não iria á Exposição Universal, iria a Granada.

Zorrilla é uma das mais imperecíveis glórias da Espanha contemporânea; e a sua apoteóse em vida é mais um traço característico do sentimento da justiça, do amôr, da glória, que fôram sempre o apanágio daquela cavalheirêsca nacionalidade.

Mais velho que os processos parnasianos, Zorrilla, nos seus poêmas, distingue-se pelo vigôr da ideia e sobriedade da fôrma. Desadorando os *formosos nada*s, que constituem a bagagem literária da *arte pela arte*, Zorrilla possui a nota vibrante de Gustavo Becquer, conhece os paíros da águia do *Diablo Mundo*, assume por vêzes a adorável simplicidade de Campoamôr, e percorre genialmente todas as gradações da paixão humana, deixando uma impressão indelével na alma de quem o lê.

*Las Almas enamoradas*, *Dom Juan*, *Margarita*, e tantos outros quadros do sublime artista, vivem na literatura espanhola a vida intensa das criações imortaes.

No seu poemêto *Gloria y orgullo*, há estrofes soberbas, como estas :

De Dios hechura, como Dios concíbo;  
tengo aliento de estirpe soberana;  
por llegar á gigante enano vivo;  
no sé ser hóy y perecer mañana.

Yo no acierto á decir *la vida es bella*,  
y descender estúpido al olvido;  
amo la vida, porque sé por ella  
al alcázar trepar donde he nacido.

Gloria, esperanza! sin cesar conmigo  
templo eu mi corazon alzaros quiero,  
que no importa vivir como el mendigo,  
por morir como Pindaro y Homero.

Do *Relógio* diz Zorrilla :

*Parece el ojo del tiempo,  
cuya viviente pupila  
medita y marca tranquila  
el passo á la eternidad.*

A uns labios :

Tus labios son un rubi,  
partido por gala en dos...  
Lo arrancaron por ti  
de la corona de un dios.

Mas quem não conhece Zorrilla? Quem não julgará a sua coroação o pagamento de uma dívida sagrada, embora pagamento adiantado, em opposição aos processos vulgares da justiça humana?

Usáva-se em Itália, como é sabido, a coroação dos poetas em vida, sobretudo quando os papas e os Médicis tomavam quinhão gloriôso no estímulo e desenvolvimento das lètras e das artes. O uso decaiu, mas a Espanha reage galhardamente contra o desuso, e vai, coroando Zorrilla, dar um brilhante exemplo de justiça e patriotismo.

Onde o exemplo não vingará em frutos, sei eu que é em Portugal. E não é porque o país não haja produzidos poetas excepcionaes, dignos de exigir em vida a corôa da immortalidade. Os motivos são outros. Primeiro que tudo, Portugal é uma nação doente, debilitada, *blasée*, que só pede á terapêutica social o *pronto alivio* das conesias e emprêsas chorudas, e as pilulas doiradas dos farmacopólas da Bôlsa. A água morna das literaturas reserva-se apenas para os casos esporádicos, e como paliativo para accessos de histerismo agudo, frieiras e moléstias congêneres. Nestas condições, as lètras são naturalmente repelidas, todas as vèzes que não tenham, bem claros, os nomes do sacadôr e do aceitante

Naturalíssimo tudo isto, num país que tem por código fundamental a filosofia de Thomás Hobbes, e, num acto adicional, a moral do interesse.

Depois, há uma dificuldade invencível em aquilatar-se o mérito de um poeta, por mais evidente e elevado que êsse

mérito seja. Nós, os portuguezes, vamos perdendo a devoção da água benta, mas substituímo-la pela presunção: cada um de nós imagina sempre que vale mais que o vizinho; e, quando lhe vemos a camisa lavada, olhamos instintivamente para a nossa.

É uma fraquêza, mas é uma realidade.

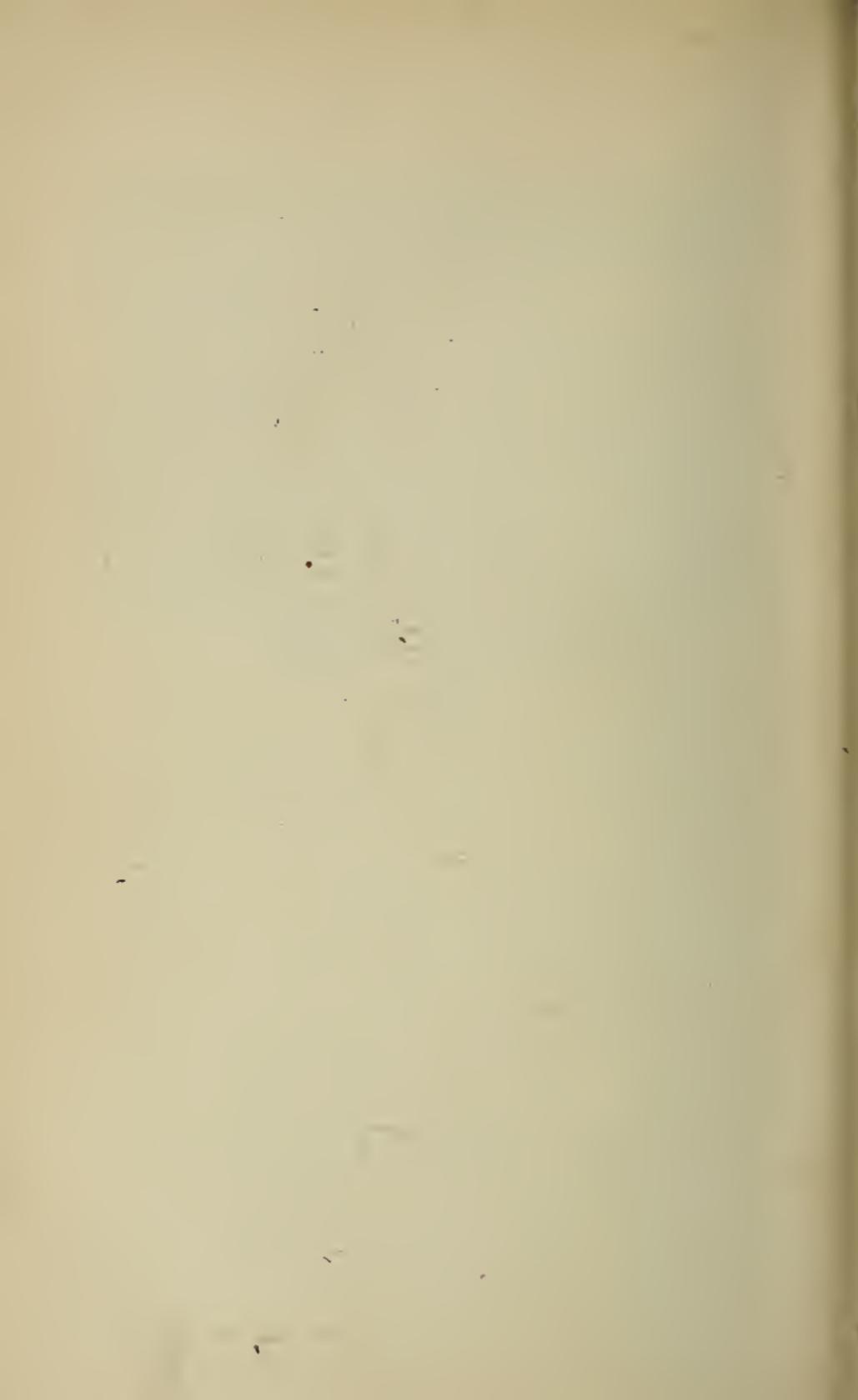
Daqui a ausência da critica e a diversidade dos juízos e conceitos.

Em compensação, todos nós temos a consoladôra liberdade de formar juízos criticos, importando-nos pouco que ninguém mais os subscrêva. Para mim, João de Deus, por exemplo, o *maior poeta do amôr*, como lhe chamou o venerando Marco-Antonio Canini, merece bem as honras extraordinárias que a Espanha vai conferir a Zorrilla. Mas... Lisbôa não é Granada; e por isso o meu espirito se refugia na formosíssima cidade andaluza, entre os esplendôres da glorificação de Zorrilla...

VII

GONÇALVES CRÊSPO

(1883)



## Gonçalves Crêspo

(1883)



UNCA subscrevi um necrológio: quando se abre um túmulo para recolhêr um argentário inútil, um traficante vulgar, um velho cansado de vivêr, o cadáver de um homem que não deixa vestígios do seu nome, nem afeições profundamente feridas, encolho indiferentemente os ombros, e, antes de escrevêr uma palavra, deixo cair simplesmente um ponto

final. Quando porém, como agora, um homem rico de talento, em plena exuberância de vida e de felicidade, com a sua juventude coroada de loiros, enlêvo de uma espôsa multiplamente adorável, e mestre, exemplo e ídolo de uns inocentes que eram seus filhos, sente desatarem-se-lhe os laços que o prendiam aos affectos de família, ás saudações dos amigos, aos carinhos da fortuna e aos esplendôres da mocidade, eu estremêço de dôr, de surpresa e talvez de indignação; a pena recusa-se a escrevêr as comemorações fúnebres do noticiário periódico e os lábios vibram apenas uma interjeição rude, e não sei se irreverente, para com a majestade da Incompreensível, mas certamente lógica: brutalidades do destino!

Poucas vêzes a morte haverá cortado o fio de uma exis-

tência mais querida, e poucas vêzes terá ferido tão cruelmente os que estendem os braços a um amigo que se ausenta para sempre.

Para sempre! Estas duas palavras têm o que quer que seja de um ferro em brasa numa chaga que sangra, sóam friamente, lugubrememente, como o estalar dêsse precioso collar de pérolas que simbolizam o amor, a glória, a felicidade.

E Gonçalves Crespo era excepcionalmente amado, laureado, feliz.

Completára em 11 de março apenas 36 annos de idade; e o presente e o futuro, em compensação das lutas do passado, constelavam de sorrisos o seu templo doméstico e a sua alma de artista.

Antes de lhe amanhecêr a glória, comecei a conhecêr muito de perto os altíssimos quilates do seu coração de ouro. Aproz-me evocar a imagem perdurável da nossa convivência universitária, quando os salgueiros de Coimbra tinham para êle e para mim aquela alma sensível, enebriante e inspiradôra, que Victor Hugo descobriu nas árvores.

Comigo se aproximavam dele todos os que podiam admirar-lhe, estreitamente ligadas, a excelência do carácter e a elevação do talento.

A sua vida acadêmica será sempre recordada com affecto, simpatia e saudade por quantos estudaram em Coimbra dêsde 1869 a 1875. Essa época determina o aparecimento e a duração da *Folha*, um periódico literário, que João Penha, Guerra Junqueiro, Gonçalves Crespo e eu redigimos, e em que, auxiliados por colaboradôres de bom nome, deixámos grande parte das nossas estreias.

Gonçalves Crespo notabilizava-se já por uma extraordinária delicadêza de sentimento artístico; e o seu entranhado amor á plástica literária, se me permitem a expressão, acrisolava-se já no estudo e imitação dos parnasianos Sully Prud'homme, François Coppée, Lecomte de Lisle, Paul Verlaine, Catulle Mendès, e ainda nas prosas adoráveis de Gauthier e Mery.

Data dêsse tempo (1870) a publicação das *Miniaturas*, colecção de pequeninos quadros de uma extraordinária belleza artística, e de uma excessiva delicadêza e mimo. A in-

dividualidade literária de Gonçalves Crespo ficou desde logo profundamente acentuada.

De família portugueza, mas nascido no Brasil, os seus versos traduzem por um lado a poderosa influência da natureza americana, com toda a sua luxuriante vegetação, com as ardências do sol do Equadôr, e com o suave palidejar da lua dos trópicos. Por outro lado, a ironia cáustica do desgraçado Henri Heine, e as adoráveis filigranas poéticas dos *parnasianos*, davam á literatura portugueza primôres que Sully Prud'homme e o autôr do *Livro de Lázaro* não se dedignariam de subcrever.

O êxito das *Miniaturas* satisfaria ambições de glória, se o autôr conhecesse ambições alheias á sua felicidade íntima e á satisfação de burilár no seu gabinete os bustos que constituem a sua esplêndida galeria literária. O nome de Crespo soava já como um dos primeiros da poesia nacional, quando o seu ultimo livro, *Nocturnos*, publicado em 1882, veio enlaçar o último florão na sua invejável e indiscutível corôa.

Os *Nocturnos* exibem uma nova fase do poeta, não antagonica dos seus primeiros trabalhos, mas reveladora de que o pensamento do artista, sem deslembrar a delicadêza e a correcção da fôrma, se avigorou pelo estudo e pela análise dos factos sociológicos.

Dizia Voltaire que difficilmente chêga á posteridade o portador de grandes bagagens literárias. Dois livros como as *Miniaturas* e os *Nocturnos* são efectivamente bastantes para acreditarmos que, pelo menos em quanto fôr conhecida a lingua portugueza, o nome de Gonçalves Crespo ficará simpaticamente ligado á história da poesia nacional.

Começou para êle a posteridade; abriu-se-lhe com o timulo o templo da glória póstuma; e ás portas dêsse templo desejo e quero gravar o humilissimo testemunho da mais viva saudade.

No côro da apoteóse há todavia uma nota triste: é o borbulhar do pranto na face de crianças que tarde saberão quanto perdêram agora, e na face de uma viuva, cujo levantado espirito se concentra hoje numa recordação dolorosissima, e cujos braços, trêmulos de comoção e de affecto, têm de substituir nas luctas da vida o esteio varonil dessas

vergôntees animadas, que a fatalidade orfanou á saída do berço.

Ah! mas ella, a mãe, a mártir, a heroína, não restringirá a sua missão nobilíssima á de uma vítima sem ânimo, sem esperança e sem acção; não há de sêr a Agar dos tempos biblicos, conduzindo ao acaso pelos desertos da vida o pequeno Ismael, e esperando da fortuna ou da Providência os afagos de nm lar perdido: no seu peito, impiedosamente comprimido por uma separação eterna, há um grande coração, onde a piedade maternal fará germinar os prodígios da coragem, os milagres do heroismo; na sua frente, rudemente sacudida pelos vendavaes do destino, abriga-se um espirito altíssimo, que abarca nas suas asas luminosas os amplos domínios em que se exerce a grave missão da mulher, a santa missão da mãe.

Depois desta palavra—*mãe*, que eu escrêvo sempre com a mesma reverência, com que Angélico de Fiesole pintava a cabeça da Virgem,—devia talvez fazêr ponto, se os biógrafos e os bibliógrafos me não exigissem um apêndice de notícias para o seu arquivo. Condescenda-se: Antonio Candido Gonçalves Crespo nasceu no Rio-de-Janeiro, a 11 de março de 1846; formou-se em direito no anno de 1875; era deputado ás côrtes pela India, desde 1879. Além dos livros que mencionei, publicou artigos e versos em muitas fôlhas periódicas; era redactôr das sessões da Câmara dos Pares, e redigia também uma parte do *Jornal-do-Commércio*. Tinha o diploma de sócio correspondente da Academia Real das Sciencias, e de outros institutos literários. Casára com D. Maria Amália Vaz de Carvalho, de quem deixou dois filhos. Aos filhos e á espôsa incumbe especialmente a guarda e o culto dêsse nome, que é para muitos uma saudade e para todos uma glória.

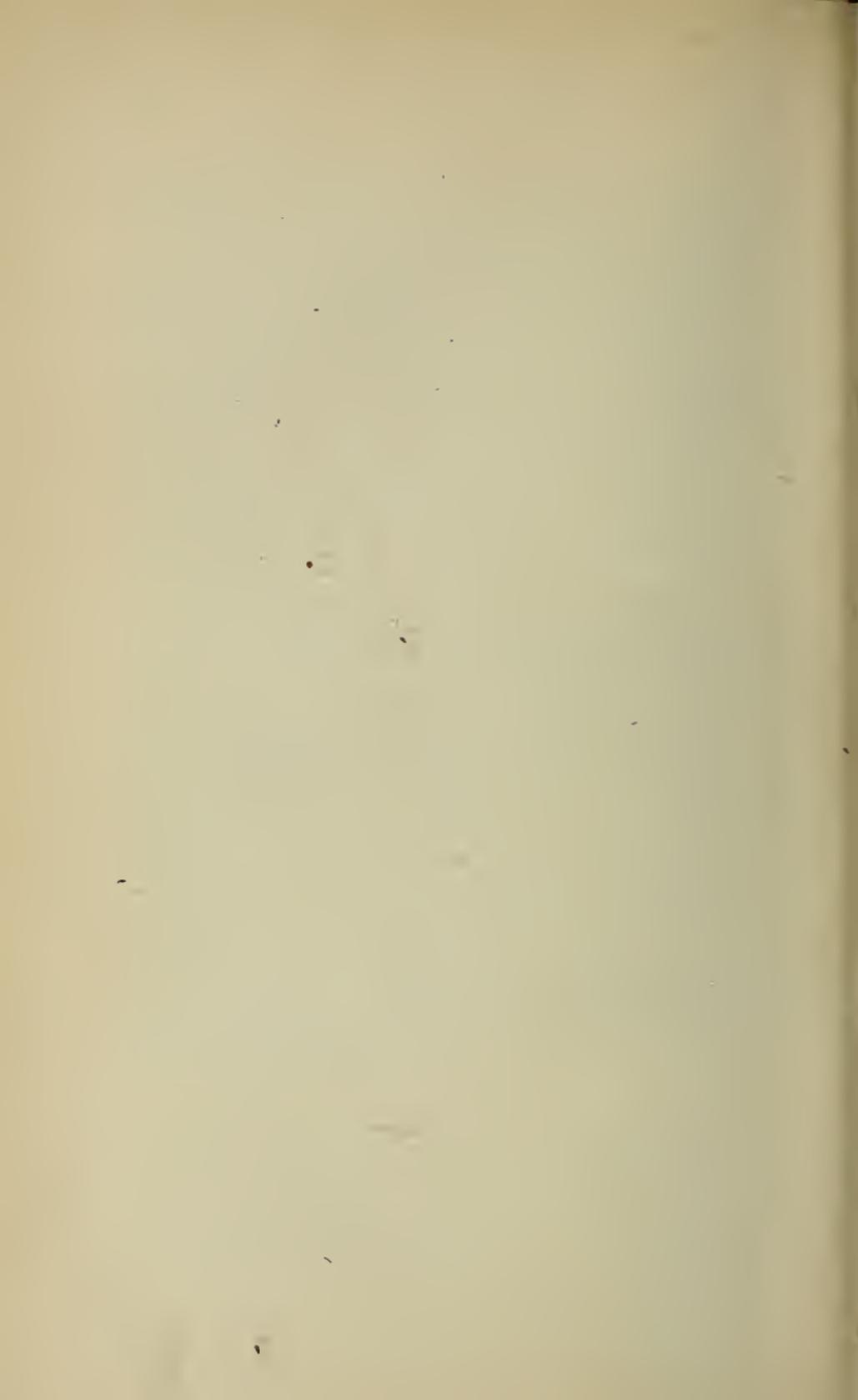
VIII

JÚLIO DE VILHENA

E UM LIVRO SEU

(De uma carta a Júlio César Machado)

(1873)



VIII

Júlio de Vilhena

E UM LIVRO SEU

(De uma carta a Júlio César Machado)

(1873)



.....  
ÊSDE que li as *Origens do Direito* de Michelet, entrou comigo tal simpatia aos labôres da alta jurisprudência, que se me antolhou sobremaneira injusto o cerceamento que os preconceitos da ignorância e do exclusivismo fazem-no crédito dos doutôres de lei.

Acreditam muitos piamente que lidar com as sciências juridicas vale o mesmo que atolar os braços até ás omoplatas na matéria vil de uma prosa indigesta.

É uma ilusão.

Eu, que não tenho estômago de abutre para digerir as pesadas massas alimenticias de um compêndio de mecânica celeste, nem maxilas bastante fortes para triturar as durêzas dos sermões de frei Fortunato de San-Boaventura, acabo de devorar, no espaço de poucas horas, uma substanciosa e sãdia refeição de 218 páginas de prosa jurídica

Aludo a um livro, recentemente dado á estampa pelo doutôr Júlio de Vilhena. Se prometes fazer-me a honra de lèr esta carta até o fim, ainda mesmo que eu te exhiba um dístico mais aterradora que o *lasciate agni speranza* da *Divina Comédia*, deixa-me dizêr-te que o livro se intitula: — As

*segundas núpcias no direito civil moderno: comentário aos artigos 1233 a 1239 do Código Civil Português.*

Conheces de certo o prospecto da emprêsa industrial, exarado no terceiro capítulo do *Monde tel qu'il sera*. O prospecto de Souvestre lêz-te sorrir de incredulidade; o meu faz-te sorrir. . . de enfado. Já agora, escuta-me por um momento, ainda que estendas sôbre mim a vara inexorável, que avergoava as costas do gárrulo Temístocles.

Nas *Segundas núpcias* tratam-se proficuamente os devêres da mulher bínuba, e do homem bínubo, nas suas relações com o direito antigo e novo, e até, quando a ocasião o demanda, com os ensinamentos das sciências médicas. Diga-se também que o livro é aberto por uma erudita introdução histórica, em que os olhos se deliciam, espriando-se nas transformações do christianismo, em curiosas particularidades das leis visigóticas, das *Partidas* de Casteia e nas relativas disposições da legislação portugueza, desde Afonso II até nossos dias.

Em abono da valia da obra, só te direi que, saída a lume poucos mêses há, está quase esgotada, e que este facto se passa nestes nossos reinos de Portugal.

Júlio de Vilhena reúne um talento sério a uma exemplar assiduidade no trabalho. Os que o conhecem, vêem claro que não há aqui um vislumbre de favôr. Agora anda ele publicando uns valiosíssimos estudos criticos sobre as *Raças históricas da Península e sua influéncia na jurisprudéncia portuguesa*.

Estou que esta obra sairá a correr mundo, dentro de poucas semanas. E podes crêr que não é obra de feira, assim á laia daquelas comédias de barbante, de que falava o Tolentino.

Tenho medo de que esta minha tagarelice sôbre coisas meio sorumbáticas, ao parecêr de muita gente, te seja indigesta como as pilulas de Dehaut, e te venha azedando o paladar, ou, pelo menos, te produza o efeito de uma dóse de morfina. Recólho a espátula, e vou-me cantando aquelas estrofes de um *lied* alemão:

—«Onde quer que o vurtemburguês bêba do bom e antigo vinho, o primeiro brinde será sempre: ao bom e antigo direito!

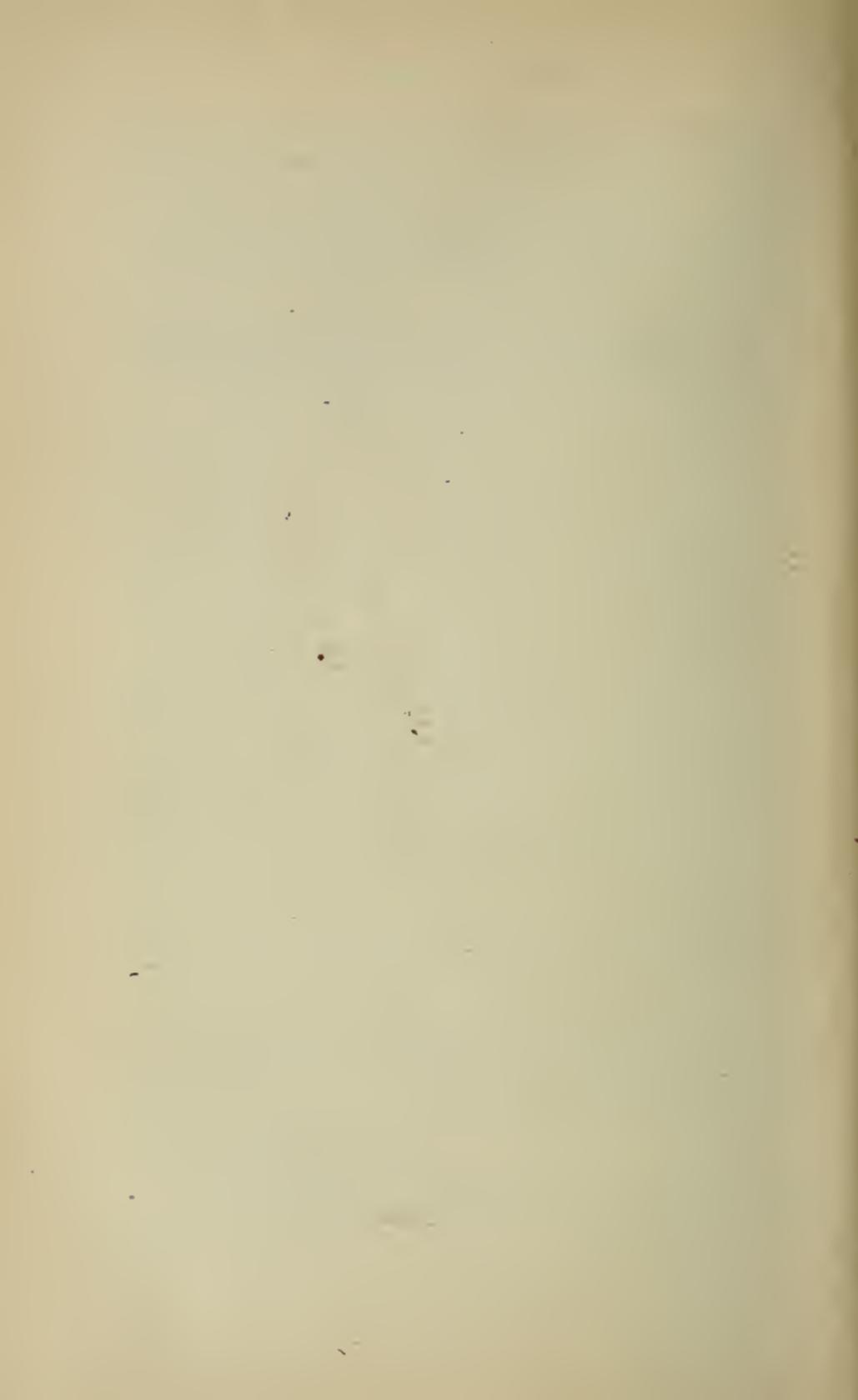
«Aquêlê direito que nos dá leis superiôres ao arbitrio; que manda abrir os tribunaes, e pronuncia sentenças justas.

«Aquêlê direito que franqueia a todos a emigração para todo o mundo, e que só pelo amôr nos prende ao solo natal.

«Pudesse êle subsistir sempre, sempre, mesmo depois de nós, para nossos filhos e para os filhos de nossos filhos, como o asilo santo de mais pura felicidade! . . .»—

.....

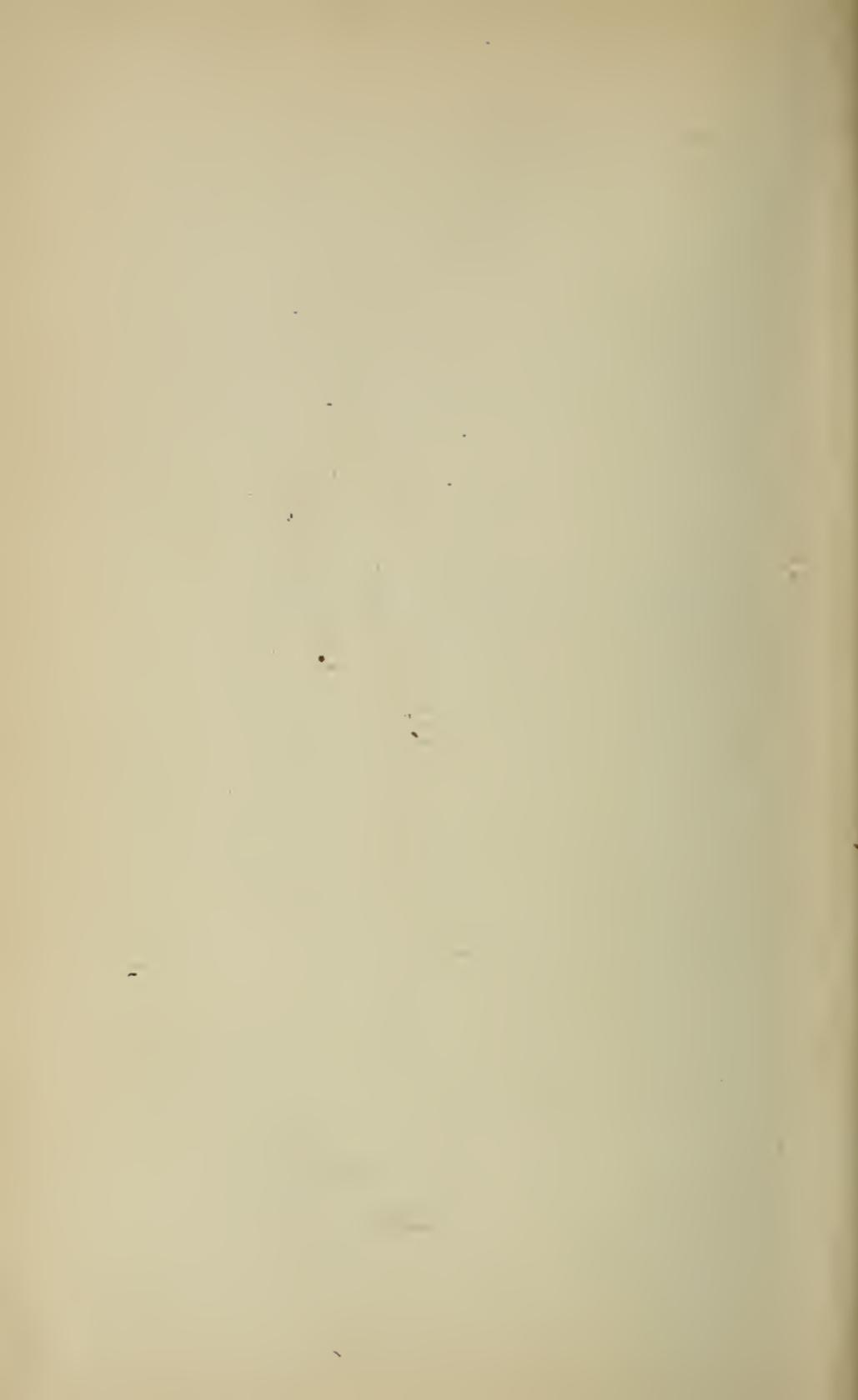
---



IX

MARCO-ANTÓNIO CANINI

(1889)



## Marco-António Canini

(1889)



Vive ainda<sup>1</sup> em Venêza o grande lutadôr, que há quarenta annos foi na sua pátria um herói da liberdade, e que ao depois inscreveu tambem o seu nome na lista dos grandes revolucionários europeus, trabalhando corajosamente pela emancipação dos povos cristãos da Europa oriental.

Com a revolução veneziana de 1848, lucrou êle vinte annos de exilio; dos seus serviços á liberdade no Oriente auferiu a sua expulsão de Bukharest e uma existência cortada de privações; mas dessa quadra de lutas e sacrificios ficaram, para a litteratura e para a liberdade, os cantos mais enérgicos de patriotismo, que collocaram o grande agitadôr na plana dos primeiros poétas da Itália renascida.

Refiro-me a Canini, que conta hoje 67 annos, e é professor de espanhol e romêno em Venêza, na Escola Superior de Comércio, dedicando especialmente os últimos annos da sua vida a uma antologia monumental, *Il Libro dell'Amore*, de que estão publicados quatro volumes, e em via de publicação o quinto.

E' inconcebível o dispêndio de talento e de paciência, que esta obra custou. Basta dizêr que o autôr traduziu, de

---

(1) Vivia, quando estas palavras se escrevêram.

*cento e quarenta e seis linguas* de todos os tempos e de todos os povos, o que os principaes poetas escreveram dèste eterno e sempre nôvo assunto,—o amôr.

Toda a Europa culta tem aplaudido èste extraordinário empreendimento. A *Revue Orientale* chama ao *Livro do Amôr*—obra importantissima para se fazer uma ideia exacta e precisa da maneira como cada povo concebe e exprime o amôr. A *Gazzetta Leteraria* de Turim chama-lhe «*livro maravilhoso...obra giganteia*, que a mente de um escritôr môço não ousaria concebêr, sem esmorecêr perante a vastidão da emprèsa e a extensão do trabalho.»

Efectivamente, o autôr, quase septuagenário, dedicou todos os seus cuidados literários ao assunto que mais cativa a gente môça; e abre-nos uma galeria desmedida, em que nos encantam a imaginação e a alma os mais variados quadros, que, segundo a expressão de um critico eminente, compendiam a mais poderosa e geral das paixões humanas, e nos quaes vive e palpita a alma da humanidade, reproduzida nos cantos de todos os seus maiores poetas.

Anacreonte, Saadi, Ovidio, Catullo, Schiller, Byron, Lamartine, Musset, Petrarca, Espronceda, Camões, João de Deus, todos os grandes poetas que fizeram do amôr uma religião, e desta hauriram as suas mais altas inspirações, reaparecem aos nossos olhos, representando as múltiplas scenas de um drama infinito e deliciôso. Ao lado dos artistas imortaes, viceja a poesia amorosa dos cantos populares, e percorremos em espirito, numa viagem encantada, todas as partes do mundo, deliciados com as trovas que saem da alma popular, dèside os campos e serranias de Portugal até os arcaes do extremo Oriente.

Ao contrário de muitos escritôres illustres, para quem parece problemática a existência de Portugal, Marco-António Canini, na sua antologia, dá lugar amplo a literatura portuguesa, e vê-se que estudou e compreendeu nitidamente a maioria dos nossos poetas antigos e modernos. Além de numerosas trovas populares, e cantos dos principaes trovadôres portugueses dos seculos XIV e XV, o *Livro do Amôr* contém numerosas poesias, traduzidas em verso italiano, de Gil Vicente, Camões, Bocage, Garrett, João de Deus, Fernando Leal, Gomes de Amorim, Teófilo Braga, Candido de Figueiredo,

Luis Guimarães, Antero de Quental, e não me lembro se de mais algum nosso contemporâneo.

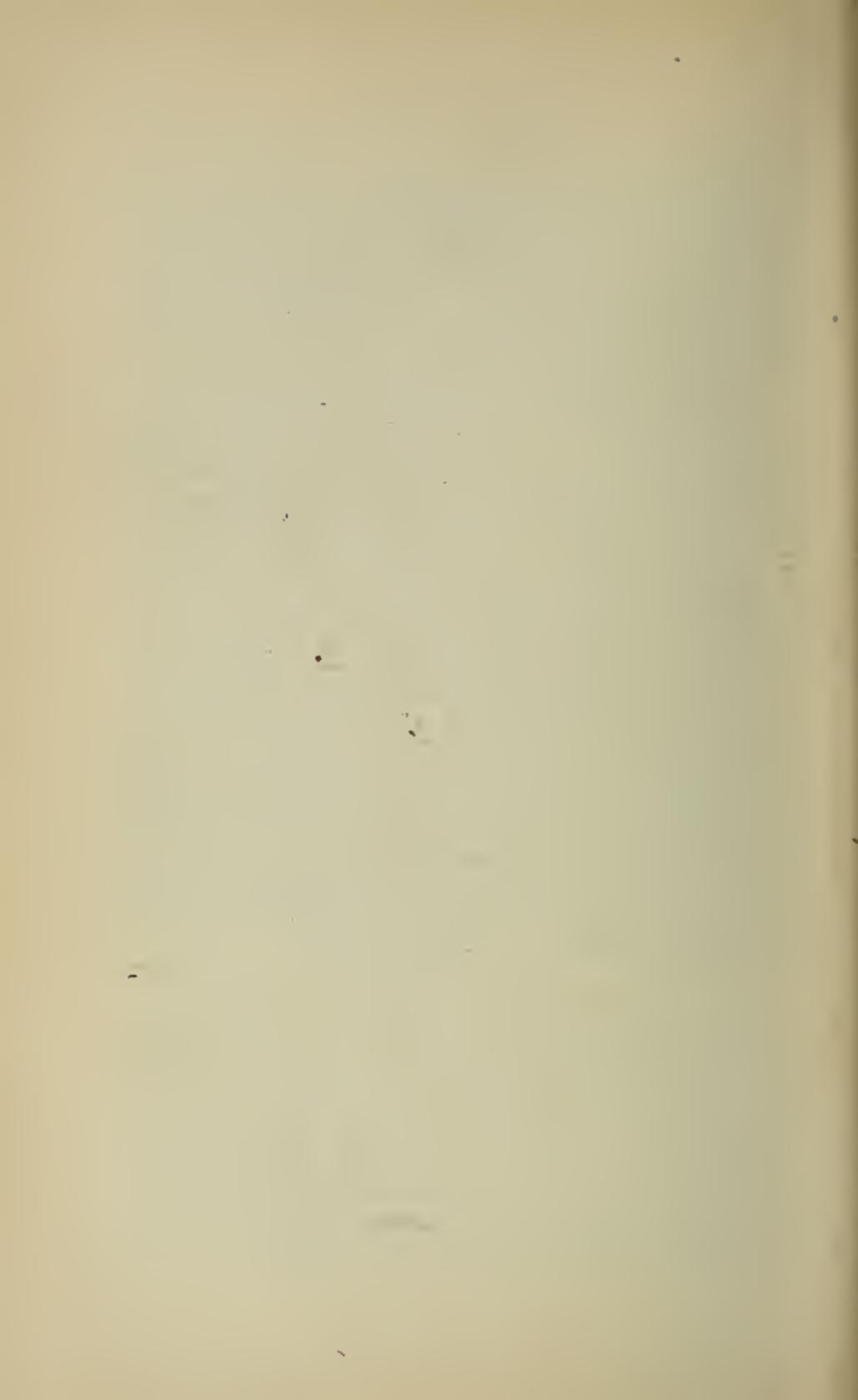
Canini não se poupa a esforços para que a sua antologia saia tão completa quanto possível; e, com relação a portugueses, se alguns poetas distintos foram omitidos, deriva isso da nossa habitual indolência, e da dificuldade com que os estrangeiros obtêm documentos e esclarecimentos que digam respeito a coisas nossas.

*Il Libro dell'Amore*, como trabalho literário, obra de um poeta e filólogo poliglota, e como compilação de documentos para a história da evolução literária e do sentimento humano, é deveras livro precioso, que as próprias bibliotecas não devem eximir-se a adquirir, porque rarissimamente terão adquirido mais rico e mais completo repositório de documentos da literatura universal, repositório que a crítica alemã, sempre exigente, qualifica de *colossal*.

Para concluir, faço minhas as palavras que o meu ilustre amigo, o sr. Macry-Correale, lente do *Instituto Empolese*, na Toscana, escreveu na sua *Rivista* de 10 de maio:

—«...O que torna ainda mais importante *Il Libro dell'Amore*, é a bellissima ordem, com que estão dispostos os quatro volumes já publicados. Aqui, ás alegrias e á doce embriaguêz do amôr feliz sucedem tremendos lances do amôr traído. Além, os doirados sonhos, as esplêndidas esperanças e a cruel e amarga realidade dos desenganos, o desprezo, o ódio, a infidelidade á fê jurada: numa palavra, tudo aquilo de que é capaz o coração de homem, inflamado pela maior das paixões humanas, o amôr, tem a mais exuberante vida naquelas páginas do *Libro dell'Amore*.»—

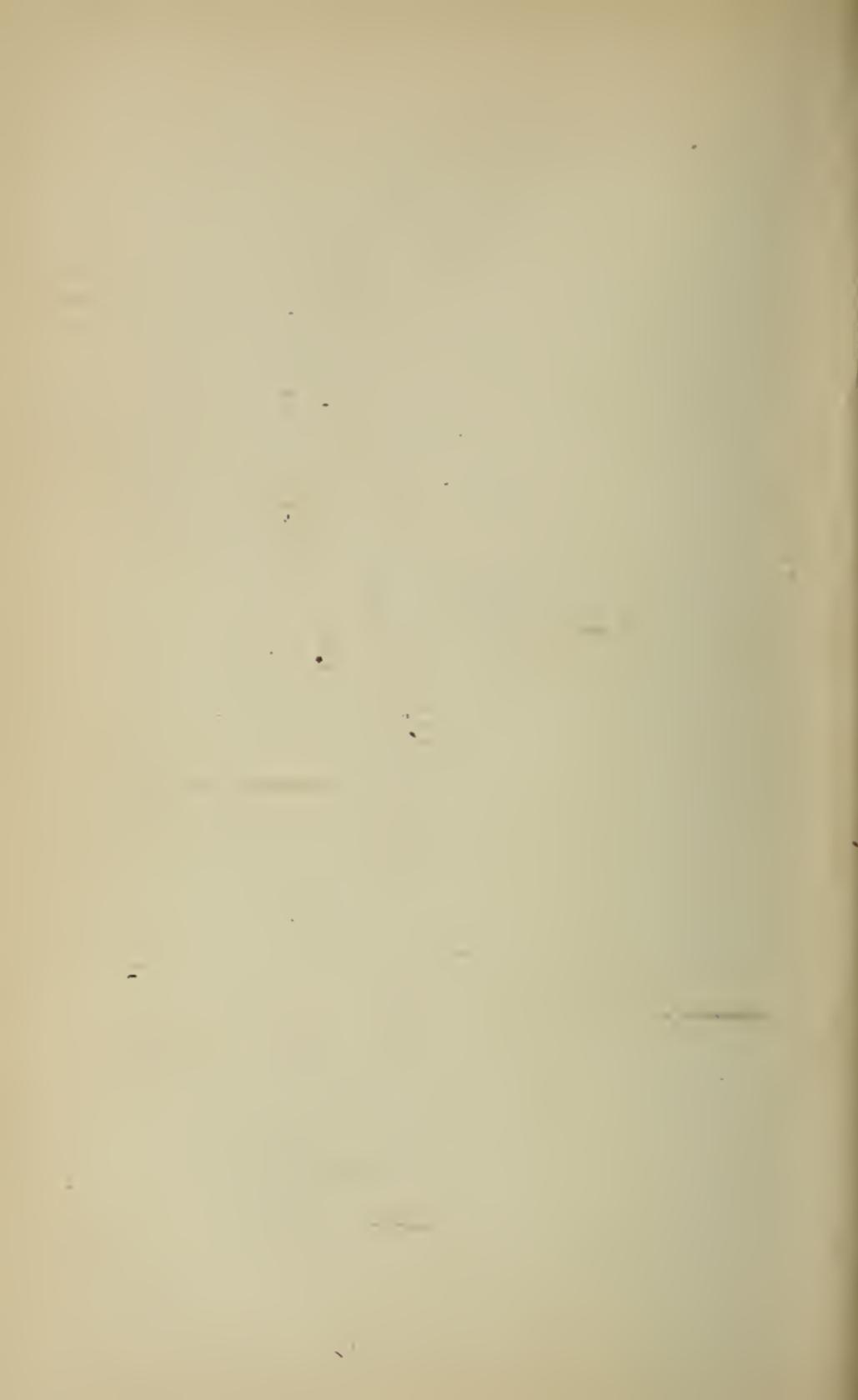
---



X

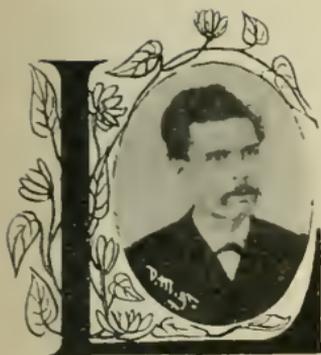
SIMÕES DIAS

(1870)



## Simões Dias

(1870)



1 hoje, pela segunda vez, as *Peninsulares* de Simões Dias.

Alma simpática, coração aberto a todos os sentimentos generosos, espírito esclarecido, o autôr d'este livro, que ainda não tocou os trinta anos, acompanhou em Coimbra duas gerações de literatos, daquelas gerações que se sucedem quinquenalmente, e vemo-lo hoje a par dos que vão cultivando com glória as pátrias lêtras.

Há três anos, cursava êle o quinto anno da Faculdade de Teologia em a nossa universidade. Conheci-o então. Teófilo Braga, Guimarães Fonsêca, o infeliz Manoel Alegre, Severino de Azevêdo, haviam já dado os últimos adeuses á vida acadêmica, e á apreciável convivência de Simões Dias; e uma nova plêiade de talentos juvenis fazia da casa do poeta um parlamento literário. Encontrei lá o Alvaro do Carvalho, que morreu, com os *Contos Fantásticos* de Hoffman, á cabeceira, deixando no prelo um volume de 400 páginas, notável pela purêza de dicção, e pela originalidade dos conceitos; o magnífico João Penha, o humorista sem rival, com o seu inseparável e impagável monóculo; o meu companheiro de casa, Lopes Praça, o sisudo autôr da *História da filosofia em Por-*

tugal, a quem a Faculdade de Direito premiou com o capêlo, e que hoje dirige no Alentejo um curso profissional e breve será ornamento da nossa Universidade; o Gonçalves Crespo, o poeta americano, que em grau tão elevado possui a suavidade do seu patricio Teixeira de Melo; o Guerra Junqueiro, criança, cujas produções literárias revelam muitas vêzes o homem feito; e não sei quantos mais.

Daquêles grêmios brotavam amêude versos, jornaes e livros. Simões Dias era dos mais incansáveis. Em menos de quatro anos, deu á estampa quatro livros, sendo o último as *Peninsulares*, e tendo hoje no prelo os *Estudos de literatura espanhola contemporânea*.

Não traduzo aqui a elevada conta em que tenho as *Peninsulares*. Quero muito ao poeta, e procuro sempre furtar os meus dizêres á ladainha das finêzas de compadrio.

O que me podem perguntar é a significação das *Peninsulares*, se alguma tem, afóra a literária. Efectivamente, há de havêr leitôr meticulôso que, diante daquêles títulos, transporte o espirito ás feias visões da celebrada união ibérica. . .

O escritôr portugûes, que assim baptiza um livro, sem dar explicações aos abades literários, nem fazer assento de baptismo, autoriza, até certo ponto, suspeições graves sôbre o seu patriotismo.

Por via de regra, o nosso povo não está bastantemente elucidado sôbre a questão do iberismo. Quando lhe dizem que Xisto Câmara, Sinibaldo de Mas, Latino Coelho, duque de Palmela, e outros apostolaram a união ibérica, levanta-se um grito de indignação contra os traidôres da pátria, e não há palavras bastantes para condenar os que trabalham na pêrda da nossa autonomia.

Das ideias sôbre êste ponto. A união dos Estados não se opera de uma só maneira: pode havêr anexação ou federação.

No primeiro caso, os Estados anexados perdem a autonomia própria, ou antes todas as autonomias se concentram numa; no segundo caso, unem-se os Estados, conservando-se a independência de cada qual. A federação não rouba a independência de Estado algum: confirma-lh'a e robustece-lh'a.

Ora é certo que todos os bons portugûeses se sacrificariam pela independência da pátria; mas, como é evidente

que a federação não ofenderia tal independência, o autor das *Peninsulares*, amante da sua pátria e da independência dela, e tão amante da união de todos os povos como Pierre Leroux e Cabet, formúla muitas vêzes os seus votos pela união dos povos da Península.

Mas Portugal escravo, mas Portugal absorvido pela corôa castelhana, isso nunca. Sessenta annos de provação amarga ensinaram-nos a amar a liberdade, e a recear das carícias do leão de Castela. Podem àmanhan lançar-nos alge-mas, saciar ambições no sangue de nossas veias, mas a voz da nacionalidade portugûesa não se sufocará jamais, porque, na frase de Michelet, as nações não morrem. Pode o Tzar inundar as estepes da Rússia com o sangue dos mártires da Polónia; pôde a Europa cruzar os braços diante das lágrimas da Hungria; pôde a miséria enfraquecêr os braços dos filhos da desgraçada Irlanda: hoje, e àmanhan, e sempre, em quanto a fôrça do direito não substituir o direito da fôrça, hão de os cantos de Mickiewikz, o retinir da espada de Kos-suth, os gemidos dos proletários de Erin, protestar em nome de Deus e da humanidade contra a escravidão dos povos, e contra os crimes das grandes nacionalidades.

## Vinte e sete anos depois

(1897)

Nado e criado entre o povo, participe das suas crenças, das suas alegrias, das suas tristuras, Simões Dias já há trinta anos era o amoroso e ingênuo tropeiro peninsular. Caíram escolas, erguêram-se escolas novas, subiram ao Capitólio e despenharam-se na Tarpeia reputações olímpicas, e o amoroso tropeiro não se desviou da sua trilha. Sereno, como a fê, impávido como o justo de Horácio, nem deu pelo encontro dos homens e das escolas transeuntes.

Estranho aos ruídos de fáceis gloriolas, indiferente quase aos conceitos com que o distinga a incontestável ignorância pública, Simões Dias mantém hoje o mesmo confortável e

sistemático retraimento, em que eu fui sorprendê-lo, há cerca de trinta anos, trovando *peninsulares* no seu modesto quarto de estudante em Coimbra, entre a pasta de quintanista e um maço de cigarros baratos.

Com uma ligeira diferença.

Hoje, sente que vive na vida de seus filhos e viverá na de seus netos; e, se o aplaudem, se lhe reproduzem o retrato, êle não enjeita nem desagradaçe êsses aplausos e essas homenagens, porque concorrem, ao menos aparentemente, para se robustecêrem os créditos do nome que êle deixará aos seus pósteros.

Exornado pelo mais vivo sentimento de independência, refugiou ás tentações de posição vistosa e de largos havêres, por vêr nêles o prêço daquela independência. Lutou pela vida, procurou erguêr-se por si, não devêr nada senão ao próprio mérito, e conseguiu-o.

Quando seguia desafogadamente a sua estrada, deparou-se-lhe a política, fêmia arrebitada e manhosa, que, como as ambulatrizes da velha Roma, percorre praças e ruas a recrutar incautos para o seu triclinio, e recebeu dela palavras de mel e olhares de fôgo. Calou-se a guitarra da Almiaviva, e o poéta lá seguiu a fêmia por vielas esconsas.

Veio a noite, e perdi-o de vista.

Quando, no outro dia, alguém supusesse vê-lo surgir distante, nalgum dos pontos mais elevados e mais arejados de Suburra, vê-lo-ia retrocedêr e voltar ao ponto de partida, de pés pisados e olhar triste, receando voltar-se para trás, que, se o fizesse, hem poderia convertêr-se em estátua de sal, como a mulher de Loth.

¿ E porque voltava êle, desalentado e triste? Porque, na sua qualidade de poéta, absôrto nas claridades do seu mundo interiôr, não teve olhos para vêr a trilha da sereia; e, em vêz de tomar pela estrada do Capitólio, achou-se num escuro e apertado *cul de sac*.

Resolvido a penitenciar-se, fêz-se trapista, recolhendo-se à sua cela do bairro Estefânia, onde ninguêem o conhece e ninguêem o vê, e donde sai apenas em dias de prêgação, para doutrinar meninos e imergir a capa nas águas lustraes do trabalho independente e útil.

Concluída em cada dia a sua doutrinação proficua e san,

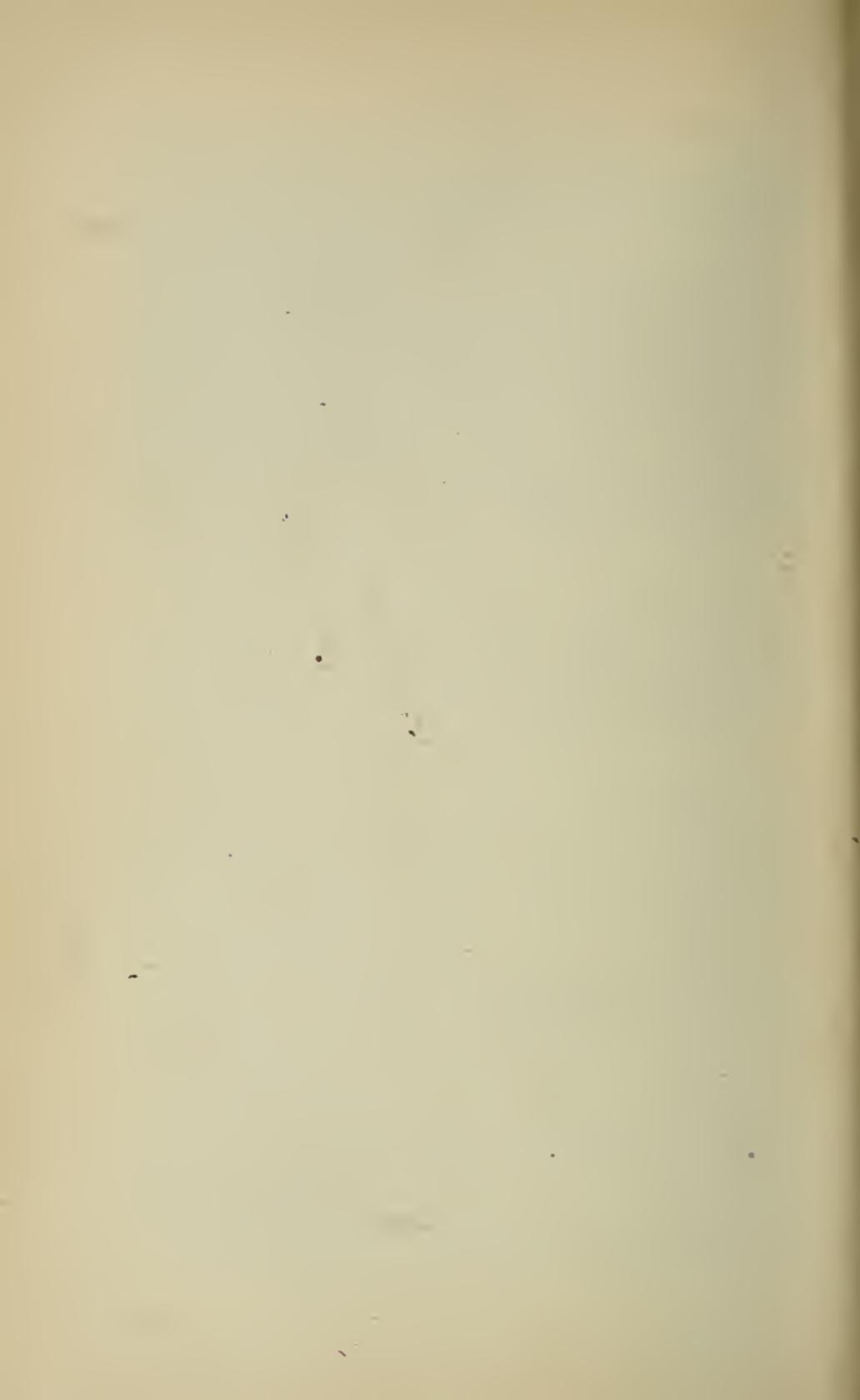
volta a sua cela, onde as musas o embalam, segredando-lhe tentações que a *outra* não conhece.

Em volta da cela, há trepadeiras e limoeiros; e quando, de manhazinha, as avezitas ali vão chilrear, é para compôr a música das estrofes que vão saindo da alma do poeta.

Essas estrofes dilatam-se então; e, difundindo-se, como uma evaporação perfumada, vão cair na alma popular, semelhantes a gotas ambrosíacas de estranha e pura suavidade.

Daqui vem que Simões Dias, poeta genuinamente peninsular pelo seu temperamento e pelas vibrações da sua lira, é de ontem, é de hoje, e será de amanhã, em quanto na alma peninsular ecôe essa música estranha e immortal, que os homens chamam poesia.

---



XI

SILVA PINTO

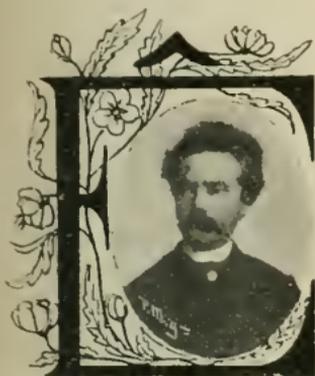
(1886)



# XI

## Silva Pinto

(1886)



ESTE nome, aliás simples e vulgar, representa uma das nossas mais acentuadas individualidades literárias.

E no entanto este nome tem levantado em tórno de si numerosos despeitos, detractôres sem conto e talvez ódios.

Tal antagonismo entre os méritos do homem e o supòsto juízo dos seus contemporâneos, deriva, a meu vêr, de tres causas diferentes: a ignorância de uns, o despeito de outros, e o desconhecimento que quase toda a gente tem do carácter moral do crítico.

Efectivamente, com dificuldade se nos deparará um escriptor, um *reporter* das nossas gazetas, um aspirante ao panteão das nossas glórias, que se não julgue ferido pelo estilête cáustico, que traçou os *Combates e Criticas*.

Somos de uma susceptibilidade extraordinária, nós todos os que levamos uma parte da vida a lançar aos prèlos os produtos mais ou menos informes do nosso labôr intellectual e moral. Depois, os máus hábitos de uma literatura morna e decadente tornam desagradavelmente sensiveis os *duches* que sobre nós entorna a critica independente e judiciousa, embora os justifique a hygiene e o bom senso. Daí, o insu-

lamento, aliás feliz, que Silva Pinto criou para si entre os seus contemporâneos, parte dos quaes, tirando falsas ilações da fôrma severa, e por vêzes cruel, dos *Combates e Críticas* aferem o carácter do homem pela bitola de umas prosas vivamente inflamadas. Laboram num êrro êstes aferidôres de medidas intellectuaes e moraes. E antes de mais nada, para desviar suspeições imerecidas, convirá registrar que o autôr das presentes linhas é um dos mais obscuros escrevedôres que não escaparam á critica severa de Silva Pinto. Nunca lh'o levei a máal, porque, quando a critica se supõe conscienciosa embora severa, é ela o primeiro galardão do trabalho em que recái.

Dito isto, não imaginé o leitôr pio que o autôr das críticas veementês, e rudes por vêzes, que têm flagelado dois milhões de indígenas, é um Ferrabrás sertanejo, em guerra aberta com os mais delicados sentimentos, que podem sêr apanágio da pobre naturêza humana.

Ao contrário do que se poderá supôr, o implacável critico embora me não creiam, possui as mais raras qualidades de coração e de espirito. Não pretendo canonisá-lo, nem fazêr a apologia do homem, para que me mandem prègar noutra freguesia. Não oiçam, mas deixem-me escrevêr: temperamento essencialmente nervôso e impressionável, Silva Pinto exhibe quase simultaneamente as lâminas acicaladas da sua critica impiedosa e as joias de uma sensibilidade simpativamente requintada: o julgadôr severo que, num momento de indignação, cospe uns adjectivos enérgicos e terríveis na fama das literatices párvoas, vê-lo-eis, instantes depois, enternecido até ás lágrimas perante as lágrimas de uma criança, e amargurado profundamente perante as amarguras estranhas.

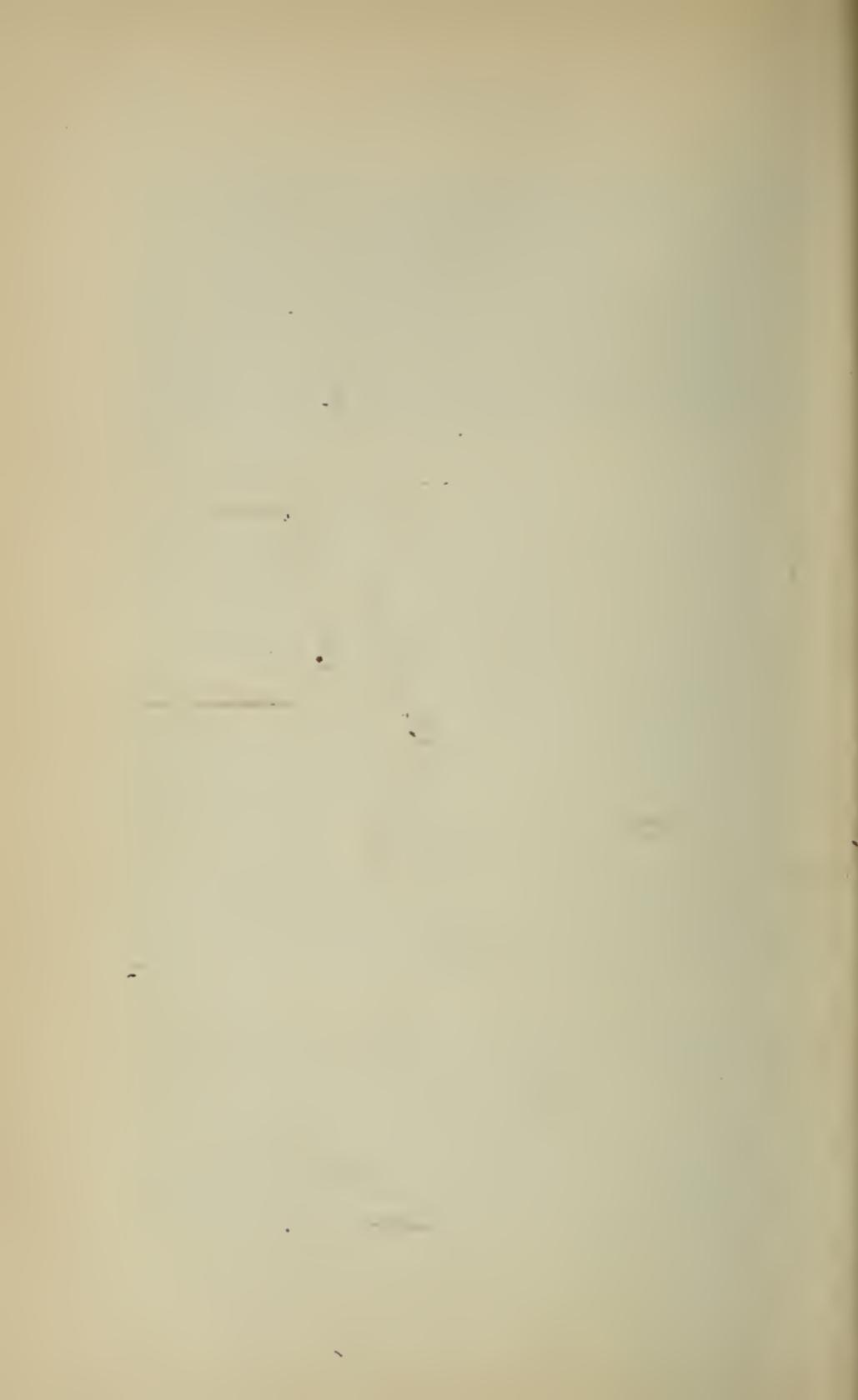
Como homem e como critico, não há ali nada de convencional e arbitrário: a fôrma é a fotografia do temperamento; e a ideia é a resultante de porfiado estudo e entranhada dedicação aos problemas sociaes e literários.

Nas condições expostas, um livro de Silva Pinto deveria sêr um acontecimento literário, se entre a índole do escritôr e o nosso meio social não houvesse um largo abismo.

Varro porém a minha testada, e cumpro o devêr de cro-

nista, annunciando a publicação recente do *Terceiro livro de combates e críticas*, de Silva Pinto.

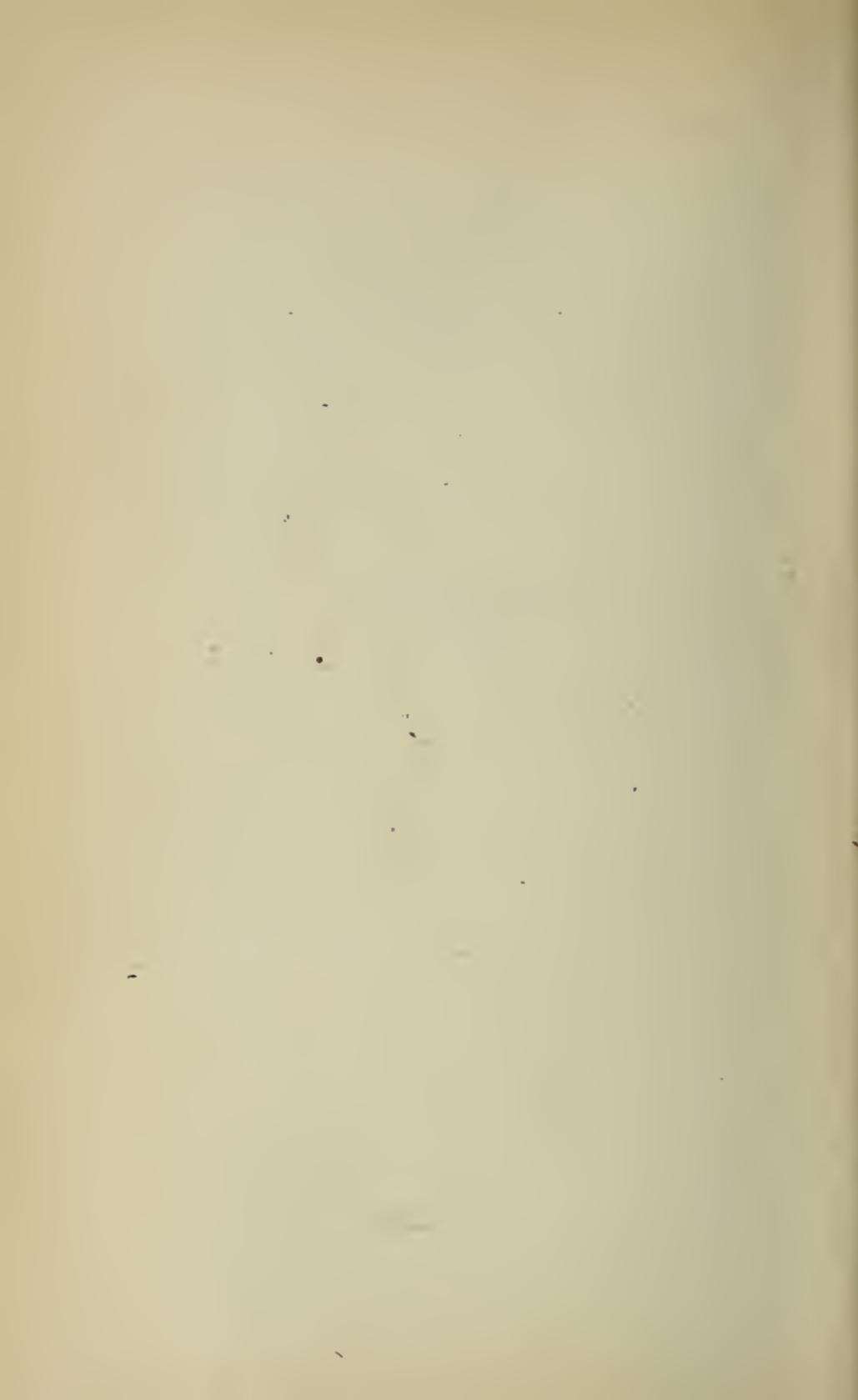
Este volume, com mais de 400 paginas em 8.º grande, é talvez pesado...mas não na doutrina nem no estilo. Lê-se deliciosamente de uma ou duas assentadas, porque, a par de uma linguagem que só conhecemos nos escritores de raça, enche-nos de satisfação o desassombro e a franqueza, com que são aquilatados factos e individuos, habitualmente rodeados de apoteóses e çalamaleques mais ou menos inconscientes.



XII

NEKRASSOV

(1889)



## Nekrassov

(1889)



Imperio moscovita, confrontado, no seu regime económico e social, com as nações da Europa central e ocidental, oferece o mais frisante contraste com as novas conquistas da civilização, e com o desenvolvimento progressivo do espírito moderno.

Daqui a luta entre o tzarismo e a aspiração popular; a reacção violenta, e por vêzes criminosa, do proletário contra os poderosos, dos oprimidos contra os opressôres, da consciencia contra o arbitrio.

Os *burlakis* morrem de fome e de frio, estirando-se no solo estéril das estepes; as minas da Sibéria regorgitam de desgraçados; os *ukases* atulham as massôrras, de homens, crianças e mulheres; o *knut* e o fusil substituem o alfange de Hassan, levando a todos os recantos da Rússia a temerosa legenda—*obedece ou morre!*

E contudo, do fundo escuro dêsse quadro sinistro de opressões e misérias, resalta um clarão de cólera, persistente, inextinguível, contorcendo-se e coleando em labaredas que abraçam e ameaçam a sólio do autócrata de todas as Rússias. É o grito do ódio, é a voz das maldições, que re-hôa terrível e plangente, como o *dies irae* de uma tragédia enorme.

A literatura, que é sempre a representação mais nítida dos tempos e dos povos, espêlha êsse clarão e repercute

êsse grito, naquela fôrma rude e meio inculta, que ainda desconhece as subteis convenções da arte moderna e o buril prestigioso dos novíssimos artistas da palavra.

Quase desconhecidas em Portugal, as literaturas eslavas oferecem a quem de longe as entrevê, pelo reflexo ao menos das traduções francêsas e inglêsas, o aspecto estranho e fantástico de um mundo antigo e semi-bárbaro, em meio de um mundo novo, iluminado pelos progressos da inteligência e do trabalho.

E não é porque a Rússia não tenha dramaturgos como Tolstoi e Glinka, romancistas como Dostoiewski, poetas como Lermoutof, escritores cujas obras não receiam confronto com os maiores monumentos literários da Europa culta; é que em geral, sobretudo nos poetas mais espontâneos, facilmente se entrevê a distância que separa da raça eslava as raças latina e germânica, e, ainda mais, entrevê-se a alma popular da Rússia, cujos gritos dilacerantes, e cujos esforços desesperados constituem essa epopeia terrível e misteriosa, que se chama—o *Nihilismo*.

Sob êste ponto de vista, cumpre especialmente registrar as numerosas poésias de Nekrassov, um poeta sombrio e rude, que argamassou, com as suas amarguras e com as amarguras da sua pátria, um dos mais interessantes monumentos do nihilismo contemporâneo.

Pela tradução que, dessas poésias, fizeram os srs. Kaminsky e C. Morice, e que foi agora publicada em Paris, é-nos lícito reconstituir, com a história do poeta e com o estudo dos seus cantos, o poema lúgubre e frio da reacção nihilista.

Para cantar as desgraças da pátria, ninguém mais apto que um poeta desgraçado, como Nekrassov. Da sua mocidade, confessa êle, que não tinha uma única recordação agradável: e acrescenta:

«Nunca teve alegrias minha infância,  
e reconhecimento a ninguém dêvo.»

Seu pai, official reformado, vitimara-lhe a mãe com maus tratos, e ensinara-lhe, dèsde criança, o caminho da embriaguez e do vício. Aos 16 anos, mandou-o para uma escola

militar, donde Nekrassov fugiu, para cursar a Universidade de San-Petersburgo. O pai suspendeu-lhe então os meios de subsistência, e reduziu-o á maior miséria. Sem pão e sem abrigo, dorme nos bancos das praças, e chêga a ser recolhido no albergue dos vândios.

Nêsse albergue, adquire algum dinheiro, copiando memoriaes para os mendigos.

Colabora depois em jornaes; a miséria afasta-se um pouco, mas aproximam-se as agonias de um amôr nefasio. Imagine-se êste quadro:

Um aposento estreito e frio. O poeta, doente e esfomeado. A amante, desfeita em lágrimas sôbre o cadáver de uma criança; mas de súbito, deixa de chorar: tem fome e reflecte por um instante. Nova e formosa, veste-se garridamente e sai em silêncio. Uma hora depois, voltava, trazendo um pequeno caixão para o cadáver da criança, pão para o poeta, e alguns rublos na algibeira. E o poeta conta:

Nada lhe perguntei. Silenciosamente,  
olhámo-nos, chorando; e esta alma ainda sente  
a amargura de então...

E são estas as recordações, que o poeta conservou do amôr. Por isso, dizia:

Ah! o amôr das mulheres é tão leve!  
são fiéis, carinhosas, na abundância;  
na adversidade, o amôr lhes foge em breve;  
não conhecem heroísmo nem constância.

As convulsões politicas de 1848, com a proibição dos jornaes, tiraram-lhe os últimos recursos da vida. Lutou porém, e em 1855 já escrevia de novo para o público, dirigia várias publicações de extraordinária popularidade. Mas o espirito estava cansado; a simples recordação de tantos sofrimentos alquebrava o poeta, que procurava o esquecimento dêles no insensato prazer do vinho. Do vício á doença não mediou espaço; e, após um entrevamento de dois anos, Nekrassov morria em 1878, cercado de glória, sim, mas não deixando atrás de si o vestigio, ao menos, de um sorriso de felicidade.

E aqui temos explicado como o tema das suas obras é sempre de um realismo sombrio, severo e ás vèzes brutal: a escravidão, a atrofia das crianças, a miséria, o ódio, a fatalidade da prostituição. . .

Principalmente os seus quadros da miséria russa são de um realismo que, se não prima pela originalidade e pela perfeição da fôrma, tem o vigôr e os grandes tons escuros, que parece instilarem-nos na alma um frio de morte. . . A descrição de San-Petersburgo deixa a perdêr de vista os quadros mais completos do moderno naturalismo francês.

Muitas das composições de Nekrassov têm a forma da balada, vibrante, incisiva, profundamente maguada, á Mürger. Áquém e além, em dois simples traços, lemos um poema de amargura. A *Mãe do soldado*, por exemplo. O filho é sorteado; entra na guerra; arruína a saúde, e regressa como um cão, para morrer na aldeia.

Dêsde que o poeta, vagueando pelas margens do Volga, conheceu a miséria dos *burlakis*, a sua musa tornou se

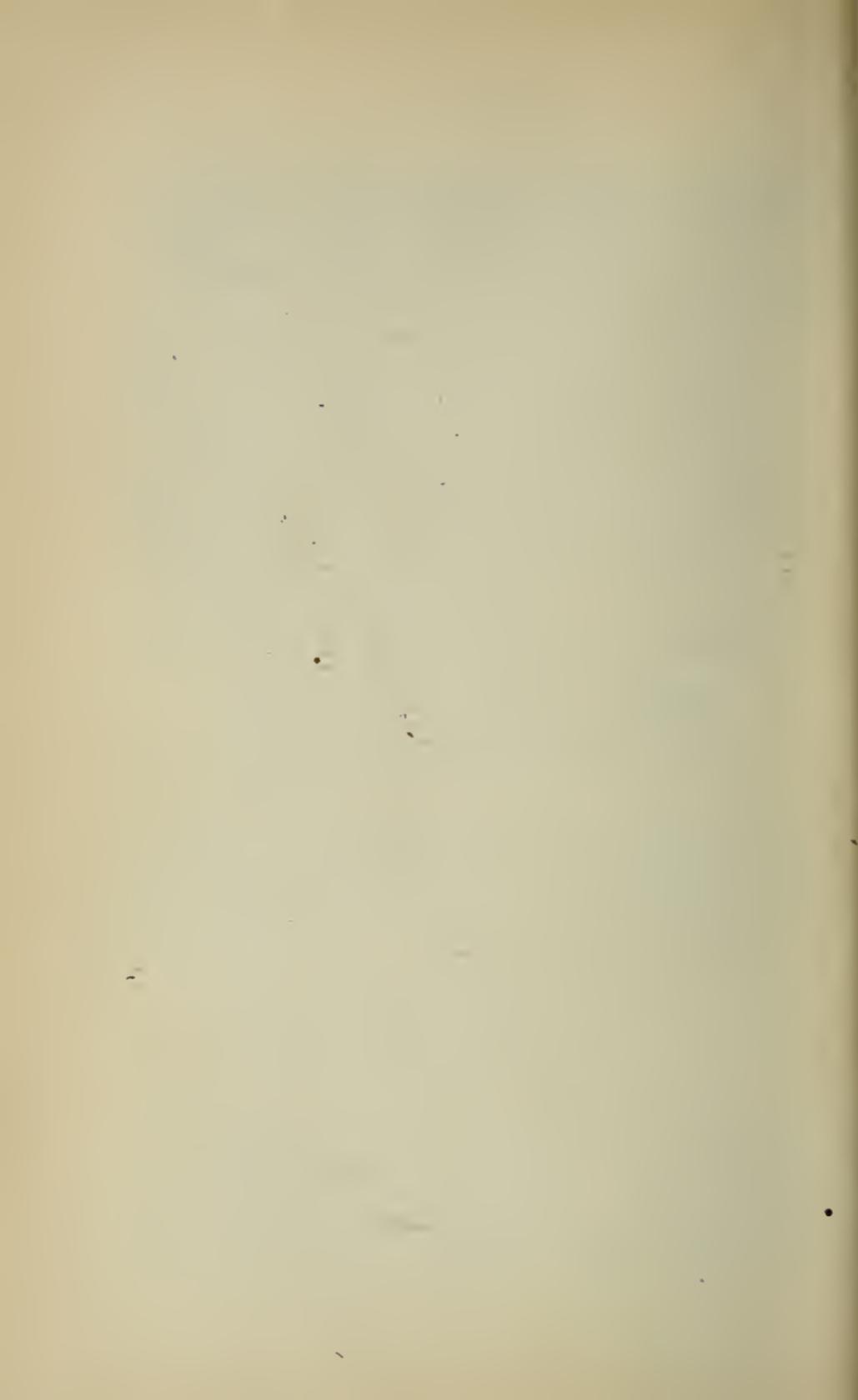
a musa de quem sofre, a musa dos malditos,  
dos pariás, para quem não se abre o paraíso,  
musa de oíhar banhado em prantos infinitos;  
a musa esfomeada, a musa da aflicção,  
cujo ideal supremo e cujo sonho é—o pão!

Tendo o coração fechado para o amôr e para a piedade, o poeta, na sua peregrinação através das misérias da vida, não tem uma gôta de bálsamo, que se destile sôbre as feridas sociaes. Pessimista por educação e por experiência, as tintas dos seus quadros são por vèzes exageradamente escuras:

Há três grandes desgraças neste mundo:  
sêr mulher de um escravo, ou mãe de escravos,  
e obedecêr a escravos, toda a vida:  
—Todas estas desgraças pesam duras  
sôbre a mulher da minha infeliz pátria.

Estranho a sentimentos de compaixão, de piedade ou de amôr, Nekrassov é uma sinistra figura de cosaco, salmeando entre os túmulos gelados da Rússia a elegia eterna da miséria. Impassível, repassado pela descrença, cansado da vida, Nekrassov nem é o conspiradôr, nem o revoltado, que

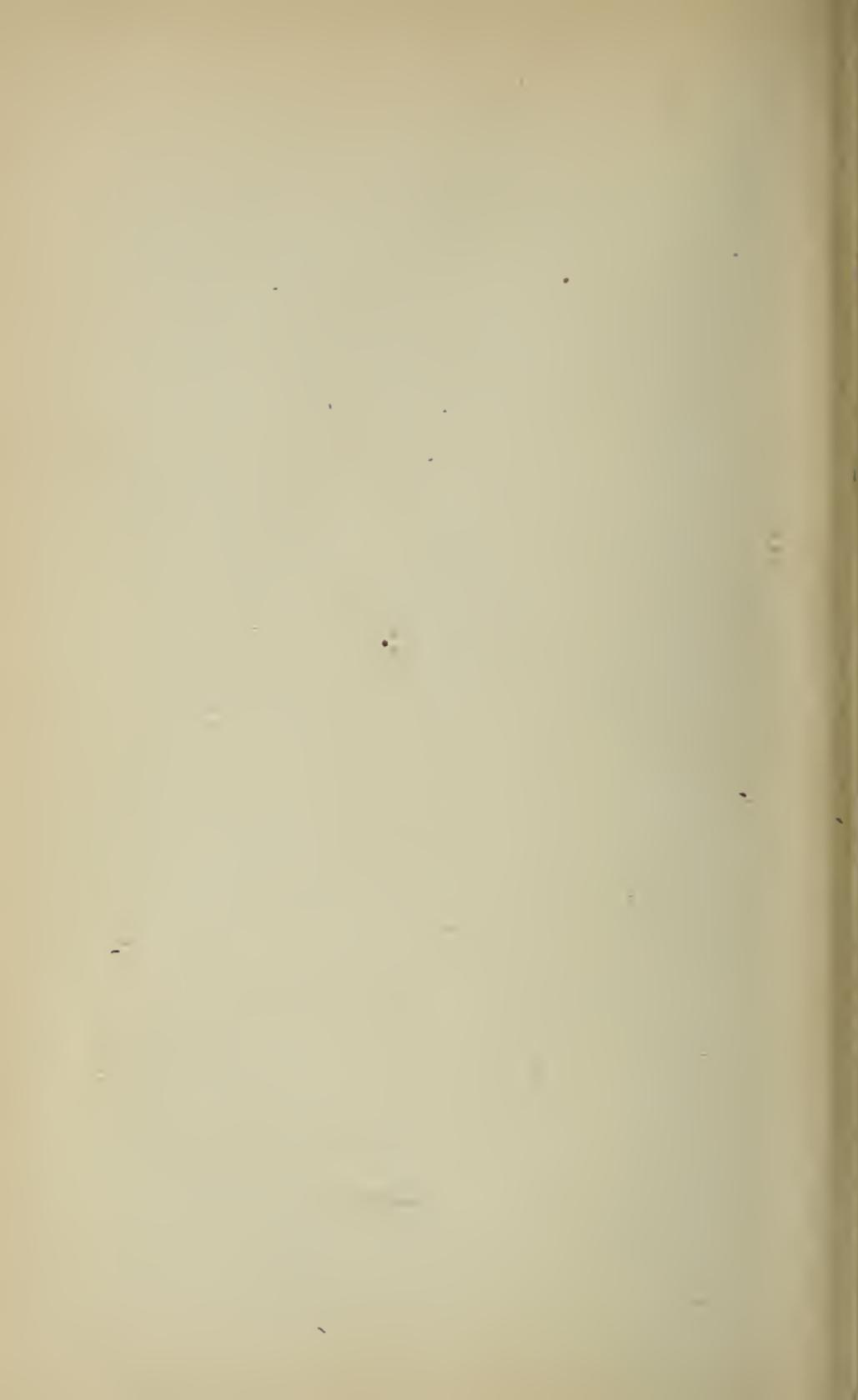
plancia a ruína de instituições obnóxias, pondo o seu braço e a sua existência ao serviço da revolução: é a personificação do nihilismo platónico, deplorando as amarguras de um povo, á beira da turva corrente, que vai cruzando e alagando a terra maldita da servidão e da fome. *Super flumen Babylonis...*



XIII

CASTILHO

(1875)



### XIII

## Castilho

1875

(Horas depois do seu funeral)



RA o decano dos nossos poetas contemporâneos, o primeiro lírico do seu tempo, e, neste seculo, o mais esmerado prosador português.

Amou a naturêza e a arte, e desatou-se em cânticos que ficaram ecoando na história da literatura europeia.

Interpretou Anacreonte, Vergilio, Ovídio, Shakespeare, Goethe e Molière, emprestando aquêles peregrinos engenhos as maiores riquêzas da língua de frei Luis de Sousa.

Devotou-se ao progresso pela instrução, e tressuou largos anos na lida gloriosa da civilização nacional.

Era cego, mas dava luz. *Quand l'oeil du corps s'eteint, l'oeil de l'esprit s'allume*, — um dos gritos sublimes da águia de Jersey.

Era cego, mas o seu espirito caía em ondas sôbre a cabeça loira das crianças, que lhe haviam de sêr os primeiros representantes de uma posteridade gloriosa.

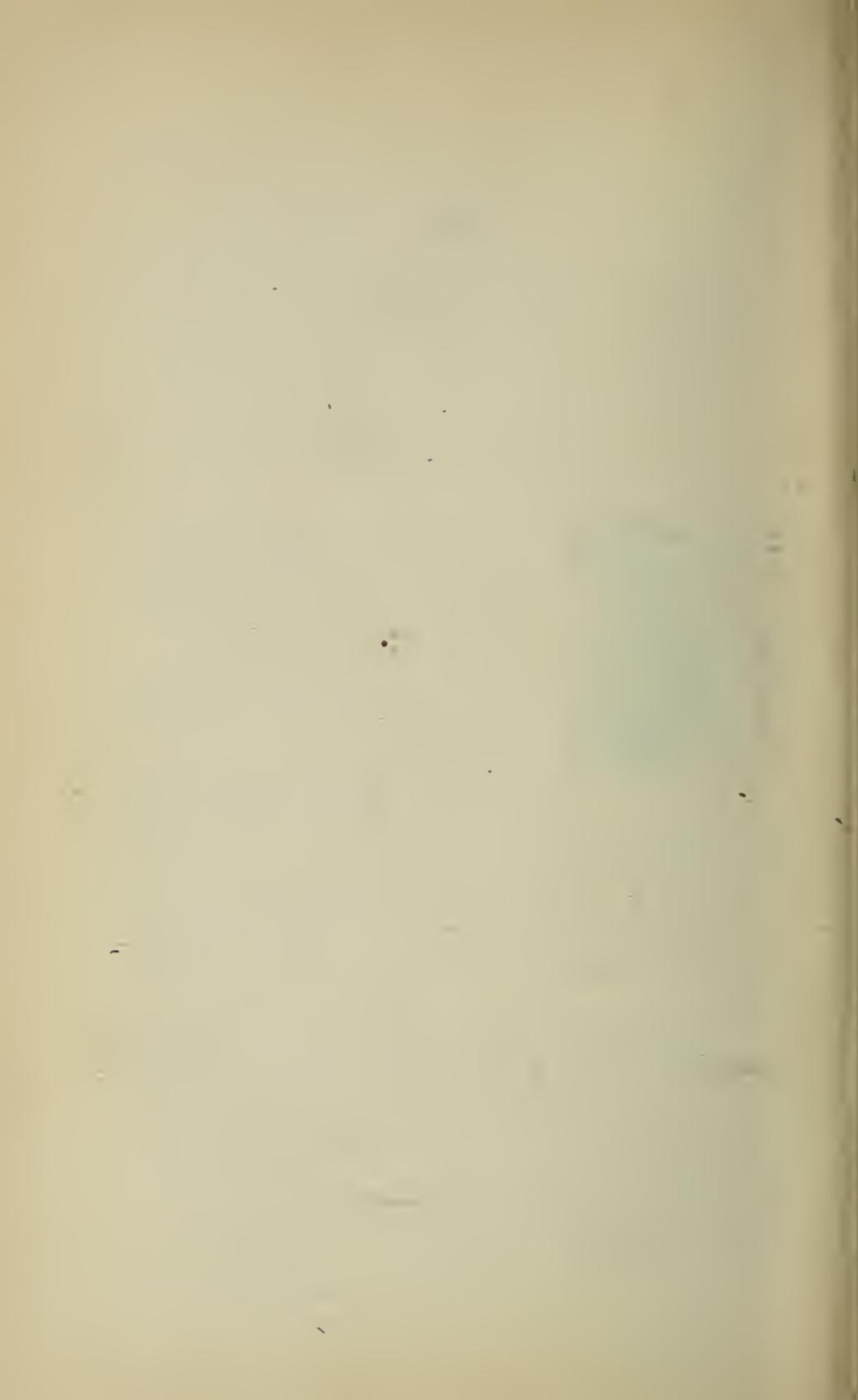
Esse espirito foi bússola para uns, exemplo para outros, estímulo para muitos, glória para todos nós.

Esse espirito apagou-se agora.

Curvemo-nos a leis que nos são superiôres.

Respeito á memória de Castilho.

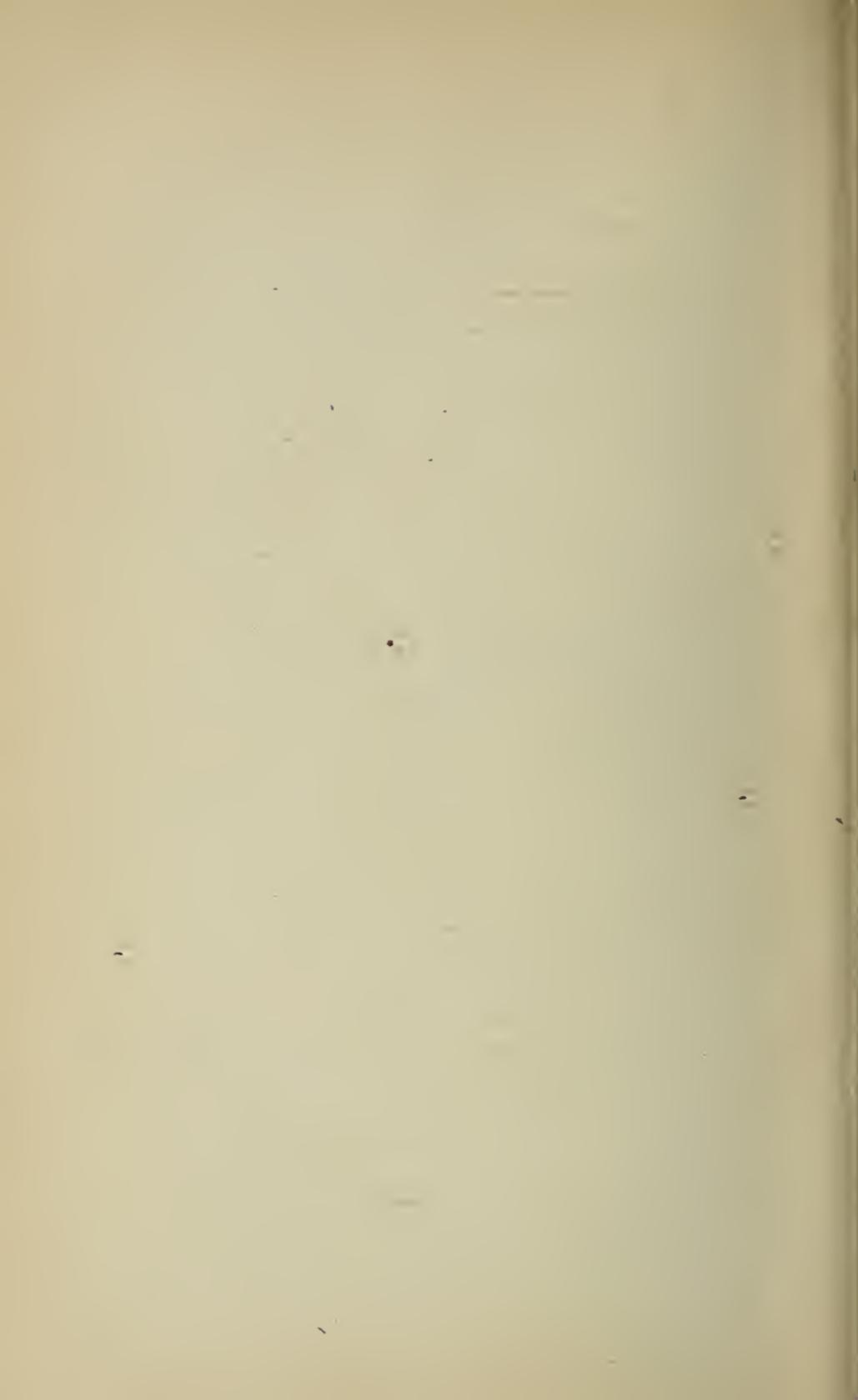
Glória ao seu nome.



XIV

SILVEIRA DA MOTA

(1889)



## Silveira da Mota

(1889)



*influenza* chegou a todos e a tudo : até á literatura. Nos últimos tempos, raro é o livro que nos aparece escoreito, sadio e bom. Mais ou menos, os que temerariamente transcorrem as vias da publicidade, arrostando com a frieza da estação e com o temporal das questões politicas e coloniaes,

denunciam na irregularidade das pulsações uma pontinha de febre, denotam fraquêza nas articulações, padecem falta de ar, e deixam após de si umas expectorações inclassificáveis, que desaparecem diante da vassoira municipal.

A epidemia porém é benigna. e de fácil profilaxia : basta-nos algum resguardo, lêr só frontispicios e apertar os cordões da bolsa. No *Barral* e no *Quintans* não se encontram desinfectantes absolutamente eficazes ; mas contra o *bacillus* das expectorações bibliomânicas, basta um pouco de hygiene e a observância dos mais simples preceitos, que o meu amigo dr. Manuel Ferreira Ribeiro prescreve num livrinho seu contra as febres paludosas da África.

Ao contrário porém dos meus colegas em noticiário, que, ao tratarem da *influenza*, só registam o nome dos doentes,

eu, aludindo do relance á *influenza* literária, só me apraz registrar o nome dos *sãos*.

Pelo que se diz, e pelo que eu vejo, está nêste caso o recente livro de Silveira da Mota, *Viagens na Galiza*.

\*

O público já conhece de sobra o autôr das *Viagens*. É um dos *quarenta* da Academia, dos doutos e mais simpáticos. As qualidades, que nêle enaltecem o *homem*, correspondem ás que nêle nobilitam o escritôr. Escritôr correctissimo, elegante e simples, a frase espelha-lhe o carácter correcto, despretencioso e lhano.

Conhecendo há trinta anos as lêtras e a política, Silveira da Mota pôde mantêr, em meio do carnaval político e da *degringolade* literária, a fé inquebrantável dos princípios e o mais entranhado affecto aos direitos da lingua e á arte de escrever.

Mais democrata e mais liberal do que a sociedade em que vive, a sua passagem pelo parlamento tem-se evidenciado na apresentação de projectos, destinados sempre á ampliação das liberdades públicas e da liberdade individual. Sabe de antemão que os seus projectos encontram resistênciã no espirito conservadôr e tradicionalista das colectividades que legislam e das colectividades que mandam; mas julga desobrigar-se de um imperiôso devêr, expandindo as suas convicções e servindo, como melhor póde, a causa nobilissima dos direitos humanos.

Homem de principios, numa sociedade em que as fórmulas e as convenções são tudo, afasta-se systematicamente dos processos e das campanhas da politica indigena, e limita-se a acompanhar com o seu voto, com o seu raro desprendimento e com a sua exemplar dedicação, o estadista portuguez, em que êle vê personificado o seu amplo e generôso ideal politico e democrático.

Tolerantissimo nas esferas da intelligência e do sentimento, incapaz de facciosismos irritantes, revestido da modéstia que caracteriza os espiritos superiôres e o merecimento real, passa sorrindo e complacente pela feira das vaidades indigenas, ouve sem indignação os leilociros das celebri-

dades e gloriolas de pechisbeque e tem sempre nos lábios uma palavra amável, que, longe de sêr uma ficção hipócrita, é tradução instintiva de um sentimento, que pôde sêr por vêzes infantilmente ingênuo, mas que tem sempre o cunho indefectível de uma bondade atraente.

Não tendo de fazêr das lêtras instrumento de vida, e prezando-as no mais subido grau, para as não lesar com a actividade febril e a fancaria da moda, Silveira da Mota tem cruzado o campo da literatura, levando atrás de si uma pequena, mas valiosa, bagagem: três ou quatro livros apenas.

É de Voltaire a sentença de que não são as grandes bagagens literárias as que levam o escritôr á posteridade. Por via de regra, com visível fundamento, a qualidade da produção está na razão inversa da quantidade.

Prosadôr de primeira ordem, Silveira da Mota estreou-se todavia nas letras pela poësia. Tem-se notado que a maioria dos que melhor escrevem são, ou fôram, poetas. Esta circunstância, que pôde parecêr indifferente, confirma o principio de que as leis da harmonia, especialmente applicáveis ao verso, não são completamente estranhas á arte de bem escrevêr.

Os primeiros versos de Silveira da Mota denunciavam o futuro pensadôr e democrata, mas não lixavam a sua vocação literária.

A sua pena adestrou se na rôta dos melhores mestres da lingua e encaminhou-se para o campo da história e da critica. Daqui as *Horas de repouso* e os *Quadros de história portugêsa*. Aquêle é um livro de critica larga e serena, alumiada por um espirito claro e são; êste é um volume de preciosas narrativas, em que, a par do aprimorado lavôr literário, scintila o entusiasmo de verdadeiro patriota, e resáem as grandêzas e o brilho das nossas antigas glórias.

Essas narrativas asseguravam já, além de tudo, que o autôr poderia florear a pena exemplarmente nas narrativas e descrições de um livro de viagens.

As *Viagens na Galiza* confirmaram a previsão.

\*

Êste genero de escrita oferece difficuldades, que nem todos os escritôres, ainda os mais experientes, podem superar.

Tem sido tão diversamente e tão largamente explorado, e o seu êxito depende tanto da possível simplicidade de fôrma, que, embora o não parêça, é difficilima a contextura de um livro de viagens, em que o interesse, nascido da novidade, se alie com o agrado, que procede da amenidade dos quadros e da firme simplicidade e naturalidade, com que se tracejam os cambiantes da paisagem.

No livro de Silveira da Mota, livro de um artista—que é o mesmo que dizêr livro de um homem de bom gôsto, de fina sensibilidade, dêstes que transfundem a própria alma no sentimento que exprimem e nas telas que desenrolam á nossa vista,—trava-se intimamente o interesse e o deleite; o interesse com que nos deixamos levar pelos campos da Corunha e Ribadávia, pelas ruas e praças de Pontevedra, Santiago e Orense; e o deleite com que vemos desfilar diante de nós, em procissão multiforme e pinturêsca, os costumes, as tradições e as histórias do povo galiziano.

Na fôrma simples, elegante e correctíssima, o leitôr desafeiçoado ao balio dos clássicos e ás citações dos eruditos, não entrevê sequer a personalidade do erudito acadêmico, do filólogo exigente, que não perdôa um neologismo inútil, e que tem pelos manes de Luis de Sousa e Bernardes a mais justa e mais alta veneração.

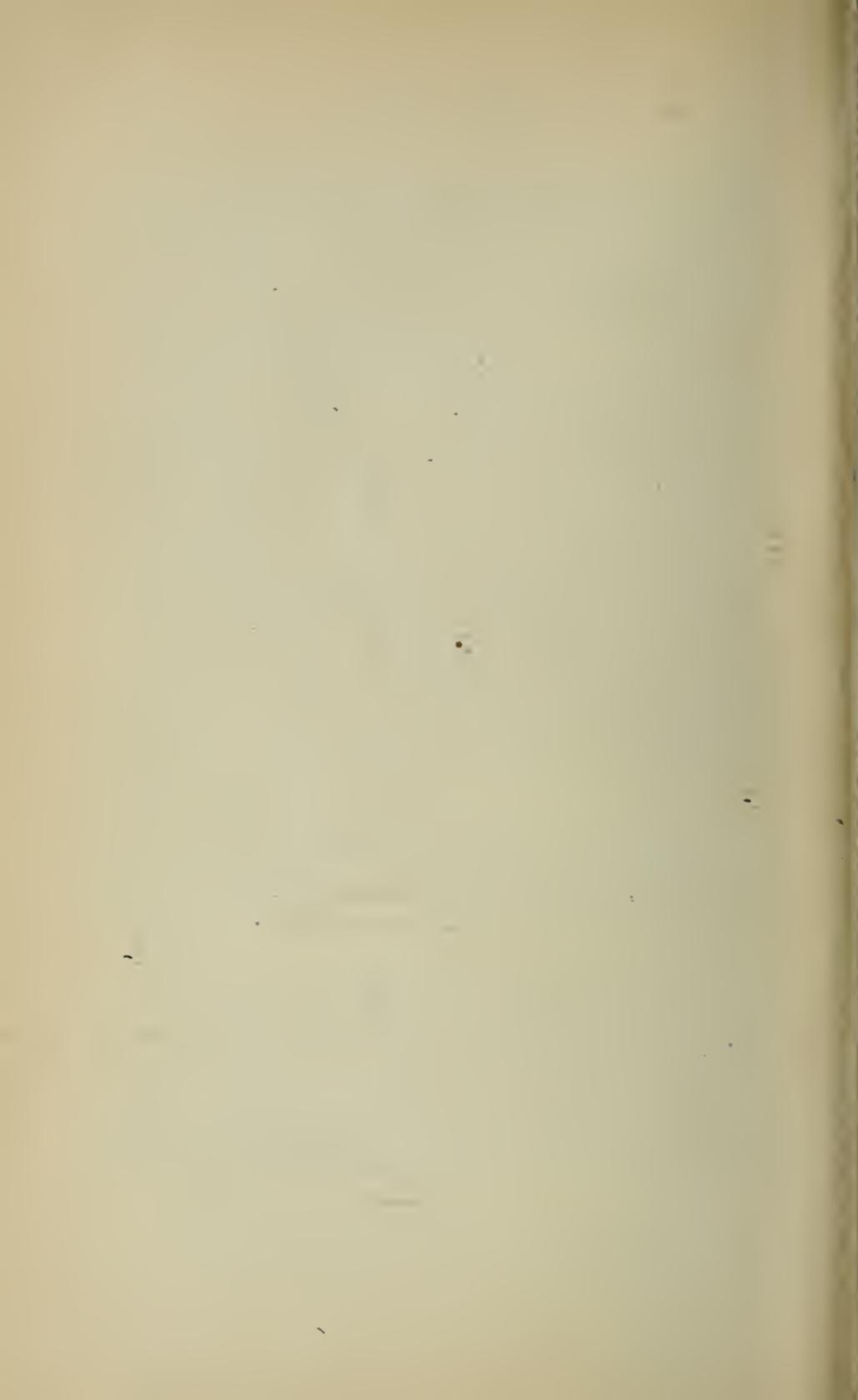
O erudito soube sê-lo neste seu livro, sem que a erudição nos pese. A história da península, sobretudo a história literária, é-lhe tão familiar, que, da sua palestra ligeira, e muitas vêzes humorística, deduzimos e aprendemos o que anda disperso em bolorentos in-fólios, que ninguém lê nem conhece.

Como ardente propugnadôr da linguagem vernácula, o autôr, que não comunga nos ágapes dos numerosos *francesellos e galiciparlas*, de que tanto se queixava já o bom Filinto, e que são hoje a praga mais deletéria das lêtras portugûsas, soube sêr tão moderno, sem sêr extravagante e solecista, que até os paladares mais pervertidos pelos condimentos e *mayonnaises* dos Vateis da imprensa, hão de saborear jubilosos as *Viagens na Galiza*.

XV

O CONDE DE CHAMBRUN

(1889)



## O Conde de Chambrun

(1889)



UM dos menos agitados recêssos de Paris, no bairro de San-Germano, habitando o elegante palácio *Condé*, e rodeado de admiradôres e das mais affectuosas dedicações, passa os dias da sua gloriosa velhice um fidalgo de raça, o Conde de Chambrun, antigo deputado e antigo senadôr. A cegueira arredou-o da política, e, dêsde 1871, os seus cuida-

dos concentraram-se na filosofia e na literatura, produzindo obras do mais vasto alcance, em que os mêmritos do pensadôr se aliam estreitamente com os mais raros predicados de um homem de lêtas.

O Conde de Chambrun é um verdadeiro polígrafo: política, história, sociologia, poësia, música, pintura, todos os grandes assuntos lhe são familiares, e de todos se ocupa, com a maior larguêza de vistas e com o mais apurado critério.

A mais recente obra, que dêle conhêço, é um pequeno mas substanciôso trabalho á cêrca de Guizot, Tocqueville e Thiers. São apenas 80 páginas, em que o autôr habilmente condensa os seus largos princípios sobre filosofia da história, fazendo a crítica serena e grave dos que êle considera os melhores historiadôres da França moderna.

Dos outros trabalhos seus pôde fazêr-se ideia pela obra que, á cêrca do Conde de Chambrun, e dos seus estudos políticos e literários, e formando um grôssio volume de 500 paginas com o retrato do Conde, foi há pouco publicada pelo autôr da COMTESSE JEANNE.

A *Comtêsse Jeanne* é uma preciosa monografia, em que Clarisse Bader faz a revelação e a análise de uma poëtisa, que eu suponho têr sido, se não é ainda, a musa cariciosa e dôce companheira do Conde de Chambrun.

Não sei se *Clarisse Bader* é um pseudónimo. Seja o que fôr, os trabalhos firmados por êste nome denunciam larga cultura literária e um prosadôr de primeira ordem.

Sôbre a exposição critica de *Bader*, é fácil reconstituir e sintetizar o carâcter filosófico e literário do Conde de Chambrun.

Chambrun é essencialmente um psicólogo, que estuda profundamente a alma humana, seguindo-lhe a marcha, através de todos tempos e de todas as civilizações, prendendo intimamente o aperfeiçoamento destas á poderosa e contínua influência do cristianismo.

Em estética, sôbre todas as belas artes, tem concepções tão arrojadas como luminosas; deixa vêr o que é a música científica, descritiva e histórica; a pintura e a escultura tomam vida e fórma debaixo da sua pena *cosmopolita*, sê assim me posso exprimir; a poësia mostra-nos uma face nova, e estudamos em Shakspeare, não só a representação da sociedade inglêsa no tempo da rainha Isabel, mas também a representação da *alma da humanidade* naquêlê século, como a poësia de Musset representa a alma da humanidade no século XIX, com todas as suas incertêzas, a sua efeminação, as suas neuroses.

Na música, a admiração do conde de Chambrun prende-se a esta trilogia: Haydn, Mozart, Beethoven, que constituem a belêza reunida num só grupo.

A Haydn corresponde, na pintura, Perugino, cuja inspiração não toca na terra e paira sempre entre visões ideaes e celestes; a Beethoven corresponde Miguel Ângelo, pelos transportes, e pelo fragôr das tempestades, com que agita a alma humana; a Mozart corresponde Rafael, porque é ao mesmo tempo o ideal e o real, a inconsciência e a história.

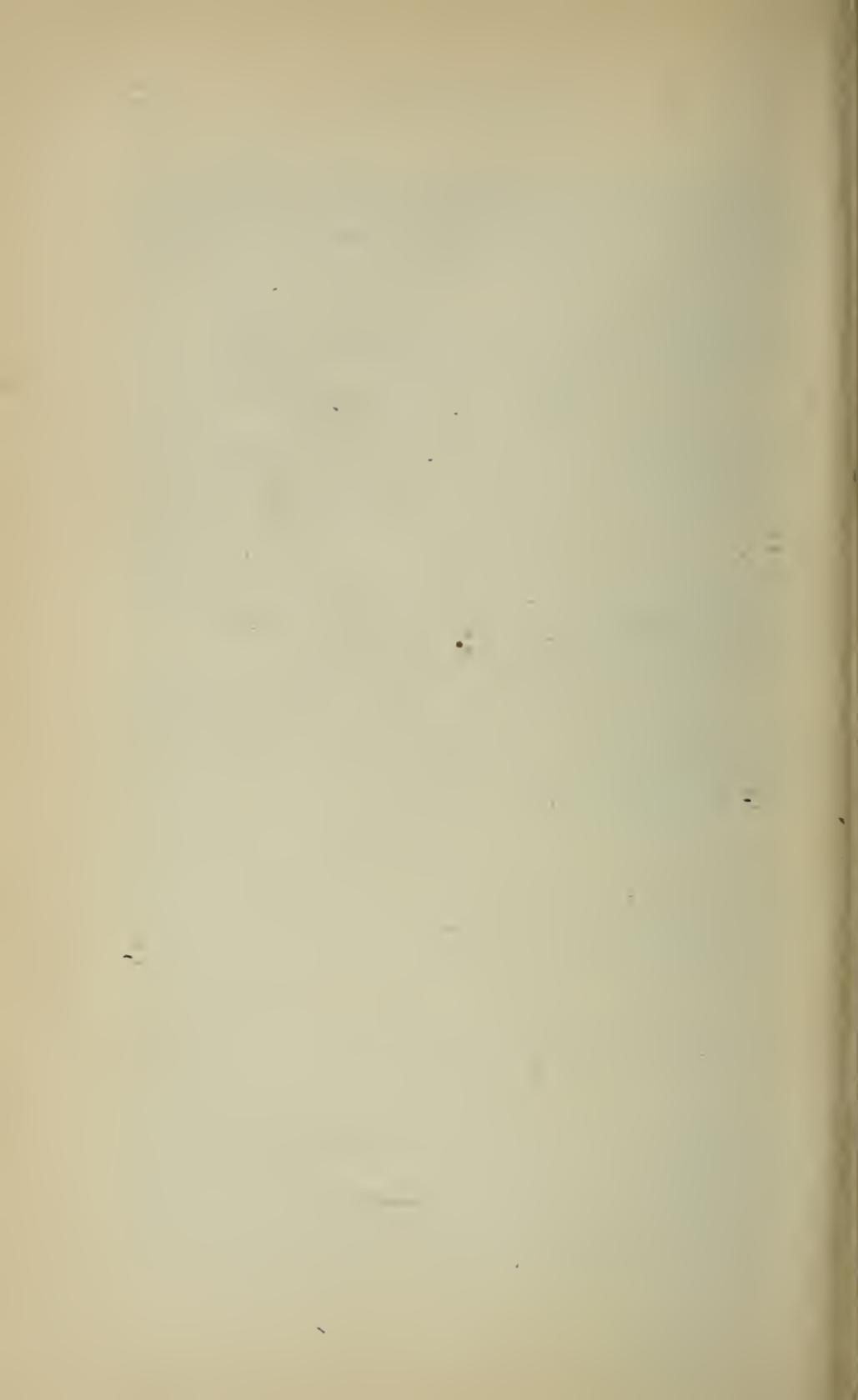
Para Chambrun, o maior de todos os genios é Beethoven, porque reproduz toda a alma da humanidade, individual e colectivamente considerada. Exprime tudo que se passa no coração e na vida do homem, e tudo que se passa na vida e no destino dos povos.

Depois de Haydn, Mozart e Beethoven, Rossini é o *fin da grandêza*, e Meyerbeer o *princípio da decadência*.

E o conde de Chambrun defende as suas teses, com uma lucidêz extraordinária, e com uma linguagem, em que se enlaçam adoravelmente o sabêr e a poêsia.

Se bem que vastos e de uma complexidade assombrosa, os trabalhos filosóficos e literários do velho conde não findaram ainda; e poderemos muito breve apreciar os largos estudos, que está concluindo, á cêrca de David, dos trágicos grêgos, de Dante, Cervantes, Goethe; á cêrca da filosofia, especialmente de Descartes; e á cêrca da história, em que êle, pelo seu método psicológico, patenteia mais uma vêz a alma eterna e progressiva da humanidade.

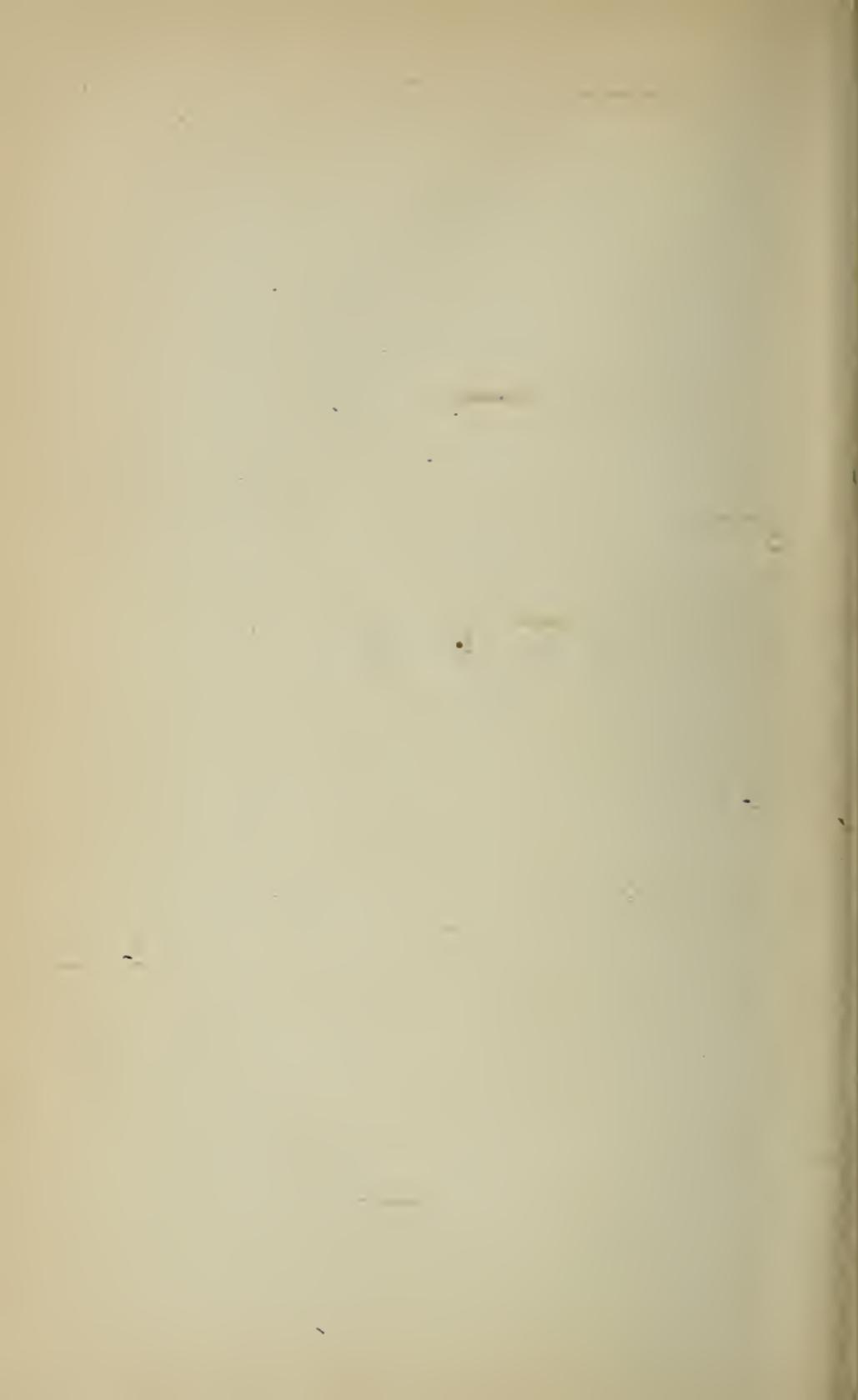
O conde de Chambrun é dos raros escritôres que, sabendo muito, sabem também fazêr-se lêr, pela sinceridade dos conceitos, e pelos attractivos de uma linguagem, que reúne a simplicidade e a nobrêza, e que foi sempre o segrêdo dos escritôres que são artistas.



XVI

MARIA AMÁLIA

(1889)



## Maria Amália

(1889)



ão obstante o meu desafecto a *proémios, prólogos, advertências prévias, preâmbulos* e outros narcóticos semelhantes, tenho cometido, embora na melhor das intenções, dezenas de prefácios, e hoje mesmo sinto o devêr de prefaciá esta crónica.

O *Reporter*, bem ou mal comparado, é um pequeno parlamento, sem a côr local das pateadas e das carteiras partidas. Cromwell nunca teria a audácia de lhe pôr *escritos*; e Boulanger, com todo o seu antiparlamentarismo, nunca poderá dissolvê-lo. É que os ditadores passam, e o *Reporter*, ou quem suas vèzes fizer, há de têr sempre uma tribuna para a liberdade da palavra e para todas as opiniões sinceras.

Foi neste parlamento que eu, há oito dias, pedi a palavra sôbre *Alguns homens do meu tempo*. Estavam pendentes outros assuntos, sôbre os quaes eu me não havia inscrito, e só agora me é concedida a palavra, um pouco a desoras, visto que o meu querido amigo Júlio César Machado subiu já á mesma tribuna para falar do mesmo assunto

Depois de ouvir o illustre deputado, . . . Perdão! Depois de ouvir o deliciôso cronista, a minha primeira tentativa foi desistir da palavra, porque não sei dizêr mais nem melhor,

e o obstrucionismo ainda aqui não tem fóros parlamentares. A primeira tentação seria a mais judiciosa; mas, reflectindo um pouco, vi que o meu antecessôr seguira, como era natural, caminho muito diverso do que eu planeara, e que portanto, em homenagem ao mérito pelo menos, não seriam demais as minhas palavras sôbre tão simpático assunto.

E aqui está porque eu, depois de Júlio César Machado, ousou ainda falar do último livro de Maria Amália. Não acrescento *Vaz de Carvalho*, porque um nome literário não precisa de tantos acessórios. Ha muitas Marias na terra, e não há poucas Amálias, mas... *Maria Amália*, verdadeiramente Maria Amália, há uma só.

Se eu fôsse Júlio César Machado, contava-lhes um caso semelhante, que é o seguinte:

No meu tempo de Coimbra, cursavam a universidade cinco académicos, que assinavam *Antonio Candido*. Eram Antonio Candido Ribeiro da Costa, Antonio Candido Gonçalves Crespo, Antonio Candido Anastácio do Lago, Antonio Cândido Cerdeira de Gambôa, e eu, porque, a dizêr a verdade inteira, e segundo rezam os documentos officiaes, também tenho Antonio... Afinal, de tantos homónimos, só o Ribeiro da Costa é verdadeiramente *Antonio Candido*. Conhece-o o país inteiro, sem urgencia de apelidos; e só algum carteiro incipiente e lôrpa procura lisonjear-me, levando-me a casa a correspondência dirigida ao gloriôso tribuno.

Mas falemos de Maria Amália, ou, antes, de *Alguns homens do meu tempo*.

\*

- Excepções á parte, é tão pouco levantado o nível intelectual do nosso mundo feminino, que, ao lermos um artigo ou um livro de Maria Amália Vaz de Carvalho, precisamos de vêr o nome que o subscreve, para nos convenceremos de que não é escrito por um homem, largamente provado nas lides da imprensa, cheio de experiência, de bom senso e do mais fino critério.

A publicação de um livro da laureada escritôra é pois, e muito naturalmente, motivo de vivas congratulações, para os que ainda prezam a difficilima arte de escrevêr.

*Alguns homens do meu tempo* é o título modestíssimo do mais recente livro de Maria Amália; e, se todos devem aplauso a esta nova manifestação de um elevado talento, eu dêvo-lhe mais alguma coisa—, uma entranhada simpatia, por constituírem o assunto do livro algumas das brilhantes individualidades, á maior parte dos quaes me sinto ligado pela mais fervorosa estima e ainda por vivíssima saudade.

O livro, ao mesmo tempo que agita interessantes problemas literários, e que se abeira um pouco dos problemas sociológicos, é uma pequena galeria de magníficos retratos literários, moraes e sociaes. As figuras que, em toda a luz, resãem nesta galeria, chamam-se — Gonçalves Crespo, Raimalho Ortigão, Eça de Queiroz, Antero de Quental, Antonio Candido, Teixeira de Queirós, Octave Feuillet, os irmãos Goncourt, e George Sand.

A primeira parte do livro, consagrada a Gonçalves Crespo, não se supõuha que é pretexto para desafõgo das amarguras de uma dolorosa e prematura viuvez: é um estudo conscienciõso do carácter literário e da feição moral do gloriõso poeta; e, se é certo que em tal conjuntura seria desassinado exigir absoluta imparcialidade critica, é também certo que as homenagens de Maria Amália ao seu querido môto incidem com o justo e largo renome que o poeta das *Miniaturas* conquistou em Portugal e no Brasil; e, pelo que toca ao esbõço moral do poeta, ninguém o poderia traçar como Maria Amália, que tão intimamente privou com aquêlo malogrado e formosíssimo carácter.

\*

Eu nunca falo de Gonçalves Crespo, sem que, a par de uma espontânea veneração pelo genial artista, acorde em mim a inextinguível saudade de uma época, que entornou sòbre nós ambos as flôres de uma juventude que não volta. Assisti, porque assim o diga, á lapidação das suas primeiras joias literárias; senti de perto as efusões e as doçuras do seu grande coração de amigo; conversámos de estética e de amôr, como dois viajantes inexperientes, que consertam o plano de uma viagem a regiões desconhecidas; e mutuámos

confidências, que punham em relêvo uma rara analogia de situações na vida íntima.

Um dia, ao entrar no seu quarto acadêmico da *Coiraça de Lisboa*, em Coimbra, achei-o só. O mais natural era encontrar lá o Bernardino Machado, ou o Marçal Pacheco, ou o Alberto Braga, ou o Guerra Junqueiro, ou o Silva Bastos, ou o Teixeira de Queiroz, ou os irmãos Pindelas, ou o Cristovam Aires, ou o Luis de Andrade, ou o Antonio Candido, ou... todos; e, neste último caso, é indescrevível o encanto das discussões e palestras, em que o juvenil cenáculo imprimia a chilreada e o colorido hilariante das alvoradas primaveraes...

Daquela vêz, achei-o só, e, além de só, em flagrante delito de sonêtos. Era um feliz acaso, porque, afôra outras considerações, teríamos versos do Crespo para o n.º 2 da 4.ª série da *Folha*, que estava retardado por falta de original. A *Folha* era um periódico literário, que nós redigimos por alguns anos, com João Penha, Junqueiro, Simões Dias, Frederico Laranjo, e outros.

Gonçalves Crespo, que, pela mais extraordinária das modéstias, nunca pôde convencêr-se da sua superioridade em relação a muitos, cuja opinião pedia, ergueu o manuscrito de cima de uma brochura ilustrada de Gauthier, e apresentou-m'o:

—Vê lá isso, e dize-me se serve para o jornal.

Era um sonêto que, a meu vêr, destoava essencialmente da nota vaga e fantasiosa dos demais versos do poeta: dir-se-ia que o sonhadôr das *Miniaturas*, ao vaguear pelas regiões incoercíveis da sua exuberante fantasia, teve de fixar a vista e o coração num ponto luminôso, que vinha orientar-lhe a vida.

Esse sonêto, conhece-o naturalmente Maria Amália Vaz de Carvalho, mas não appareceu nos livros do poeta, e por isso o reproduzo:

*Ignota Dea*

Voai, meus dias nêgros, tormentosos,  
ao raiar deste amôr, louco e selvagem!  
que eu vou subindo á cálida paragem,  
onde os beijos são anjos luminosos.

Amantes que sofreis nessa voragem  
que o Florentino viu, febris, anciosos,  
não me volvais os olhos piedosos,  
não me ennubleis a lânguida miragem.

Oh! como é doce uni-la contra o peito,  
leve, curvada em namorado geito,  
c ouvir-lhe a voz, que as sombras aclarára!

Morrêsse eu àmanhan, que a minha amada  
cairia sobre mim inanimada,  
tal como o pagem do sombrio Lara.

—Mas isto é uma revelação,—aventurei eu.—E tem sobrescrito,—conclui, pondo-lhe a mão no ombro, como se lhe estivesse lendo o coração.

—O sobrescrito é para a *Fólha*,—respondeu êle, com o seu sorriso característico;—e desta vez não dou só versos meus: tenho aqui uma poesia, o *Diário de Estela*, que a Maria Amália me enviou de Pintêus, e que eu desejo que saía com a minha na mesma página.

E, como se êle mudasse naturalmente de assunto:

—É verdade, recebi ontem o livro da Mariana. Se eu me demorar em agradecer-lh'ô, desculpa-me a ela.

Gonçalves Crespo referia-se aos *Murmúrios do Sado*, de uma poetisa setubalense, hoje falecida, Mariana Angélica de Andrade.

Por uma coincidência notável, duas mulheres de lètras, embora de mérito desigual, enviavam de longe, e ao mesmo tempo, os testemunhos da mais íntima dedicação a quem nunca tinham visto, mas a quem entreviam, com a dupla vista e o raro instinto daquêles espíritos de eleição, que na terra procuram quem os compreenda, quem lhes complete a existência.

Os dois focos, para onde convergiam simultaneamente os cariciosos esplendôres das duas *ignotas deus*, eram dois estudantes, dois amigos, que, mais ou menos merecidamente, haviam adquirido, no torneio das rimas, os affectos que nem sempre lograram os antigos cavaleiros andantes. . .

Alguns anos mais, e o destino dos dois amigos estava enlaçado com o destino que de longe lhes sorria. Pouco depois, houve uma inversão de coincidências; e êle, o Crespo,

mais feliz do que eu, não viu quebrado o encanto, em que o envolvia a felicidade do lar. A 15 de novembro de 1882, Gonçalves Crespo, dedicada e corajosamente, levava até o cemitério dos Prazêres a chave do caixão mortuário de Mariana Angélica de Andrade, que para sempre se despedia de mim, deixando-me duas crianças, que adoro, e dois livros, que, embora só para mim, valem tanto como os melhores poemas. Decorridos apenas alguns mêses, acompanhava eu ao cemitério Gonçalves Crespo, que também deixava duas crianças orfanadas, e dois livros de versos, mas dois livros que são duas auréolas.

Que tem porém com tudo isto o público, mórmente com o que me diz respeito? Nada, bem sei; mas não lhes dizia eu que, quando falo de Gonçalves Crespo, deixo ir a memória e o coração atrás das saudades de uma primavera que não volta? Estas puêrilidades, se o são, perdoa-as quem as compreende; aos que as não compreendem recomendo-lhes que leiam, em vêz de crônicas, duas dissertações sôbre o *adiamento*, ou sobre o *modo de propôr*, uma governamental e outra oposicionista. Não há nadâ mais claro: a gente vê tudo, convence-se, e comove-se até ás lágrimas.

Ia eu dizendo que o novo livro de Maria Amália Vaz de Carvalho desperta em mim o múltiplo sentimento da homenagem, do interesse e da saudade, e tenho em parte justificado a alegação.

É naturalíssimo o interesse que nos prende a tudo que se diga dos nossos contemporâneos mais ilustres e mais simpáticos, sobretudo quando fala uma mulher de altos predicados de observação e de crítica moral e estética.

Á parte a minhâ espontânea adesão a tudo que no livro se diz de Gonçalves Crespo, dévo confessar que tenho pelo melhor quadró da obra o que representa António Candido. É um quadro de mestre, em que os mais delicados cambiantes dão relêvo á fina compreensão de uma brilhante e complexa individualidade. Pelo que sei do original,—e já o conheço há vinte anos,—António Candido nunca teve fotografia mais exacta, nem mais perfeito intérprete. A sua organização nervosa e vibrátil, os seus generosos e amplos ideaes, as suas decepções na vida positiva, os seus misteriosos sofrimentos, a grandêza do seu coração, o prestígio da sua voz, tudo isto

resalta vivamente daquelas páginas, como de uma tela animada por pincel de artista genial.

A propósito dos *Sonetos* de Antero de Quental, Maria Amália esboça com firmêza a fisionomia literária dêste admirável demolidor, espírito enorme, que tem passado por todas as crises dos incompreendidos, acabando por se concentrar numa desalentada passividade budista. Nêste ponto, tenho ideias formadas; e, ao subscrevêr as homenagens que se devem ao talento excepcional de Antero, permito-me a dissidência de considerar como a sua melhor obra literária, não as *Odes Modernas*, nem as *Primaveras*, nem os *Sonetos*, mas simplesmente um pequeno e quase esquecido poëmeta, a *Beatrice*. Dada esta restrição, as palavras de Maria Amália Vaz de Carvalho á cêrca de Antero de Quental são, a meu vêr, um modêlo de critica judiciosa e sincera.

O mesmo deverá dizer-se do que lemos no livro, a respeito de Ramalho Ortigão e Teixeira de Queirós. Quem conhece o perfil literário, tão nobre como original, de Ramalho Ortigão; a extrema adaptabilidade da sua linguagem, sempre tersa e vibrante, nos mais diversos assuntos; a sua poderosa lente de observadôr exigente e frio, acha no livro a conscienciosa reprodução daquela simpática personalidade literária. Do autôr da *Comédia do Campo*, menos popular que o critico das *Farpas*, mas de largo fôlego para a arte do conto moderno, exhibe-se o ligeiro perfil, que nos dá a medida e as feições do nosso adorável contista.

A última parte do livro, consagrada a Feuillet, aos Goncourts e á Sand, é constituída por vários estudos de critica literária, e ministra proveitosa lição aos que menos conhecem as evoluções literárias dos últimos cincoenta annos. O estudo sôbre a correspondência de George Sand é tão curioso como instrutivo; e, se não vale a reabilitação moral da mais célebre escritora francêsa, é um articulado de atenuantes provadas, que cái, como um ramo de olorosas e castas violêtas, sôbre a campa daquela extraordinária mulher.

Como vêem, *Alguns homens do meu tempo* é um livro tentadôr. Inútil é pois que a autora nos diga que escreve para sêr lida exclusivamente por mulheres. Bem sei que êsse propósito não seria modesto num homem, mas nêste caso é tão modesto como inútil. O livro há de sêr lido por homens

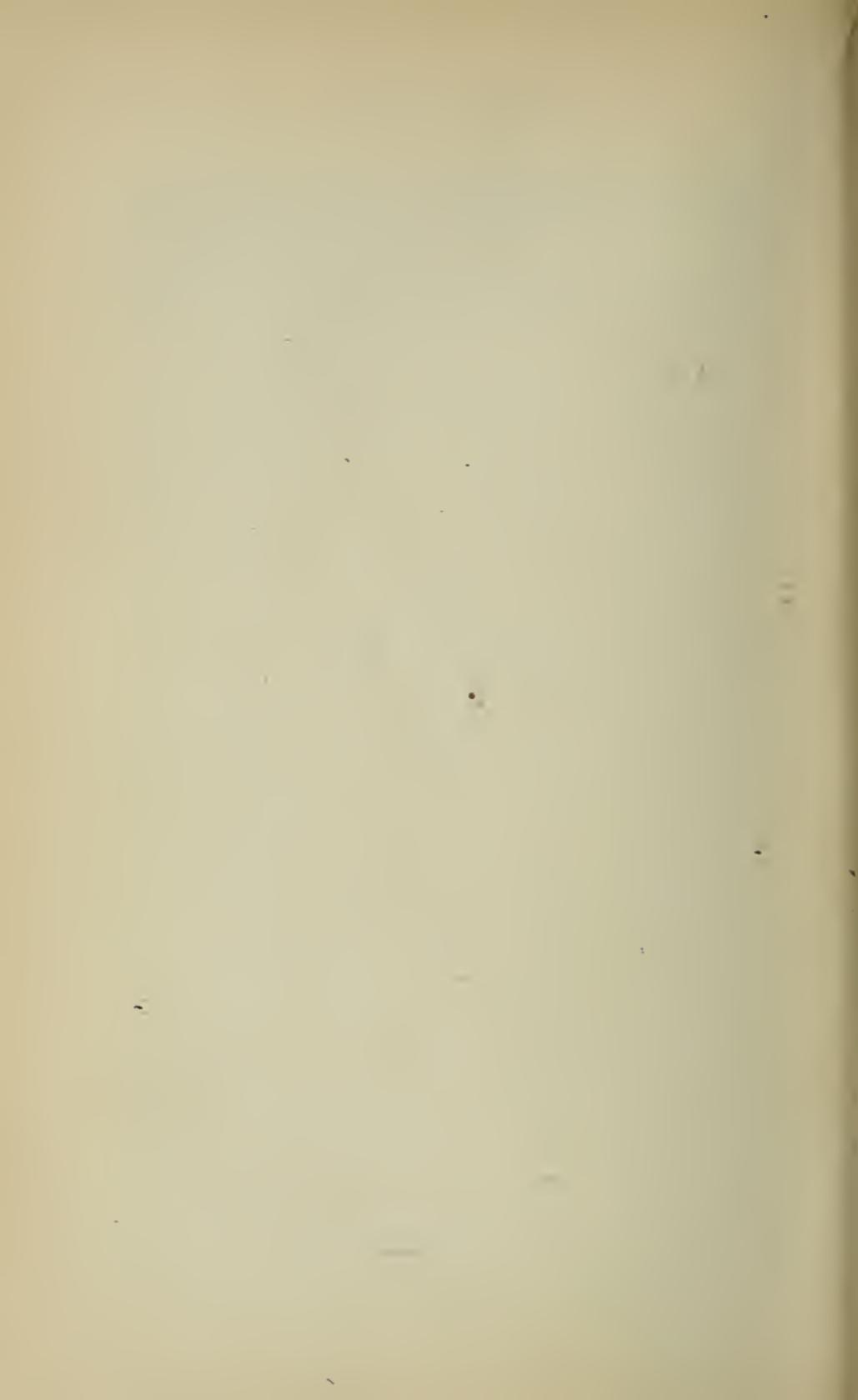
e mulheres, e apenas será para lastimar que não vingue em frutos a larga sementeira, que a autôra faz, de conceitos salutareos e saníssimos exemplos. Éle há tantos paladares para frutos ruins e pêcos!

Mas, a quem semeou o bem, sempre a justiça pagou a fêria.

XVII

BARBOSA LEÃO

(1888)



## Barbosa Leão

(1888)



IMPrensa noticiosa fêz, há poucos dias, e em curtas frases, o necrológio do dr. José Barbosa Leão, cirurgião do exército, ex-deputado, e antigo secretário geral do govêrno de Angola. Em homenagem á justiça, registou-se que o dr. Barbosa Leão fôra homem de bem, e funcionário zeloso.

E nada mais, ou pouco mais. Nem tanto esperaria o homem desambiciôso, que em vida passara desconhecido de uns, mal apreciado por outros e ridicularizado por muitos.

Entretanto, é de justiça confessar que se finou uma das mais acentuadas e simpáticas individualidades do nosso tempo. Numa época, em que os interesses materiaes de toda a ordem avassalam os espíritos, ainda dos de maior elevação intellectual; numa época, em que os nossos progressos intellectuaes e moraes seguem, relativamente ás demais nações, o caminho das ovêlhas de Panurgo, que não é precisamente o velho *caminho coimbrão*, ou o *chemin des ânes*; numa época, em que as individualidades memoráveis surgem apenas do campo do crime, ou das encruzilhadas da baixa política: faz bem ao espírito medir a altura de um insubmisso, de um revoltado, que sem amôr ás próprias conveniências, nem respeito ás opiniões geraes, sacrifica a uma ideia o descanso da sua vida, os seus havêres, e as fáceis gloriolas que poderia conquistar á sombra da opinião, em caminhos trilhados...

Porque Barbosa Leão foi realmente um revoltado: as academias, os sábios, os literatos, os jornalistas, desfilarão diante d'êlê, desfaldando a signa da autoridade, e apontando ironicamente ás turbas o visionário da *sónica*; e o visionário não se curvou; tinha alguma coisa da energia de Galileu; e até á última hora, a vida foi-lhe um combate, inglório e estéril talvez, mas combate por uma ideia, que para êle sintetizava um alto serviço e um grande melhoramento para a língua e para a literatura do seu país.

A sua causa foi julgada pueril pela maioria dos que o comprehendêram. Os que o não comprehendêram, discutiram-n'o em duas linhas, ou riram-se d'êle.

Pelo que deixo dito, não vá inferir-se que a *sónica* pôde contar em mim um adepto, entendendo-se por *sónica* o sistema ortográfico de Barbosa Leão, com as bases em que êle o estabeleceu.

Barbosa Leão viu,—como todos que têm olhos para vêr,—que em Portugal não há ortografia definida; que cada um escreve como entende, tornando cada vêz a língua mais difficil para a aprendizagem; que predomina a etimologia, com exigências inexequíveis e contradições palpáveis; que Portugal é a única nação europeia sem ortografia unilorme, e que, sendo novilatina a lingua portugueza, muito lucraria esta, seguindo os processos das suas irmans, a espanhola e a italiana; mas, exagerado como todos os fanáticos, atendeu sobretudo ao fim, descurando o *princípio* e os *meios*: e o seu sistema, originado nas melhores intenções e num intuito profundamente racional, têve o gravíssimo inconveniente de... começar pelo *fim*.

Estabelecendo, como princípio, que *deve escrever-se como se fala*, e sabendo êle que se fala diversamente, de provincia para provincia, e até de homem para homem, ainda nos centros mais cultos, o seu primeiro passo deveria sêr procurar a fixação da prosódia portugueza, conformando depois com ella um sistema racional de ortografia.

Em meio da nossas anarquia prosódica, sem se havêr competentemente determinado qual a melhor de entre as fórmulas duplas e tríplexes, que se observam na pronúncia e na escrita de muitas palavras portuguezas, seria baldado o empenho em fixar para a ortografia um sistema fonético, uniforme.

Por outro lado, para *simplificar e uniformizar a ortografia* portugêsa, aproximando-a, nos seus processos, da simples e racional ortografia espanhola e italiana, não me parece indispensável partir inteiramente as nossas tradições morfológicas: bastaria introduzir na ortografia portugêsa três ou quatro preceitos novos; novos para o uso geral, mas velhos na história da nossa lingua. Na essencia, êsses preceitos reduzir-se-iam a:

1.º evitar a duplicação de consoantes inúteis á pronúncia;  
 2.º evitar o emprego do *ch* quando tem o valor de *k* e substitui-lo por *c* e *qu* (*corografia, química...*);

3.º dispensar o *ph* com o valor de *f*, o *y* grego, o *th*, o *rh*.  
 E assim, escreveríamos simplesmente *filosofia* e não *philosophia*, *corografia* e *arqueologia* em vêz de *chorographia* e *archeologia*, *teatro* e *tipógrafo* em vez de *theatro* e *typographo*, *inocente* e *janela* em vez de *innocente* e *janella...*

Com isto, e pouco mais, aproximar-nos-íamos da uniformidade na escrita, e dariamos á nossa ortografia a simplicidade necessária para que a nossa lingua deixasse de sêr uma das mais difíceis e menos sabidas da Europa.

No estado actual, em que os próprios compêndios de gramática aumentam a confusão, porque dizem, por exemplo, *augmentão, fazião, reinárão*, contra o uso geral de escrevêr, as crianças, as mulheres, os estrangeiros, e todos os indivíduos sem largas preparações filológicas, terão nas nossas subtilêzas e variedades ortográficas amplo motivo de desamôr ao estudo da lingua.

Acham porém tão pequenina a emprêsa os pontífices literários, e os que podiam dirigir a opinião no sentido da *simplificação e uniformidade* ortográfica, que, muito provavelmente, continuaremos a lêr *filósofo* em Castilho, *philosopho* em Latino, *filosopho* em Camillo, *tysica* nêste, *phtysica* naquêlle, *tísica* naquêle outro.

Se a belêza está na variedade, nada mais belo. Outros dirão que é triste, e talvez deplorável.

O romantismo, que partiu os moldes elássicos, para varar em novos moldes as concepções do belo, trouxe-nos, na bagagem dos seus exagêros e dos seus arrebiques de fórma, o prurido etimologista, o uso e o abuso de fórmulas inúteis, o luxo improficuo de um ortografia pseudo-cientifica.

O naturalismo, embora seja apenas uma modalidade do romantismo, representa uma reacção progressiva e necessária contra as convenções e as fórmulas românticas. Não será pois licito esperar da reacção naturalista, que se vai alargando, embora a não hajam nitidamente definido ainda, o retoque das fórmulas ortográficas, de envolta com a substituição das fórmulas que vão passando para a historia?

Não se estranhe a apelação para os homens novos e para os escritôres de amanhã: os que praticaram, durante longos anos, determinadas fórmulas de escrita, os que ligaram o seu nome, mais ou menos laureado, a obras em que avultavam essas fórmulas, não tomarão certamente a iniciativa numa renovação que lhes contraria as práticas.

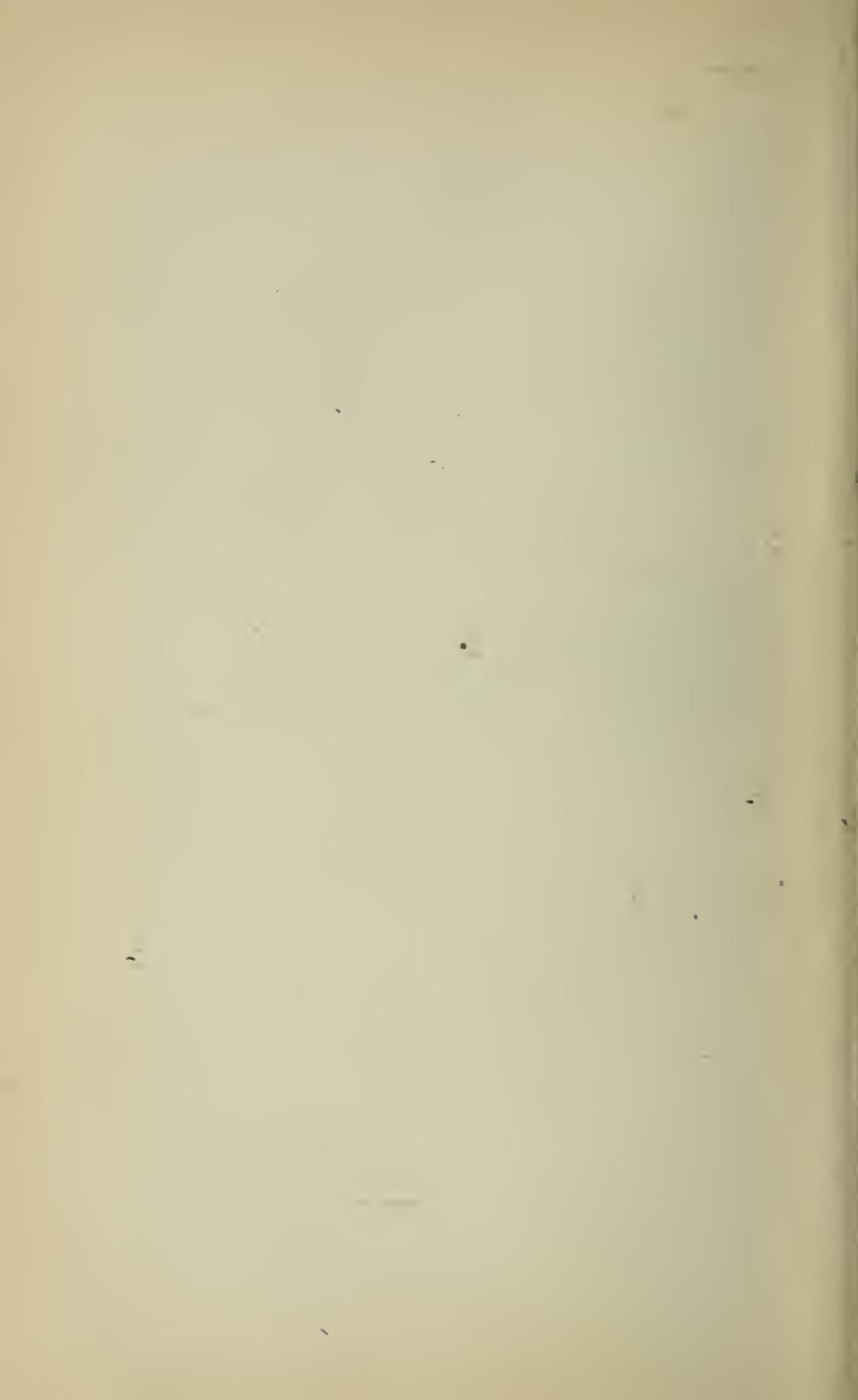
E, contudo, assuntos há que, menos merecidamente, prendem a atenção de todos os que escrevem.

Por isso Barbosa Leão, que para os cronistas de hoje seria talvez um benemérito, se não fosse um intransigente, representa para mim uma individualidade arrojada e simpática, que foi além do que podia e devia, mas que prendeu o seu nome á evidente necessidade de uma transformação, que, modificando a arte de escrevêr, interessa vivamente á vulgarização e aos créditos da lingua portugûsa.

XVIII

D. VICENTE RIVA PALÁCIO

(1886)



## XVIII

### D. Vicente Riva Palácio

(1886)



Em Portugal, sabe-se vagamente que há na América um país conquistado por Hernan Cortés em tempo de Carlos V; que esse país, o México, se tornou independente da Espanha; que lutou corajosamente contra a intervenção de Napoleão III na vida política daquêle Estado; mas pouco ou nada se sabe da sua brilhante situação actual, económica, política e social;

e dos homens que mais honram Mexico, no campo das sciências, das artes e da politica, raramente ouvimos pronunciar o nome, quando eventualmente erguemos a vista do nosso escasso movimento social e politico para as nações que mais se adeantam no caminho da civilização.

Para comprovar êste asserto, bastará dizêr que é novidade talvez o afirmarmos que um dos primeiros homens da América moderna, o homem público que mais simpatias tem grangeado na república mexicana, a mais caracterizada individualidade literária, politica e militar do México contemporâneo é D. Vicente *Riva Palácio*. O seu nome pertence já á história geral, e dêle encontramos ampla notícia entre os mais autorizados biógrafos do velho e do novo mundo. Para não multiplicar citações, registre-se que, em 1876, quando

ainda não haviam aparecido os seus mais importantes trabalhos literários e históricos, já d'êlle dizia o *Diccionario Biográfico Americano*, publicado em Paris:

—«Como general do exército, é generoso; como magistrado, foi dos mais íntegros; como jornalista, é um estrênuo defensor da lei; como literato, é romancista fecundo e poeta inspirado.» —

O general Riva Palácio nasceu na cidade do México, a 16 de outubro de 1832. Seu pai, D. Mariano Riva Palácio, fôra um abalizado-jurisconsulto, deputado, senador e presidente do supremo tribunal de justiça; e sua mãe, D. Dolores Guerrero, era filha do valente general D. Vicente Guerrero, um dos heróis da primeira guerra da independência do México.

Educado no Colégio Superior de San-Gregório, onde exibiu desde logo inequívocas provas de extraordinário talento, recebeu em 1854 o gráu de licenciado em Direito. Em 1855, já fazia parte do Conselho Municipal do México, iniciando desde então a sua carreira política, e elevando-se sucessivamente á presidência daquêlle conselho e ás cadeiras do parlamento.

Rebentando a guerra da intervenção francêsa em 1862, Riva Palácio recrutou e organizou á sua custa um batalhão, á frente do qual prestou ao México relevantísimos serviços, que ficaram para sempre registados nos anaes gloriosos daquêlle país. Foi êle que, em 1866, deu a célebre batalha de *Madalena*, que naquela guerra foi a mais gloriosa para os patriotas mexicanos; e foi a êle que o imperadôr Maximiliano, depois de prisioneiro, se apresentou, sendo recebido com tanta deferência e cortesia, que o general Riva Palácio ainda hoje conserva como relíquia o cavallo de batalha, com que o brindou agradecido o desgraçado imperadôr.

Foi também a êle que Maximiliano confiou a sua espada, e, com seu pai, que foi o mais constante defensor do imperadôr, acompanhou até á última hora o desgraçado príncipe.

Depois da sua entrada triunfal na cidade do México, repellido a intervenção, e assegurada a independência da república, o general Riva Palácio renunciou bizarramente o comando das suas tropas e o govêrno de um Estado da União,

voltando modestamente á vida particular. Note-se de passagem que, durante a sua vida militar, nunca fruiu o seu soldo, porque o distribuía generosamente pelas suas tropas, como tem distribuído por estabelecimentos de beneficência os proventos dos altos cargos públicos, a que tem subido.

Retirado embora á vida particular, a pátria não se esqueceu dos serviços do gloriôso patriota, e vários Estados da União mexicana lhe conferiram as mais elevadas distinções.

Foi candidato á presidência da república. Militar, advogado, poeta, romancista, historiador, Riva Palácio é uma individualidade realmente notabilíssima

Em 1876, foi nomeado Ministro das Obras Públicas, occupou essa pasta até 1879, e, no desempenho de tão elevado cargo, correspondeu exuberantemente ao seu renome de militar, jurisconsulto e escritor. A monumental *História geral dos homens de guerra*, que se está publicando em Genebra, afirma que ninguém antes dêle deu tamanho impulso àquêle Ministério, nem dedicou mais zêlo ao lustre e á prosperidade do México. A *Ilustración española y americana*, de 22 de Setembro de 1878, assinala, entre os serviços de Riva Palácio, como Ministro das Obras Públicas, a criação de um observatório meteorológico central no Palácio Nacional, e de um observatório astronómico em Chapultepec; a construção de muitos caminhos de ferro; a abertura de canaes para viação fluvial; a fundação das repartições de cartografia e de estatística, etc., etc.

O grande desenvolvimento material, operado no México desde 1877, sobretudo em viação pública, é certamente devido aos méritos e esforços de Riva Palácio; e se a América e o mundo começam a conhecêr e a admirar aquella simpática república, é principalmente porque os brilhantes escritos de Riva Palácio têm feito convergir as atenções geraes para a moderna vida social, política e literária da União mexicana.

Em Riva Palácio efectivamente, as qualidades do escritor igualam, se não excedem, as suas qualidades políticas e militares.

Além de jornalista de primeira plana, o general Riva Palácio é dramaturgo, romancista, poeta e historiador.

Os seus versos, de uma delicadêza e sensibilidade extraordinárias, tornaram-se popularíssimos no México, e são

reproduzidos entusiasticamente na imprensa de todos os povos da raça espanhola.

São de Riva Palácio os seguintes romances: *Monja y casada*, episodio da Inquisição do México; *Calvário e Tabor*, que é um brilhante quadro histórico do profundo patriotismo e da coragem heroica dos mexicanos no tempo da desastrosa intervenção franceza; *Los piratas del golfo*, *Lendas de México* e muitos outros.

Há pouco tempo ainda, publicou também *Los Ceros*, uma curiosa e esplêndida galeria de perfis e esbôços literários dos mais notáveis escritôres mexicanos, exuberante de erudição, de urbanidade e de humorismo.

Mas o que certamente vai universalizar o renome de Riva Palácio é a obra monumental, de grande formato, *México através de los siglos*, que, debaixo da sua direcção, se está publicando em Barcelona, a concluir-se em cinco volumes, luxuosamente impressos, e enriquecidos com muitas e primorosas gravuras.

Estes volumes fôram já apresentados á Academia Real das Sciências de Lisbôa, como título de candidatura a sócio correspondente. O general Riva Palácio, que já faz parte das mais doutas corporações da América, receberá sem dúvida em Portugal, no seio da Academia das Sciências, mais uma consagração dos seus elevados méritos: a inscrição do seu nome entre os membros da Academia é uma honra para ela, e uma homenagem merecidíssima ao primeiro homem de lêtras, não só da república mexicana, mas de toda a América da raça latina.

\*

Estavam já escritas as linhas precedentes, quando tivemos a satisfação de sabêr que o Govêrno mexicano nomeou Riva Palácio Ministro plenipotenciário do México em Espanha e Portugal. Veremos pois entre nós aquêle notabilissimo vulto, como representante da grande e simpática república, cujo presidente, D. Porfirio Díaz, o heroico militar das grandes campanhas mexicanas, elevado pela segunda vêz á primeira magistratura da nação, dedica ao general Riva Palácio o mais vivo affecto. São dois irmãos, pela sua intimidade e pela grandêza e patriotismo dos seus feitos; e são os dois filhos mais dilectos daquela fecunda república.

Para fotografar a índole literária do simpático escritor, bastaria citar o seguinte episódio:

Em 1873, um periódico do México, o *Imparcial*, publicava aos domingos uma secção literária, em que apareciam quase sempre canções e romances em verso, firmados por um nome feminino, que desde logo se tornou celebre: Rosa Espino.

O público e a imprensa de México reconheceram na poetisa um talento excepcional; os periódicos nacionaes e estrangeiros transcreviam aquêles versos admiráveis; as sociedades literárias conferiam honrosos diplomas á poetisa, que todos aplaudiam e que ninguém conhecia, encarregando-se por isso o directôr do dito jornal de lhe enviar os respectivos diplomas; e numa sessão solene do *Liceo Hidalgo*, o presidente, apreciando largamente a poesia dulcíssima de Rosa Espino, dizia para um dos assistentes, Riva Palácio, que um homem nunca poderia fazer daquêles versos, porque só uma mulher, e uma mulher virgem, teria coração e alma para tão extraordinária e atraente sensibilidade.

Só anos depois é que se soube que Rosa Espino era... o general Riva Palácio.

---

## Déz annos depois

(1896)

Se Pinheiro Chagas<sup>1</sup> estivesse ainda entre nós, seria certamente a sua pena a que, nesta hora, se não mais cêdo, traçaria o elogio póstumo do preclaríssimo escritor e diplomata mexicano, que recentemente se finou em Madrid.

Pinheiro Chagas tinha por êle, como quantos conheciam os méritos excepcionaes do illustre extinto, a mais affectiva admiração; e foi sobre proposta sua que, em 1886, a Acade-

---

<sup>1</sup> Este artigo foi publicado em 6 de Janeiro de 1896 no *Correio da Manhã*, de que fôra fundadôr e redactôr Pinheiro Chagas.

mia Real das Sciências de Lisboa, inscreveu na relação dos seus membros o nome de Riva Palácio. A candidatura foi justificada apenas, e de sobra, pela obra monumental *México através de los siglos*.

Mas o general Riva Palácio não era simplesmente um notável historiador,—o que já não seria vulgar;—era um poeta de primeira ordem, e muitos o consideraram o primeiro homem de letras da moderna América latina.

Dos seus livros de versos, bastará reproduzir um soneto, *El Escorial*, para se entrever a possante envergadura do poeta:

*Resuena en el mármoleo pavimento  
Del medroso viagero la pisada;  
Y repite la bóveda elevada  
El gemido tristísimo del viento.*

*En la História se lanza el pensamiento,  
Vive la vida de la edad pasada,  
Y se agita en el alma conlurbada  
Supersticioso y vago sentimiento.*

*Palpita aqui el recuerdo, que aqui en vano,  
Contra su própria hiel, buscó un abrigo,  
Esclavo de si mismo, un soberano,*

*Que la vida cruzó sin un amigo,  
Águila que vivió como un gusano,  
Monarca que murió como un mendigo.*

Acrescente-se porém que o historiador e poeta era também dramaturgo, romancista e criticó. Citam-se dêle, com o maior encarecimento, vários romances históricos; e tenho á vista o seu volume dos *Ceros*, galeria critica e curiosíssima, em que desfilam deante de nós, magistralmente contornadas, as figuras preponderantes do moderno México literário: Justo Sierra, Manuel Payno, Guillermo Prieto, Luis Malanco, Francisco Sosa, e tantos outros.

Comprendo porém que estou citando nomes, pouco menos que desconhecidos em nossa terra. E contudo os mexicanos falam uma lingua irman da nossa; a sua civilização, não obstante os terrôres e os crimes com que a Espanha fêz caminho pêlo nôvo mundo, partiu da nossa península; e, se não estou em êrro, mais nos valeria o familiarizar-

nos com a literatura peninsular e com as que dela procedem, do que recortarmos os nossos livros e a nossa linguagem sôbre vistosos figurinos, que nos chêgam cada hora de além dos Pirenéus.

Espronceda, Zorrilla, Nuñez de Arce, Manuel del Palacio, Echegaray, Campoamor, são mais bem nossos que Baudelaire, Richepin e Belot. Acresce que a língua de Campoamor é falada na maior parte da América central e meridional, e que lá também a literatura, especialmente a poesia, tem direito ao nosso estudo e particular aprêço: — A Bolívia aponta-nos, com justificado desvanecimento, o seu querido poeta Eloi Escobar; o Peru tem poetas como Francisco Pardo; o Chile orgulha-se de ser pátria de Ramon Hernandez, o cantôr de *Bolívar*, e tem, a defrontar com Hoffman e Pöe, o nome de Liborio Brieba, o cantôr dos fantásticos *Talaveras*; na rêpublica Argentina, podemos admirar o melodiôso Echeverria; no Uruguai, Rivara Indarte; no Equadôr, Sales Pérez; na Colombia, Sanchez Pesquera; em Venezuela, Gistiaga; no México... bastar-nos-ia o nome de Riva Palácio, para reconhecermos ali uma vigorosa literatura, indemne ainda da malária, de que têm enfermado as literaturas europeias.

Tivemos Riva Palácio em Lisbôa, durante alguns dias apenas, mas os bastantes para sentirmos que êle, por considerações de pura diplomacia, fôsse residir em Madrid, em vêz de ficar em Lisboa, de cujas belêzas naturaes, môrmente da nossa esplêndida baía, êle era entusiástico apologista.

Riva Palácio completára apenas 64 anos; e a sua robusta organização mal deixava recear o seu próximo passamento.

Quando o telégrafo levou ao México a triste nova do inesperado falecimento de Riva Palácio, o parlamento encerrou as suas sessões, depois de decretar que os restos do grande cidadão sejam transportados para a América e descansem no panteão mexicano, ao lado do heroico Juárez.

Os estadistas que, como Porfírio Díaz, que há pouco foi reeleito, pela quarta vêz, presidente da rêpublica, têm consagrado a vida ao fomento moral e material da sua terra; os diplomatas que, como Mariscal, têm relacionado nobremente o México com as nações mais cultas do mundo; os homens de lêtras, como Altamirano, Vigil, Mateos, Contreras e Prieto; os grandes patriotas que, como o general Porfírio, dei-

xaram uma parcela do seu sangue nas temerosas lutas da independência; tôdos os que amam o México e os que mais dedicadamente têm promovido a sua prosperidade e grandêza, terão sentido profundamente, a esta hora, a irremediável ausência do seu infatigável cooperadôr.

Daqui a pouco, quando o cadáver de Riva Palácio cruzar o Oceano, dêsde Barcelona a Vera-Cruz, Portugal deverá reconhecêr que, além da sua costa, vão passando os restos da mais prestigiosa personagem que o novo mundo tem mandado ao velho continente; e a musa de Riva Palácio, acompanhando e velando a urna funerária através das solidões pelágicas, irá murmurando :

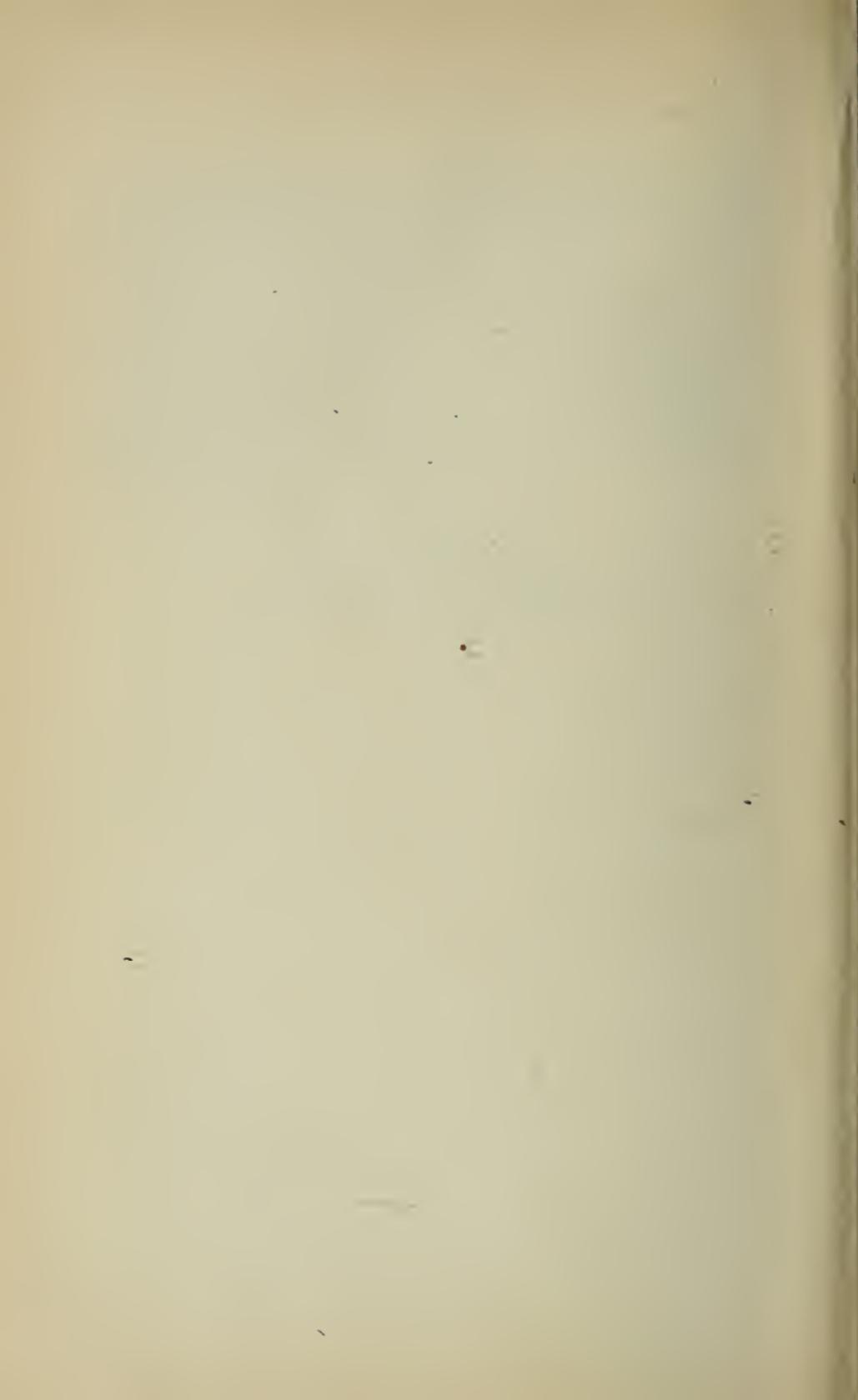
*Terrible es aquella calma,  
Pavoroso aquel silencio,  
Que sólo el mar interrumpe  
Con su monótono estruendo.*

---

XIX

ALFREDO DA CUNHA

(1898)



## XIX

### Alfredo da Cunha

(1898)

---



'UMA lei económica—que o valôr das coisas aumenta na proporção da procura.

Ampliando-a, de coisas a pessoas, nem por isso é menos exacta.

Donde eu concluo, com licença de Bastiat, que a personalidade de Alfredo da Cunha tem incontestável e elevado valôr, visto como, no curto espaço de alguns mêses, nada menos de três Revistas literárias *procuram* aquêlê meu estimável confrade em lêtras, para, com a effigie dêle, se illustrarem e se recomendarem ao público ledôr.

Mas, como não há regra sem excepção, succede que, ao mesmo tempo, e sem que uma soubesse da outra, duas daquelas Revistas me *procuram*, para que eu emoldure com alguns traços o retrato de Alfredo da Cunha.

É claro que, neste caso, a *procura* não mostra o valôr da mercadoria. . . Mostra, apenas, que os *consumidôres*, desejando prestar homenagem a quem muitas merece, quizeram que o ensambladôr da moldura fôsse pessoa que os acompanhasse na sinceridade e affectividade dos intuitos, e fizeram-me a mercè de julgar que não encontrariam outrem, que mais dedicadamente os acompanhasse nos seus preitos a Alfredo da Cunha.

Explicada assim a *procura*, dêvo declarar que os meus amigos não podiam fazêr outra mais desacertada, porque, á parte a cordialidade dos meus sentimentos, não me sobra tempo para obras de devoção e, ainda que sobrasse, não reconhêço em mim vocação nem préstimo para plutarco de cidadãos illustres.

Sei porém que me relevam a rusticidade da tôasca moldura, porque, embora o inferno esteja cheio de boas intenções, ainda há algumas que sobredoiram legitimamente a rudêza das fôrmas e o desalinho dos trajés. . .

\*

Evidentemente, não trato de uma apresentação: Alfredo da Cunha apresentou-se tão bem, que seria uma *gaucherie* imperdoável apresentá-lo eu aos ledôres do *Gil Brás*<sup>1</sup>, que provavelmente me conhecerão menos do que a êle.

Tem-se apenas em mira uma homenagem, pêla gravura e pêla tipografia.

A gravura diz aquilo, —o que se vê; a tipografia deveria dizêr o resto, —o que se não vê.

Por trás daquêle perfil correcto e sereno, não se vê, mas sente-se, o equilibrio e as justas proporções de uma constituição moral, que não conhece a febre da ambição, nem a convulsão de um remordimento, nem a impertinencia da vaidade, nem o retraimento do egoista; e, por trás daquelas lunêtas de míope, descerram-se os olhos, que vêem mais pâra dentro que pâra fóra, retraídos pelo espirito da reflexão.

Mas, afóra isso, mais nada. É preciso que a gente se abeire do original, para entrevêr os lineamentos de um carácter de oiro, retemperado nas fráguas do estudo e do trabalho, e suavemente dulcificado pelo estilicídio da imaginação e da poésia.

Porque, bem sabem, o grave jornalista, o empresário, o advogado, não resiste á tentação de roubar algumas horas aos labôres dos autos, das cifras e do noticiário; e, nessas

---

<sup>1</sup> Revista literária, em que se publicou o presente artigo.

horas, *procul negotiis, ut prisca gens mortalium*, monta no Pégaso, sobe o Parnaso, o Helicônio e o Pindo, e tem por lá suavíssimas práticas com as auricomadas deusas que Apolo comanda.

E gostam dêle, as endiabradas musas: animam-no, estimam-se com êle á sombra dos loireiros e á beira do Permesseo e da Castália, dão-lhe água de Hipocrene, e dizem-lhe segrêdos, que êle depois nos vem revelar,—o indiscreto!—nas *Endeixas e Madrigaes*, na *Magdalena de Vilhena*, no *Conto do Natal*...

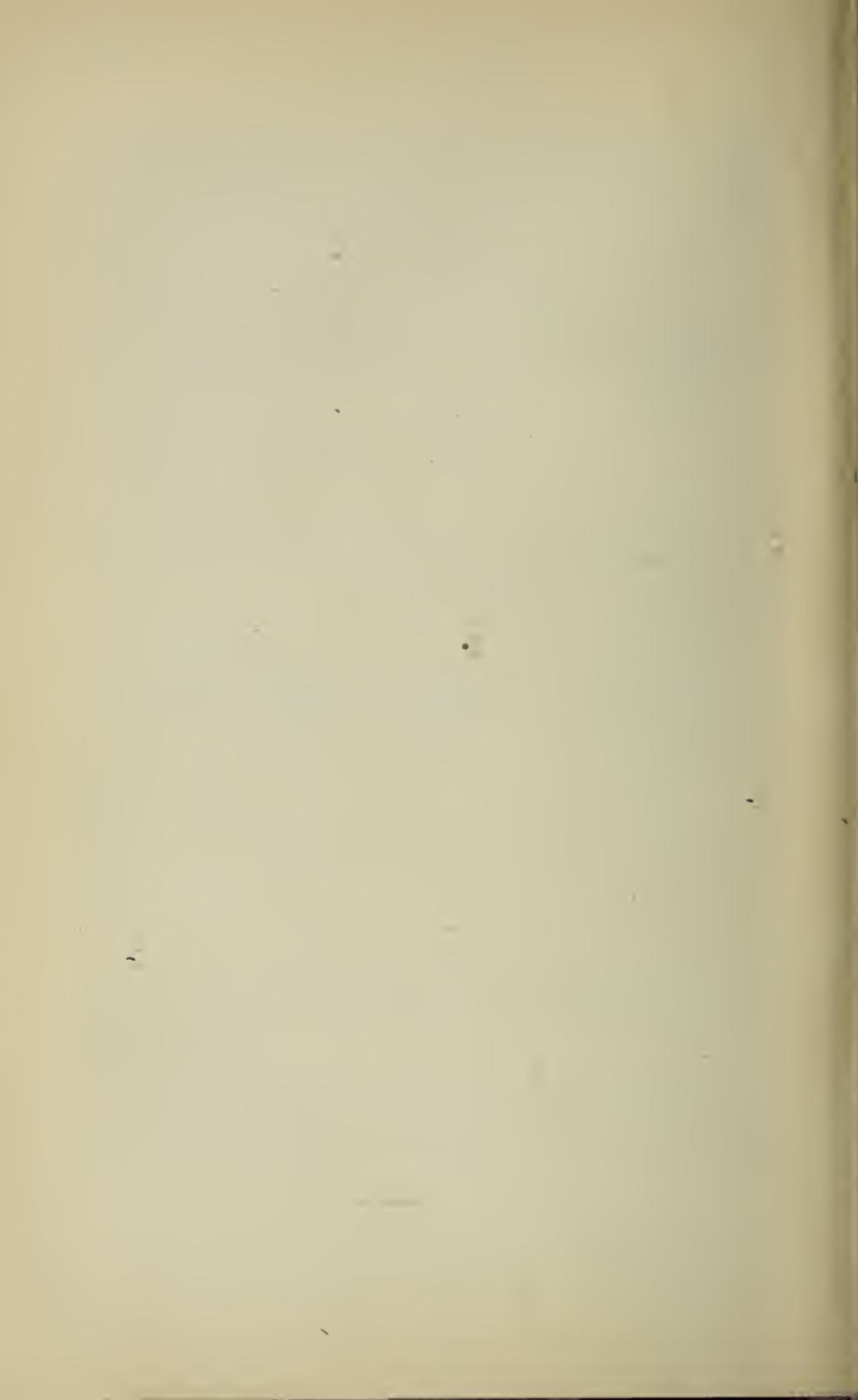
Quando desce do Parnaso, pede a uma das nove irmans, á Erato, que lhe tome conta das corôas de rosas e loiros e lh'as guarde entre os salgueiros do Permesseo, até á primavera seguinte.

E vai para o *Diário de Noticias* rimar os telegramas da Havas com as reformas do sr. José Luciano, e as contas dos tipógrafos com os calotes dos assinantes.

Se as musas o soubessem!

Mas nem elas sabem que êle lhes é infiel, nem a gente de negócios adivinha que êle passou a manhan no Parnaso.

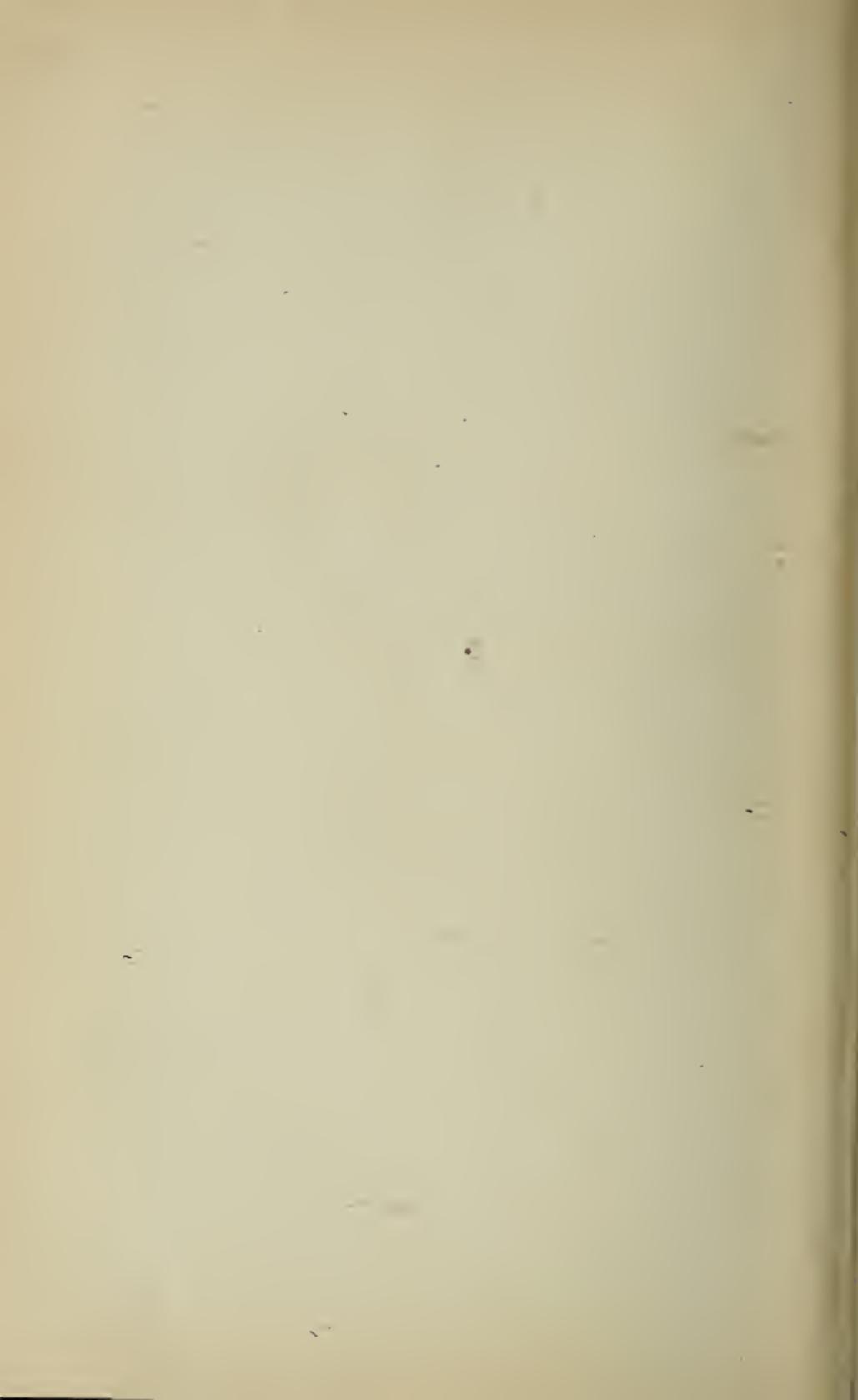
E, por isso, todos lhe querem bem, porque o seu talento é para muito, como o seu coração é para todos.



XX

MANUEL DE MELO

(1889)



## Manuel de Melo

(1889)



Um livro, publicado agora no Rio-de-Janeiro, veio revelar-me que, nos registos literários e científicos do nosso país, tem de se inscrever mais um nome, que passou quase despercebido entre nós, mas que representa um monumento de crítica e de largas e prestimosas investigações.

Poucos se lembram talvez do nome de Manuel de Melo. Este nome pronunciou-se um dia, há quinze anos, quando se travaram umas ligeiras pugnas entre o sr. Adolfo Coêlho e o falecido bibliografo Inocencio Francisco da Silva.

Depois disso, só ouvi falar de Manuel de Melo quando, alguns jornaes annunciaram, em 1884, que êle falecêra em Milão

Manuel de Melo pertencia á conhecida familia aveirense dos Silvas Melos Guimarães. Praticára o comércio no Rio-de-Janeiro, e ali, á custa de um trabalho insano e de grandes dispêndios, fizera largos e profundos estudos á cêrca da moderna sciência de linguagem, nas suas relações com o idioma portuguez. Á mingua de subsídios nas bibliotecas brasileiras, Manuel de Melo adquiriu por sua conta o que na Europa havia de melhor em assuntos de linguística, dei-

xando por sua morte uma preciosa livraria, que, adquirida pelo *Gabinete português de leitura* por dezaseis contos de reis, é hoje uma das maiores riquêzas bibliográficas da colônia portugueza naquela nação.

Quando, em 1872, o sr. Adolfo Coêlho, com uma louvável audácia, procurava aclimatar entre nós alguns dos estudos filológicos, que já então nobilitavam a Alemanha e a Inglaterra, a fórmula e muitas vezes a doutrina dos seus estudos glotológicos suscitaram reparos e acendêram uma polémica, em que interveio Manuel de Melo.

A polémica esfriou, mas Manuel de Melo não abandonou o assunto; e, reforçando-se com a leitura dos grandes mestres, folheando milhares de livros e pergaminhos, e desenvolvendo admiravelmente as suas faculdades críticas, continuou a trabalhar na demolição do que êle supunha êrros científicos, e foi acumulando provas, e redigindo, através de dez anos, as mais eruditas memórias á cêrca da linguagem.

Cortou-lhe o passo a morte, quando a obra estava concluída quanto ao texto, mas incompleta quanto á disposição das numerosíssima notas. Dando agora a última demão a êste trabalho, o sr. Ramos Paz deu aso a que os herdeiros de Manuel de Melo pudessem brindar a sciência e a litteratura portugueza com um precioso volume, que se intitula—*Da glótica em Portugal*.

Manuel de Melo tomou para epigrafe dos seus trabalhos escritos aquelas palavras do grande Paulo Luis Courier:—*Os meus princípios são que, entre dois pontos, a linha recta é a mais curta; que o todo é maior que uma das suas partes. Creio tambem que dois e dois são quatro, mas não tenho a certêza; e, com a serenidade de um polemista superiôr, que se não arreda do campo estreme dos princípios para o terreno escorregadio das retaliações pessoaes, estriba-se no mais fino critério, abonado por minuciosas referências a todos os filólogos de autoridade inconcussa. E, a tal ponto amontôa provas deste género, que o único senão do livro é talvez o excesso de erudição, aliás evidente e profunda, que não simples erudição de catálogos. Esse desfilar dos patriarcas da linguística, através de longas páginas, a briga constante de diferentes e numerosas opiniões, prejudica um*

pouco a clarêza da exposição, e dificulta a vulgarização do seu magnífico livro. Nos domínios porém da crítica e da sciência, são aproveitáveis e valiosíssimos os reforços que o autor justapôs á sua doutrina.

O livro,—que não tem divisões, e pôde considerar-se um grande capítulo de 340 paginas, em 8.º grande e tipo 8, abrange principalmente a discussão das origens da lingua portugueza, a demonstração de que muitas páginas do sr. Adolfo Coêlho pertencem originariamente a diversos escriptôres estrangeiros, e alguns incidentes sôbre a forma de escrevêr dos germanistas portuguezes.

Acusado de exposição obscura, defeitos gramaticaes, durêza de períodos e outros deslises de fórma, o sr. Adolfo Coêlho respondêra que *não gasta o seu tempo em arredondar períodos, a consultar o dicionário de epitetos, a evitar-os pneumas que lhe saem dos bicos da pena, porque o ponto de vista sôb que trabalha é muito diverso* daquêle em que se collocaram os seus criticos.

Toda a gente sabe que o sr. Adolfo Coêlho é um homem laborioso e muito sabedôr das doutrinas que professa. Tenho por êle toda a consideração pessoal, e sinto devêras que a falta de saúde o haja afastado ultimamente da vida das lêtras. Mas quanto á sua fórma de escrevêr, estou de perfeito acôrdo com o malogrado escriptôr que o criticou.

Sobretudo para a vulgarização de uma sciência nova, a clarêza e a correcção da fórma são predicados imprescindíveis.

Desconhecêr, ou fingir que se desconhece a índole da lingua, tratar sobranceiramente as exigências sintácticas, fechar os ouvidos á eufonia para associar palavras que ofendem os mais triviaes princípios da harmonia e do bom gôsto literário, é indesculpável num escriptôr que se préza de o sêr, e sobretudo em quem por vontade e por officio contraiu o devêr de pugnar pelos direitos da boa linguagem.

O que se dá entre nós, confirma-se com os exemplos de fóra. Na Alemanha, onde a vida scientifica tem os seus mais gloriosos representantes, o estilo pesado e obscuro e o desleixo na composição dificultam a vulgarização das doutrinas scientificas de além-Reno; e, se ellas têm chegado até á América, deve-se em grande parte essa transplantação á

fórma fluente e clara dos vulgarizadores francèses. Principalmente nos povos meridionaes, menos propensos do que a raça germànica á concentração intellectual, os processos da arte de escrevêr têm uma singular e extraordinária influença no desenvolvimente intellectual.

As próprias sumidades alemans, para quem a arte de escrevêr não foi um mito, Herder, Ranke, Schopetros, acentuaram brilhantemente que a ideia nua, sem expressão, sem estilo, produz, quando muito, uma instrução superficial e árida.

A êste proposito, há no livro de Manuel de Melo observações e documentos, que seriam da mais proveitosa lição, nos tempos que vão correndo para a literatura nacional.

Mas a parte mais interessante da obra é a discussão amplíssima, e excepcionalmente erudita, das origens da língua. Não se descobrem ali horizontes novos; mas todas as hipóteses e teorias, que em todos os tempos se têm aventado sobre a genealogia do português, ressaltam no livro, comentadas, esclarecidas e luminosamente discutidas.

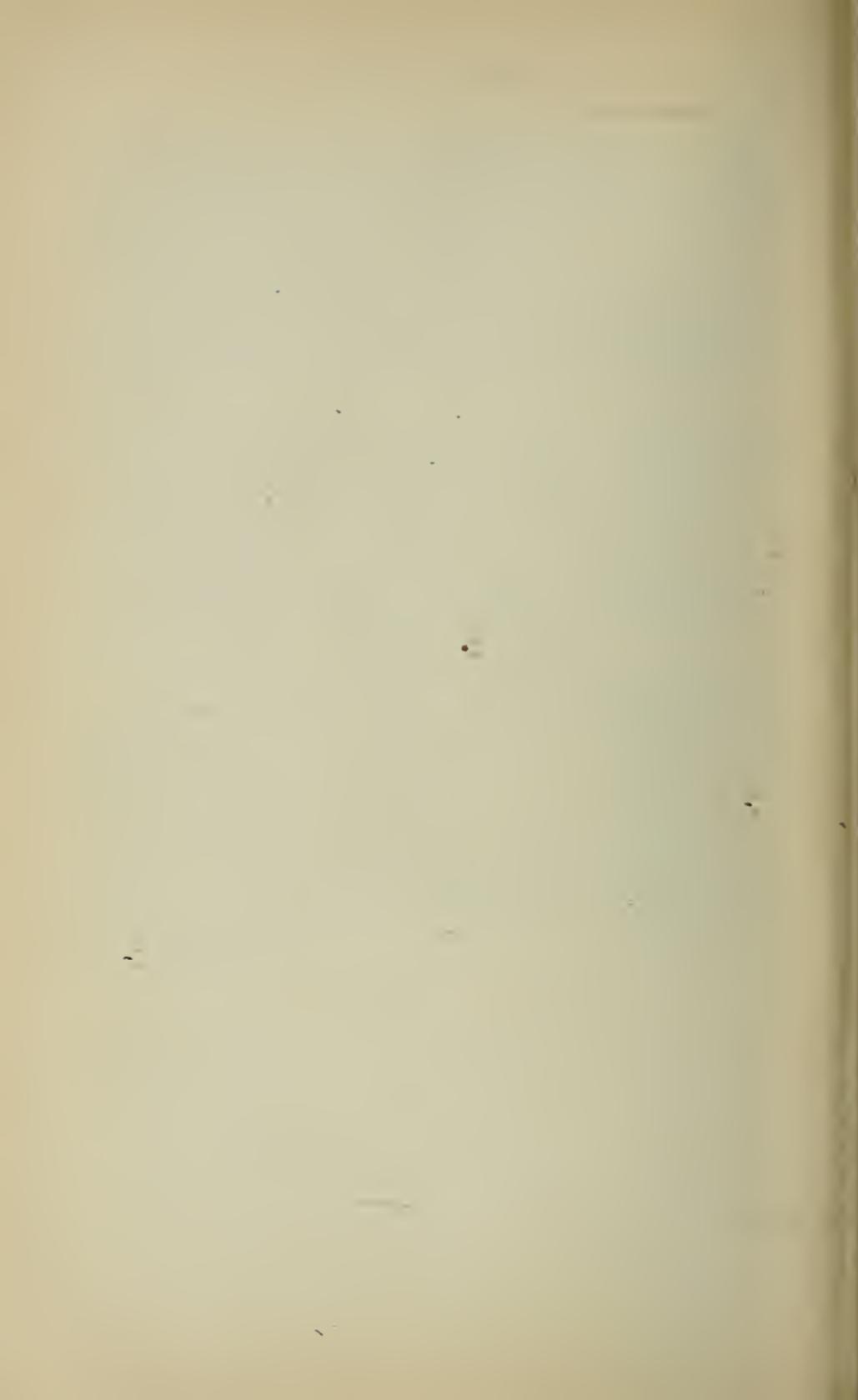
Esse confronto de origens e de transformações morfológicas mais me robustece na convicção do que, sendo possível o conhecimento de todas as origens de um vocabulário, é um contra-senso, é um luxo inútil, escrevermos a língua como ela se não lê. Reconhece isso há muito a Itália, a Espanha e a Roménia; mas a França, e Portugal por causa da França, continuam ainda a queimar incenso no altar de problemáticas etimologias, arrebicando a frase com o destemperado abuso dos *ph*, dos *y y*, das consoantas dobradas, e de outros aderços de pechi-beque, de que o sábio Verney, se cá voltasse, se havia de rir muito.

---

XXI -

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO

(1889)



## Alexandre da Conceição

(1889)



MORREU há poucos dias um revolucionário, que era um poeta romântico.

Hoje, compreende-se mal a aliança do romantismo com o espírito revolucionário. Há cinquenta anos porém, todos os românticos eram revolucionários. O romantismo foi já, de si, um revolução, que ex-

pungiu das letras o domínio clássico, desacatando os deuses do velho Olimpo, e atirando aos gusanos os preceitos literários de Quintiliano, Horácio, Boileau e Marmontel.

A poesia, inundada pelos fulgôres de um novo dia, sentiu-se forte, entusiasta e crente; colocou-se ao serviço dos mais generosos ideaes; preteriu as fórmulas empoeiradas pelos séculos, substituiu a convenção pela verdade; e deu ao sentimento mais força, mais vigor á ideia, maior horizonte ao belo.

Era isso a poesia romântica, quando os seus intérpretes se chamavam Byron, Schiller, Hugo, Espronceda, Garrett.

A transformação fôra radical; fêz-se grande dispêndio de intelligência e de estética; e, quando ainda não havia findado o terceiro quartel do século, o romantismo agonizava, de-

pauperado e anêmico, entre as últimas folhas dispersas de Lamartine, Leopardi, Larra, e Soares de Passos.

Eugenio Pelletan,—romântico êle próprio!—confundindo as fórmulas com o sentimento e a ideia, chegou a profetizar a morte da poësia; e, nêsse lance supremo, em que parecia antevêr-se o naufrágio da primeira das belas-artes, a alados-namorados da poësia fraccionou-sê em pelotões, arvorando cada qual a sua bandeira. Uns fizeram da poësia porta-voz de teorias filosóficas e sociológicas, mas reconheceram, a pouco trêcho, que a poësia lhes fugia espavorida, deixando-lhes na fuga umas pobres rimas, áridas e frias.

Outros singraram na esteira da *arte pela arte*, e burilaram preciosidades artísticas, em que a vida e a paixão cedem o lugar ao encanto musical e ao colorido das formas: são os parnasianos, é Leconte de Lisle, é Sully Prudhomme, é François Copée, é Gonçalves Crespo. Alguns levaram a musa pela mão através da naturêza e da vida real, democratizando-a no convívio de todos os factos, e adestrando-a na pintura desataviada e simples de todas as grandêzas e de todas as misérias: chamaram-se Baudelaire, Richepin, Cesário Vêrde. Outros, ainda, optaram por um moderado eclectismo, fizeram do sentimento um culto, orientaram-se pela belêza ideal e talharam a túnica da musa nos moldes da simplicidade e da nobrêza: bastará citar dois nomes,—Campanor e João de Deus. Alguns houve que . . .

Mas não é isto que eu queria escrevêr, ao traçar a primeira destas linhas. Simplesmente queria insinuar que um espírito revolucionário e uma alma romântica são antagonicos aparentemente e só aos olhos dos que indiscretamente julgam possível converter a poësia em instrumento servil de sistemas filosóficos. Compreende-se que Rouget de Lisle seja um verdadeiro poëta revolucionário, atirando a *Marselhêsa* ao encontro das hostes invasoras da pátria; que Mickiewicz, nos *Peregrinos Polacos*, vibre os clamôres de uma nacionalidade escrava; que Paulo Dêroulède dilate aos olhos do soldado os horizontes da liberdade e da pátria; que Guilherme Braga agite o látego da indignação contra os inimigos da luz. Não se compreende, porém, que a poësia resolva uma equação trigonométrica, ou estabelêça as verdadeiras divisórias entre Comte e Littré, ou encarêça as van-

tagens da dinamite no aluimento das velharias sociaes.

Concebe-se portanto, não obstante quaesquer preconceitos estéticos, que Alexandre da Conceição, um espirito revalicionário, fôsse um poeta romântico.

Quase todos os periódicos, que eu conhêço, sagraram a Alexandre da Conceição o respectivo necrológio.

Acentuaram uns que êle era um engenheiro distintissimo, directôr das Obras Públicas de um distrito; encarecêram outros os seus dotes de polemista, e lembraram a viva re-frega, em que êle terçou armas com o patriarca dos polemistas contemporâneos; aludiram alguns aos seus serviços democráticos e ao seu nobilíssimo carácter; mas, quanto ao poeta, se não omitiram quase todos essa qualidade do finado, referiram-na muito de leve, e houve até quem supusesse sêr êsse o seu mais insignificante título ás apologias da imprensa

Êste modo de vêr deriva principalmente da cronologia, e da facilidade com que nós, enlevados nas gloriolas do presente e nas celebridades do dia, desprendemos a vista e a memória dos que trabalharam antes de nós, por menos distantes que nos fiquem. Creio até que há muita gente de hem e de largos créditos na *Havanêsa* e no *Grémio*, que, se lhe pedissemos um escôrço da uossa historia literária nos últimos triunta anos, referir-se-ia um pouco a 1888 e 1889, relegando os factos dos anos anteriôres para a arqueologia prèhistorica.

E assim, ao morrer um poeta que ainda não atingira os cincoenta, mas cujas composições, na sua maioria, esmaltaram a imprensa há vinte e cinco anos, é fenomenal a citação dos versos dêle, porque fôram sons que passaram, e porque nós, absorvidos de preferênciã na leitura do que se escreve, raramente atentâmos naquillo que se escreveu

Alexandre da Conceição poetou principalmente na década de 1860 a 1870. Eu começava então a deletrear poetas, mas ficaram-me na memória muitas estrofes admiráveis do poeta das *Alvoradas*. Antes da publicação dêste livro, já a *Grinalda*, Revista portuense e cenáculo dos primeiros poetas daquêle tempo, havia tornado públicas muitas composições de Alexandre da Conceição.

A política democrática, o teodolito da sua profissão, os

cuidados da família e as lutas da vida afroixaram os laços que o prendiam ás musas, e, dentro em poucos anos, ninguém falava dos seus versos.

E, contudo, na plêiade dos poétas daquêle tempo, como Custódio Duarte, Guilherme Braga, Pedro de Lima, Júlio Dinis, Alfredo de Carvalho, Guilhermino de Barros, Costa Fontelas, Ramos Coêlho, Augusto Luso, tinha êle mercedamente lugar de honra, pela larguêza dos traços, pelo colorido das tintas, pela feição muitas vêzes irónica, e discretamente naturalista, com que floreira o pincel sôbre telas que ainda hoje são formosas.

Nascêra sem família, filho de malfadados amôres. O enfeitado deveu a si unicamente o que foi; e a recordação da luta e a consciência do mérito tornaram-no altivo e orgulhoso, dêste orgulho, que melhor se chama dignidade. Por isso êle, com superior desassombro, calca aos pés as grandêzas fictícias e exalta os triunfos do trabalho e do talento:

«És louca! Sabes lá que orgulho é êste  
do homem que a si só deve o que vale  
e o que espera vale!

Há lá brasões illustres que equilibrem  
êstes loiros viçosos de um triunfo.  
que soubémos mer'cer?

Pois julgas que ser nobre é mero acaso?  
uma questão de bêrço ou de destino,  
uma questão de pais?

Não vês que, se a nobrêza fôsse herança,  
tendo eu e tu por pais Adão e Eva,  
seríamos iguaes?

Nós, os homens, que andamos procurando,  
á luz do coração por este mundo,  
os caminhos do bem,  
como trazemos alto o pensamento  
e a frente erguida ao céu, temos orgulhos,  
bem vês, como ninguém.»

Perante as convenções sociaes e perante as falsas grandêzas, era assim o poéta. No fundo porém do seu coração, havia poêmias de ternura e um culto fervoroso pelo bem e pela virtude, na mais alta acepção destas palavras. Á irman aconselhava êle:

«Sê boa e generosa;  
 abre a tua alma ao bem, como a orvalliada rosa  
 aos raios da manhan. Dá jubiloso bem,  
 como só Deus os dá, como os não dá ninguém.

Adora a caridade;  
 a esmola, minha irman, inda consola mais  
 quem dá, que quem recebe: é como o amôr dos pais.

Não curves á desgraça a fronte em desalento;  
 levanta, como Ajax, o braço ao firmamento,  
 e ri da tempestade, e deixa a rebramir:—  
 a desgraça é uma vil, que se mata a sorrir,  
 uma covarde infame, a quem o desconfôrto  
 dá brios de insultar o proprio Deus no Hôrto,

Deixa também rugir o mar da opinião  
 e escuta o que te diz o grande coração.  
 Primeiro do que nós, do que a conveniencia,  
 do que a familia mesmo, está a consciencia,  
 que é mais do que a familia, é duas vezes mãi:»

O amôr fraterno aligeirava-lhe as horas de solidão e de  
 tédio, mas não bastava á sua alma desvaneadôra e amante.  
 Pela mente esbraseada, perpassava-lhe em turbilhões de  
 luz o eldorado do amôr, e os seus entresonhos traduziam-se  
 em estrofes, irisadas pelo astro de uma felicidade dis-  
 tante:

«Oh! a multidão com palmas  
 nunca exprime o que se exprime  
 no beijo longo, sublime,  
 na fusão de duas almas!

Como eu dera de bom grado  
 todas as glórias do Dante  
 por um beijo delirante,  
 por um colo perfumado,

por um seio, um agasalho,  
 onde a minha fronte mesta,  
 como num dia de festa,  
 repoisasse do trabalho;

por t er quem, algum desejo  
no meu rosto descobrindo,  
viesses correndo e rindo  
satisfaz er com um beijo;

por ter quem, quando me visse  
sôbre algum livro scismando,  
sozinho gesticulando,  
m'o roubasse e m'o sumisse;

por t er quem, leve e ligeira  
com mêdo que eu despertasse,  
ao meu leito se achegasse  
sentando-se   cabeceira;

por t er quem, vendo-me triste,  
sinta a tristeza comigo;  
por ter na vida um abrigo,  
por ter um anjo, se existe.»

.....

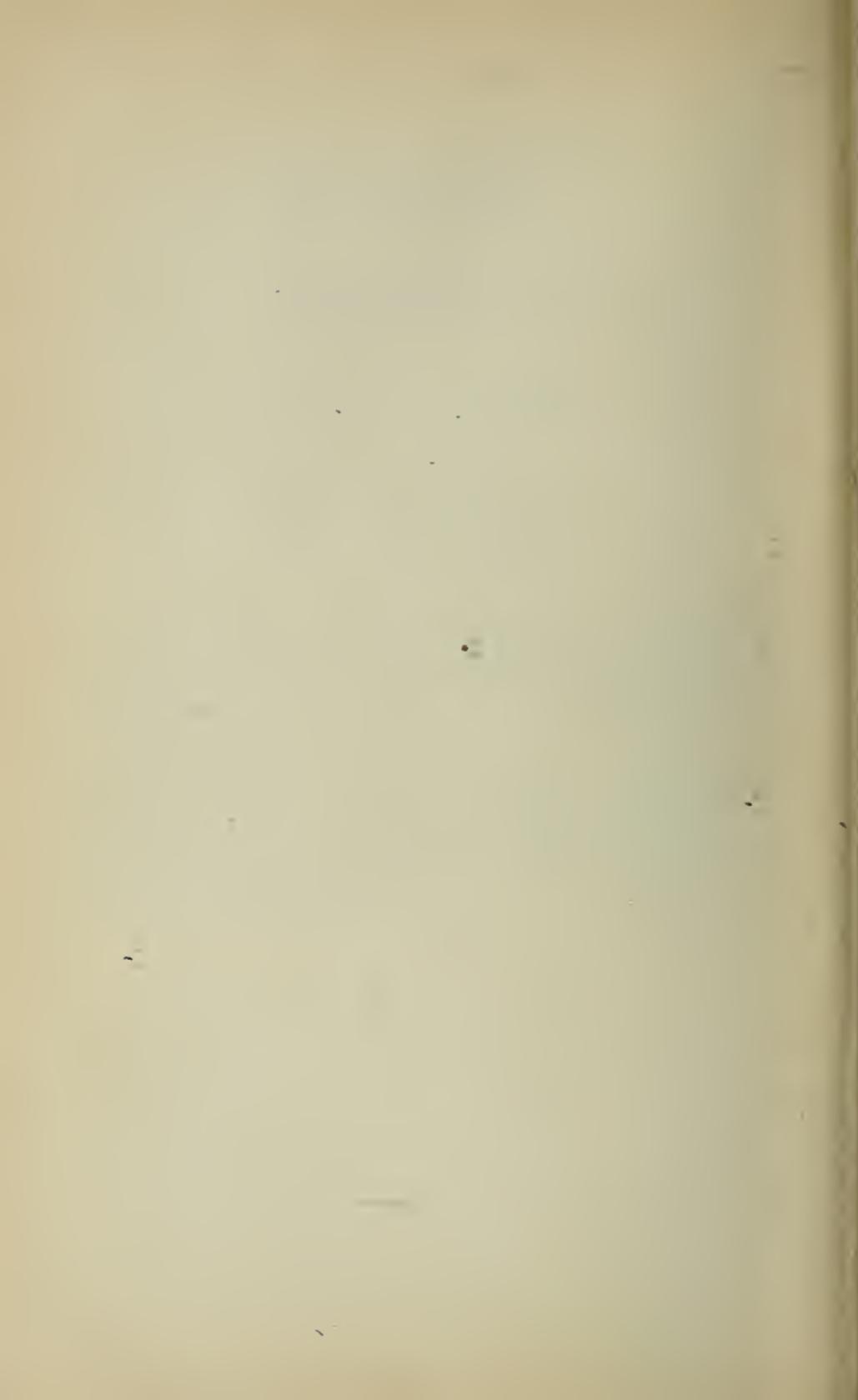
Tenho-me demasiado talv ez em transcrições e o meu intuito não   reeditar Alexandre da Conceição. Procuro simplesmente registrar o passamento de um homem de l etras, e resgatá-lo por alguns momentos ao esquecimento que p esa sobre os seus versos.

Po eta do amôr, e das grandes aspirações, em que se de-satava a febre do romantismo, Alexandre da Conceição vinculou estreitamente o seu nome   evolução literária do Portugal de ontem, e não   justo que os homens de hoje passem indiferentes pelo t mulo, em que a luta prostrou um dos seus gloriosos precurs ores.

XXII

ROUSSEAU

(1889)



## Rousseau

(Um filósofo amado)

(1889)



AQUI a três dias, — a 28 de junho — faz 177 anos que nasceu um dos homens mais célebres do século XVIII, o filósofo audacíssimo, que escreveu o *Contrato Social*, o evangelho da Revolução.

Os nossos contemporâneos esqueceram um pouco o grande precursor dos homens de 89, e as mu-

lheres de hoje mal conhecerão de nome o escritor, que tão amado foi pelas mulheres do seu tempo.

Entretanto, a vida aventureira do autôr da *Nova Heloisa*, a vária fortuna e as contrariedades que lhe atravancaram o caminho, ainda se impõem ao espírito moderno, como uma lenda prestigiosa e simpática.

João-Jacques *Rousseau* nascêra em Genebra, e era filho de um emigrado francês, relojoeiro.

Tendo de vivêr do seu trabalho, João-Jacques foi escrevente de um tabelião. Desgostoso porém do prosaismo do officio, que se opunha ao desenvolvimento do seu gôsto e tendências artisticas, fêz-se aprendiz de gravadôr. Aos 16 anos, abandonava essa nova profissão, e fugia para França, recolhendo-se em casa de *Madame Warens*, que foi por ventura quem primeiro amou João-Jacques.

Organização febril e volúvel, João Jacques Rousseau foi môço de librê, e, pouco depois, seminarista. Expulso do seminário por indisciplinado, fêz-se professôr de música.

Voltou ainda para a companhia de *Madame Warens*, e dedicou-se então, com grande tenacidade, mas sem orientação definida; a estudos literários, críticos e filosóficos.

Tempo depois, em 1740, era professôr particular em Lyão, em casa de Mably; e em 1743 foi para Venêza, como secretário do embaixadôr francês, Montaigu.

Voltando a França, adquiriu estreitas relações literárias e pessoas com Diderot, Grimm, Holbac, *Madame d'Epinau* e outras celebridades daquela época.

Por êsse tempo, enamorou-se de uma operária, Terêsa Levasseur, com quem casou depois.

Em 1749, por meio de um estudo de filosofia social, obtêve um prêmio acadêmico. Dai em diante, distingue-se por uma extraordinária misantropia, e julga-se predestinado a sêr o reformadôr de uma sociedade corrupta. Compôs nessa época a excelente comédia, *o Feiticeiro da Aldeia* (*Devin du village*), e aceitou de *Madame d'Epinau* o eremitério do vale de Montmorency, onde escreveu a *Nova Heloisa*.

Umâs imprudências amorosas, a que se aventurou com *Madame d'Houdetot*, indispuseram-no com os seus amigos. Deixou o eremitério, e aceitou hospedagem no castelo de Montmorency.

Escreveu ali o *Contrato Social* e o *Emilio*. João Jacques Rousseau, que nascêra protestante, fez-se católico, voltou ao protestantismo, e acabou por criticar vivamente todas as fôrmas de religião e todas as fôrmas de govêrno.

Condenado pelo parlamento de Paris, fugiu para Genebra. Condenado em Genebra, refugiou-se em Neuchâtel. Não achando segurança em toda a Suíça, retirou-se para Inglaterra, onde foi recebido affectuosamente em casa do célebre historiadôr David Hume.

Recolheu-se mais tarde a França, passando os seus últimos dias na graciosa vivenda da família Girardin, em Ermenonvillê, onde morreu, a 2 de julho de 1778, envenenado segundo uns, e apunhalado segundo outros.

Nêste escôrço biográfico, entrevê-se dêside logo que o

escritor, em meio de perseguições e contrariedades de toda a ordem, era ao menos adorado pelas mulheres.

A critica geral, que em João Jacques Rousseau vê apenas o filósofo, o pensador, mas um pensador misantropo, quase relegado da convivência humana, talvez não comprehenda bem como á volta d'ele se agruparam os mais d'oces affectos e as mais extraordinárias dedicações femininas. Este selvagem sublime, que sentiu, comprehendeu e interpretou a natureza, no que ella tem de universal e mais íntimo, difundiu no *Devin du village*, na *Nouvelle Heloïse*, nas *Réveries*, o fogo da sua alma panteísta, e as mulheres do século XVIII sentiram por ele uma simpatia e uma atracção, de que não é fácil achar exemplo na biografia dos demais filósofos.

As suas desventuras impunham-se naturalmente á condolência feminina; mas as estrofes dulcissimas do *Devin* e as cartas de Saint-Preux na *Nouvelle Heloïse* faziam o resto.

Ele tinha dito:

Quand on sait aimer et plaire,  
A-t-on besoin d'autre bien?

e, em meio das suas desventuras, conheceu e sentiu decerto a felicidade do amor.

A história dos amores de Rousseau daria volumes. Desde os 16 anos, em que João Jacques dominou profundamente o coração de *Madame Warens*, até aos 45, em que, impressionado com as consequências das suas relações com *Madame d'Houdetot*, se afastou dos braços de *Madame d'Epinaÿ*, recolhendo-se no castello de Montmorency, João Jacques foi, dentre todos os filósofos, e porventura dentre todos os escritores do século XVIII, o que mais se impôs á admiração e ao affecto das mulheres.

Dêsses numerosos e intrincados idilios, não me referirei senão ao idílio de *Madame d'Epinaÿ*.

Esta graciosa personagem que, pelo seu talento e pela sua formosura, ainda hoje esplende na constelação dos enciclopedistas e letrados do século XVIII, sentiu verdadeira mágnua, quando o poeta filósofo deixou o *eremitério* de Montmorency.

Dos sentidissimos versos, que *Madame d'Epinaÿ* consa-

grou àquela separação, traduzirei alguns, que, em prosa portugüesa, dizem :

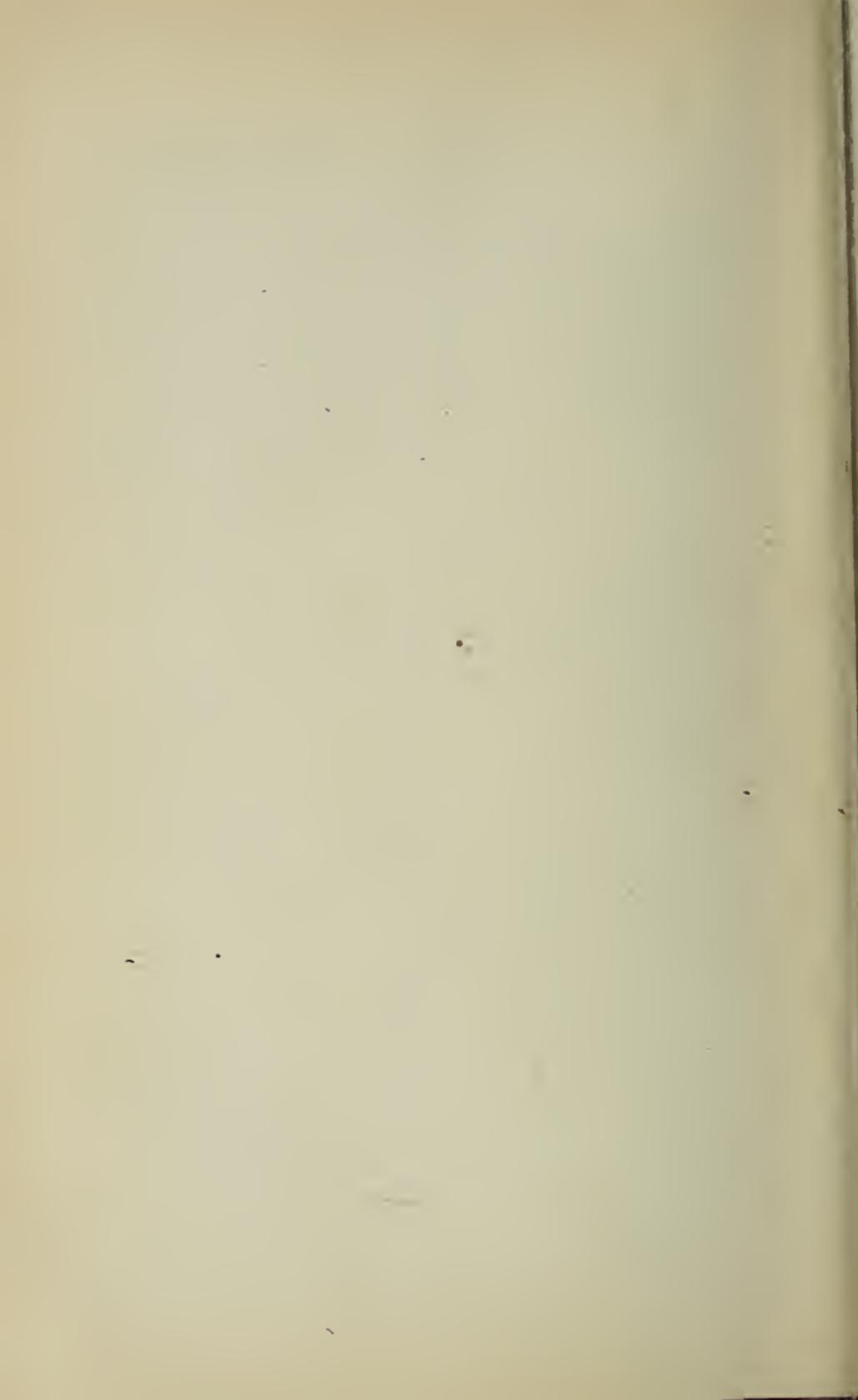
—«Tu, cujas ardentes criações — surgiram nêste humilde Eremitério, —Rousseau, mais eloquente que sábio, —por que deixas a minha terra?—Tu próprio escolhêras este retiro tranquilo;—dei-te a felicidade, e tu abandonaste-a; —fôste ingrato, e espedaçaste-me o coração.—Mas para que sofre tanto a minha alma sensível?—Ainda o vejo, porque ainda o leio, e tudo lhe perdôo!»—

Tanto amôr e tanta generosidade ainda trescalam um perfume dulcíssimo, por entre as memórias do filósofo genebrês.

XXIII

ALBERTO PIMENTEL

(1898)



## Alberto Pimentel

(1898)



ÊR plutarco de contemporâneos é coisa tão fácil como difícil.

Fácil, porque não é mestêr devasar arquivos, nem sobraçar fôlios e cronicões, para estadear a genealogia e mais partes da personagem.

Difícil, porque a primeira obrigação do escritôr é fazêr-se lêr, e mal conciliará o interesse do leitôr pio, se lhe

disser que vai falar daquilo que todos sabem, ou daquêle que todos conhecem.

Será êste o caso, se eu fosse fazêr uma biografia. Felizmente para mim e para quem me lê, o meu escôpo é mais modesto: é ocorrêr a uma lacuna, que se observa em quase todos os trabalhos de pintôres, fotógrafos, gravadôres, fotogravadôres, aguarelistas, pastelistas, e *tutti quanti* representam na tela ou no papel figuras e paisagens. . .

Entra a gente nas galerias do Escorial ou do Libório, e é preciso um catálogo, um *vade mecum*, um *cicerone*, qualquer coisa que nos explique que aquêle quadro, onde vemos uma formosa mulher aleitando um velho, representa o episódio de uma Virgínia romana; que aquêle figurão de longas barbas brancas é nada menos que o *Moisés* de Miguel Angelo; que aquêle garotito, que faz *chi-chi*, de costas vol-

tadas para a gente, é uma graciosa centêlha de Teniers...

Uma enorme maçada, e uma sensaboria para quem não leva catálogo.

Quanto mais simples e cômodo não seria que, ao passarmos á porta do Bobone ou do Camacho, vissemos por baixo daquêlas deliciosas fotografias, em rótulo contíguo: «Esta é a gentilíssima *secretária* de França.» — «Aqui está a vera effigie da princêsa de Chimay.» — «Descubram-se: esta é a Duse.» — «Perfil exactíssimo do primorosíssimo actôr, que no teatro das *Variedades* tem representado genialmente e com êxito colossal as *Intrigas no Bairro*; chama-se André, e tem mulher e filhos.» —

Isto, sim, comprehendia-se, e isto comprehendêram os illustres anônimos, em cujas piedosas pinturas ainda hõje lêmos, ao lado de qualquer altar-mór: — «Milagre que fêz a Senhora da Atalaia a uma innocente pastôra que, andando a monte, e sendo atacada, etc.» —

E aqui está porque os nossos jornaes, occorrendo ao descuido ou maus hábitos dos fotógrafos, gravadôres e artistas similares, pedem sempre a alguêm que faça os rótulos ou dísticos, para que não haja dúvidas sôbre a significação do retrato ou da gravura.

Desta feita, sou eu quem tem de preenchêr a cartela. E a cartela dirá:

— Alberto Pimentel, que no século houve nome Alberto Augusto de Almeida Pimentel, nasceu no Pôrto invicto, na primavera de 1849.

É larga a folha dos seus serviços ás lêtras e á coisa pública. Inspeccionou escolas; administrou Portalegre; representou em côrtes os povos de Sinfães e Varzim; pôs em português officios da Procuradoria Régia; e descansou nobremente na paz da redacção do *Diário das Câmaras*.

Madrugou nêle a paixão literária, e, sendo ainda muito moço, tirou a lume versos e contos, que levaram os mestres a acarinhá-lo com um *macte nova virtute, puer*.

Depois, sentiu apontar o buço, pôs-se a trabalhar como um homem, e poucos literatos terão trabalhado mais: fêz livros de versos, fêz romances, fêz história, fêz folhetins. Lembrarei as «*Rosas Brancas*,» a «*Joaninha*,» os «*Contos ao corrêr da pena*,» o «*Testamento de sangue*,» o «*Anel Miste-*

rioso,» a «*Porta do Paraiso,*» os «*Cantares,*» o «*Livro das Flóres,*» o «*Livro das Lágrimas,*» o «*Romance da Rainha Mercedes,*» os «*Mistérios da minha rua,*» o «*Conflito na Corte,*» as «*Noites do Asceta,*» as «*Viagens à roda do Código Administrativo,*» a «*Varanda de Natércia,*» a «*Virtude de Rosina,*» os «*Elegantes de outro tempo,*» os «*Idilios dos Reis,*» a «*Rainha sem reino,*» o «*Poeta Chiado,*» a «*Flór de Miosótis,*» e . . . muito mais citaria eu, se não fôra, para tão longa lista, tão curta a página, como os dias de Jacob para o seu amôr a Raquel.

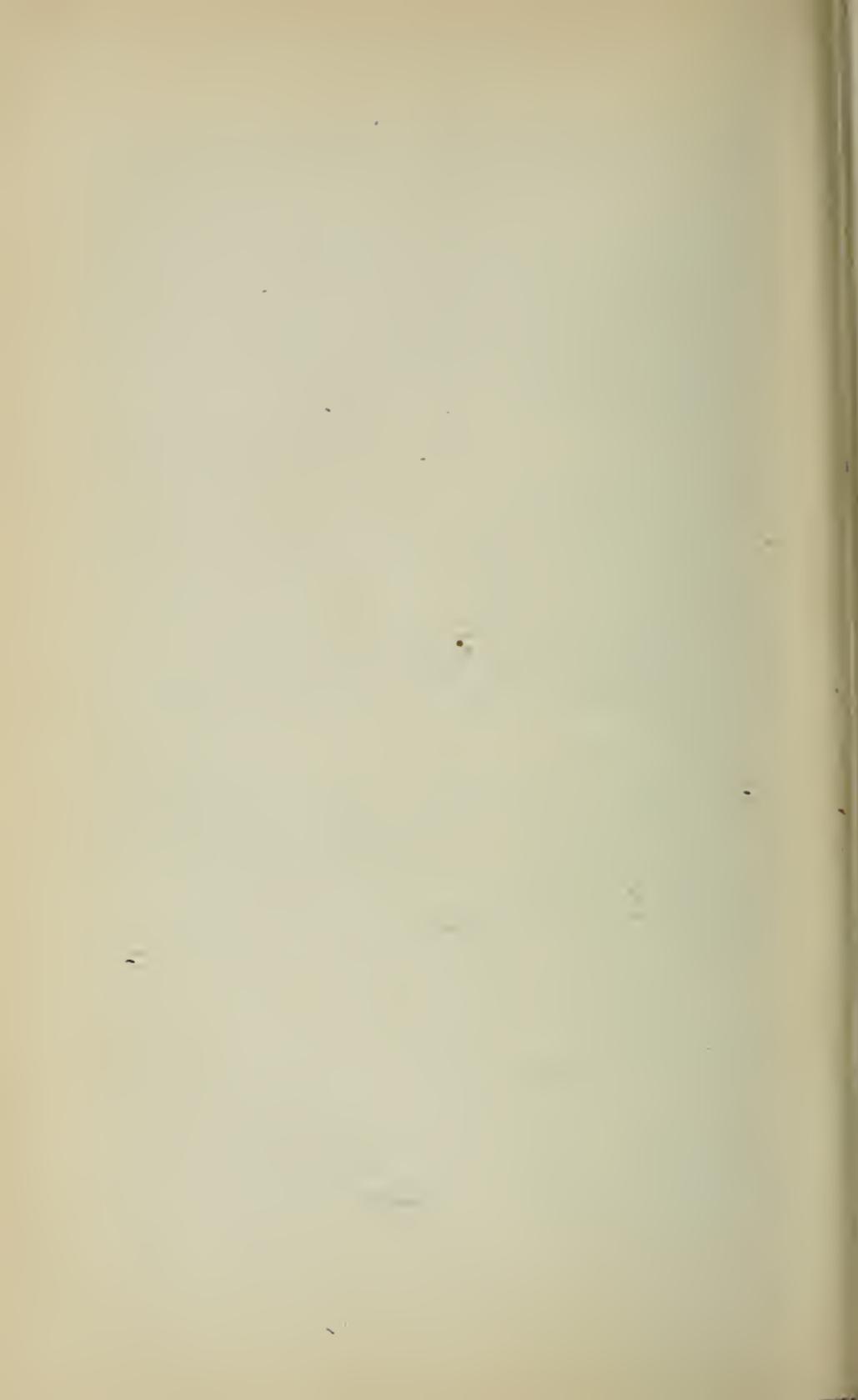
Agora mesmo, está êle dando a última demão num livro, que, pelo assunto, deve despertar o mais vivo interesse: os amôres de Camilo. .

Esta actividade literária, num país em que pouco se lê e nada se paga, só se explica por um temperamento, em que predomina o amôr ás lêtras e á arte em geral.

Além dêsse amôr, ainda sei de outros, no Pimentel, e releve-me êle a indiscreção: são os filhos e, depois dos filhos, . . . o Mariano de Carvalho. Em casa, beija os filhos, e, no *Popular*, afervora-se em que o directôr da fôlha seja o director de um jornal portugûes, o que não é coisa das mais correntias.

O que eu sei dizêr é que, se tivéssemos ao menos meia dúzia de jornaes, cujas redacções tivessem por secretários escritôres incontestáveis, como succede no *Popular*, creio bem que o nosso público voltaria a falar portugûes, em vêz das ingresias, francesias e burundangas, com que a toda a hora nos martelam o ouvido.

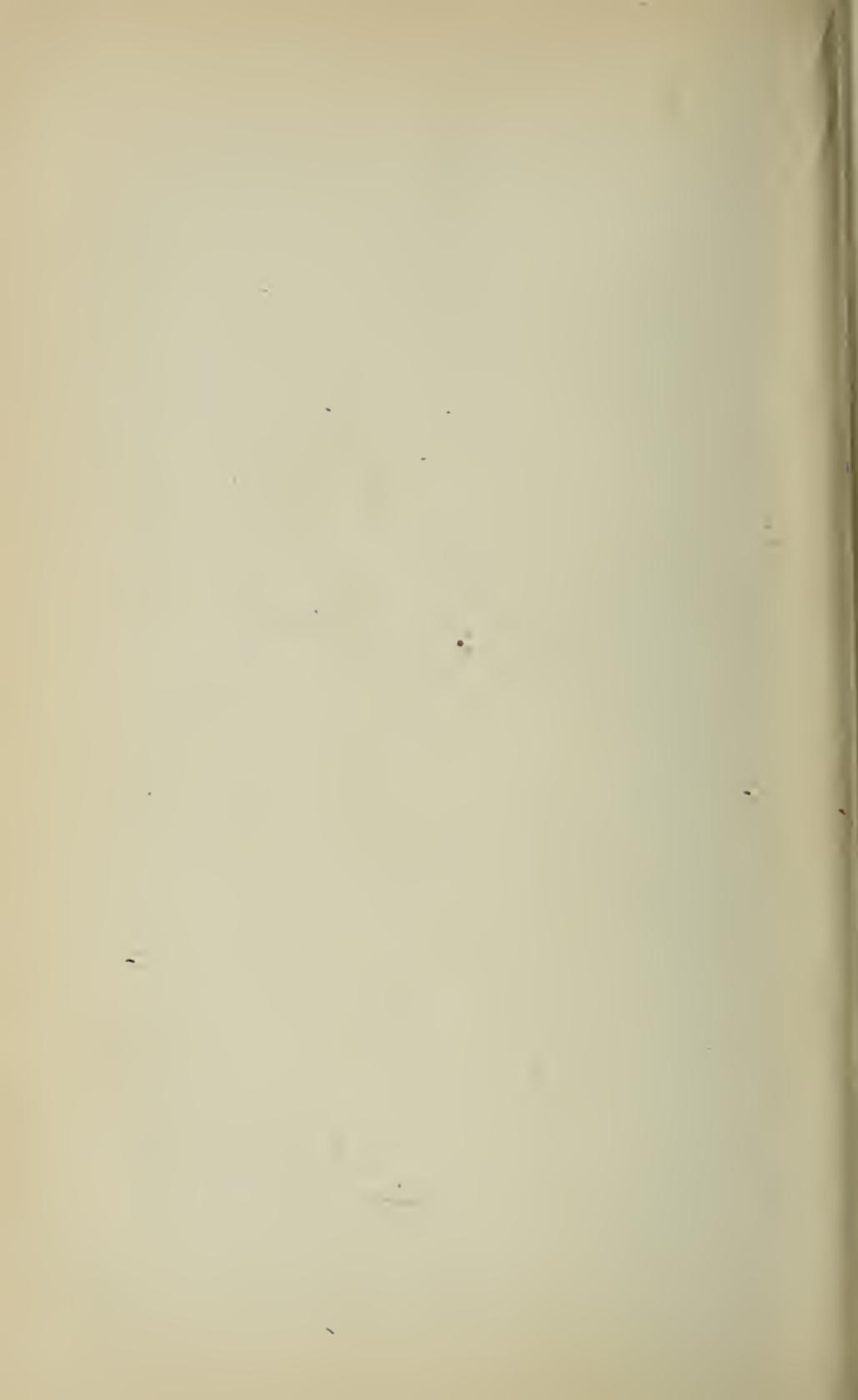
Ora pois. Seja tudo em desconto dos nossos peccados.



XXIV

CLÁUDIA DE CAMPOS

(1897)



## Cláudia de Campos

(1897)



público que lê não conhece de agora este nome, que reapareceu há dias, subscrevendo um livro tentadôr, a *Esfinge*.

O mesmo nome, e sempre com aplauso crescente, havia já firmado três volumes, o *Rindo...*, o *Ultimo amor* e as *Mulheres*; e, antes disso, revelára-se modestamente com o pseudónimo

*Collete*, para engalanar as colunas de uma fôlba diária com umas deliciosas narrativas de uma escritôra, incipiente sim, mas reveladôra de extraordinário talento.

Os que em taes assuntos podem autorizadamente formular e emitir juízo,—e é portanto claro que não falo de mim,—descobriram-se á passagem da triunfante escritôra, e brindaram-na com as palmas que a justiça ainda consagra ao mérito evidente.

Aparece agora a *Esfinge*, e um rumôr de aprovação, prenúncio de francas ovações, percorre a multidão que pensa e sente, e que está formando alas, para vêr passar, e aplaudir de nôvo, o fulgorôso vulto feminino, que prosegue na sua estrada de rosas e de espinhos,—estrada privilegiada e delêsa aos insignificantes, aberta pelo destino ou pela Providência para os que não sentem, não pensam, nem trabalham, como toda a gente trabalha, sente e pensa.

Também eu quero lêr a *Esfinge*; mas, embora entenda melhor do que leia, quèdo me a olhar o rôsto da obra, absôrto na perscrutação do significado do título mitológico

*Esfinge!* Bem sei: era aquêlo monstro fabulôso, que a deusa Juno incitou contra os tebanos, e que lhes assolava o país; monstro que tinha cabeça e seio de mulher, côrpo de leão e asas de águia, e propunha um enigma aos viandantes, devorando aquêles que o não decifrassem.

*Esfinge!* Folheio o livro e encontro-a: chama-se aqui Lídia Torel, a *fada loira*, a dulcíssima criatura, que ama, e rejeita a mão do homem que ama; que tem caprichos que não explica, porque talvez ela própria os não compreenda; que sofre e ama a um tempo; que esconde lágrimas nas pregas de um sorriso; que atravessa a existência á procura de um Edipo que lhe resolva o enigma, e vai prostrando com as suas asas de águia os míseros que não têm olhos para lêr o que está escrito no coração da esfinge.

Nunca vi a escritôra e nunca lhe falei. . . Da sua biografia sei apenas que pertence a uma opulenta família alentejana; que, educada entre inglêses, adquiriu extraordinária cultura intelectual e tributa particular affecto á literatura da umbrosa Albion; que concentra numa filha formosíssima a sua felicidade doméstica, e na escrita quotidiana as suas aptidões artísticas. Acrescentam os seus biógrafos, — porventura os melhormente informados, — que os seus livros e as suas personagens espêlham os sentimentos, as concepções, toda a feição psicológica da escritôra.

Para os que sabem lêr, esta última informação seria quase ociosa. Os verdadeiros artistas deixaram sempre na sua obra o cunho da sua própria individualidade, e duvido muito da estese dos que subordinam os seus conceitos a moldes preconcebidos e a pautas indefectíveis.

Mas, — objectar-me-á a critica severa e fria, — as personagens, enquadradas nos livros de Cláudia de Campos, não mantêm equilibrio entre os seus actos, são ilógicas e portanto inverosímeis; os mais modestos aventurarão que elas são incomprendidas; e a austera neuropatia capitulá-las-á de histéricas. E destas premissas inferirão corolários deprimentes pâra a talentosa escritôra.

Ora, desta conclusão é que me apraz divergir fundamen-

talmente; e, em que pése aos sábios e aos criticos, levo a minha divergência até sustentar que nos aludidos e supostos defeitos reside precisamente o mérito capital da escritôra.

Vão dizêr-me talvez que toda a obra de Cláudia de Campos requebra histericismo e que a histeria é um estado mórbido. . .

Livre-me Deus de consultar a sciência a tal respeito. O que eu sei, o que eu sinto pelo menos, é que, se a mulher perdêr o seu natural requinte de sensibilidade, se refugir aos cambiantes da sua impressionabilidade, se deixar de sêr isso que os senhores convencionalmente chamam histérica, poderá têr cabida no cenáculo da *prudes* e das *femmes savantes*. . . , mas . . não será *mulher* e, muito menos, artista.

É por isso que eu desadoro as obras femininas, em que as autôras, mascarando a delicadêza e a natural sensibilidade do seu sexo com o antifaz dos processos masculinos, procuram pensar e escrevêr como a generalidade do outro sexo, renegando o especial encanto que as distingue dos aprumados portadôres de chapéu alto.

Eu quero lêr um livro anônimo e podêr asseverar ao depois se é obra de um homem ou de uma mulher.

Fôssem embora anônimos os livros de Cláudia de Campos, todos saberíamos dizêr que palpita nêles uma alma de mulher, mas de mulher que não enjeita as qualidades ingêntas do seu sêr, a aspiração ao indefinido, os paíros no vago, as incongruências da sensibilidade, os problemas de esfinge, o *eterno feminino* em suma.

Verdadeira obra de *mulher*, —no sentido mais complexo e simpático desta palavra, que, depois do *amôr*, é certamente a mais humana do vocabulário universal, — a *Esfinge*, como o *Ultimo amor*, como o *Rindo*. . . , é o reflexo brilhante de um temperamento maleável, incoërcível, que se não póde pautar nem definir, misto de sereia, de leão e de águia, —esfinge adorável, que não devora o desprecavido transeunte, antes o seduz com a magia dos seus problemas insolúveis.

E contudo sei que a gentil escritôra se lastíma de que, pela sua educação, pelos seus hábitos, pelos suas predilecções, possa parecêr uma inglêsa foragida em nossas terras.

Não, minha senhõra: V. Ex.<sup>a</sup> nunca poderá confundir-se com as pálidas súbditas de Sua Graciosa Majestade, pálidas e belas talvêz, como uma rosa *Van-Houte*; do talento de V. Ex.<sup>a</sup> resalta, num conjunto de suaves gradações, o viço aveludado da *Principe-Négro*, a altivêz da *Paul-Néron*, o mimo da *Rève-d'or*; e estas rosas não crescem entre os nevoeiros do Tamisa.

É porventura esta a primeira vêz que V. Ex.<sup>a</sup> vê aludir ao seu carácter essencialmente meridional; mas, em refôrço do meu conceito, dá-me V. Ex.<sup>a</sup> um inestimável argumento na própria capa do seu último e formôso livro, onde se anuncia que a autõra vai publicâr também um estudo crítico á cêrca de Shelley, do grande poéta inglêz, de quem V. Ex.<sup>a</sup> diz algures que constitue uma das suas *maiores admirações*. Ora, eu sei que Shelley, mórto aos 30 anos num naufrágio, na baía de Spézzia, e cujo cadáver foi piedosamente recolhido e quêimado na praia pelo seu grande amigo Byron, era o temperamento menos inglêz entre todos os poétas da sua nação: incomprendido dos seus compatriotas, em luta constante com os preconceitos e convenções sociaes, cheio de talento e de originalidade, têve que fugir do seu país para um país quente e coberto de céu azul, — a bela Itália. Repassados de originalidade, os seus versos, os seus romances, as suas tragédias, não se parecem nada aos principaes monumentos da literatura inglêsa, onde V. Ex.<sup>a</sup> vê nomes de mais ruídososa nomeada que o de Shelley.

É que há poétas grandes e poétas queridos. Grande é Shakespeare e é Byron; mas a alma de uma escritõra peninsular, e sobretudo uma verdadeira alma de mulher, não encontra nêles afinidades, e vai encontrá-las porventura no *Adonais*, no *Frankenstein*, no *Último homem* e noutras obras de Shelley. Assim é que todos admiramos incondicionalmente Victor Hugo, o gigante da *Lenda dos Séculos*, e Goethe, o Júpiter de Weimar; mas queremos muito mais a Musset e a Schiller.

E aqui está como Cláudia de Campos, arreceando se da sua qualidade de anglõfila, foi sempre e continúa a sêr uma escritõra essencialmente peninsular.

É todavia innegável que a literatura inglêsa empresta, ás vêzes, aos seus trabalhos uns toques, duvidosamente con-

sentâneos á indole do nosso idioma. Exagerando êste senão, dizia-me ela, em carta que tenho presente:

— «A minha educação, exclusivamente estrangeira, tem-me feito mal como escritôra, pois desnacionalizou a minha prosa. . .»—

Êste escrúpulo, ou êste receio, é ainda a confirmação de que, apesar de tudo, o espírito da escritôra, refugiando ás brumas do Norte, se compraz no tépido ambiente da sua pátria e nas variegadas scintilações da alma nacional.

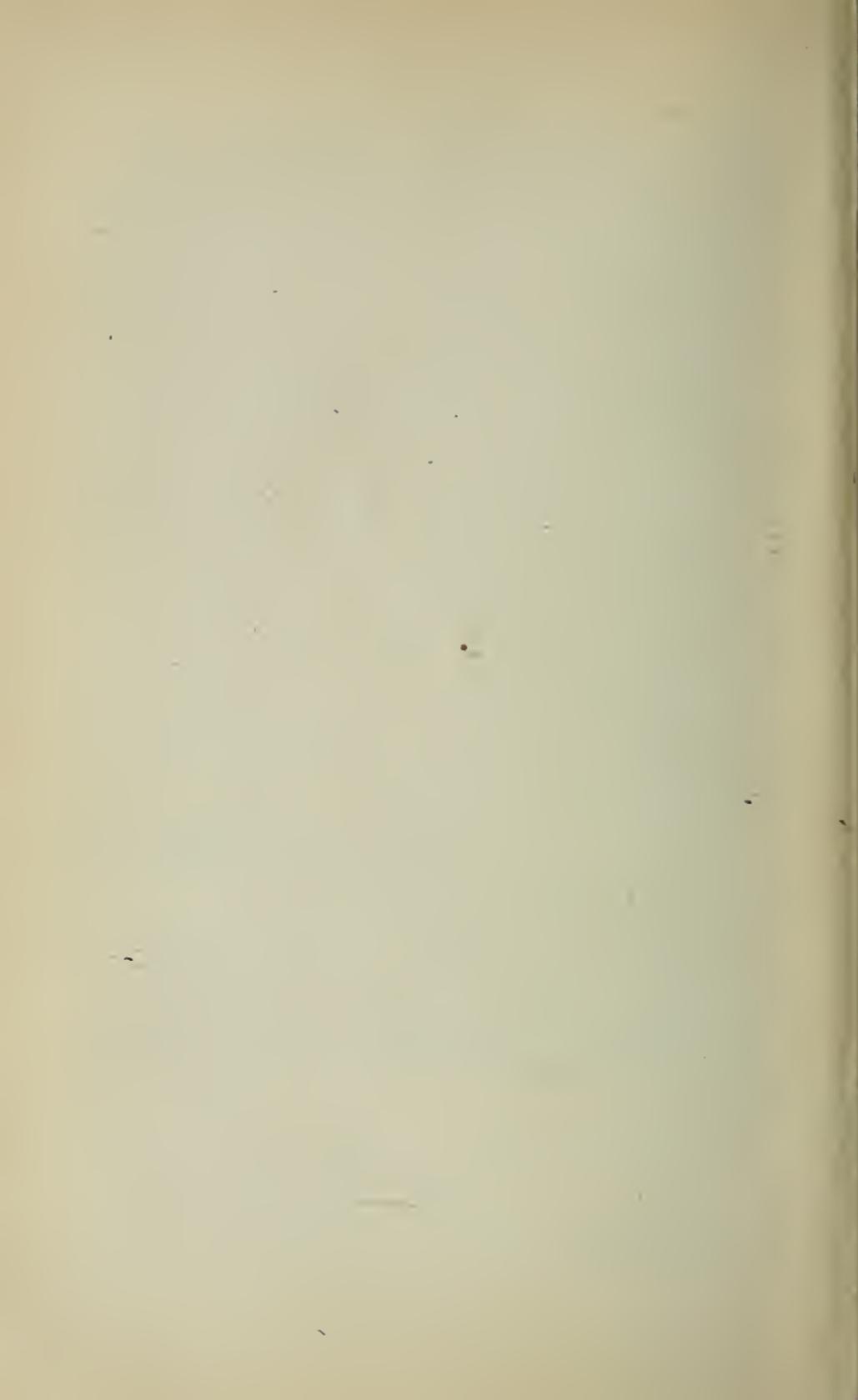
Depois, em matéria de barbarismos, ¿ quantos há aí que que lhe possam atirar a primeira pedra? Na imprensa, no magistério, nas academias, em tôda a parte, há grandes talentos e grandes escritôres até, mas não faz mal desengannarmo-nos de uma coisa: entre cinco milhões de portuguezes, talvez não seja tarefa exequível recrutar cinco, que escrêvam lididamente o idioma que lhes legou Camões, Bernardes, Luís de Sousa e Antonio Vieira, e que Antonio Castilho, Latino e Camilo poliram e modernizaram. Não é suposição consoladôra, mas traz-nos um pouco de conformação aos pecadilhos próprios.

Não se amofine pois a aplaudida artista da *Esfinge*, que ninguém a depreciará por tal senão, e a leitura dos bons livros portuguezes irá neutralizando o impensado exclusivismo que deram á sua primeira educação.

E aqui se abria tema para largas explicações, á cêrca da imprevidência, com que as famílias ricas. . . Mas isso ficará para uma domingo de quaresma, que hoje é dia de panegírico e não de sermão penitencial.

*Panegírico* não é bem a palavra que eu procurava. Queria dizêr: justiça e loavôr ao mérito, e homenagem espontânea a uma das figuras mais brilhantes e simpáticas da nossa literatura feminina, dêse Violante do Céu e Bernarda de Lacerda, até á brilhante constelação de quatro ou cinco nomes de mulher, que fulguram hoje no horizonte das lêtras pátrias.

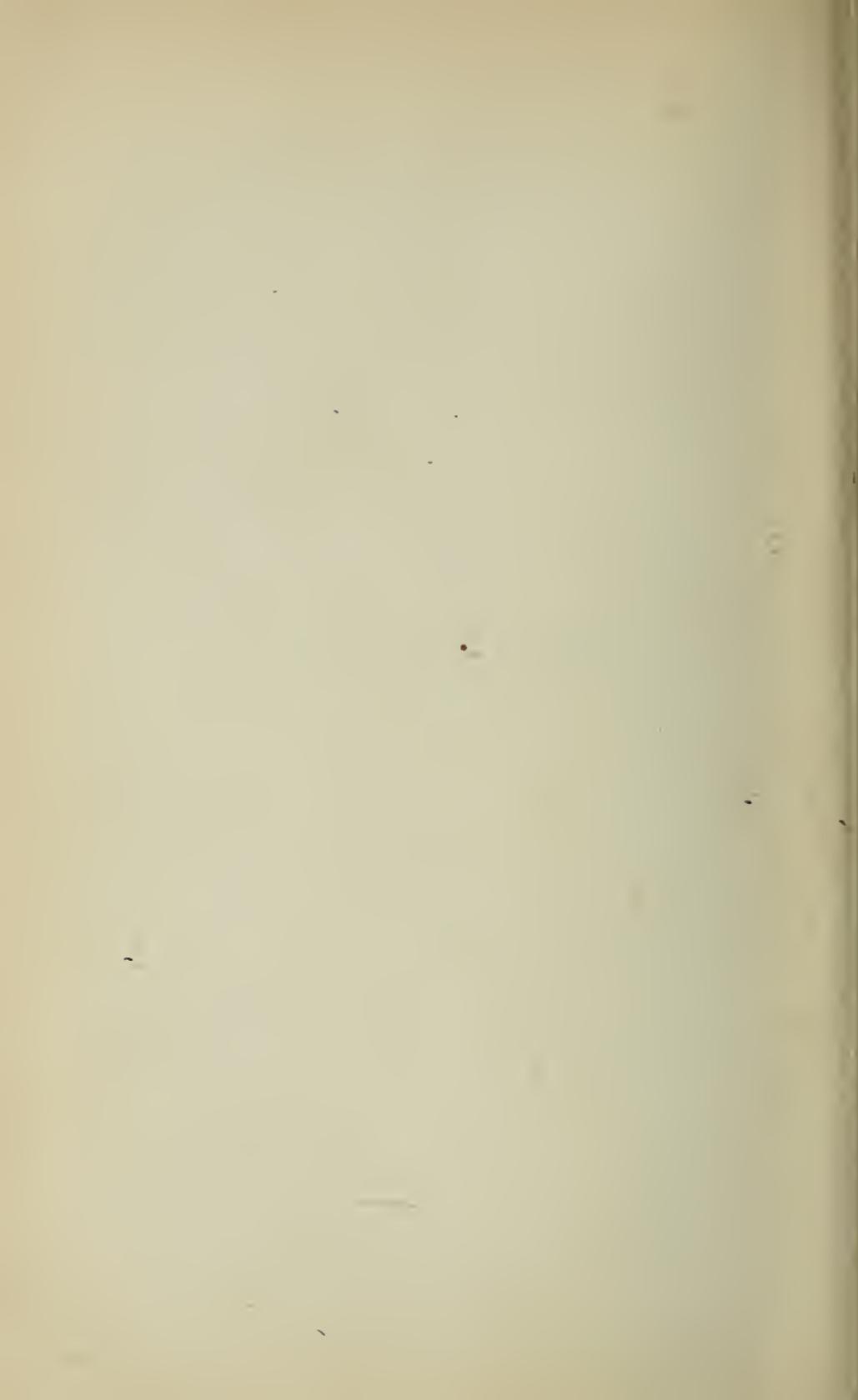
---



XXV

MAGALHÃES LIMA

(1873)



XXV

Magalhães Lima

Aos 22 annos

(De uma carta a Júlio César Machado)

(1873)



.....  
Pessimista, Deus me livre de o sêr. Mas a gente vê coisas, cada dia e cada hora, que, diga-se á puridade, em quanto os apóstolos do direito e do futuro tressuam em lutas magnânimas, ape-tece evocar as sombras de Aristófanes e Petrónio, e sorrir e cantar á beira do túmulo que se abre para uma sociedade moribunda. . .

Conjuremos contudo a cachinada do cínico, e as ideias sinistras que embotam a sensibilidade, sufocam a aspiração e injuriam uma coisa que para muitos é nada, e para alguns visionários tudo,—a humanidade.

A propósito de visionários, vou apresentar-te um, que eu estimo devéras, e que hás de apreciar: chama-se Sebastião de Magalhães Lima. Tem 22 annos, estuda direito, *mas* e literato. Sublinhei a adversativa, para que não suponhas que ela me escapou despercebidamente dos bicos da pena. Eu quero muito aos sentidíssimos *Lieder* de Luis Uhland e ás *Viagens* do nosso Garrett; e Garrett era jurisconsulto e político, Uhland escrevia excelentes latins sôbre direito romano, e cantava ao mesmo tempo *Die neue muse* e *Das alte gute Recht*.

Entende porém a nossa pesada e sensata burguesia que ninguém pôde escrevêr um libelo ou aduzir umas razões jurídicas, sem que se afaste do templo das belas-lêtras, e timbre de iconoclasta perante a religião das musas. Até o nosso querido Vidal, que não é pesado como a burguesia dos refêgos abdominaes, nem sensato, — daquêle senso que o meu abade requiere nas coisas da vida, — me preguntou um dia se eu, escrevendo de economia política, tinha metido no sacco a viola, em que eu desferira umas cançonêtas que por aí correm mundo. É a força do preconceito, a que nem sempre se esquivam ainda mais os esclarecidos.

Magalhães Lima esquadrihava, há pouco mais de um ano, a naturêza das servidões no Direito Romano, contestava a retroactividade das leis á face dos primeiros artigos do *Código Civil*, e escrevia as *Miniaturas românticas*; hoje, matina em operações orçamentaes, acha dúvidas nas hipotecas que podem têr registo provisório, e escreve a *Actualidade*.

As *Miniaturas* fôram apenas a estreia de um môço de talento. A *Actualidade* é mais alguma coisa. Aqui é mais acurada a forma, e a ideia mais acentuada. Trescalam todas estas páginas uns aromas de primavera, tão penetrantes e suaves, que o leitôr esquece-se ás vêzes de que está folheando um livro de propaganda democrática.

Uma aspiração constante para o bem e para a justiça, uma independência nobilíssima, postergando crenças geraes e conveniências quase indispensáveis, são dois dos principaes característicos da *Actualidade*.

Não se me afigura porém que o meio corresponda ao fim. — Quem se propôi vulgarizar, impôe-se a obrigação de sêr claro e metódico. Num livro escrito para o povo e por amôr ao povo, deve demonstrar-se mais e declamar-se menos.

Muita e muito bôa gente comungará nas afirmações da *Actualidade*; mas os que são de todo estranhos á sociologia e á filosofia política, e ainda os que nessas afirmações só verão utopias aparentadas com as de Morus, Campanella e Fourier, serão por certo mais exigentes que os correligionários de Magalhães Lima.

Quem lêr o livro divisa-lhe por certo uns laivos de internacionalismo, de comunismo, de racionalismo e de coisas

ainda mais feias. Eu não me espanto; aceito sempre todas e quaesquer crenças, todas e quaesquer filosofias, porque sem tolerância não há liberdade. Ora a liberdade é sempre muito querida, apesar dos andrajos que lhe lançam por cima os políticos da gula.

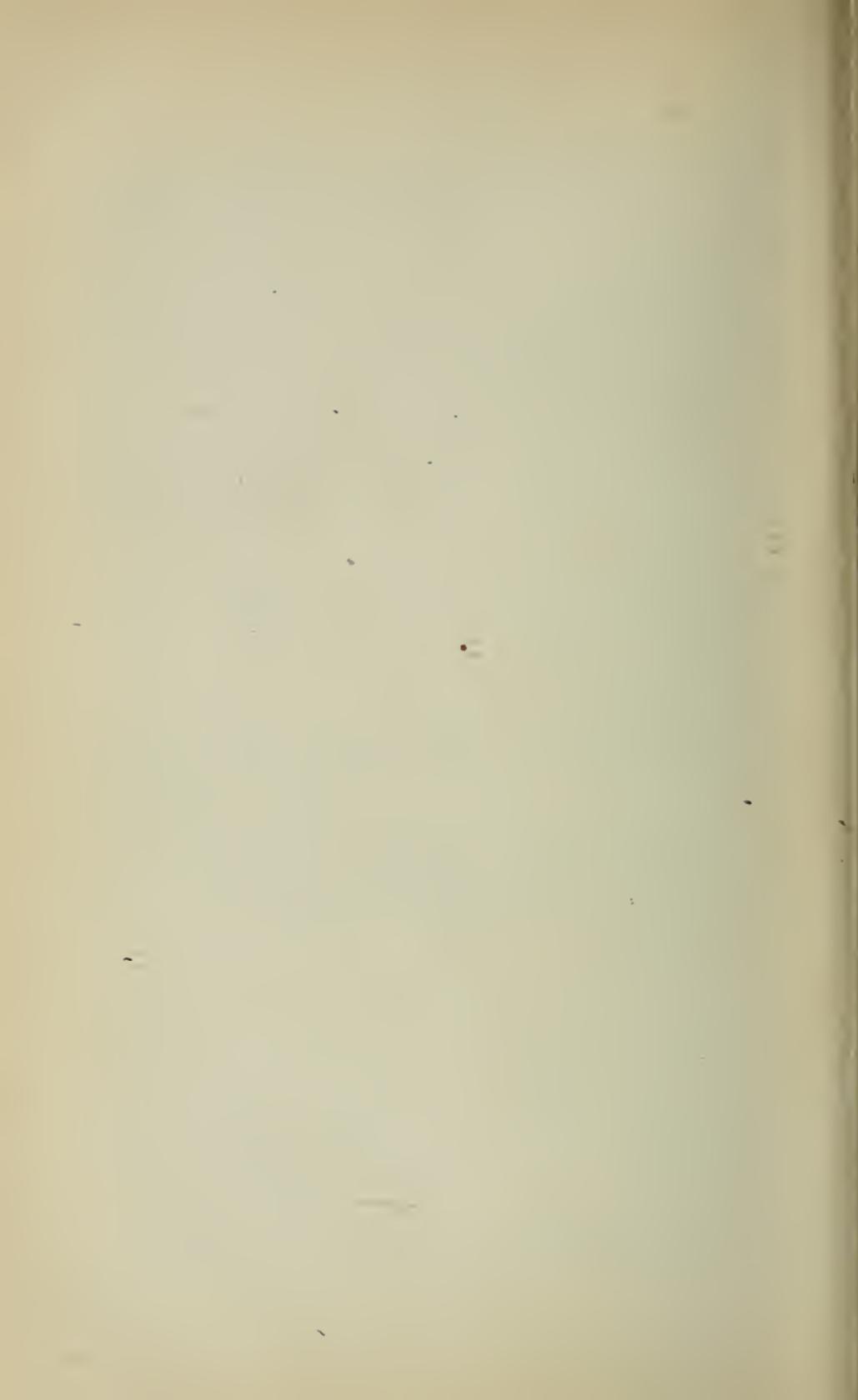
A *Gula* é um país muito estéril, descoberto não se sabe quando. Não é uma idealidade: não é a *Cidade do Sol* de Campanella, nem a ilha *Utopia* do chanceler inglêz, nem a *Lilliput* de Smith. Hei de convidar-te um dia para viajar até lá. Vale a pena: é uma viagem que instrue e diverte.

Entrementes, vejamos de longe o bando famulento que se abraça ao mastro de cocanha para subir ás sublimidades do escândalo, e dize-me se o pouco que vemos e sabemos não é para aguçar e buir a pena cáustica dos panfletários da época. Se é!

Eu não sou panfletário, nem me bacoreja que venha a sêr nêste mundo coisa que dê na vista; mas, quando o epigrama dardeja e fere os ádipes dos Verres e parasitas, eu sinto uma alegria santa invadir os penetraes da minha consciêcia tranqulã.

Um grande poêta dizia da mulher: é um mal necessário. Eu digo do panflêto: é um absurdo indispensável. — Desvia preciosas vocações, acera a maledicência, acareia odiozitos, tranca muitas vêzes o futuro, mas—aprofunda impiedôso o histuri nas pústulas gangrenosas que minam a vida moral dos povos, procura varrêr os gusanos infectantes que enxa-meiam no tûmulo de muitas consciencias, e estende um cordão sanitário adeante dos cegos e dos simples.

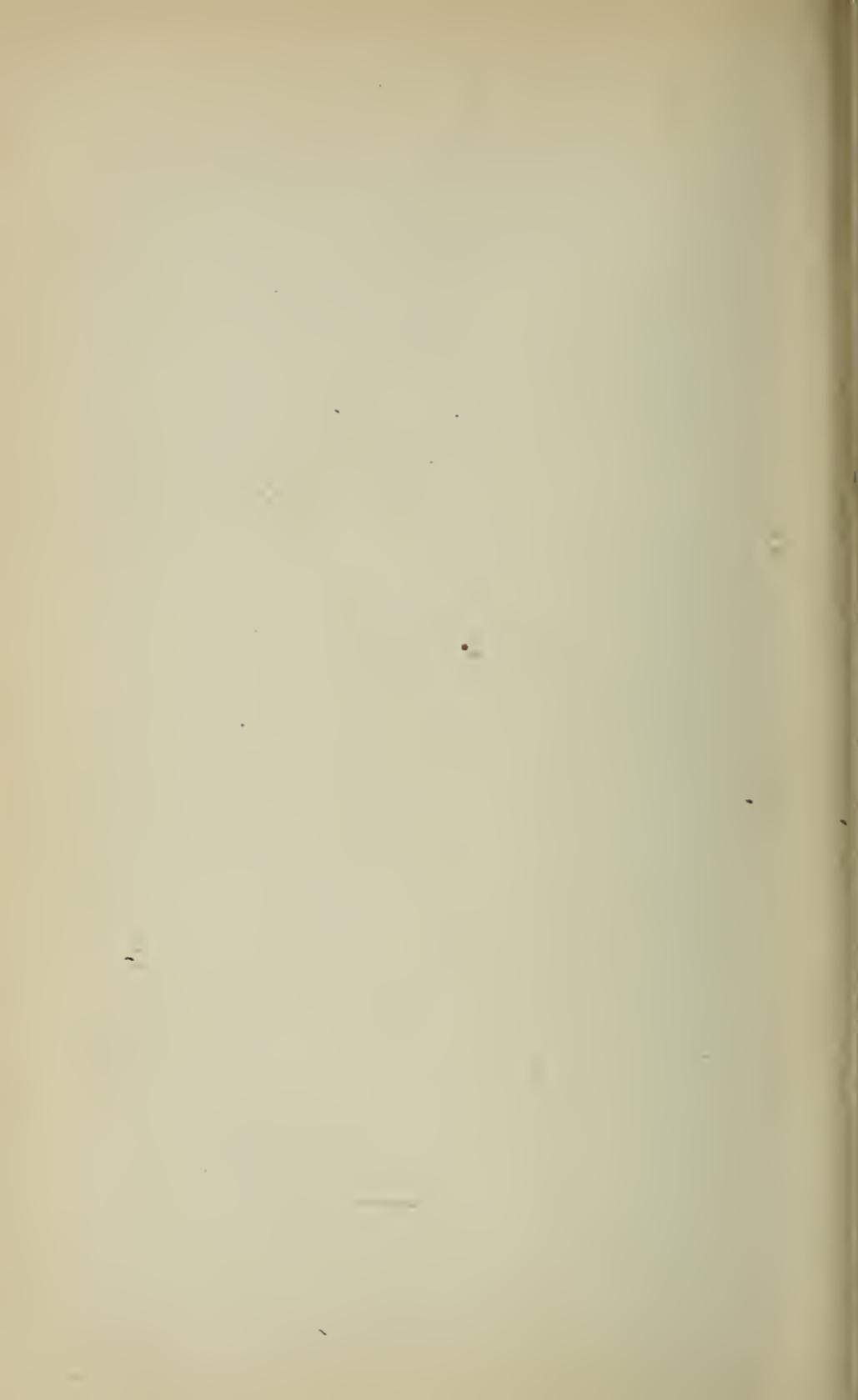
---



XXVI

MICHELET

(1873)



## Michelet

(1873)



Á não existe o primeiro vulto da moderna historiografia francêsa. Depois de 76 annos de uma vida tão gloriosa, como retalhada de perseguições e amarguras, o autôr immortal da *História de França* deixa após de si o rasto luminôso dos grandes meteóros, e abisma-se nas sombras impenetráveis que se erguem além do túmulo.

Foi mártir do trabalho e mártir da sciência. A sciência e o trabalho escrevêram de há muito no seu martirológio o nome aureolado do grande atleta, do pensadôr enorme.

Nascido em berço humilde, aos 24 de Agôsto de 1798, Michelet fêz-se artista, compulsou todas as páginas do grande poêma da miséria, e toda a sua vida foi uma luta constante pelo povo e pela sciência. Em 1846, o notável historia-dôr moderno, o antigo tipógrafo de Paris, escrevia a Edgar Quinet :

— «Para conhecêr a vida do povo, os seus trabalhos, as suas dôres, bastava-me interrogar as minhas memórias. Porque eu, meu amigo, trabalhei também com as minhas mãos. O verdadeiro nome do homem moderno, o nome de *operário*, merêço-o por mais de um título. Antes de escrevêr

livros, *compu-los* materialmente; reuni lêtras antes de reunir ideias. Não desconhêço as melancolias da oficina, o enfado das horas longas. . . »

Mas o *operário*, ao passo que trabalhava materialmente, ia educando as inteligências; e, aos 23 annos de idade, depois de se notabilizar num concurso, era professôr de história no *Colégio de França*, e ensinava filosofia, línguas antigas e história.

Poucos anos depois, em seguida á revolução de julho, era chefe da secção histórica dos arquivos do reino, e substituíu Guizot em uma cadeira da *Faculdade de Lêtras*.

Em 1838 succede a Daunou em a cadeira de história do *Colégio de França*, e, nêsse mesmo ano, é eleito membro da classe das sciências moraes e políticas do *Instituto*, em substituição do conde Reinhart.

Os seus trabalhos dirigiram-se quase sempre para a philosophia da história; e, como historiador, Michelet abandonou completamente as escolas antigas, e, afeiçoado a Vico, cujas obras traduziu, procurou demonstrar praticamente que a *história deve sêr um curso de ensinós philosophicos*. Esta ideia; recumbra já da sua notável *Introdução á história universal*, e das suas valiosíssimas *Origens do direito francês*, modeladas embora pelas *Origens do direito alemão* de Grimm; e accentua-se definitivamente nas suas obras capitaes,—a *História de França* e a *História Romana*. A elevação da crítica histórica, a excelência da escola de que êle é patriarca, a fôrça da síntese, e o colorido ardente, caracterizam aquelas obras, e tornam-nas immortaes,

- Luis Filipe imaginou que a voz daquêle homem era bastante para alterar a *ordem das coisas*, e arrancou o ao professorado público.

Depois da revolução de Fevereiro, é restituído á sua antiga posição, recusando-se a aceitar o mandato legislativo, para livremente consagrar o seu tempo aos trabalhos históricos; mas a politica nefasta, que preparava o *dois de dezembro*, suspende-o de novo; e como, em 1851, êle não quisesse prestar juramento a Napoleão III, foi arbitrariamente destituído do lugar de chefe da secção histórica dos *Arquivos*.

As tribulações do homem não quebrantaram o espirito do pensador; e quarenta e tantos volumes, pensados profunda-

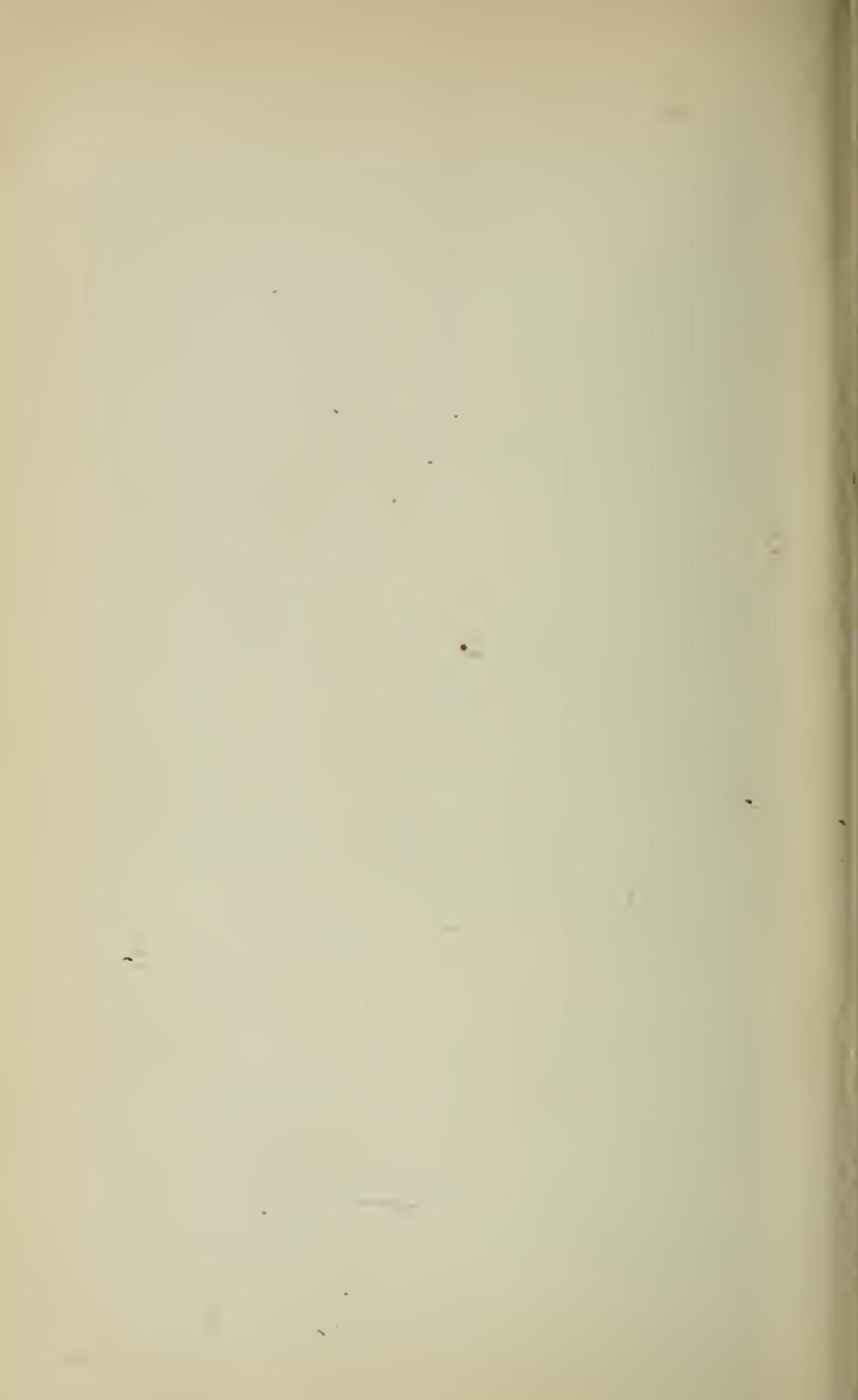
mente, e artisticamente trabalhados em pouco mais de 30 anos, denunciavam a actividade prodigiosa, a vontade enérgica, e a robustêz intelectual de Júlio Michelet.

A mão, valente e firme umas vêzes, outras caprichosa e fantástica, que ora abrangia a incógnita dos problemas da história, ora engrinaldava de flôres e banhava de perfumes a *Biblia da Humanidade*, a *Ave*, o *Mar*, a *Feiticeira*, a *Mulher*, o *Amôr*, essa mão está hoje inerte e fria.

Sôbre a pedra tumular, que resguarda as esfriadas cinzas do gigante que passou, passarao irreverentes e desatentos os pigmeus do obscurantismo e os apóstolos da sombra; mas os homens de boa vontade, de razão clara, e de alma aberta a todos os esplendôres do belo, hão de inclinar-se, com fervôr e saudade, sôbre a jazida do apóstolo, e dizêr-lhe:

—Tu, que nos amparaste em vida; tu, que em verêdas tenebrosas nos iluminaste com os relâmpagos do genio; tu, que o trabalho glorificaste, e que no edificio da civilização tressuaste gôtas de sangue; tu, que fazias tremêr os dêsptas, e abraçavas os oprimidos: levanta-te em espirito, em espirito nos acompanha, e não nos desempares nunca. Não podem morrêr os Hércules da sciência, os atletas da verdade: a intelligência que devassa horizontes, descobre mundos, e pródiga reparte a luz de que se opulenta, não pôde apagar-se nas trevas de um túmulo! Tu viverás eternamente no coração dos que te amam, no espirito dos que te invocam, na mansarda dos infelizes, no santuário da sciência, e no templo da liberdade! —

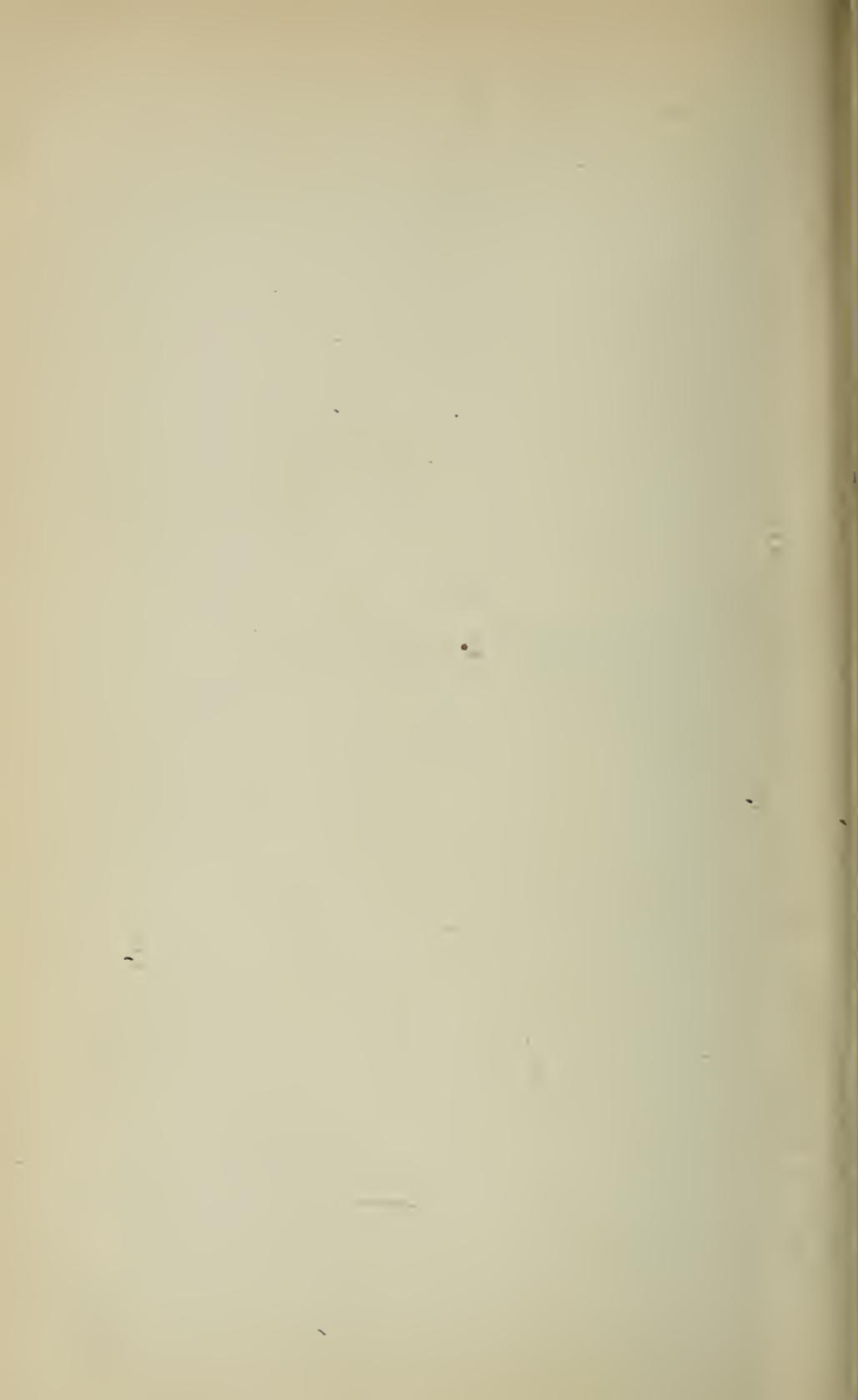
---



XXVII

LÊTRAS E TITULARES

(1891)



## Lêtras e titulares

(1891)



PARODIANDO UNS versos célebres, podemos dizêr:—  
*Não fazem mal as lêtras aos titulares.*

Na bibliografia portugueza do nosso tempo, dá-se um factó que era rarissimo nos demais séculos da litteratura nacional, e é: que muito dos nossos homens de lêtras são *titulares*.

Se, por um lado, é certo que os títulos honoríficos se obtêm hoje menos difficilmente do que nos tempos idos, não é menos certo que o espirito público hodierno denuncia maior elevação intelectual, e que a civilização expungiu definitivamente o preconceito de que as lêtras *não faziam bem* aos nobres.

Passou para a lenda a declaração dos velhos notários, em instrumentos e autos públicos: de que o senhôr fulano, na sua qualidade de fidalgo, assina de cruz, por não sabêr escrevêr.

*Altri tempi...* A Revolução franceza, sem conseguir apagar as distincções nobiliárquicas, sancionou a dignidade do trabalho, e espalhou pela Europa e pelo mundo a convicção de que a intelligência culta nobilita os que a possuem.

Daqui o factó vulgar de que muitos, nobilitados *par droit de conquête* ou *par droit de naissance*, não desdenham, antes procuram, a nobreza literária e scientífica.

O próprio Garrett, que na sua juventude satirizara barões e viscondes, juntou a corôa de visconde á sua corôa de letrado, e, duplamente coroadado, abre com o maior esplendôr um novo cielo literário. E Castilho, o exemplaríssimo mestre da língua portugûesa, o admirável intérprete de Anacreonte e Ovídio, era visconde.

\*

Depois de Garrett e Castilho, surgem na arena literária, jornalística e científica os finados titulares visconde de Gouveia, marquês de Sousa Holstein, visconde de Benalcanfôr, conde de Seisal e visconde de Correia Botelho.

O visconde de Gouveia appareceu, com seu irmão António de Serpa, no período agudo do romantismo. Fêz revivêr as castelans e os págens, as xácaras e os solaus, e, abraçado ao seu arrabil, como um trovadôr nas noites consteladas da Idade-Média, adormeceu para sempre no cabeçal em que descansam os crentes e os bons.

\*

O marquês de Sousa-Holstein, que juntava ao seu perfil de fidalgo um trato ameníssimo, de uma afabilidade cativante, e um amôr fanático á literatura e ás belas artes, deixou na Academia das Sciências e em várias revistas literárias a demonstração cabal dos seus méritos intellectuaes.

O visconde de Benalcanfôr, aquêl formôso espirito de artista, há de sêr, por muitos anos ainda, um dos nossos escriptôres mais exemplares, na elegância da sua dicção e na correccão dos seus escritos.

O conde de Seisal, êsse burilava admiravelmente graciosos sonêtos, cultivando com destrêza igual o portugûês e o francês.

Do visconde de Correia Botelho bastará dizêr que se chamava—Camilo. Êste nome diz tudo.

Deveria ainda referir-me á marquêsa de Alorna e á viscondessa de Balsemão, (D. Caterina). Mas aquela, em meio do seu extraordinário talento, representa os paroxismos de

classicismo, que não é do nosso tempo, e D. Caterina deixou que os seus versos, deliciosamente femininos, desaparecêsem entre as sêdas e os perfumes dos seus camarins: esconden-se a poëtisa e ficou a titular.

Falemos dos vivos.

\*

Eu não conhêço país que, entre os seus literatos contemporâneos, exhiba, relativamente, maior número de titulares, nem titulares mais ricos de talento, do que Portugal moderno. Se não, vejam :

O conde de Casal-Ribeiro, cujas qualidades de estadista e diplomata são geralmente reconhecidas, e que é considerado uma das inteligências mais vivas do nosso tempo, é um verdadeiro homem letrado; e os seus trabalhos literários fazem sentir aos homens de lêtas que a política e a diplomacia não lhes permita a assídua colaboração de Casal-Ribeiro.

O conde de Ficalho é um homem de sciência e um homem de lêtas. Na sua cadeira de professôr e no seu gabinête de trabalho, devassa os segrêdos das sciências naturaes, com a mesma facilidade, com que traça um conto, uma fantasia alegre, uma crónica espirituosa.

O conde de Valbom, aposentado talvez para a vida das lêtas, tem na sua biografia largos documentos da sua valia para o jornalismo e para as sciências sociaes.

O conde de Monsaraz é o elegante e aprimorado poëta das *Crepusculares* e das *Telas históricas*; coração de oiro em corpo de Hércules; alma aquecida pelos bons e grandes affectos, e iluminada pelos esplendôres da arte.

O conde de Sabugosa é outro poëta adorável, cujas rimas trescalam o aroma distinto de um espirito fidalgo, e em cujos contos resai a singela espontaneidade dos artistas, que, antes de pensar na glória, pensam na arte.

O conde de Samodães, jornalista catolico e parlamentar antigo, florescia habilmente a sua pena de escritôr, e aprofunda uma questão económica com a mesma destrêza, com que se abeira de uma questão literária.

O conde de Valenças, pertencendo a uma das mais distintas gerações acadêmicas de Coimbra, não perdeu a sua fei-

ção literária através do magistério e da vida parlamentar: além dos seus trabalhos jurídicos e alfandegários, vemos o seu nome numa interessante monografia consagrada a Gambia, em varios escritos á cêrca da instrução pública; e, ainda há pouco o conde de Valenças publicava num elegantissimo volume os seus *Discursos Políticos e Literários*, obra destinada apenas aos seus amigos, e que êstes guardarão como um dos mais vivos documentos da intelligência e do coração do esclarecido titular.

O visconde de Sèabra, o venerando juriconsulto, que há cincoenta anos escrevia correctissimos versos, ainda hoje, nonagenário, se distraí poëtando e traduzindo Ovídio.

O visconde de Soto-Maior, nosso ministro na Suécia, expia hoje entre os gêlos do Norte as demasias bohêmias da sua fogosa mocidade, mas é aquêlê distintissimo António da Cunha, que deixou o seu nome vinculado, não só á vida alegre de Lisbôa, mas também á imprensa periódica, por onde espalhou crónicas e artigos, repassados de bom humôr e scintilantes de graça e espirito.

O visconde de Melicio consagra-se ao jornalismo, onde ocupa um dos melhores lugares; e não sei de jornalista bom que não seja bom eseritôr.

O visconde de Sanches de Frias poëtou e romanceou largamente no Brasil, onde passou grande parte da sua vida; deu-nos há poucos anos o interessante volume da *Viagem ao Amazonas*, logo depois um livro de versos, há mêses um livro de viagens, e agora, insulado na sua tebaida da Graça, dá os últimos retoques a uma collecção de contos.

O visconde de Roussado desperdiça actualmente entre os inglêses o talento humorístico, que produziu o *Roberto*, o *Possidonio I*, o *Crú*, e que levou a politica a expatriá-lo para onde não fizesse dano aos legisladôres e aos possidônios.

O visconde de Pindela, (Vicente), faz hoje diplomacia na Holanda, mas fêz literatura em Coimbra, e fêz em San-Tomé importantes estudos sôbre a administração daquela provincia.

O visconde de Ouguela, um dos mais talentosos dissidentes da politica militante, tem afirmado sobejamente o seu valôr e os seus dotes literários em livros excelentes, como o *Gil Vicente* e os *Salões*.

O visconde de Moreira de Rei, —outro dissidente— disse adeus á prosa dos libelos e das reflexões jurídicas, mas não partiu a pena; e, quando lhe apraz, entra desafogadamente pelo jornalismo, e escreve, com o bom senso e a clarêza, que são peculiares a quem sabe de lêtras e vê o mundo ás claras.

O visconde de Sanches de Baêna é o primeiro genealogista português da actualidade, conhece a Torre do Tombo nos seus escaninhos empoeirados e bafientos, e está concluindo, com rara proficiência, os trabalhos heráldicos do finado Silveira Pinto.

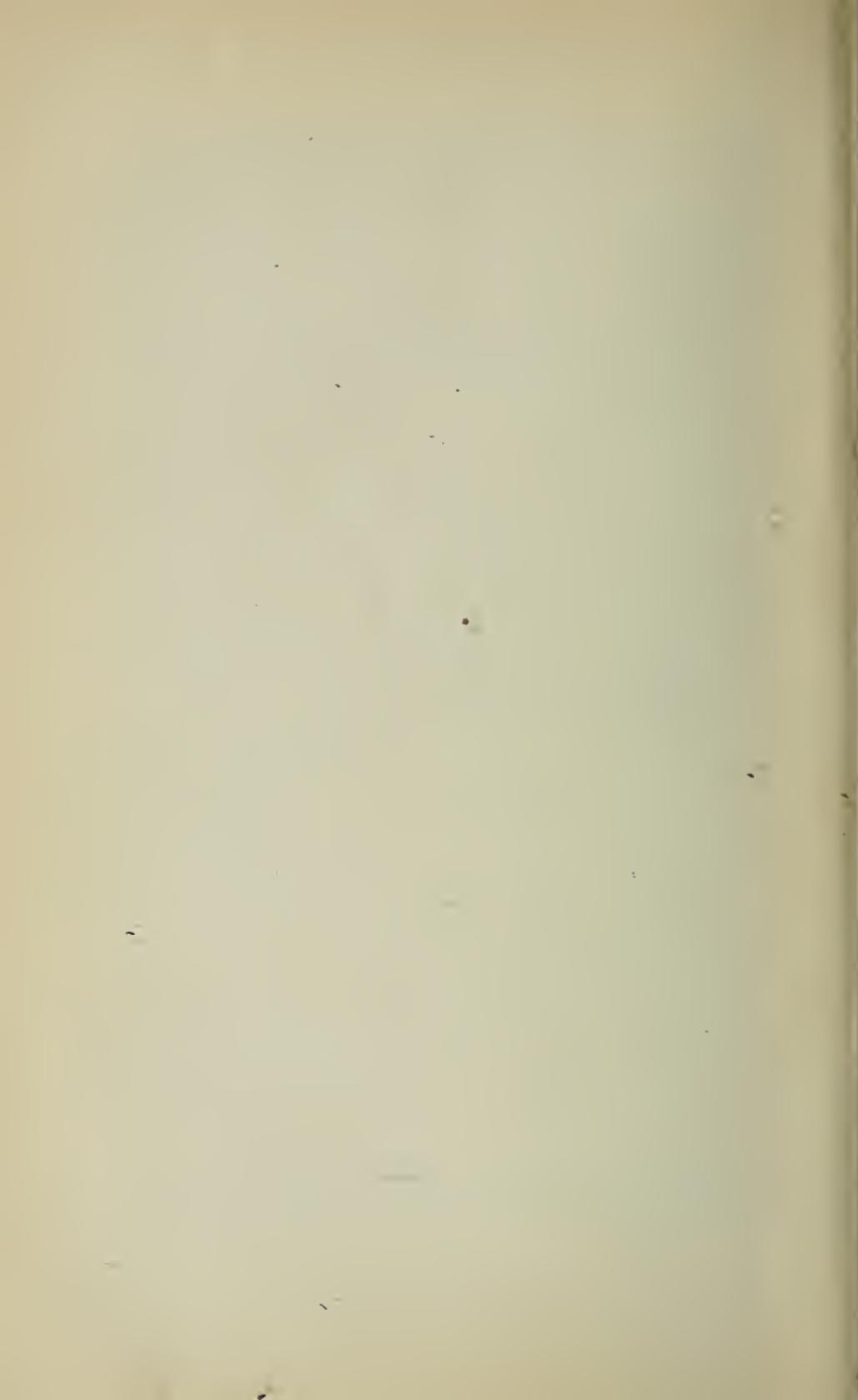
O visconde de Castilho, (Júlio), herdou de seu pai o nome gloriôso, e tem correspondido aos encargos da herança, brindando as lêtras com valiosos trabalhos em prosa e verso, entre os quaes avultam *Lisbóa Antiga*, *Memórias de Castilho*, *Primeiros versos*, *Manuelinas*, *António Ferreira*, etc.

Não sei se, por esquecimento, omiti algum titular que tenha jus a tomar cabida na bibliografia contemporânea.

Em todo caso, fica demonstrada a minha proposição—de que, em nenhum século, a história literária Portugal contou, como no actual, tantos escritôres titulares.

E ainda bem. É um sintoma de elevação intelectual, uma vitória para a causa das lêtras, e um impulso para a solidiedade, a que aspira a democracia.

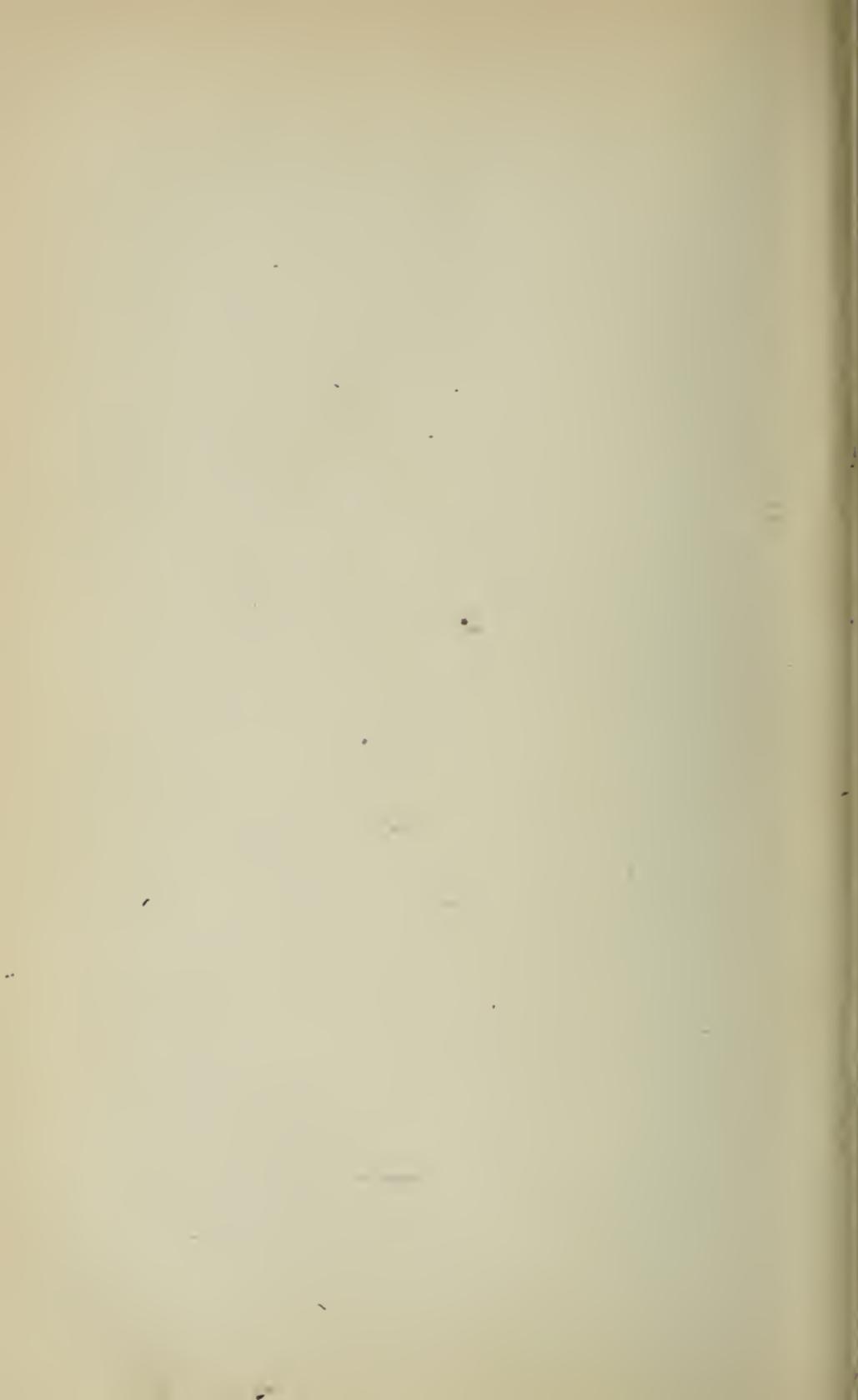
28-1-91



XXVIII

ALBERTINA PARAÍSO

(1898)



## Albertina Paraíso

(1898)



VERE o amável directôr do *Gabinete*<sup>1</sup> que eu escrêva de Albertina Paraíso.

Um perfil biográfico?

Não sei nem posso.

Porque eu vi-a só uma vêz, durante algumas horas, á beira dos carvalhos e plátanos daquela pinturêscas e umbrosa Vizela, que devia sêr o cenóbio exclusivo dos poétas, vedado a brasileiros, politicos e reumáticos.

E, vendo-a só uma vêz, eu não cometeria a indiscreção de lhe perguntar a idade, a naturalidade e a genealogia; e não lograria tempo para lhe conhecêr as tendências do espírito, os quilates do coração, as virtudes e os méritos.

Vi, apenas, que ela teria uns invejáveis vinte anos; mas, da sua viçosa primavera, só pude conhecêr uma rosa doirada, um belo exemplar da *Reve d'or*, que ela afagava ás vêzes distraidamente.

Da sua alma, do seu coração, mal eu poderia julgar, só pela indecisa e vaga linguagem das suas pupilas, cheias de

<sup>1</sup> Referênciã á Revista ilustrada *Gabinete dos Repórteres*, de Agosto de 1898.

sombra e de luz;—de luz, como as estrêlas; de sombra, como um abismo.

Felizmente, ella previu a minha curiosidade e a dos seus apreciadores, publicando, poucos anos depois, um livro, *Musgos e Rosas*; e, conduzida até á ribalta do palco das lêtras pêlo braço amigo do João de Deus, ergueu um pouco o véu, com que me appareceu em Vizela, e a plátêia ficou conhecendo-a, tanto quanto o público deve conhecêr uma poëtisa.

Portanto, o seu perfil está feito, e eu só tenho que rememorar os traços da sua autobiografia. . .

Daquêles *vinte anos*, que eu entrevira de relance, temos hoje esta bela certidão, que eu reconhêço em testemunho de verdade:

Nadam aromas na campina em flôr !  
Vinte anos!—alvoradas, primaveras.  
O coração é um ninho de quimeras  
de rútilo fulgôr.

Uma dôce alvorada em pleno abril !  
Horizontes azues e côr de rosa . . .  
E, sempre, uma visão misteriosa,  
beijando-nos, subtil.

Uma canção florida e original,  
uma estrofe tremente, que resume  
tôdo o sereno e cândido perfume  
dum terne madrigal.

Vinte anos!—Um suavissimo clarão,  
que se alonga e nos banha, toda a vida,  
numa vaga saudade indefinida,  
que vem do coração.

A mim, que não ousara devassar-lhe a alma nem entrever-lhe os vãos, e ao público que a lê, veio ella declarar depois:

.....

Levanto a alma, nos meus sonhos castos,  
ao pórticos doirados do infinito,  
e deixo a sós estes caminhos gastos,  
seguindo a estrada dum olhar bemdito !

E agora, como a fôlha sôbre os lagos  
que uma aragem subtil de manso agita,  
sinto-a embalada entre ideacs afagos,  
como criança que, a sorrir, dormita.

E, como se não dissera tudo, ainda revela:

Como águia, do azul enamorada,  
sacode as asas a minha alma, e vai  
cantando pelo espaço, descuidada,  
a luminosa e dúcida alvorada  
que o meu anciôso coração atrai.

Dêste coração é que inda não há notícias precisas. Li-  
geiras referências apenas, pouco satisfatórias, mas dignas  
de crédito e de estima :

Como cadáver, frio e regelado,  
sôbre as águas errante, no alto mar,  
de fraga para fraga arremessado,  
sem nunca a paz do túmulo encontrar,

tal no meu peito um vulto inanimado  
—o coração!—extinto rouxinol,  
vai boiando, boiando, amortalhado  
nas penas que lhe servem de lençol...

Há quem diga que a mortalha se tem rasgado e que o  
rouxinol, surgindo á vida, tem expandido os seus gorgeios  
em devêsas encantadas e misteriosas.

A gravidade histórica obriga porém a fazer obra por do-  
cumentos, e êstes são omissos, quanto á crónica do rouxi-  
nol de Bernardim Ribeiro.

O que eu sei, o que para mim é dogma, é que não há  
poësia sem amôr. Quando o poeta não saiba ou não possa  
amar, deixará de sêr poeta.

Portanto, e não obstante as aludidas omissões, a bôa e  
discreta hermenêutica há de achar nos *Musgos e Rosas* a con-  
firmação da minha tese.

Pelo menos, a pag. 25, lê-se:

A ti, ó Santa, côr de jaspe e arminho,  
asa e confôrto do meu pobre ninho,  
para quem tenho as perfeições dos astros;

a tí, que nunca, em tuas dôces preces,  
..... de mim te esqueces,  
e a quem eu sempre, sempre, hei-de adorar.....;

a ti, que instilas o frescôr das rosas  
às minhas longas febres tormentosas,  
na Santa Unção dos beijos que me dás!

a ti estes versitos de criança,  
rosas simples, que prendo á tua trança,  
musgos vèrdes, que ponho em teu regaço,

Como vêem, há aqui amôr, e bendito amôr da poëtisa a sua santa-mãe.

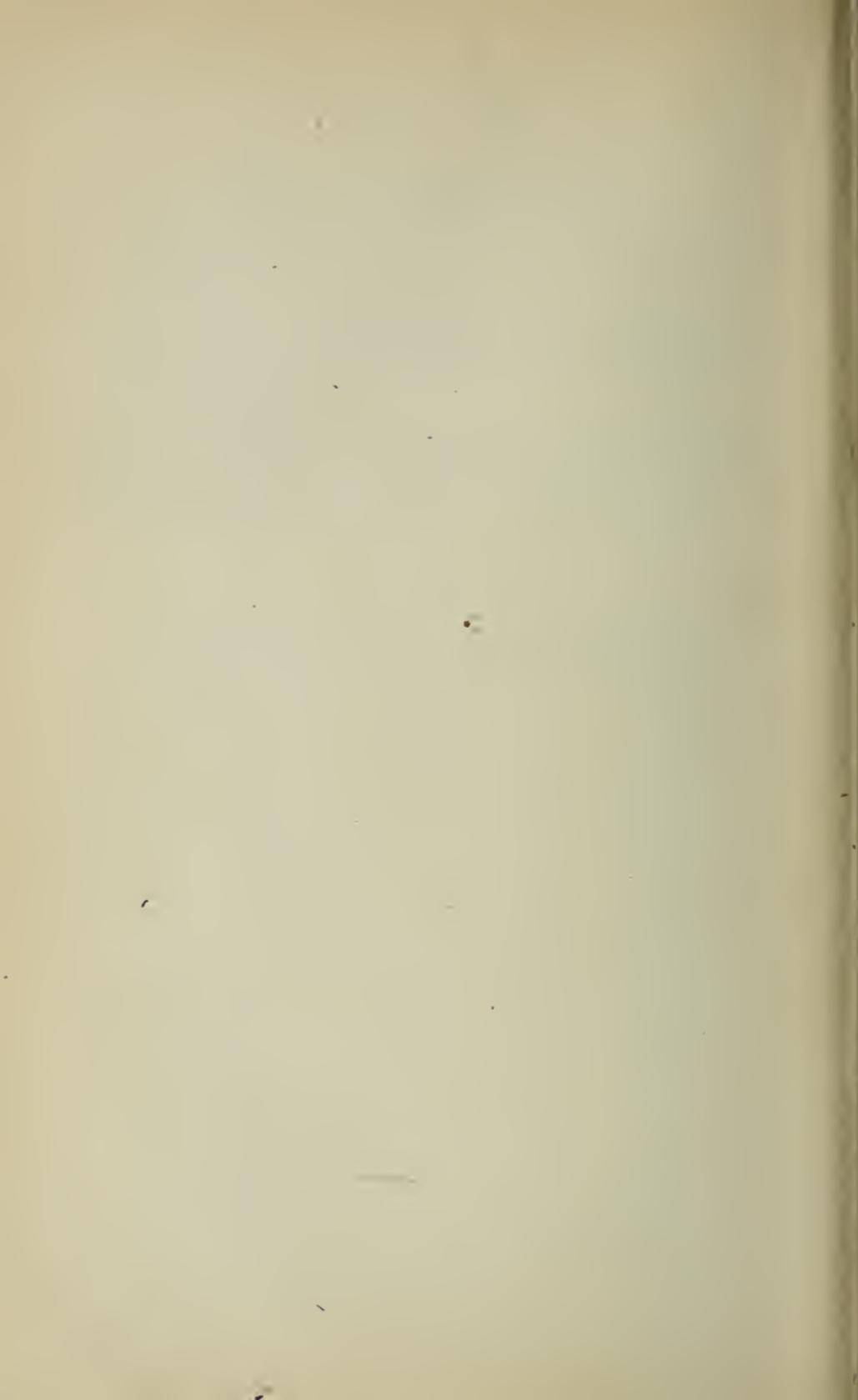
E, ainda que a êste amôr não caibam os êxtases, os arrobamentos e os transes do outro amôr,—do amôr-amôr,—há de têr sempre a sublimidade e doçura, inseparáveis da naturêza da poësia.

E aqui está como, não podendo eu traçar a biografia de Albertina Paraíso, fui excelentemente substituído pelas confissões escritas da poëtisa, que eu só vi uma vèz, á beira dos carvalhos e plátanos da pinturêscã e umbrosa Vizela.

XXIX

TEINEIRA DE VASCONCELOS

(1878)



## Teixeira de Vasconcelos

(1878)

*Amigos e antigos colegas* <sup>1</sup>

ENHO tarde. Passou já adeante de mim o magnífico e numeroso cortejo dos que fôram engrinaldar de saudades e homenagens a perdurável memória do nosso antigo mestre, amigo e companheiro de trabalho.

Não sou porém dos últimos na espontaneidade da homenagem e no affecto que me prende àquela memória. Entre os vultos encanecidos, cujo nome se projecta, como um clarão de glória, nos horizontes do futuro, e os môços inexperientes, mas ávidos de sabêr, que se lhes aproximam, procurando exemplos, incitamentos e luz, estabelece-se uma cadeia inquebrantável, cujos anéis preciosos são formados pelo respeito, pela afeição e pelo reconhecimento.

Aos favôres, cumprimentos e estímulos, com que a imprensa me recebeu uns devaneios, prinícias literárias de de um desconhecido sertanejo da Beira, anda intimamente

(1) É carta dirigida aos redactôres do antigo *Jornal da Noite*, de que fôra fundadôr e directôr Teixeira de Vasconcelos, e a cuja redacção pertencêra, em 1874 e 1875, o autôr dêste livro.

travado o nome simpático de Teixeira de Vasconcelos; e, quando me levantei das bancadas da Universidade, sci êle ainda quem affectuosamente me fêz sentar á sua mœsa de estudo e de trabalho.

Acompanhei-o por mais de um ano na redacção do *Jornal da Noite*; substituí-o por alguns mœses na *Correspondência de Portugal*; estudei-o de perto nas manifestações mais inequívocas do seu grande espirito e da sua claríssima intelligência; observèi-o em luta com a adversidade e pude vê-lo também acariciado pela fortuna e pela bem-querença pública; mas nunca a diversidade das situações da vida lhe modificou a espantosa serenidade de espirito, nem lhe torceu aquêlê raio de luz vivíssima, com que via e apreciava os homens e as coisas.

Na ocasião em que êle passava por uma das crises mais violentas da sua vida, disse-lhe alguêm:

— Lastimio-te; é uma das quédas, de que tarde te levantarás.

— Enganas-te, — replicou êle, sorrindo; — as minhas quédas são como as dos gatos: os gatos, de alto que cáiam, ficam sempre de pé.

E no meio desta serenidade e desta friêza de espirito, o seu grande coração tinha manifestações que espantavam.

Um dia, apresentou-me uns contos deliciosos da celebrada romancista inglêsa, Ouida.

— Leia isto, e traduza alguma coisa para o jornal. É magnífico. Tem páginas admiráveis. Ora oiça.

E pôs-se a lêr uma passagem, em que Ouida descreve a chegada dos prussianos a Paris. Fôra invadida uma aldeia. Os patriotas mais entusiastas pagavam com a vida o amôr á pátria. Bernardou, noivo de pouco dias, fôra assassinado á vista de sua mãe, Reine Alix, dentro do próprio tugúrio. A carnificina proseguia em tórno. As chamas começavam a devorar a aldeia. Um homem do povo entra em casa da velha Alix, e brada-lhe:

— Salvai-vos depressa, está incendiada a aldeia.

— Salva-te tu — respondeu-lhe ella; — eu sou velha, e aqui ficarei com os meus mortos.

Antonio Augusto suspendeu a leitura. Olhei para êle, e as lágrimas queriam saltar-lhe dos olhos.

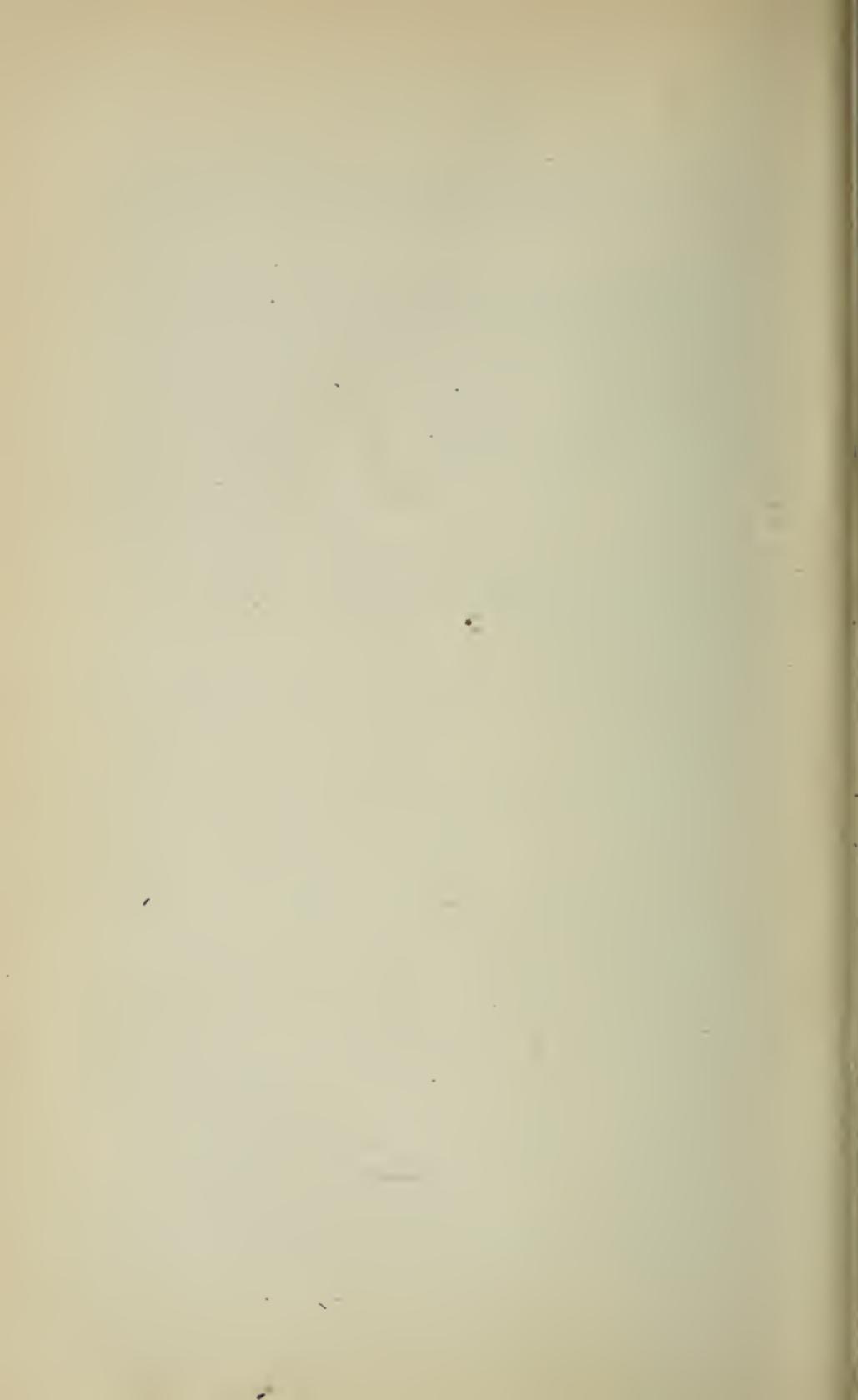
— Não admire, — continuou êle, vendo-me surpreso; — dizem que a mulher foi formada de uma costela do homem, mas eu creio que fui formado de uma costela de mulher.

É inútil repetir o que se tem preconizado sôbre a enorme superioridade daquêle espirito cultíssimo. A sua biographia politica e literaria, todos a conhecem. Os seus livros, os seus jornaes, as suas palavras, estão presentes á memoria de todos nós. Defeitos, se os têve, avaliá-los-ão os plutarcos futuros, quando a história pudêr arquivar friamente os corolarios insuspeitos da critica.

Por agora, o tûmulo do notável escritôr reclama apenas as homenagens de todos, e as saudades dos que lhe devêram affectos.

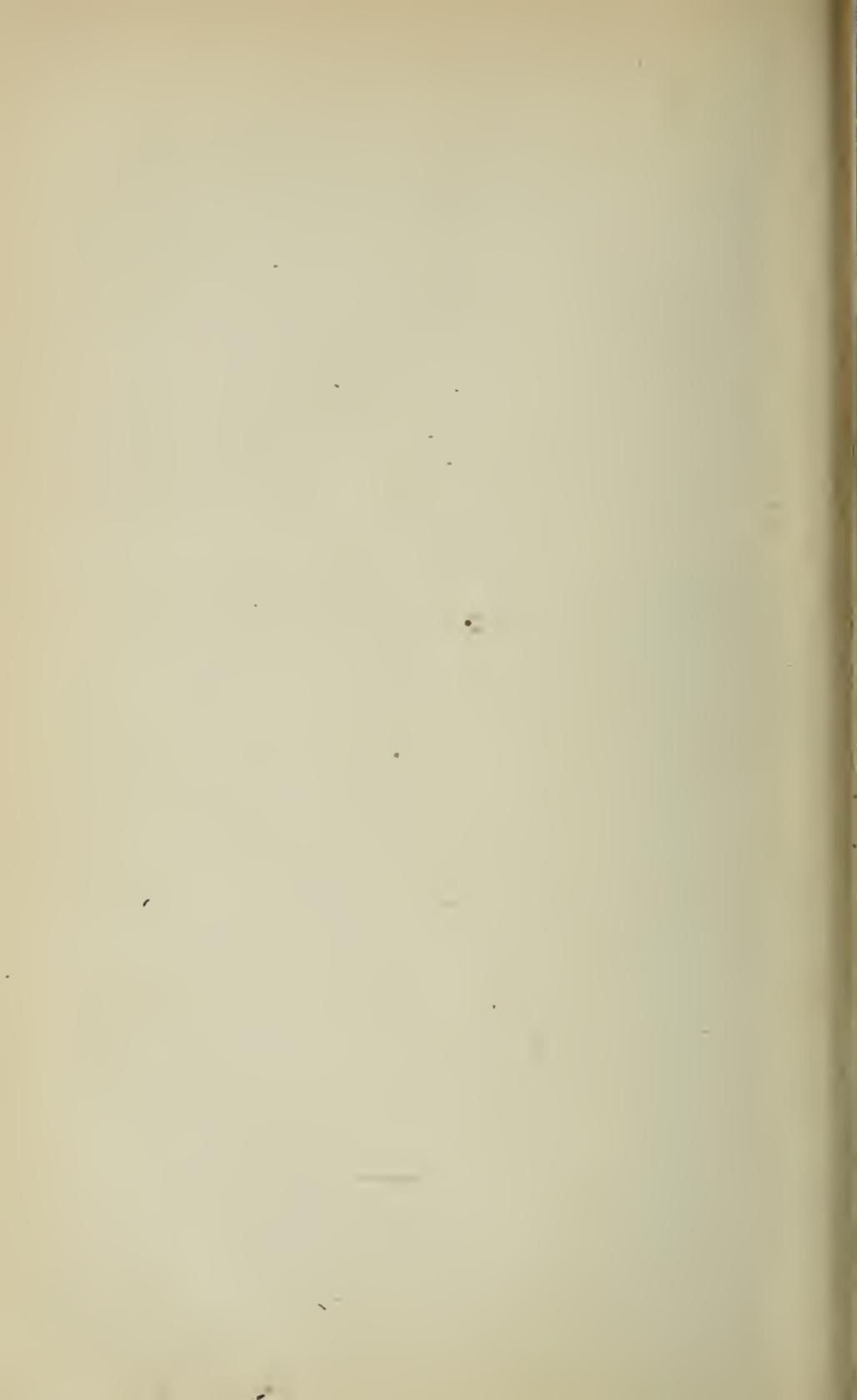
Entre essas saudades e homenagens, peço o lugar mais modesto para as que eu tributo á mêmoria sempre viva de António Augusto Teixeira de Vasconcelos.

*Alcácer, Agosto. 1878.*



XXX

VISCONDE DE CASTILHO (JÚLIO)



## Visconde de Castilho (Júlio)



UANDO um portuguez illustre, hoje Conde e Par do reino, estremecia de entusiasmo em 1848, ao proclamar-se a segunda república franceza, o seu ardôr juvenil espelhou-se num opúsculo célebre, cujo título é uma sentença tão vulgar como expressiva: *Ontem não é hoje.*

A sentença é tão simples, que chêga a ser prudhommêsca; mas tão natural e rigorosa é, que instinctivamente a reproduzimos, quando atiramos a vista por esta Lisbôa fóra, onde os incessantes melhoramentos e transformações maravilham sobretudo os que conhecêram Lisboa há quarenta anos. Esses, ao vê-la hoje, quase a não conhecem, porque é de Lisbôa que mais justamente se pôde dizêr: *Ontem não é hoje.*

Imaginem, agora, que não conhecíamos simplesmente a Lisbôa de ontem, mas ainda a Lisbôa de há três, cinco ou oito seculos, e o espanto subiria de ponto, ao defrontarmos o que era com aquillo que é.

Passar em revista as estreitas e escuras vielas da velha Lisbôa, os costumes pinturêscos, e ás vêzes selvagens, dos seus antigos habitantes, a história alegre ou fúnebre que se prende a cada recanto da cidade, a transformação successiva

de monturos e áridos terrenos em largas praças e sumptuosas construções, os homens que cooperaram nessa transformação, as lendas e episódios locais que escaparam á história geral, seria excelente recreação, cheia de curiosidade, de interesse e de bons ensinamentos; não é verdade? Pois temo-la hoje ao nosso alcance, á custa de alheio trabalho, tão paciente e tão extraordinário. que custa crêr que alguém arrostasse com êle, entre os brandos ócios e o labôr egoísta que caracterizam a sociedade de hoje.

Deve-se este meritório e largo trabalho a um escritôr de raça, coração de oiro e espirito claro, o segundo Visconde de Castilho.

Educado á sombra dos melhores exemplos, Júlio de Castilho estreou-se pela poésia na carreira literária, e publicava aos quatorze anos correctíssimos versos. Trabalhador e desambiciôso, a maior parte dos seus livros têm sido publicados no Brasil e em Paris, esquivando-se êle sempre aos aplausos dos seus contemporâneos, afastando-se systematicamente de todos os bandos literários, e escondendo-se com os seus livros em recessos, aonde não chêga o falario das praças nem a declamação da comédia social.

E assim escreveu a *Inês de Castro*, os estudos sobre *António Ferreira*, as *Memórias de Castilho*; e assim tem trabalhado e trabalha, como um mineiro obscuro, para trazêr á luz a mais interessante história da cidade do Tejo.

Refiro-me á *Lisboa Antiga* <sup>1</sup>, obra dividida em duas partes, a segunda das quaes vai no 6.º volume, agora publicado, e acompanhado de déz magnificas estampas.

Êste volume 6.º, da segunda parte da *Lisboa Antiga*, é de um valôr inestimável, pelas copiosas e interessantes notícias, que nos dá, dos antigos bairros orientaes, incluindo o Rocio.

São 31 capítulos, que se estendem por quase 400 páginas, ricas de informações, episódios e abundantes lições da história local.

O autôr embrenha-se nos tempos mais antigos, consulta memórias, pergaminhos e inscrições, e vem acompanhando

---

(1) Livraria Ferreira, editôra, Rua Áurea, 132 a 138, Lisboa.

até hoje, através da sombra dos séculos, as edificações e os lugares mais notáveis da nossa Lisbôa.

Com tal trabalho e processo, fala-nos largamente da extinta igreja paroquial de *San-Jorge*, de *San-Jorge de Arroios*, ermida e campo de *Santa-Bárbara*, *Moiraria* e *Almocavar*, quinta dos Condes de San-Miguel, palácio dos Condes de Mesquitela em Arroios, *Nicho da Imagem*, *Caracol da Penha*, igreja da *Madalena*, capela da *Consolação*, *Porta do Ferro*, *Monturos* de San-Mamede, palácio, *Penafiel*, ermida de *San-Crispim*, *San-Patricio* dos irlandêses, mosteiro do Salvadôr, *Chão da Feira*, ao Castele, *Feira da Ladra*, *Passeio Público*, *Avenida*, etc.

Nesta larga peregrinação através das paróquias de Lisbôa, deparam-se-nos páginas curiosíssimas. Por exemplo, a que se refere á iluminação de Lisbôa, anteriormente a 1780; e creio que os leitôres me agradecerão a transcrição de alguns períodos:

—«Antigamente, andavam os transeúntes de todo ás escuras. Quem queria vêr onde punha os pés, mandava-se acompanhar de criados, com tochas ou lanternas.

«Assim descreve Fernão Lopes ao conde Andeiro, por exemplo, na chónica de el-rei D. João I. Essa grande figura, embuçada, atravessando as ruas a deshoras, tem não sei que de grandioso, que nunca mais esquece. Se até a lenda fêz do brilhante Conde um papão! era um *coco* das crianças ainda no seculo passado; para se lhes metêr mêdo, dizia-se-lhes que êsse personagem vagabundeava de noite. E um resto dos ódios que êle despertou no povo.

«Foi num minuciôso Regimento policial, dado por el-rei D. Fernando á cidade de Lisbôa, em sua carta de 12 de Setembro de 1383, que (entre outras providências, tendentes a prevenir a ladroagem), se estatue que, segundo os *homens bons* determinassem, se colocassem em certas ruas candeias (tochas, velas, archotes), para afugentar malfeitores.

.....  
 ...«Quanto á França, que vai quase sempre na vanguarda dos melhoramentos materiaes, foi só em 1769 que o velho sistema portuguez se viu substituido em Paris por lampeões pendurados de cordas, de lado a lado das ruas.

«Èsses lampiões em corda não tivemos nós cá; mas tivemos os outros, pendentos de um engenho de ferro engonçado que descia e subia á vontade. Isso mesmo que hoje nos faz rir, habituados ao gás e á luz eléctrica, deu uma verdadeira campanha quando o Conde de Novion, chefe de policia, o introduziu.

«Começou a iluminação em Lisbôa a 17 de Dezembro de 1780. Em 1791 já havia 809 *alampiãoes*.

.....  
 «Ha vestígios da opposição sistemática, movida pela opinião dos *ramerraneiros* contra um tão assinalado melhoramento. Nas anotações do *Theatro* de Manuel de Figueiredo fala-se de um peralta, que numa assembleia dizia: *Eu não sei que utilidade me vem, estando em minha casa pelas 8 ou 10 horas da noite, que estejam na rua ardendo éste tempo tantas mil luzes; não sei.*

«Com a invasão dos candeeiros, ficaram os nichos prejudicadíssimos.

«Tudo isto veio a propósito do tal nicho, que ainda existe na esquina do Caracol da Penha. Chamava-se por causa dèle ao sítio o *Nicho da Imagem*.

«Ora, em 1753, morava no seu palácio, *junto do campo de Santa-Bárbara defronte do senhor de Murça* (prédio Mesquitela), o conde de San-Miguel, velho; muito perto, ficava o *Nicho da Imagem*, e a ali tinha então uma tenda certa mulher, cuja filha entreteve com o Conde Álvaro um romance que não vem para aqui, e que desfechou a final em têr de se recolhêr a tendeirinha para não sei que mosteiro.

«Convença-se o leitôr de que tudo são romances neste mundo, e de que as esquinas de uma cidade, grande e populosa como esta, tem mais histórias para contar do que Dumas ou Julio Dinis». —

Tenho pena de que o espaço me não permita dar uma síntese completa das maiores curiosidades históricas dèste livro. Apontarei ao menos mais uma, — a exposição do nosso antigo serviço postal.

Curiosíssimo! Antes de D. João III, que foi quem criou o officio de correio-mór, cada qual, para longe ou perto, mandava as suas cartas por *próprios*, ou recorria aos almoceves. D. João III, para têr quanto antes notícias do casa-

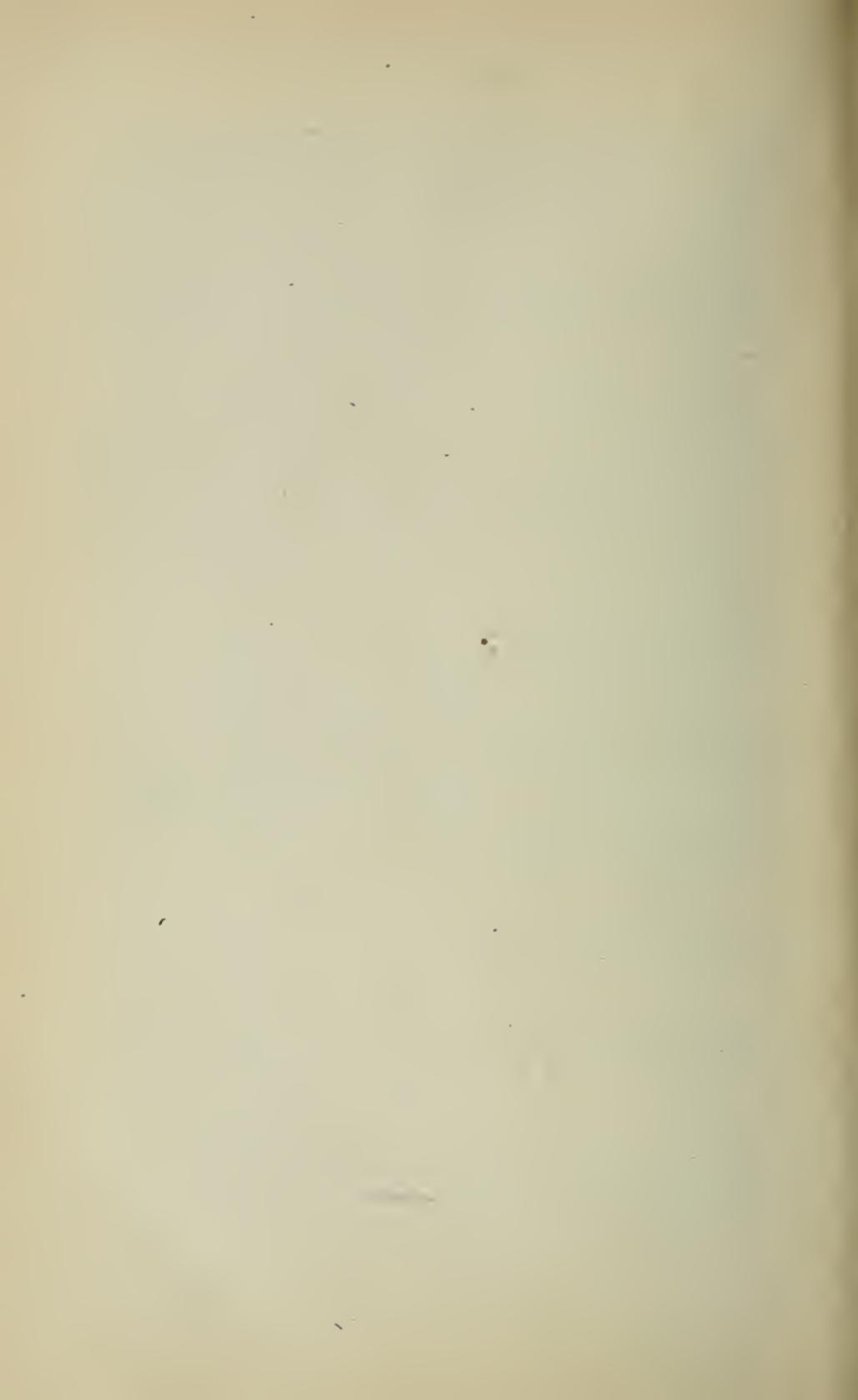
mento de seu filho em Sevilha, *ordenou escudeiros de sua casa postos a cavallo em paradas pelo caminho, que com toda a pressa de um, em outro lhe trouxessem, como trouxeram, a dita certidão.*

Em tempo de D. Sebastião, já depois da instituição official dos correios, uma carta levava sete dias para chegar de Braga a Lisbôa; e já no principio d'este século, o correio-mór tinha apenas ás suas ordens dôze correios a cavallo e trinta a pé.

As cartas da provincia, ou *mandadeiras*, como então se dizia, só se recebiam aos sábados, em casa do correio-mór a San-Mamede.

Mas isto é apenas uma pequena amostra do livro, á cêrca dos usos e costumes da Lisbôa antiga; á cêrca dos seus monumentos, e familias mais importantes que moraram nas freguesias, de que o livro trata, impossível seria dar nesta página uma ideia aproximada do valôr da obra. Só á cêrca da história particular de vários conventos, do Rocio e do Passeio Público, há muitas e deliciosas páginas, em que o interesse histórico se casa com o encanto da narrativa.

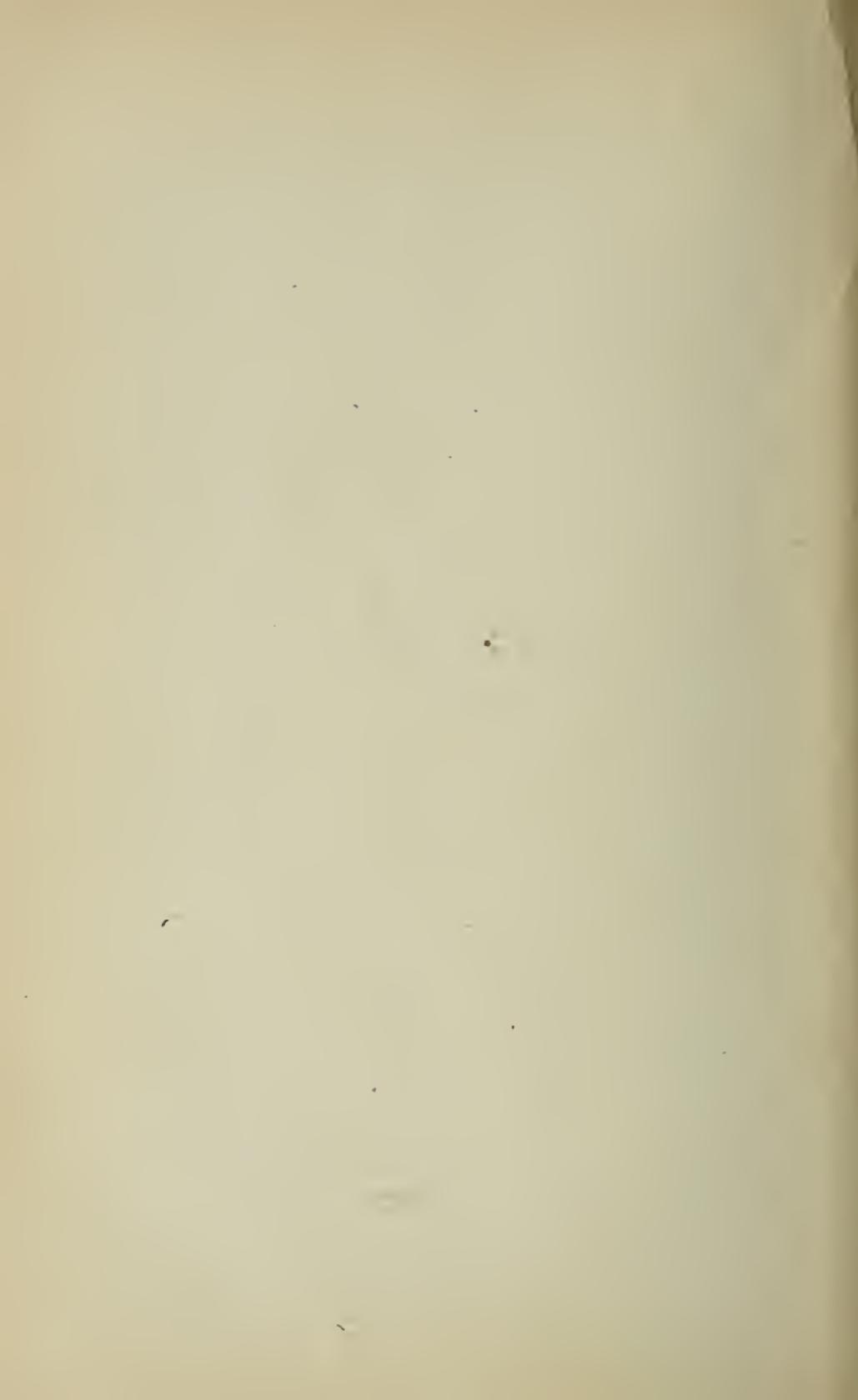
A *Lisbôa Antiga* do Visconde de Castilho é uma destas obras que devêras recreiam, ensinando` ainda mais; e, sobretudo para os filhos de Lisbôa, legítimos ou adoptivos, oferece ella atractivos e surpêras mais que bastantes, para que a cidade e o país aplaudam vivamente o incansável e brilhante cronista.



XXXI

JOÃO MILTON

(1886)



## João Milton

(1886)



rèplública inglèsa . . .

Não se assustem os amigos de Sua Graciosa Majestade.

A rainha Vitória não é, e provavelmente não será, protagonista de um nôvo capítulo dos *Reis no exílio*, de Afonso Daudet.

A Inglaterra não pensa na rèplública. Digerindo fleugmaticamente o seu bife, e ás vèzes o bife do próximo, convenceu-se, dêsde há muito, de que a prosperidade e o sossêgo das nações não dependem do título dos chefes; a sua venerável soberana chêga a esquecêr-se de que preside aos destinos da Gran-Bretanha, de que é imperatriz das Indias e autócrata *in partibus* da Africa do Sul; e, no seu tépido gabinete de Windsor, no aconchêgo das pelissas e preciosos estôfos, vai traçando em papel de Holanda as suas *Memórias*, quando não substitue o chapim de sêda pelas botas de coiro da Rússia, para ir tratar dos seus pavões e araras no parque de Balmoral.

Na Inglaterra, a realêza soube tirar pretextos á revolução, se exceptuarmos dois pequenos parênteses na longa história daquela monarquia. Ainda na Idade-Média, antes de

alvorecêrem os Estados modernos, o rei João Sem-Terra, de boa ou má vontade, dava ao seu país o primeiro código das liberdades inglesas, a *Magna Charta*. Os *Estatutos* de Oxford ampliaram êsse código, e o regime parlamentar consolidou-se e assumiu um prestígio, que inda não foi excedido por nenhum parlamento da Europa.

Em taes condições, e no pleno gôzo das liberdades de imprensa, de associação, de consciência, o povo inglês, quando tôda a Europa fôsse republicana, seria certamente o último em proclamar a república.

\*

E, contudo, a república inglesa... existiu, se é que devemos chamar republicano qualquer govêrno, cujo chefe não é rei, nem imperadôr, nem sultão, nem emir, nem xá, nem raja, nem can, nem íman. Não é extemporânea a referênciã a essa república, visto que, hoje, 9 de Dezembro, faz anos que nasceu uma das primeiras personagens da república inglesa de 1649, João Milton, que foi também o primeiro poeta épico da Inglaterra.

É evidente que hoje as lêtras nada valem ao pé da política, a não sêrem as de câmbio, com aceitante reconhecido e abonado. Mas, naquêles tempos, vigoravam outras ideias, e foram as lêtras que, do filho de um tabelião, do poeta de *Paraíso Perdido*, fizeram o primeiro ministro de Oliveiro Cromvell.

É justo portanto que primeiro digamos um pouco do literatô, e do político depois.

Milton estreou-se nas lêtras por vários poemêtos, em inglês e em latim, por alguns opúsculos em defêsa da liberdade religiosa, e completou a sua educação, viajando por França e Itália.

Um episódio cómico e até burlêsko, ocorrido nesta viagem, sugeriu ao poeta a grandiosa epepeia de *Paraíso Perdido*.

Um notável crítico francês, o padre Gouget, conta assim o caso:

— Viajava Milton na Itália, e viu representar em Milão uma comédia, intitulada *Adão, ou o Pecado Original*, escrita

por um tal Andreino, e dedicada a Maria de Medicis, rainha de França. O assunto era a queda do primeiro homem. As personagens eram o Padre Eterno, os Diabos, os Anjos, Adão, Eva, a Serpente, a Morte e os Pecados Mortaes. Este assunto, digno do engenho absurdo e do gôsto depravado do teatro daquêle tempo, era tratado por uma fôrma que correspondia ao intento. A primeira scena abria-se por um còro de Anjos, e Miguel falava assim, em nome dos seus confrades:

—«Seja o arco-íris o arco da rabeça de firmamente; os sete planêtas sejam as sete notas da música; o tempo faça o compasso; os ventos toquem organ; etc.»—

E tôda a peça nêste gôsto.

Milton, que assistia á representação, descobriu, através do absurdo da obra, a escondida sublimidade do assunto. Os sete Pecados Mortaes, a dançar com o Diabo, são realmente o cúmulo do ridículo e da estravagância. Mas o universo, tornado infeliz pela fraquêza de um homem, as bondades e as vinganças do Criadôr, a origem das nossas desgraças e dos nossos crimes, são assuntos dignos do mais arrojado pincel.

\*

E êsses assuntos, aproveitou-os Milton tão habilmente, e com tanta inspiração, que nem antes nem depois se escreveu na Inglaterra epopoeia superiôr ao *Paraíso Perdido*.

Mas, quando Milton traçava a última estrofe do seu poema, três desgraças o haviam assaltado, quase ao mesmo tempo: vira expirar a república, que êle defendêra e servira; perdêra a vista; e, para cúmulo de infortúnio, casára, pela terceira vêz, com uma mulher formosa.

Dizem que, conversando uma vêz com um amigo lisonjeiro, êste o felicitára por possuir uma mulher, só comparável a uma rosa. . .

— Bei sei,—respondeu o poéta;—não lhe vejo as côres, mas sinto-lhe os espinhos.

\*

Com a restauração dos Stuarts, o poéta republicano era mal visto na còrte de Carlos II, e ninguém falou no seu poê-

ma. Só depois da morte de Milton, é que lord Sommers e o bispo de Rochester fizeram uma esplêndida edição do *Paraíso Perdido*, emergindo daí a fama universal do grande épico.

Pois o gloriôso poeta, que morreu cego, pobríssimo e . . . casado três vêzes, fôra o braço direito de Cromwell, e talvez o inspiradôr daquela extraordinária energia e das largas medidas, que fizeram do govêrno do *Protectôr* o mais próspero govêrno da Inglaterra.

O despotismo de Carlos I. preparára a vitória do Parlamento, compôsto de *presbiterianos, independentes e puritanos*. Cromwell, chefe dos puritanos, salvara a revolução com a batalha de Nareby; os *presbiterianos* fôram expulsos do parlamento; os *independentes* levaram o rei ao cadafalso; e Cromwell, senhôr da situação, e não podendo fazêr aclamar-se rei, proclamava a república, e intitulava-se *Lorde Protectôr da Inglaterra*.

Rei de facto, e rei absoluto, menos no título, Cromwell dispensou o parlamento e pôs escritos no palácio das câmaras. Tão ambiçioso como místico, os seus aderentes consideraram-no um santo; e, com a preponderância dos puritanos e com a inauguração de uma política arrojada e expansiva, tratou de provar que as tradições monárquicas não eram indispensáveis á melhor administração de um Estado.

Nessa conjuntura, encontrou um homem de talento e sabêr, que pelas vias diplomáticas, havia de pô-lo em evidência e fazê-lo respeitado perante as primeiras nações da Europa. Esse homem foi Milton.

Ministro e primeiro secretário de Crómwell, João Milton redigia em latim, ou ditava talvez, as notas diplomáticas, que, a par do desenvolvimento colonial, tornaram grande e temida a Inglaterra.

A Espanha mendigou então a aliança de Cromwell; o Papa mandou suspendêr as perseguições contra a Reforma, para não vêr o castelo de Santo Angelo esboroado pelos canhões inglêses; a França desejou aliar-se com a Inglaterra; a Espanha via-se forçada a entregar-lhe a Jamaica e Dunkerque: os holandêses eram derrotados três vêzes pelas armadas de Blake; e a marinha inglêsa dilatava o império britânico das Indias e da América.

A república inglesa, — chamemos-lhe assim, — estava porém destinada a morrer com o seu fundador. Quando o imbecil Ricardo, filho de Cromwell, assumiu o *protectorado*, Carlos II dava o primeiro passo para a restauração da dinastia Stuart. O rei não era muito menos imbecil que o segundo *protector*, e os seus erros precipitaram a revolução de 1689, mas a monarquia retomava o seu lugar, e, no decurso de dois séculos immediatos, fraternizava progressivamente com o povo inglês, dificultando as explosões que estilham os tronos.

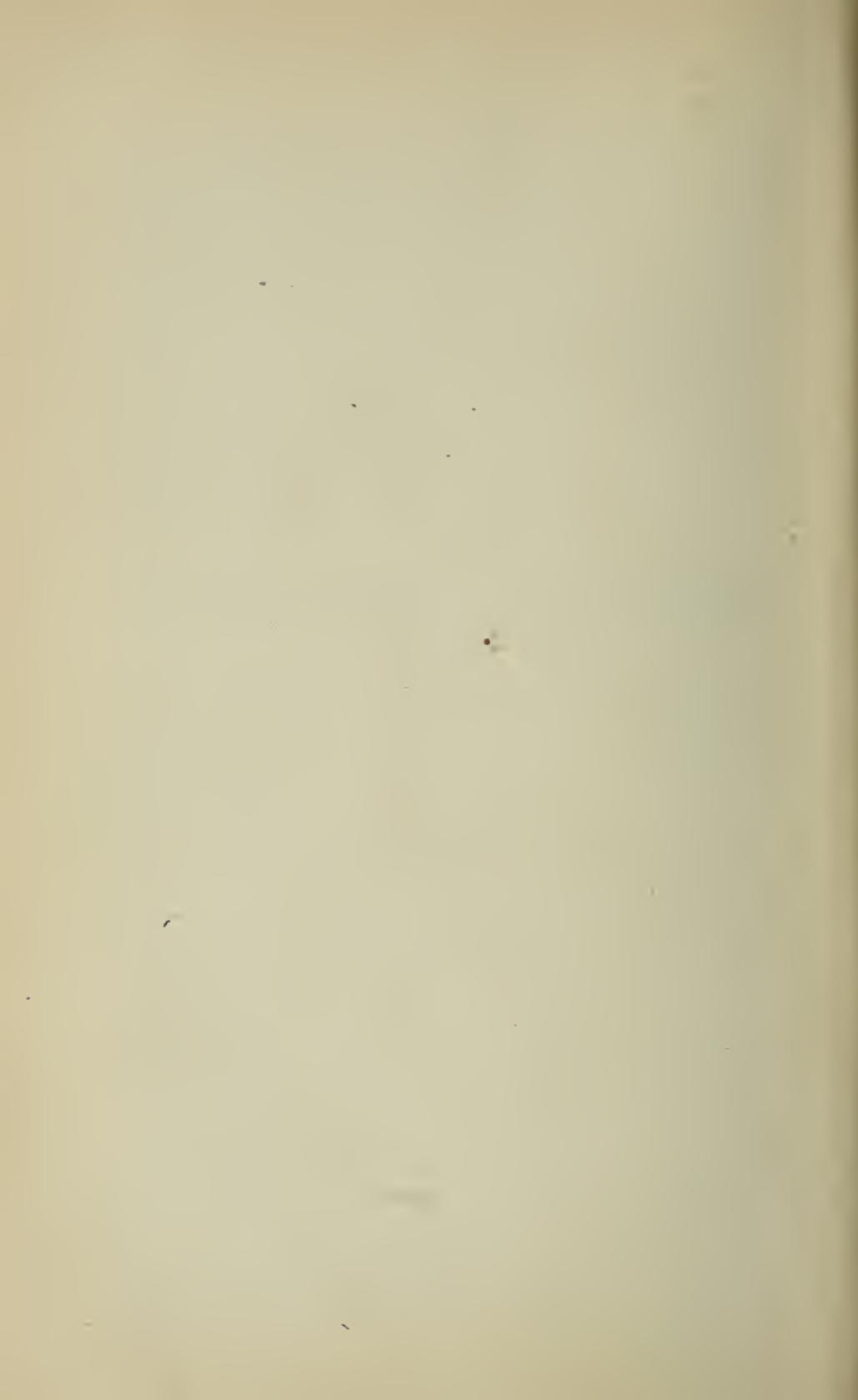
Em meio, todavia, da sua força e da sua grandeza, a Inglaterra monárquica não se esquece nunca dos extraordinários serviços que deve á efêmera república de 1649, e a justiça da história, procurando fazer a melhor attribuição desses serviços, e anotando as apologias de Cromwell, traça ao lado deste nome o nome de um poeta, — Milton.



XXXII

VISCONDE DE SANCHES DE FRIAS

(1894)



## Visconde de Sanches de Frias

(1894)

*Meu querido Urbano de Castro*

E inda não pôde lêr o *Senhor de Fóios*, romance do Visconde de Sanches de Frias, consinta que eu lhe comunique as impressões que o livro me deixou, e que lhe peça a publicação delas, visto como em lêtras portugûesas nem sempre se vê o que se deve vêr, e visto como a sinceridade e a justiça em critica literária andam há muito escondidas, envergonhadas talvez das barbaridades que lhes imputam.

Não sei se o meu amigo conhece o autôr do livro. Talvez não, porque o Visconde de Sanches de Frias não sái espontaneamente do seu sistemático retraimento, e os fabricantes de famas literárias mal lhe conhecem a porta.

Deixe-me, pois, apresentar-lhe o homem, antes de lhe falar do escritôr e do seu último livro.

Enérgico como genuíno beirão que é, e aparentemente rude á fôrça de independência de carácter, Sanches de Frias distribue a melhora dos seus cuidados e affectos pelos poucos e queridos entes que lhe restam de uma numerosa família, por alguns, raros, amigos, e pela bôa literatura nacional.

Devendo quanto pôde e vale á perseverança no trabalho e á sua austeridade de carácter, coloca acima de tudo a sua liberdade de pensar, sentir e procedêr, importando-se mediocrementemente do que os outros pensem, sintam e façam.

Nem Brama, com as suas cabêças mitradas, o desvia do seu caminho.

Podem conspícuos evangelistas prègar-lhe que é preciso partir a peanha, em que se erguem os mestres da lingua: Sanches de Frias morrerá abraçado a Herculano e Castilho, e nem a trôco da mais fulgente glória perpetrará um galicismo. Podem dizêr-lhe que a operêta e a comédia afrancesada desbancaram Garrett e Gil Vicente: Sanches de Frias não irá ao teatro. Podem assegurar-lhe que a freqüência de clubes e grêmios é meio caminho para a immortalidade: Sanches de Frias não passará da loja do Matos Moreira, e, quando muito, chegará ao alfarrabista Coelho, da rua Augusta. Pódem encarecêr-lhe algumas práticas da bôa sociedade, a barba em ponta, o plastrão almofadado, o cabêlo á escovinha, o chapéu campaniforme: êle proseguirá nas praxes que considera mais sensatas, manterá a sua cabeleira romântica, o seu chapéu de meia copa, as grandes guias do seu bigode victormanuelêsco, a sua pêra galhardamente marcial, a sua pequena gravata com topázio . . .

É um carácter dos mais nítidos que eu conhêço.

De uma extraordinária fôrça de vontade, as suas predilecções literárias não cedêram á prosa comercial, que êle cultivou largos anos no Pará. Ao lado do livro *Caixa* e do livro *Razão*, encontravam-se-lhe sempre alguns dos melhores monumentos da literatura pátria; e, circunstância rara, o comércio andava, e o literato ia presidir ao *Grémio Literário* do Pará, escrevia para o teatro, redigia jornaes, fazia versos . . .

Depois do seu regresso a Portugal, mais acendrada devoção lhe merecêram ainda as lêtras. Além de outras publicações, deu aqui á estampa um volume de versos, *Horas Perdidas*, e uma interessante *Viagem ao Amazonas*, que é um dos seus mais valiosos documentos literários.

Há tempos, tendo falecido um fidalgo minhôto, muito conhecido no país pela excentricidade e retraimento do seu viver, Sanches de Friás viu-se tentado pela biografia do ho-

mem à elaboração de um romance. Passadas algumas semanas, Simões Dias e eu ouviamos-lhe lêr os primeiros capítulos, que se nos aligeraram a traça de um bom e belo trabalho. O trabalho concluiu-se, e a previsão não falhou.

O *Senhór de Fóios*, àlém do interesse com que nos prende a figura do protagonista e o adorável perfil de *Júlia*, póde dizêr-se efectivamente uma luminosa galeria, em que são quadros magistraes os caracteres que o autòr desenha: o fidalgo provinciano, em briga de sentimento com o moderno utilitarismo; aquella boa Porciúncula, um belo tipo das antigas e leaes servas, que se criavam e envelheciam em casa de seus senhores, aquella santa e velha creatura, toda amôr maternal para o que ella ajudou a criar; o comendadôr Silveira, o protòtipo dos homens de bem; a doce e affectuosa Matilde, comprimindo sob a modesta roupinha de aldean um grande e ardente coração; aquella artificiosa condêssa, reflexo dos pechisbeques e refolhos, com que se velam e sobredoiram os cancos que dilaceram, na sociedade mais distincta, os laços de família; Júlia de Vasconcelos, hercína e mártir, cheia de affecto e cheia de valòr, sacrificada aos instintos de um selvagem e a uma fatalidade esmagadòra e brutal.

Se passarmos do desenho de caracteres às paisagens, a mão do artista não se nos apresenta menos firme, e admiramos a larga tela, de que resái, inteira e palpitante, a vida de Lisbôa, observada por um ingênuo fidalgo, cheio de pundonôr e austeramente educado; contemplamos reverenciosamente o vetusto solar de Fóios, emergindo solene e grave de entre a garrida e viçosa paisagem de um recanto do Minho; assistimos alegremente à festa campesina da *desfolhada*, e reconhecemos que o autòr, antes de tracejar os seus quadros, os sentiu vivamente, e deixou nêles um reflexo do seu espirito claro e justo, e mais de uma parcela do seu coração de poeta.

É extenso o romance, —361 páginas,—e contudo o leitôr ha de achá-lo pequeno: o que é bello não fatiga, e a fôrma literária do *Senhór de Fóios* é um dos mais elicazes aperitivos para uma demorada leitura. O autòr, que conhece, estuda e admira os mais lídimos exemplares da boa linguagem portugueza, não dá lugar a que o inscrevam na volumosa

matricula dos inconscientes, muita vêz aplaudidos, iconoclastas da língua.

Bastaria êste predicado, — se outros não tivesse o *Senhor de Fóios*, — para que se registasse, com fervoroso aplauso, o novo trabalho do Visconde de Sanches de Frias.

E eu que, já agora, meu amigo, hei de morrer abraçado ao balsão dos que tressuam na defêsa do formoso idioma, que é o primeiro título da nossa nacionalidade, não posso esquivar-me a aplaudir publicamente uma obra essencialmente portugûesa.

E aqui tem a razão desta carta.

XXXIII

DR. PEREIRA CALDAS

(1898)



## Dr. Pereira Caldas

*(Carta aberta a Albano Belino)*

(1898)



EU bom amigo. — Lisonjeia-me o convite que me faz, para que eu coopere numa homenagem, que se vai prestar ao meu inolvidável mestre, o dr. Pereira Caldas.

V. conhece porém as constantes e impreteríveis tarefas, que, por agora, e não sei até quando, me privam de anuir ao seu convite

E, contudo, eu guardo imperecível na minha memória o nome e a saudade do venerando professor, e bem desejava testemunhar de qualquer fórma o aprêço que eu lhe tributo, e os affectuosos sentimentos que a êle me ligam.

É que, além de tudo, nas páginas da minha afastada juventude, costumo contemplá-lo ainda hõje, não só como provado amigo, mas até como... um salvadôr.

Não se ria, e, se tiver paciência, oiça:

Era em 1869.

Eu preparava-me em Coimbra para entrar na Universidade, mas defrontava com um obstáculo, — o exame preparatório de matemática.

Eu nunca morri de amôres pela matemática, ou porque nunca achei professor que m'a fizesse amar, ou porque nem todos podem gostar de tudo. O certo é que, como estudante

de matemática, nunca lhe consagrei por dia uma hora de estudo, e, se o tentava, a enxaquêca era certa.

Ora succedeu que em 1869 se soube antecipadamente que o doutôr Rufino, o detestado Rufino, o terrôr dos caloiros e das famílias, ia aos exames de matemática no liceu!

Não cheguei a desmaiar de susto com o terrível anúncio, mas tive febre e insónias, em que eu só via o espectro do Rufino, agitando satanicamente, com alegria selvagem, uma cauda de rapôsa!

Pus de lado os problemas matemáticos, e dediquei-me á solução do problema da rapôsa. Demais, o Rufino, máquina de algarismos, dêsde a raiz dos cabelos até o fundo do coração, não podia sêr benévolo comigo, visto que eu já tinha publicado um volumito de versos, — os *Quadros Cambiantes*, — e as musas, por via de regra, espantam as matemáticas.

Nada! Em Coimbra, a rapôsa era inevitável, e era preciso fugir de Coimbra. Mas para onde? Onde haveria examinadôr que, tendo os loiros de Euclides, não desdenhasse as grinaldas de Armida?

*That is the question.*

Pensei, risquei, apaguei; fiz proporções e equações; tirei provas, contei pelos dêdos, contei de cabeça, e por fim... *eureka!*

Tinha encontrado o *xis*.

Havia efectivamente nêste jardim da Europa um professôr de matemática, que não só prezava os versejadôres, mas que até fazia versos: o dr. Pereira Caldas, professôr de Braga.

Os meus olhos dirigiram-se piedosamente para o norte, e, no lugar da Roma portugueza, só vi a santa Kaaba, que podia acolhêr em seu seio o mísero peregrino da sciência e abrigá-lo contra os temporaes do Rufino e a rapôsa do mesmo.

Caldas, não obstante a minha ignorância, havia de sêr benévolo, e a benevolência faz milagres. Mas êle não me conhecia, e eu não tinha quem me apresentasse. Não importava: cinteí um volume dos *Quadros Camibantes* e endeeceí-o ao literato, que sabia conciliar as musas com os algarismos.

O autôr do livro foi na cola dèste.

Apresentei-me desassombradamente ao mestre. Alegrementemente surprehendido, perguntava êle:

— ¿ Anda passeando pelo Minho? ¿ Já concluiu a formatura?

— Muito pelo contrário: sou um caloiro, que tem mêdo do dr. Rufino e que se acolhe á protecção de V. Ex.<sup>a</sup>.

— Oh! ¿ vem fazêr exame?...

— De matemática, se V. Ex.<sup>a</sup> não fôr demasiadamente rigorôso.

— Demasiadamente, não digo; mas é preciso sabêr-se alguma coisa...

— V. Ex.<sup>a</sup> julgará, porque eu... não sei o que sei.

— Bom. Em quanto os exames não começam, traga os seus livros... Não, não traga: os compêndios de Coimbra não são cá adoptados, e...

— Que diz V. Ex.<sup>a</sup>?

— Que são precisos outros livros; e aparêça cá todos os dias, porque tenho umas dúzias de discípulos particulares, em classe, e V. irá refrescando a memória, colhendo alguma ideia...

Desnor-teou-me a novidade dos compêndios; se eu, dos velhos, pouco ou nada sabia, que poderiam dar-me os novos, nas duas ou três semanas que iam dali aos exames?

Mas fui. Ouvi prelecções que começaram a alumiar-me, mas as trevas do meu espírito, a respeito de matemática, eram impenetráveis. Quando eu ouvi o Sebastião Meneses, (hoje Conde de Tarouca), o Pinheiro, que foi depois meu cirenêu, e outros meus condiscipulos, a pôr em pratos limpos os grandes enigmas da sciência, a minha admiração era tão grande como a minha vergonha. Felizmente, o professôr, com uma previdência admirável, nunca me mandou resolvêr um problema: não queria vêxar-me em público!

Chegou o exame, a grande batalha que havia de decidir o meu futuro, porque, lá com uma rapôsa adeante, é que eu me não animaria a transpôr a porta férrea da Universidade.

Apresentei-me em campo, com escassas munições, mas opulento de coragem e sangue-frio, dispôsto a queimar a última cifra naquella pugna homérica.

Não faltou pinguém á chamada; e na mesma fila, isto é,

no mesmo banco, alinharam-se três valentes, o Oliveira, o Figueiredo e o Pinheiro, rijos, o primeiro e o terceiro, como as árvores que lhes deram o nome; e fraco, mas erecto, o do centro, como a figueira, que não tem cerne.

O do meio era eu.

A sorte designou um ponto, a que os três examinandos deviam respondêr. Se me lembro! — *Resolução trigonométrica das equações do segundo grau!*

Eu lembrava-me de têr já ouvido, em Braga ou Coimbra, falar daquelas coisas; mas o que fôsse *equações do segundo grau*, e, ainda menos, resolvê-las, e resolvê-las *trigonometricamente*, isso nunca eu pude sabêr, valha a verdade.

O balázio porém não me desnor-teou.

Como toda a gente sabia mais do que eu, calculei ajvri-zadamente que o primeiro examinando esgotaria o assunto, e que o dr. Caldas, tendo de me interrogar em *matéria vaga*, me não colocaria em terreno escabroso e me argumentar ia terra a-terra.

Ainda este meu cálculo não estava concluído, e já o Oliveira, de pé, junto da ardósia, livido, trêmulo, estacava deante da equação, formulada na pedra.

Em menos tempo do que aquêle que se gasta em dizêr isto, formei novo cálculo: — O Oliveira ia desistir do exame; eu era chamado em seguida; o examinadôr, embora quisesse auxiliar-me, não ousaria mandar apagar a equação, — o ponto obrigatório, — e examinar-me em contas de somar; eu teria de mostrar em público se sabia ou não equações e trigonometria. . .

Situação ultragravíssima!

Estava porém a meu lado o Pinheiro, o terceiro examinando, que era chavão naquelas coisas; e eu, fazendo concha com a mão deante da bôca, perguntei-lhe a meia voz:

— Sabes resolvêr aquilo?

— Sei; aquilo é fácil, — disse êle.

— Depressa, — tornei eu, — escreve a solução nêsse papelito.

E estendi-lhe um pedaço de papel, menor que um bilhê-de visita.

O Pinheiro, em meio minuto, encheu-o de algarismos,

lêtras e sinaes, que para mim eram jeroglíficos, e passou-me o papel.

Pu-lo deante dos olhos. Eram cinco ou seis linhas de algarismos e coisas. Eu não percebia um único termo daquela escrita sibilina; mas tinha memória, tinha coragem, e, em menos de um minuto, estava habilitado para reproduzir de côr o trabalho do Pinheiro.

O meu segundo cálculo saíra exactissimo: — o Oliveira, depois de algumas tentativas inúteis, e, antes de escrevêr um algarismo, desistia do exame e saía da sala.

Chamado pelo examinadôr, levantei-me, e serenamente, plenamente senhôr de mim, aproximei-me da ardósia.

— Temos aí essa equação, — disse-me o examinadôr, um pouco hesitante; — sabê resolvê-la?

— Sim, senhôr; isto é fácil. — respondi eu.

E, sem dar tempo a mais perguntas, compus a capa com a pericia de um velho actôr, e fiz voar o gis por baixo da equação.

Escrevendo e lendo, ia ajuntando algarismos e lêtras com tal desembaraço e mestria que, depois de enchêr três linhas, fui interrompido pelo examinadôr:

— Basta! Vejo que sabe. Mas, para preenchêr o seu exame, diga-me mais alguma coisa: Que são horizontes? . . .

E não lhe digo nada, meu amigo: foi um exame de arromba, um verdadeiro triunfo!

Recebi felicitações de António Candido e do padre Sardinha, — únicos conhecidos que eu tinha em Braga, e fui jantar com o padre, que era meu companheiro de quarto e é hoje priôr, não sei onde, lá para os lados de Miranda. A sobremêsa, — queijo frêsko com brôa, — o padre Sardinha, que era filósofo pessimista e poêta revolucionário, esvaziou o segundo púcaro de vinho vêrde, e, acendendo um cigarro, ponderou gravemente:

— Não te alegres demais, antes do ajuste das contas.

— Hein? . . .

— Não vieste leccionar-te com o Caldas, no último mês do ano?

— E então?

— Para os que estudaram com êle, dêsde o principio do anno, é uma coisa; para os adventícios, é outra.

— Não percêbo.

— Pois pergunta ao Sebastião Bertiaños quanto tem de pagar . . .

— Mas êsse é rico, e o Caldas bem sabe com quem lida.

— Fia-te na Virgem ! Trazes tu dinheiro ?

— Algum: para a hospedagem 14\$600; para o meu regresso a Coimbra 7\$000 réis; e para o Caldas 2\$600, pagando-lhe um mês de leccionação pelos prêcos de Coimbra.

— Estás servido ! Queres um consêlho ? Vai para Coimbra e pergunta de lá ao Caldas quanto lhe debes, porque, em Braga, e com ôs teus recursos, vais fazêr mau papel.

— Guarda lá o consêlho, que eu não tenho bôjo para êle. Se o Caldas quiser mais do que aquilo que eu lhe posso dar, passo-lhe um título de dívida, e êle aceita-m'ô, tenho quase a certêza disso. Além de quê, *nemo dat quod . . .* Bem sabes.

O Sardinha bebeu outro púcaro, e fomos fazêr o quilo ao jardim de Santa Ana.

No dia sêguinte, fui apresentar os meus agradecimentos e as minhas despedidas ao dr. Pereira Caldas.

— Então que me quere agora ? — disse êle.

— Duas coisas; significar-lhe o meu reconhecimento por todas as suas bondades . . .

— Ora essa ! V. lêz um exame distinto, não tem que agradecêr; verdade é que, se o apertassem muito . . .

— Não diga mais, sr. doutôr.

— Pois, sim; e que mais era ?

— Sabêr quanto lhe dêvo da leccionação dêste mês . . .

— Não fale nisso: já me pagou, antes da leccionação.

— Paguei, como ?

— Oferecendo-me o seu livrinho de versos . . .

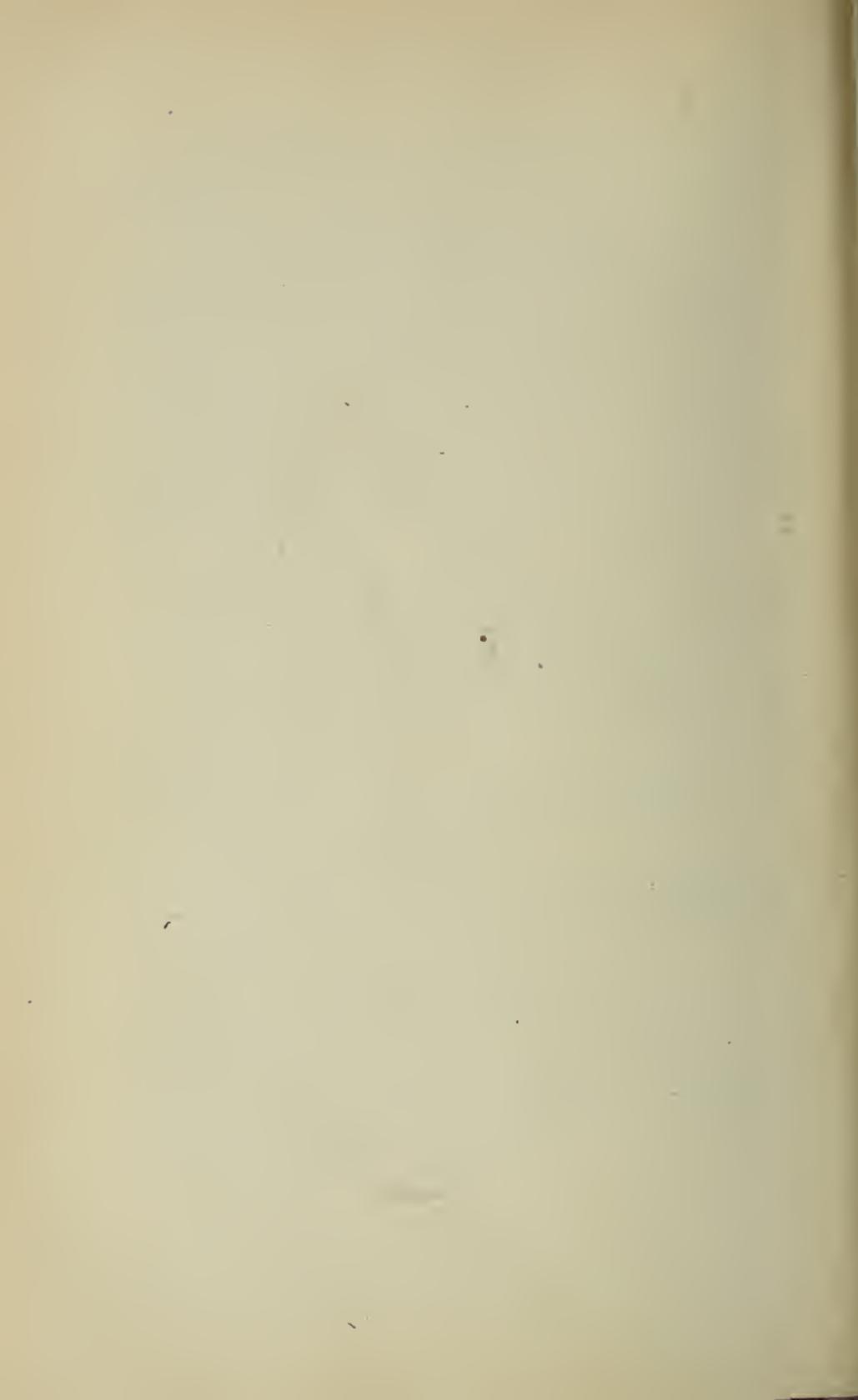
Não caí de joêlhos, lisonjeado, surprehido e grato, porque Pereira Caldas m'ô não consentiria.

O Sardinha tève uma desilusão, e eu adquiri mais uma prova de que a Providência não é uma palavra van, porque o dr. Pereira Caldas foi para mim um homem providencial, salvando-me do Rufino e abrindo-me a Universidade.

XXXIV

JOÃO DINIS

(1889)



## João Dinis

(1889)



musa contemporânea anda mal-avinda com o público, e quere-me parecêr que a razão nem sempre está do lado dela. Dêsde que a poësia lamartiniana adquiriu fôros de pieguice; dêsde que o *Noivado do Sepulero*, pateado pelos espíritos fôrtes e pelos *claqueurs* de Baudelaire, Riche-

pine e Verlaine, se recolheu para sempre ao camarim de alguma castelan de Valpaços ou Lanhôso; dêsde que os moços esperançosos começaram a agitar-se na febre dos sindicatos, e a rebolcar-se nos paues em que singra a velha nau do Estado: o campo literário, á conta de verdade e originalidade, viu-se alagado por uma saraivada de extravagâncias, que constiparam dêsde logo êste bom público, de há muito afeito aos mornos capilés do romantismo; e quando, desprecavido, sente na pele alguma gôta fria, caída dos céns nublados da poësia, espirra uma praga, abafa-se num artigo de fundo, e toma um suadoiro de anúncios, com mêdo dos pleurises.

Em taes circunstâncias, tão pouco favoráveis aos portadôres de metro e fabricantes de rimas, é caso de surprêsa, e de parabens ás musas, o aparecimentode um poêta, que o público lê e aplaude.

Nêste caso feliz, está o poêta portuense, cujo nome en-

cima esta prosa. Elle já tinha apparecido, e revelado o que é, nas folhas volantes do journalismo; mas em livro de versos, que a gente leia, releia, e conserve para trelèr e decorar, appareceu há dias, e em hora tão bem estreada, que o aplauso dos noticiaristas corresponde exactamente ao aplauso do maior número, que é o daquêles que lêem, sentem, entendem e não escrevem.

O livro tem o título de *Aquarellas*, que, se não é êrro tipográfico, tem, para mim, o senão de sêr estranho á nossa lingua, e a todas as linguas de que tenho noticia. Para exprimirem a mesma ideia, têm os inglêses, *water colours*, os alemães *tuschen*, os espanhòes *aguada*, e os italianos *acquerello*. Do *acquerello* transalpino fizeram os francêses *aquarelle* e os portuguêses *aguarela*. Êstes são os factos, que me levam a rejeitar *aquarellas*, e a estranhar êste título num formôso livro de versos.

Mas que importa o nome, quando um sêr amado se chama Anastácia, Escolástica, ou Cunegundes? E depois, o que naquêla hipòtese, poderá figurar-se nos culpa, não poderá resalvar-se pelo principio da liberdade poética?

Questão mínima, já vèem. O que é grande e indiscutível é o talento do poéta, que, libertando se de preconceitos de seita e de escola, *ousa modestamente esta coisa rara — sêr singelo e sêr claro*, como observa Eça de Queirós, o illustre prefaciadôr do livro.

Mas o *singelo* e o *claro* em poësia, sendo, como é, uma virtude rara, é tambem uma virtude difficil, porque a singelêza e a clarêza moram parêdes meias com a gíria reles e a insipidêz da prosa chilra. Singelo e claro é o Tavares, de Cardigos, e o Savedra, de Campo Maior, e contudo . . . nenhum dêles se chama João Dinis. A verdadeira poësia, singela e clara, occupa, socorrendo me ás frases de Prudhomme, a aresta do Capitólio mais próxima da Tarpeia. Só um extraordinário bom-senso, enflorado pela inspiração mais autêntica, e robustecido pela sciência da linguagem, pôde conjurar o despenhadeiro fatal.

Conjurou-o o nosso poéta e reclinou-se tranquilamente em cabeçal de flôres, para vêr, com os olhos do còrpo e os da alma, a grande e fecunda naturêza, no que ela tem de realmente belo, simples e bom.

## Uma pequena amostra :

« A viscondessa um dia,  
no divan côr de rosa reclinada,  
deixando transluzir do leve estôfo  
a marmôrea epiderme aveludada,  
afogava, sorrindo, o níveo pêlo,  
crescido e setinôso,  
de uma sobêrba gata de Angorá,  
que ensaiava um rom-rom maliciôso  
e se torcia, a trasbordar de gôso...

Mas arranhou por fim...

A viscondessa então, muito irritada,  
ergueu nervosamente  
a sua bela mão côr de marfim,  
mas não bateu; ficou-se, porque em-fim  
pensou, e pensou bem :

— As gatas... são assim... »

E são assim, singelos, harmoniosos e correctos quase todos os versos do livro. Mas, para me ficar em paz inteira comigo mesmo, desconto, só para mim, um ou outro verso, cuja medida não apodarei de errada, mas que eu não accitaria para mim, levado pelas razões e exemplos dos que mais valem na arte do verso.

Quero eu dizêr que João Dinis, um hábil metrificadôr, reflecte, de longe em longe, o processo de alguns poetas novos, menos conhecidos do que êle, lendo em verso diferentemente da *escrita*.

Voltaire tinha razão quando assentava que a *rima* é para o *ouvido* e não para a *vista*; e por isso é que, em francês, se rima *terre* e *mère*, e em portuguez *mãe* e *vem*. Mas que nós, para não lêr errado um verso, tenhamos de lêr *mulhe'rs* e escrevamos *mulheres*, é teoria e prática, que, a meu vêr, não têm por si a razão nem a autoridade. João Dinis escreve :

Tu mal sabes, pequena, o que é *perigôso*...  
Perde a tinêta de te *andares* por fóra...  
*Indiferente* á chacota, á pasmaceira...  
E *apareciam* tornados em novêlos...  
Tentadôras *mulheres* que se equilibram...  
Etc., etc.

Ora, para que em taes versos se leia o competente número de sílabas, é mestêr lêr *p'rigoso*, *andar's*, *indif'rente*, *apar'ciam*, *mulher's*, etc.; e, antes fazêr a elisão de uma vogal, do que escrevêr a palavra de uma fôrma e lê-la de outra. Além de quê, quem não souber metrificar, lê a palavra como está e faz o disparate de dar ao verso mais sílabas do que as que lhe competem.

Mas qual dos leitôres se importa destas pequenas coisas? São realmente pequenas, fogem até do domínio da crónica, e em nada cerceiam o alto merecimento das *Aquarelas*, que espontaneamente reconhêço e aplaudo. Mas quem há que não tenha uma fraquêza? A minha, pelo menos a mais incurável, é não tolerar um verso que me parêça errado. Para mim, um verso errado é como o gato prêto para o sr. Latino Coêlho, uma toirada para o sr. Carlos Testa, a Ajuda para o *Século*, o sr. Mariano para o sr. Chagas, as *Aquarelas* para o sr. Antonio Inácio da Fonsêca: faz-me calefrios, tortura-me os nêrvos, e Deus sabe quantos poêmas deliciosos tenho deixado de lêr, porque a fatalidade me apontou na primeira página um verso mal medido.

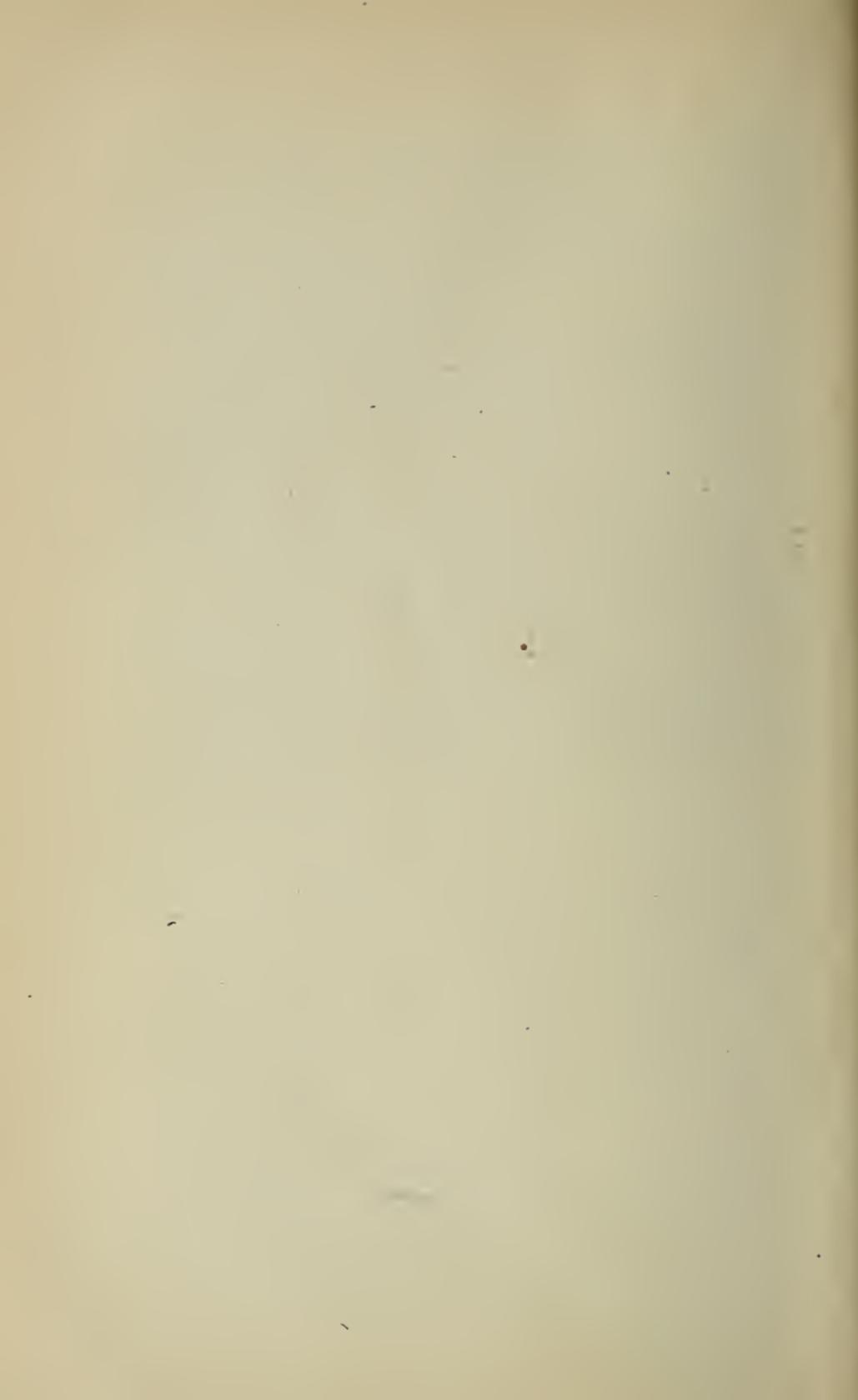
Salve-me da pequice do reparo a confissão ingénua. Felizes os livros que não suscitam reparos mais graves. E as *Aquarelas* são um livro feliz, porque é são, formôso e amado, como os paladinos que tinham certa a glória.

---

XXXV

MICKIEWICZ

(1888)



## Mickiewicz

(1888)



E Montmorency, em França, para Cracóvia, na Polónia, fôram transportados, há mêses, os despojos mortaes do grande poéta e grande patriota polaco, Adão Mickiewicz.

Exilado da sua terra, foi-lhe pátria adoptiva a França, onde viveu vinte e cinco anos, onde foi professôr no *Colégio de França*, onde cantou as desgraças da sua pátria, onde foi jornalista e oradôr entusiasta e aplaudido.

Morrendo em Constantinopla, o seu cadáver veio em 1855 para a terra que hospedara o poéta com reverência e carinho, e foi depositado em Montmorency, na povoação francêsa em que mais palpitam ainda as tradições polacas.

Acompanhado agora por estudantes eslavos, ao som do hino *A Polónia não morreu*, atravessou de novo a Europa, para repousar na terra gloriosa, nas criptas do monte Wawel, que guarda as cinzas de José Poniatowski, e do immortal Kosciuszko, o heróe de Maciejowice, esmagado pelos esquadões aliados da Rússia, da Prússia e da Austria.

\*

O grande poéta da liberdade, o homem que foi a incar-

nação mais viva do espírito polaco, sintetizava nas suas estrofes a energia de um povo que morre lutando, a crença no renascimento da pátria, o ódio a todos os despotismos.

Nos seus cantos *A Mocidade*, diz êle:

« Povos sem coração, povos sem alma,  
são povos-esquelêtos! Mocidade,  
cede-me as tuas asas, que eu, voando,  
quero transpôr os mundos e perdêr-me  
nessas paragens da ilusão ditosa,  
onde o entusiasmo cria maravilhas,  
enfloradas ao sol do pensamento,  
doiradas pelo prisma da esperança!

Mocidade! desprende vôo de aguia,  
e, com o olhar no sol, de um pólo a outro,  
mede o Oceano sem fim da humanidade!

.....  
Meus juvenis amigos, abracemo-nos!  
Se o caminho fôr áspero e tortuoso,  
se nos tolhêr o passo o despotismo,  
repele se violência com violência

Vamos! Abrir fileiras.  
para formar cadeia em tórno ao mundo!  
Num só e mesmo ponto concentremos  
o pensamento e a alma.

Sai da órbita, mundo envelhecido!  
vamos guiar-te por caminhós novos;  
e, pondo ao lado os teus antigos trajés,  
remoçarás, voltando  
á tua primavera!

Salvê, aurora gentil da independência!  
Depois de ti... o sol da liberdade!»

\*

Em seguida ao estabelecimento do grand-ducado da Var-sóvia, as esperanças renascêram na alma da Polónia; e o ano de 1812 é saudado assim por Mickiewicz, no canto XI do seu poêma *Pa Tandeusz*:

« Ano grandioso! Feliz, oh! mui feliz  
quem te pôde sandar no meu país!  
O povo inda te chama  
o ano da abundância,

ano guerreiro, o ano dos combates!  
 falam de ti os velhos para a infância!  
 contigo sonham, devaneando, os vates!

.....  
 Inda te vejo, como em sonho esplêndido!  
 Nascido escravo, escravo dêsde o berço,  
 nunca vi primavera como a tua  
 sobredoirar-me a vida e o universo!

Mickiewicz sentia no seu espirito a projecção indelével do vulto colossal de Napoleão.

Muitos dos seus cantos trescalam o desmedido entusiasmo pelo herói de Austerlitz e Marengo. Napoleão era para êle o libertador da Europa, o iniciadôr de uma era de prosperidade e magnificência, o Messias do século XIX.

O desastre de Waterloo e o exílio de Santa-Helena não lhe entibiaram o entusiasmo.

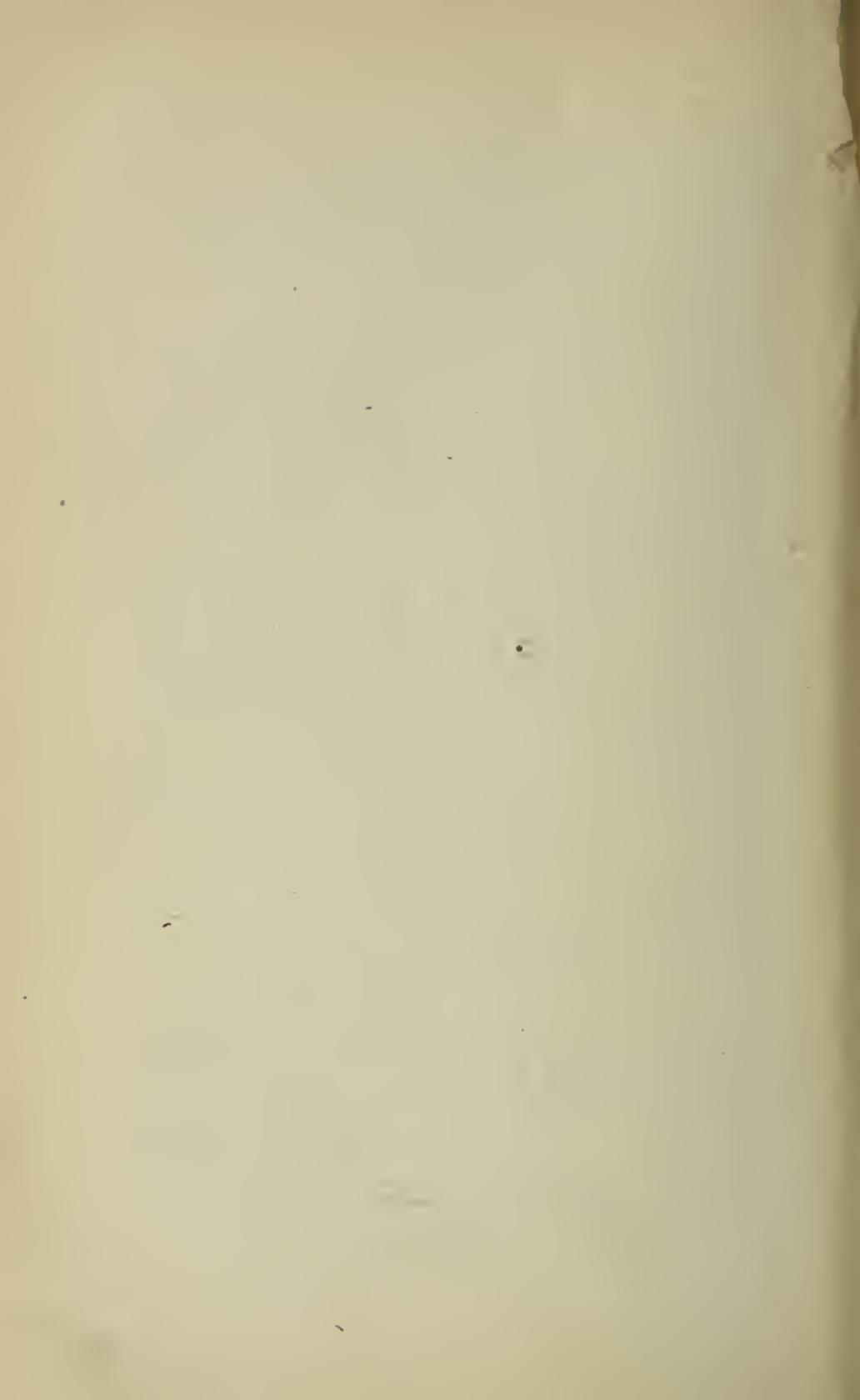
Nas suas prelecções do *Colégio de França*, o espirito do poeta chêga a descobrir na figura de Napoleão o *precursôr da futura fraternidade dos povos*, e o iniciadôr de uma *evolução religiosa do cristianismo*. Em seu conceito, Napoleão continha em si o passado do cristianismo: era eloquente como San-Paulo, simples e austero como os primeiros Padres da Igreja, majestoso como um bispo medieval, e, finalmente, o arquétipo da arte nova.

Místico por naturêza, embebido no estudo das mitologias eslavas e orientaes, Mickiewicz chegava nas suas prelecções a preocupar-se do destino da alma de Napoleão.

Era o reflexo vivo daquela febre de entusiasmo, que escandecceu alguns dos melhores cérebros da França, sem exceptuar Victor Hugo e Lamartine.

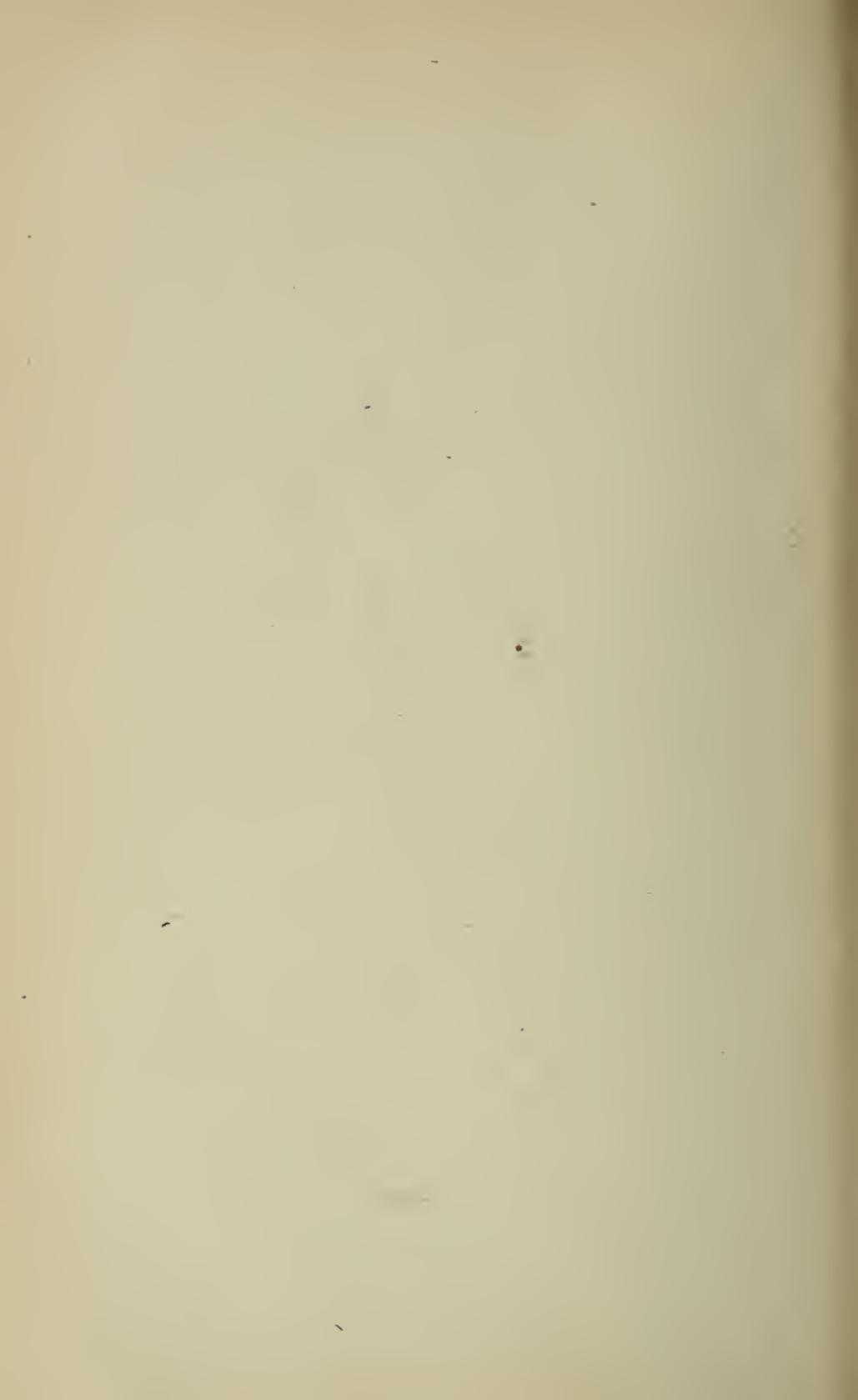
Por isso a França considerava Mickiewicz como um dos seus mais illustres filhos adoptivos; e não foi sem pesar que ela viu levarem-lhe os restos mortaes do gloriôso polaco.

Não vão de molde os tempos para a resurreição das pequenas nacionalidades extintas; mas, se a fé e a coragem de um pòvo esmagado pudessem invalidar as últimas palavras de Kosciuszko, de nenhum dos seus mortos venerandos poderia a Polónia tomar melhores exemplos de fé e âmôr pátrio, do que daquêle aureolado poeta, cujas cinzas se fôram reunir agora ás dos mártires que enchem a história da heróica e infeliz nação.



XXXVI

JÚLIO LOURENÇO PINTO .



## Júlio Lourenço Pinto



ESTE nome é de sobra conhecido na politica e nas lètras, embora as lètras e a politica andem quase sempre desavindas, pela distânciã dos objectivos e pela heterogeneidade dos processos. E a tal ponto os factos acentuam a *mésalliance* da politica e das lètras, que, em regra, o bom letrado é mau politico, e o bom politico é mau letrado.

É claro que não tómo aqui a politica na mais elevada acepção, considerando-a como a arte de bem administrar os negócios públicos: neste sentido, seria até natural que os homens de mais lètras fossem os de melhor politica. Refiro-me á politica no sentido vulgar e moderno, considerada como arte de encaminhar os negócios públicos á mercê das conveniências de um bairro, á feição de interesses restritos, ou ao sabôr de corrilhos poderôsos.

Perante esta politica, os homens de lètras representarão facilmente de ingênuos, se lhes não distribuirem o papel de vítimas.

Em taes condições, o papel de Júlio Lourenço Pinto, na comédia politica, estava previsto, menos por êle talvez. Que os homens de lètras ou de sciência difficilmente crêem na antinomia entre as realidades das coisas e o que aprenderam pelos livros, pela sciência e pela consciência.

A politica sêz, de Júlio Lourenço Pinto, Governadôr Civil, e Conselheiro:

Como magistrado superior dos distritos de Santarém e Coimbra, timbrou em cumprir nobremente o seu devêr, — o que nos tempos de hõje é menos vulgar do que dizê lo; — e quando defrontou com as primeiras disilusões que necessariamente asaltam quem de bõa fé, intuitos rectos e espirito claro, se abeira do tremedal político, recuou para a existência tranquila do lar e para a modesta e honrada cultura das bõas lêtras.

Como Conselheiro, [as qualidades] do homem não desacatam a gravidade da Carta e do título.

E, entretanto, nenhum dos seus livros é o livro de um Conselheiro, e, muito menos, de um Governadôr Civil, porque todos os seus livros são de um artista, cheio de *humour* e de observação, desligado de convenções e empenhado em reproduzir nos seus quadros os accidentes da vida real, fotografando-os com mestria, e com o bom-senso do artista, que não deixa macular a tela no lôdo em que se rebolcam os esplendõres miasmáticos do indecoroso e do tôrpe.

Reflicte-se neste simpático escritôr a observação de Balzac; e, acostando-se aos processos do Dumas filho, Júlio Lourenço Pinto procura sêr um escritôr naturalista, sem que a palêta de Zola ou o pincel de Belot lhe hajam emprestado as tintas corrosivas e afrodisíacas, que fazem da *Terra* e das *Mulheres de fogo* leitura para homens que, deante do quadro de *Leda e o cisne*, não reparam no cisne e só vêem Leda. . .

Escritôr verdadeiramente moderno, tributa ao estilo dos novos mestres entranhado culto, raras vêzes exagerado; e nem no imprevisto da fórma, nem na transformação das locuções, deixa de observar a discreta correcção, que os direitos da lingua impõem.

Á lista dos seus livros, já conhecidos e aplaudidos, como a *Margarida*, o *Senhõr Depulado*, o *Homem Indispensável*, os *Esboços do Natural*, e outros, Júlio Lourenço Pinto veio juntar mais um: o *Bastardo*, scenas da vida contemporânea.

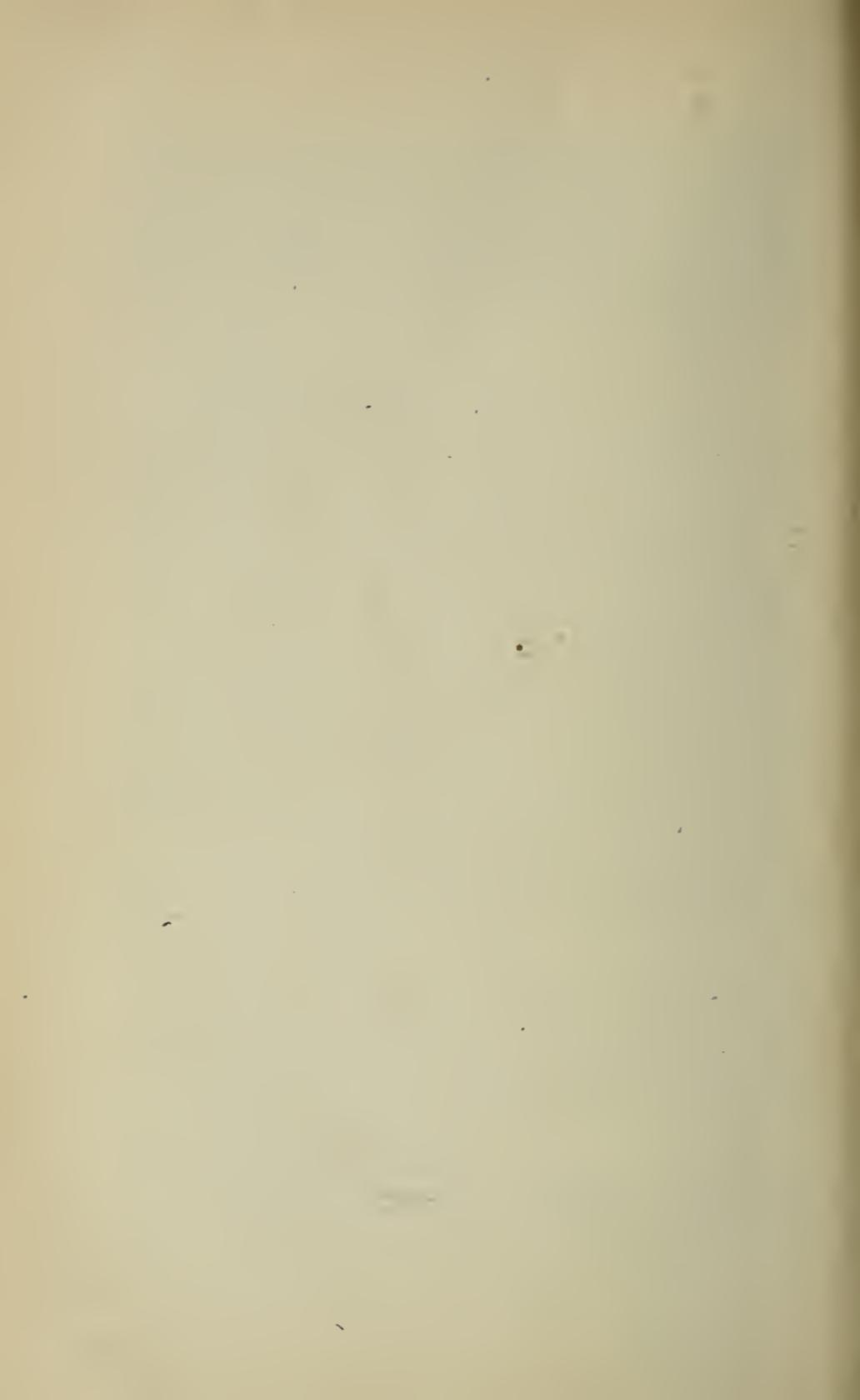
O *Bastardo* é um largo e deliciõso romance, admiravelmente extraído dessa inesgotável mina, que se chama a sociedade de hõje, em Portugal.

A acção passa-se no Porto e no Minho; e cada scena, cada personagem, abonam tanto a fidelidade e o talento do artista, que, ao vê-las desfilar em conjunto harmónico deante

dos nossos olhos, instinctivamente pensamos:—exactas ! são nossas conhecidas !

Em meio da indolência, em que se espreguiçam sornamente as lêtras nacionaes, e gratissimo registrar a reacção brilhante de talentos privilegiados, são e vigorosos, como o de Júlio Lourenço Pinto.

---



XXXVII

MARIANA ANGÉLICA DE ANDRADE

(1870)



## Mariana Angélica de Andrade

(1870)



Discreteiam por aí á porfia sôbre o mestér e o destino da mulher. Filôsofos humanitários, de vistas largas e imaginação ardente, cruzam razões e palavras sem razão com os mantenedôres sistemáticos de rançosos preconceitos e da santa ignorância de nossos avós.

Para uns, a mulher-tipo é mais que Aspásia e Hipatía ; é a mulher plenamente emancipada da superioridade varonil ; é a mulher inscrevendo o seu nome na lista dos cidadãos livres, e entrando com o homem na partilha dos cargos da república, e nas funções e direitos do cidadão. (1)

Para outros, a mulher nunca devia erguêr os olhos da costura e dos lavôres domésticos, senão para ornamentar os

(1) Estas linhas serviram de prefácio ao primeiro livro de versos de M. Angélica de Andrade, *Murmúrios do Sado*. O segundo livro dela, *Revérberos do Poente*, (1882), prefaciado por Gomes de Amorim, saiu a público, tendo a autora falecido poucos dias antes, em plena maturidade de vida e de talento, e deixando viúvo o prefaciador dos *Murmúrios do Sado*, o qual a desposára quatro anos depois da data do prefácio.

Estas linhas têm pois, e apenas, o valôr muito subjectivo de uma pobre violêta, que se nos depara mirrada, entre as fôlhas amarelecidas de uma mocidade que passou.

salões, ou para dar ao confessôr exacta conta de uns peccadilhos que ella confessa, á minguada de culpas sérias. Os que assim pensam abandeam-se uma vêz com Rousseau para invectivar a sciência, e reduzem a sciência da mulher a pespontar ceroilas e levantar malhas das peúgas.

É para mim de fé que nem uns nem outros andam bem avisados no que pensam e dizem.

A Sociedade é um organismo e a família uma pequena Sociedade. Na] organização da família há distribuição de mesteres, consoante a índole e a capacidade de cada membro. Confiar indiferentemente ao homem e á mulher as funções internas e externas da sociedade familiar, seria um erro de economia doméstica; levar a mulher aos altos cargos do Estado, fazê-la *deputada*, *desembargadora*, importaria a alteração profunda do organismo da família, e consequentemente o desequilíbrio social.

Por outro lado, a mulher ignorante, a mulher em quem se não reflectem os clarões da civilização, a mulher a quem o preconceito atrela ao egoismo e ao despotismo do homem, é uma calamidade na família. O sentimento, que é o distintivo mais nobre da mulher, mal se apercebe nas trevas da ignorância: aqui, o espirito cede o lugar á matéria, e o bêrço, em que se formam as almas generosas e sans, é então a primeira fonte da superstição, e da rudêza de sentimentos.

A mulher eleva-se pelo sentimento e educa pelo sentimento. Em quanto o homem pensa, planeia e duvida, a mulher ama, sente e crê. Nela, os prodígios de sentimento escurecem muitas vêzes as maravilhas da razão do homem.

As Safos e as Corinas, envôltas na clâmide branca da poesia, são sempre mais bem-vindas, trazem mais consolação e mais bençãos ao eremitério do cenobita, á morada do descrente, ao leito do enfermo, ao tugúrio da indigência, do que os vultos majestosos e graves dos Aristóteles e dos Newtons.

Espêlho cristalino da alma da mulher, a poesia edifica, alenta, converte, consola e dá; e, quando a alma da mulher se vaza nas páginas de um livro, podemos invadir impunemente os penetraes de um santuário de affectos; podemos vêr, face a face, a grandêza daquêles sentimentos que fazem mártires e heróis; podemos identificar-nos com a candidêz

de uma alma virgem e sentir-nos melhores, mais felizes e mais crentes.

\*

Os *Murmúrios do Sudo* são um livro de poésias, escritas por mão feminina. Li-o, e venho fazêr um convite, em vêz de uma apresentação. Não apresento a autôra do livro, porque é possível que me perguntem o meu nome; convido o leitôr a espalhar a vista por essas formosas páginas, paisagens suaves e de uma tristêza encantadôra, chaquetadas de arbúsculos e flôres, como as paisagens do Perugino.

Em face da espontaneidade do sentimento, deante de um livro íntimo, defronte de poesia tão serena, e tão desataviada de mentirosas louçainhas de arte, sinto-me de tal maneira embelecado naquela graciosa simplicidade e peado na razão pela varinha misteriosa da fada que segredou aquelas harmonias, que me falece o ânimo para afinar taes cantos pelo austero diapasão da estética.

Não se diga contudo que os preceitos da arte cedêram á naturalidade do canto. Se, numa obra poética, os homens da filosofia da arte exigirem inspiração rica, sensibilidade viva, juízo seguro, expressão forte, sentimento musical, de tudo isto acharão alguma coisa neste formôso livro. Quando a revêzes afroixa a razão, — o juízo seguro, — surge a sensibilidade empanando-nos de lágrimas os olhos, e abalando o que há de mais fundo no coração humano; e resplandece o anjo da harmonia, apartando-nos, com o seu canto, da aridêz da análise, como o canto das sereias apartava dos escolhos os companheiros de Ulisses.

Os *Murmúrios do Sudo* são a tradução completa dos sentimentos mais íntimos da autôra, das suas aspirações, das suas crenças, das suas tristêzas, das suas alegrias, dos seus desalentos; são as capelas de flôres, que as virgens varsovianas arremessam á corrente, por se libertarem de ruíns cuidados.

Numa página entrevêem-se os últimos clarões do sol poente iluminando uma fronte inspirada e triste; e dos lábios da poetisa ergue-se para o sol, que se despede, um hino de suavíssima tristêza:

« Froixo e túbio, declina, esmorece,  
 nesta hora de paz infinita,  
 nesta hora de crença bemdita,  
 que tão gratas doçuras contém !  
 Qual a sua, é a minha existência:  
 já sentin alegria um instante ;  
 mas agora, sem luz, vacilante,  
 desfalece... declina também ! »

Noutra página, há uns assomos de alegria passageira ; o  
 amôr pátrio desata-se em flôres aromáticas, e a poetisa, nas-  
 cida em terras de Portugal, diz-a uma americana :

« Não temos virgens florestas,  
 mas não nos faltam colinas,  
 e mais formosas são estas,  
 esmaltadas de boninas !  
 Em horas de calma ardente,  
 vai recostar-te indolente  
 à sombra dos laranjaes,  
 e nas horas encantadas,  
 em que as auras perfumadas  
 vão gemer entre os rosões »

Aqui, é a desesperança de achar ventura no próprio asilo  
 santo da poësia, onde se acolhe e se livra das tempestades  
 da vida positiva ; e diz da poesia :

« Não quero vêr-te já ! seduz teu brilho,  
 mas torno-me infeliz !  
 O teu sorriso encanta, mas eu choro  
 em quanto me sorris. »

Além, é a mulher que hoje sonha, crê e espera, e que  
 amanhã ajoêlha resignada sôbre o tûmulo das illusões per-  
 didas :

« Sonhas um ser, perfeito sem segundo ;  
 dá-lhe fórmas e vida a fantasia,  
 e o teu ídolo adoras !  
 Não julgas que êle vem do lodo immundo,  
 cái a máscara... ri a hipocrisia,  
 e tu que fazes? choras ! »

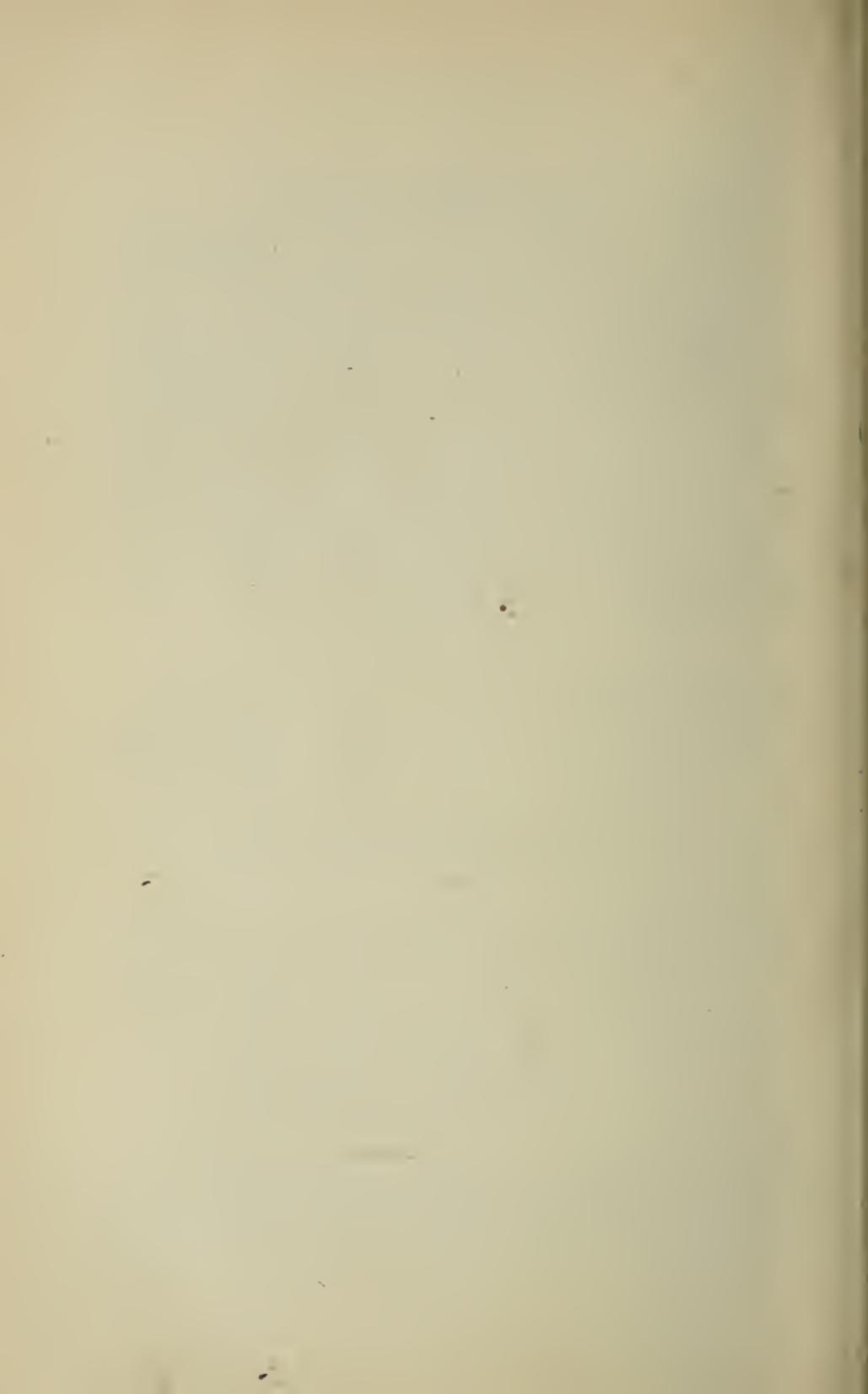
Eu não posso deixar de votar a êste livro a minha sim-  
 patia, porque me parece que entendo um pouco do muito  
 que o coração deixou espalhado por essas páginas. Mas a  
 leitôra há de, por certo, apreciar melhor, e entender mais

do que eu os longos e suavíssimos mistérios que a alma da mulher segreda á solidão em horas de poesia.

É invejável o destino de um livro assim. Achar agasalho em todos os seios, em que o cinismo e a indiferença do século não lançaram ainda uma gôta do seu fel; ecoar em todos os corações, em que floreja uma esperança ou se crava o espinho de uma dôr; velar, como anjo custódio, á cabeceira dos infelizes; dar bálsamos e recebêr carinhos; difundir bênçãos e sêr abençoado, — parece-me sêr esta a merecida sorte, que no futuro aguarda o livro que hoje se estampa.

Eu, por mim, sinto legítimo orgulho, por sêr o primeiro em saudar êste livro, que não pôde passar despercebido em nossos fastos literários. Violante do Céu, e a Marquêsa de Alorna, e a Viscondessa de Balsemão, e toda a plêiade dos nossos talentos femininos, há de recebêr, como no seio de uma constelação luminosa, a estrêla que se levanta das margens do Sado.

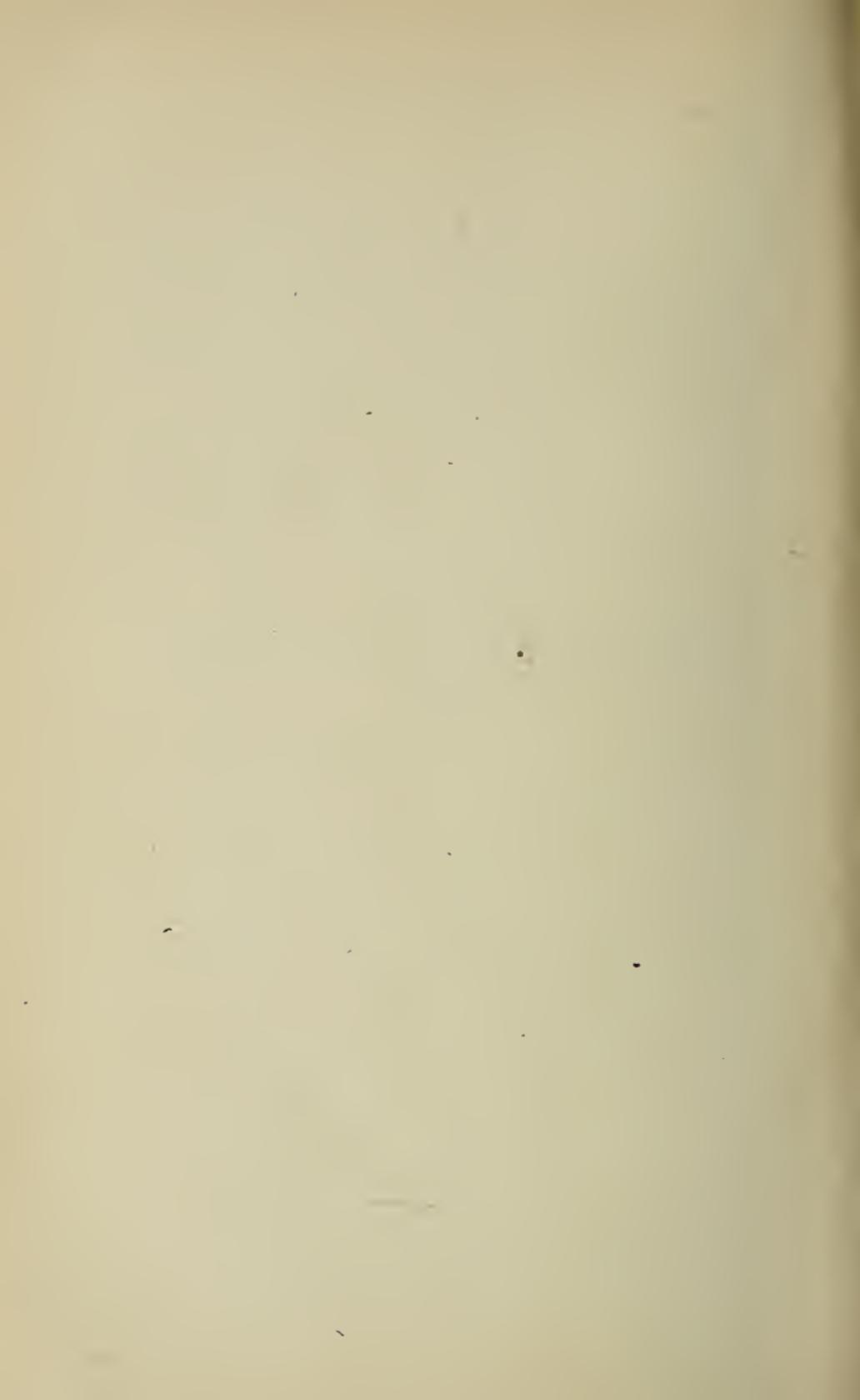
---



XXXVIII

MIGUEL VICENTE DE ABREU

(1884)



## Miguel Vicente de Abreu

(1884)



ALECEU há poucas semanas na Índia portuguesa, donde era natural; e registamos hoje, com sincero pesar, a falta dêste prestadio homem de lêtras.

Não me consta que filho algum da Índia haja consagrado maior interesse e amor ao estudo das nossas antiguidades e glórias orientaes; e poucos contemporâneos o excederão na valia e quantidade dos esclarecimentos que êle nos deixa, para a história daquella nossa possessão.

Devidamente apreciado por todos os homens eminentes, que passaram pelo govêrno da Índia portuguesa, como Ferreira Pestana, Cunha Rivara, Tomás Ribeiro e outros, recebeu de Mendes Leal, em portaria de Maio de 1862, a honrosa declaração de que Sua Majestade lhe conferia o grau de Cavaleiro da Ordem de Cristo, «para lhe premiar os esforços que êle tinha feito no interesse da história da Índia portuguesa».

Era também Cavaleiro da Ordem da Conceição; associado provincial da Academia Real das Ciências, e sócio correspondente de outros institutos europeus e asiáticos.

Havia nascido em Margão de Salcête, em 1825, recebendo

do com o baptismo o nome de Miguel Vicente Filipe José da Assunção Aleluia de Abreu.

Cursou a Escola Matemática e Militar de Gôa; foi revisôr da Imprensa Nacional daquela cidade, e membro do Consêlho Inspectôr da instrução pública.

Publicou, em um volume de 248 páginas, uma curiosa *Relação das alterações políticas de Gôa*, acompanhada de preciosos documentos; uma *Memória* sobre o govêrno do vice-rei Conde de Rio-Pardo; outra larga e curiosa *Memória* sôbre alguns filhos distintos da Índia; um *Catálogo* dos secretários do Estado da Índia dêsde 1503 até 1866; *Hinos e canções*, em português e concaním.

Traduziu do inglêz o *Bosquejo Histórico de Gôa*, por Klo-guen; e deixa numerosos escritos em várias fôlhas periódicas.

Possuía uma opulenta livraria, e conseguiu organizar em sua casa um museu, em que se admiravam muitas raridades dos três reinos da Natureza: conchas de África, Ormuz, Ceilão e Timôr; curiosos artefactos da indústria da China e do Japão; mineraes da Austrália; deteses gentílicos; pinturas históricas, etc., etc.

O actual Governadôr da Índia, o sr. Visconde de Paço de Arcos, ao visitar aquêle museu em 1881, deixou no livro dos visitantes as seguintes palavras:

— «Tive hoje a satisfação de visitar o museu e livraria do ilustrado e muito curioso investigadôr o sr. Miguel Vicente de Abreu.

«Digno filho da Índia portugûesa, o sr. Abreu colecciona infatigavelmente tudo que na sua terra encontra próprio para merecêr a atenção dos nacionaes e estranhos.

«Honra lhe seja, e muito louvôr lhe cabe, por assim empregar os ócios dos seus ainda mais valiosos trabalhos de investigadôr da história da Índia.

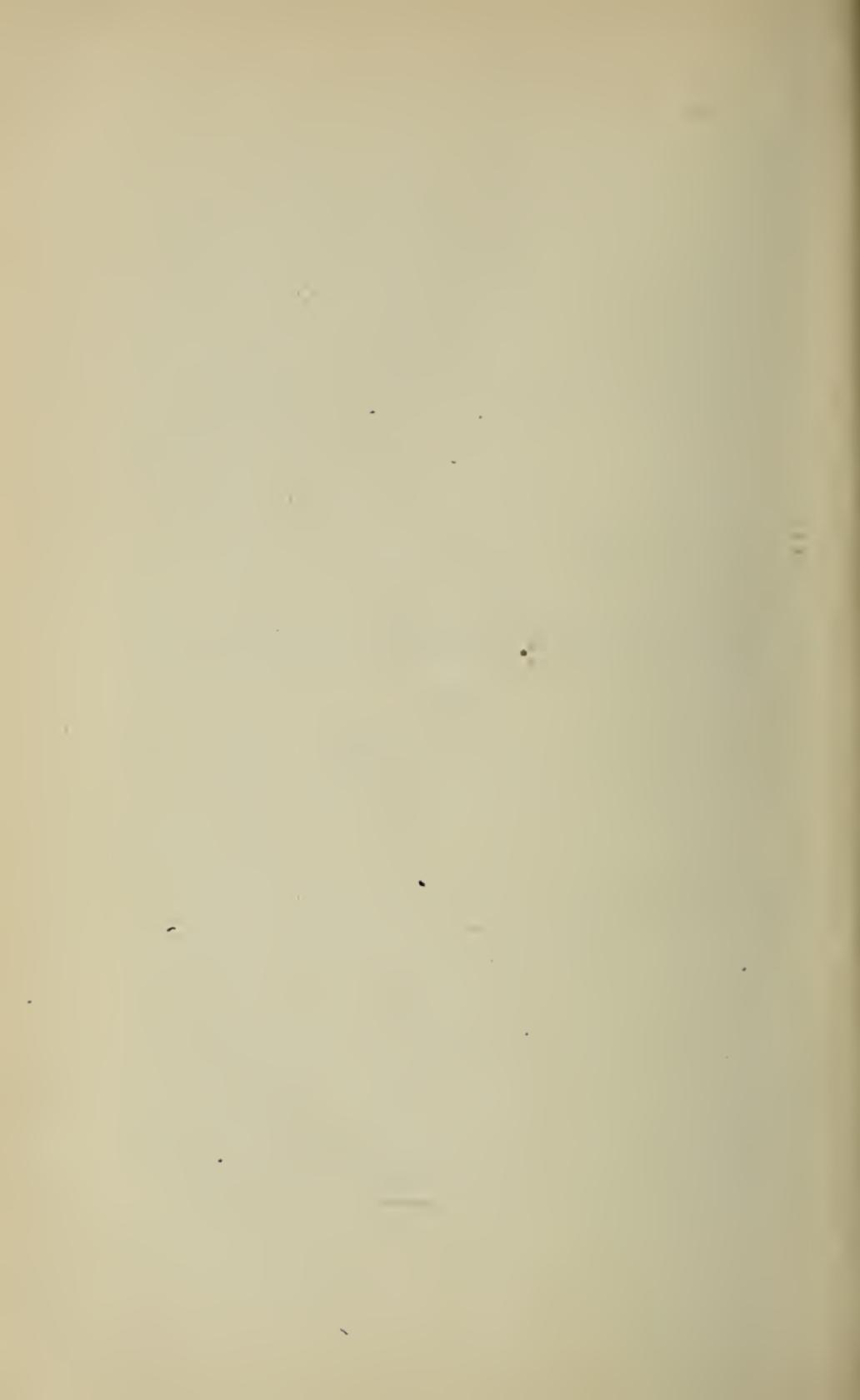
«Aceite êle êste despretenciôso testemunho, que aqui lhe deixo, do quanto aprecio homens do seu merecimento, que assim ilustram êste Estado, de que hoje, por immerecida confiança do nosso Soberano, sou o chefe, que muito se honrará tendo-os como informadôres nas coisas do govêrno.

«Pangim, 31 de maio de 1882.— *Visconde de Paço de Arcos.*»

XXXIX

ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO

(1884)



## Antonio Rodrigues Sampaio

(1884)



or, até hoje, o mais notável jornalista português.

Havia nascido em 25 de julho de 1806, e faleceu em 13 de setembro de 1882.

De origem pobre e modesta, soube, pelo seu extraordinário mérito e virtudes, conquistar os pontos mais elevados da representação so-

cial: Deputado, Par do Reino, vogal do Tribunal de Contas, Ministro de Estado, em todas as fases da sua vida pública fêz resaltar nobremente as scintilações de um espirito superior e o seu amôr desinteressado á probidade e á justiça.

Acima porém dos seus créditos de estadista, pompeia brilhantemente a sua corôa de escritôr, e despede clarões inextinguíveis a sua pena de oiro, provada e adestrada nas lutas incruentas da imprensa periódica.

Raramente haverá quem tenha, como êle, conhecido o segrêdo dos atletas da palavra escrita; raros paladinos de antigas eras floreariam a lança como êle florea a pena; poucas vêzes as tradições da nossa cavalheirosa Península exhibirão exemplo mais frisante de cortesia e coragem.

*Sem medo e sem mancha*, pôde dizêr-se que era o Bayard da imprensa. No mais ateado das refregas partidárias, a sua

pena hercúlea sentia o calôr de um grande coração e o sôpro benéfico de um espirito justo. Quando êle irrompia denodadamente por entre os adversários, dêsde o corrilho político, até as mais altas magistraturas, havia alguma coisa que êle respeitava, que o detinha e que o dominava, como um gigante pôdê dominar uma criança: era a santidade do lar, eram os mandamentos da justiça, no sentido mais nobre desta palavra.

A lingua portugûesa têve nêle um esmerado cultôr; e do culto que êle lhe prestava manavam, como de fonte copiosa, puros veios de subtil ironia, com que afogava a dicacidade ignara das mediocridades que enxameiam os escritórios das gazêtas políticas.

Dos seus indiscutíveis méritos, e do quanto lhe devem as lêtras e a liberdade, deram testemunho unânime e simpático, não só os que desapaixonadamente apreciam as glórias portugûesas, senão ainda as mais encontradas parcialidades políticas, que, numa hora solene de justiça, proclamaram em côro, á beira de um túmulo, as virtudes do homem e a merecida apoteóse do primeiro jornalista portugûês.

XL

JOSÉ MARIA ANÇAN

(1890)



## José Maria Ançan

(1890)



ENHO aqui um volume de poésias manuscritas, que me fôram enviadas do Alentejo pr um velho amigo, que é também amigo do autôr.

O intermediário pede-me que leia o manuscrito e que lhe transmita as minhas impressões.

Não quiere isto dizêr, evidentemente, que eu seja juiz em coisas de arte; mas, sim, que cada um de nós,—dos que consomem a vida alimentando o minotauro da imprensa, como diria Prudhomme ou um oradôr de comícios,—é uma parcela da opinião e vale pelo menos um voto, no sistema constitucional que felizmente nos rege, segundo a expressão do Conselheiro Acácio.

Entre receôso e benévolo, pude, nuns raros momentos de ócio, lêr de fugida o manuscrito alentejano.

Na primeira página, vem o nome do autôr,—José Maria Ançan.

O poeta, cujo nome é novo para mim, é padre ou está para o sêr, e vive em Beja, mas creio que é da Beira, ou das proximidades de Aveiro, pelas referências que faz, no decurso do livro, ao seu pátrio Vouga.

Dantes, era vulgar aninhar-se a poésia nos claustros dos mosteiros, onde a liberdade perdida e a ventura ideal acor-

davam os ecos do mais ardente e apaixonado misticismo. Hoje, que a poesia profana monopolizou o império das musas, raramente notamos que, entre a voz dos inspirados, resáia o cântico de um sacerdote. O padre Arolas, em Espanha, e o bispo Montes, no México, estremam-se pela doçura e sublimidade dos seus versos, e o próprio Leão XIII não é um poeta medíocre. Estas excepções, porém, aliás brilhantes, não destróem a regra. Em Portugal, ter-se-ão podido notar uns tímidos ensaios de talentosos poetas tonsurados, como o padre-Fontelas, do Minho, o padre Moura Sêco, da Rua; mas o cantochão sufoca de ordinário a vocação poética, e a batina ensombra as mais espontâneas flôres do sentimento livre. O padre Malhão, com a sua poderosa organização artística, têve de se limitar a uns pequeninos quadros de lições moraes em verso; Aires de Gouveia, dès-de que é padre e bispo, nunca mais fêz versos, pelo menos para o público; e, quando algum seminarista perpetra um soneto, ou tem a imprudência de gisar uma quadra nas margens do *Cavalário* ou do *Scheñkl*, corre o perigo de um julgamento sumário e de alguns dias de reclusão ou de jejum a pão e água.

Comprende-se portanto a surprêsa, com que eu leria alguns magníficos versos, escritos por um poeta de batina, e escritos talvez nas próprias celas de um seminário.

O livro de José Maria Ançan é o livro de um crente, e, ao mesmo tempo, um livro de combate. No encalço de Chateaubriand, que procurou contrapôr ao espírito voltaireano do século XVIII a serena e fortificante filosofia do Cristianismo, o nosso poeta ergue-se, em nome do Evangelho, e, em vigorosos versos, fustiga os fariseus, que levam a descrença e o culto do vício ao templo da poesia.

Eu não gôsto de filosofia em verso, e, mesmo em prosa, não môrro de amôres por ela. A humanidade talvez lhe dêva muito; eu, porém, dêvo-lhe pouco mais que uns laivos de dúvida, que não fazem bem ao espírito. Quando leio um poema social, raramente encontro ali a luz que alumia o espírito, o calôr com que a inspiração afaga e embala o poema da vida.

E contudo, sem me extasiar perante os dilemas e os silogismos, com que José Maria Ançan procura contundir os

idólatras do vício, e os iconoclastas anti-cristãos, não posso esquivar-me a admirar o vigôr dos golpes e a apurada textura dos alexandrinos.

Aprazem-me porém, de preferênciã, aquêles lances, em que a alma do poeta, distanciada da casuística, e dos corolários da filosofia escolástica, paira livremente nas regiões do sentimento e da belêza ideal, produzindo notas, que um poeta de primeira ordem se não dedignaria de subscrevêr.

Num pequeno poema, que constitue a primeira parte do livro, há um sobêrbo dialogo entre o *Mar* e a *Lua*, diálogo que, pela sua extensão, não posso reproduzir, mas em que, a par de alguns senões de correccão facilima, há verdadeiras belêzas e extraordinário colorido.

Hajam vista os seguintes versos:

.....  
 E, vendo resvalar os languidos amantes  
 no abismo do prazêr, febris, luxuriantes,  
 o túrgido Oceano, impávido, espumante,  
 contempla destemido a abóbada brilhante,  
 e diz á Lua:

—O' diva, ó anjo sorridente,  
 que vagas na amplidão do céu resplandecente,  
 baixa das regiões da lúcida atmosfera,  
 deixa o límpido azul da constelada esfera,  
 e vem unir-te a mim, ó Lua estremecida,  
 noctívaga Julieta, ó doce Margarida!

.....  
 Descende da mansão dos vívidos fulgores,  
 e vem haurir comigo o néctar do prazer.—

...E o Mar ouviu dizer:

—O' filho, ó meu amor, ó adorado Oceano,  
 que tens a agitação do pensamento humano  
 nas grandes espíraes das férvidas estranhas!  
 ó Mar, a cuja voz concutem as montanhas,  
 as rochas de granito e as ilhas colossaes!  
 De que te valem, diz, gemidos perenaes,  
 e tanto soluçar, e tantas convulsões,  
 se não podem juntar-se os nossos corações?...

.....  
 Queria descansar o rôsto desmaiado  
 sôbre o teu salso peito, herculeamente inflado;  
 sentir-te o latejar do coração potente,  
 unir-te bem a mim, beijar-te meigamente

essa fronte cerúlea, esses cabelos brancos...

.....  
 Responde então o Mar:—Não posso, ó branca Lua!  
 passa o verão, o inverno, e passa a primavera,  
 florescem os jardins, viça no prado a relva,  
 gorgeia o rouxinol na murmurosa selva,  
 desprendem no arvoredo as alígeras aves  
 mil cânticos de amor, mil cânticos suaves,  
 o valado sorri, veste-se a natureza,

.....  
 ...E assim, ó astro, fico,  
 como no Calpe umbrôso o desgraçado Eurico...

Quem nos diz a nos que esta referência ao solitário do Calpe, ao *desgraçado Eurico*, não levanta a ponta de um véu, permitindo-nos entrevêr o idílio ou a tragédia íntima de um segundo *Eurico*? Há tantos *Jocelyns* por êsse mundo fóra! Herculano fêz o drama do celibato, mas a representação ainda não findou... A liturgia nunca esmagou o coração: pôde fazê-lo sangrar, mas não o mata. Quando nos embebemos nos êxtases seráficos de Violante do Céu, de frei Agostinho da Cruz, de Santa Therêsa, de San-Francisco de Assis, e de Chantal, comprehendemos nitidamente que só é capaz dêsses arroubos um coração que muito amou.

Mas, voltando ao livro, e á parte os versos que satisfirão os mais difíceis paladares, não me parece que a obra, no seu conjunto, acareie extraordinários aplausos do nosso público de hoje. A moda e o gôsto, bom ou mau, imperam soberanamente; e a publicação integral dos versos de José Maria Ançan levaria os críticos a apodarem o môço poeta de *depaysé, demodé*... Em parte, o apodo não seria improcedente. A permanência na província, a deficiência de autorizados modêlos, as restrições da educação eclesiástica, deixaram o poeta na plena vigência do romantismo, não lhe permitindo acompanhar a desenvolução das fórmulas literárias, de cuja observância depende, em regra, o êxito da poësia.

Assim, quando o poeta diz:

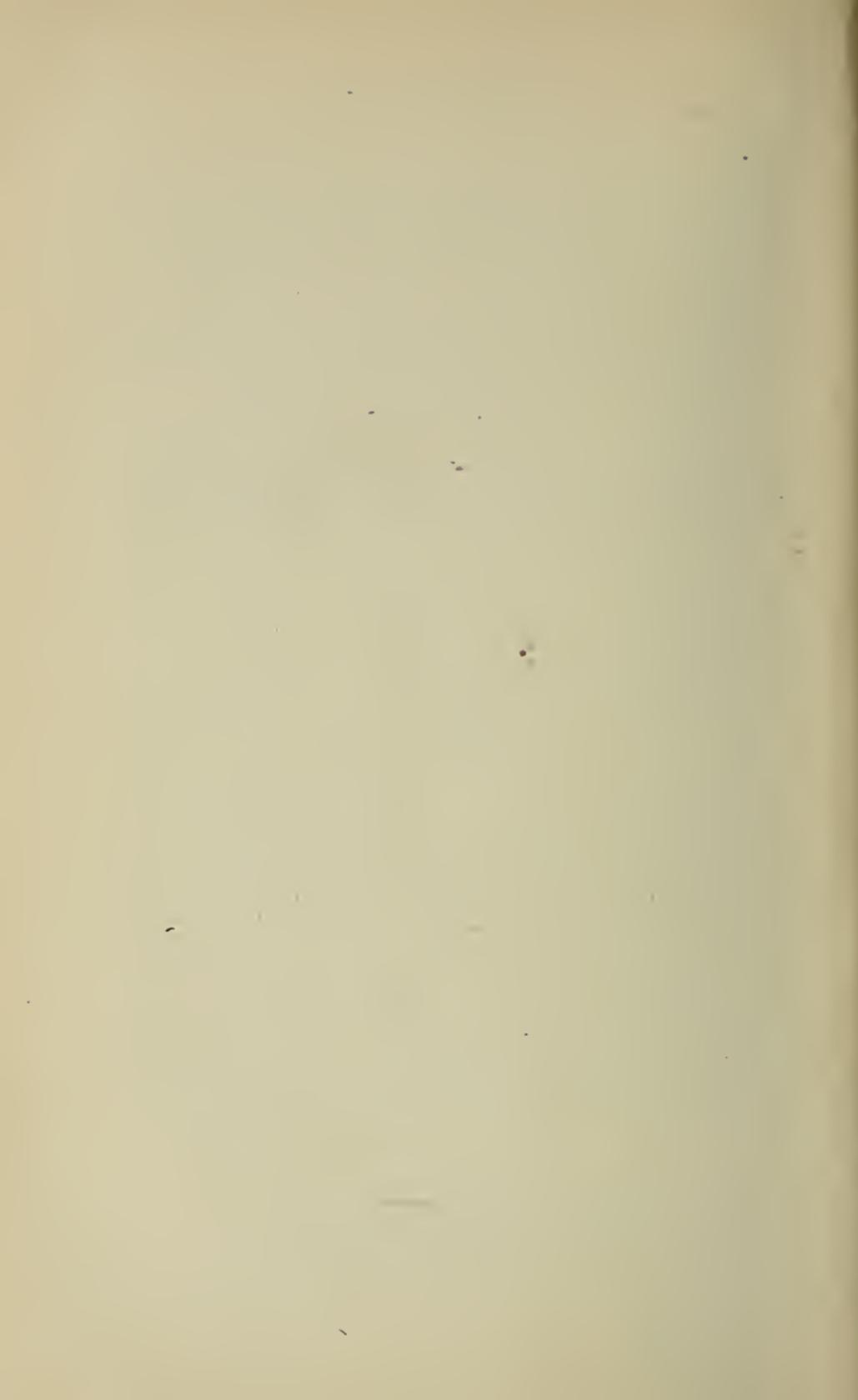
Pois ide então. *Lucubrações* queridas,  
 rosas caídas no jardim da crença;  
 ide ligeiras, como vão as aves...  
 correi suaves pela terra immensa;

ninguém afirmará que falta aqui harmonia e correcção métrica, mas os decasilabos de rima encadeada fizeram a sua época. Fôram o encanto das salas há trinta anos, quando um alfenim os recitava, acompanhado ao piano por uma jovem pálida e romântica.

Quase o mesmo se póde dizer dos novissilabos, cujas cadências obrigatórias, de três em três sílabas, os tornam hoje insuportavelmente monótonos e pretenciosos, só admissíveis em algum hino de filarmónica sertaneja.

Mondadas estas reminiscências do romantismo, e revisto cuidadosamente quanto no livro há de bom, antolha-se-me que a publicação dos versos de José Maria Ançan virá revelar um poeta brilhante, assinalando invejalmente uma das mais felizes estreias do nosso tempo.

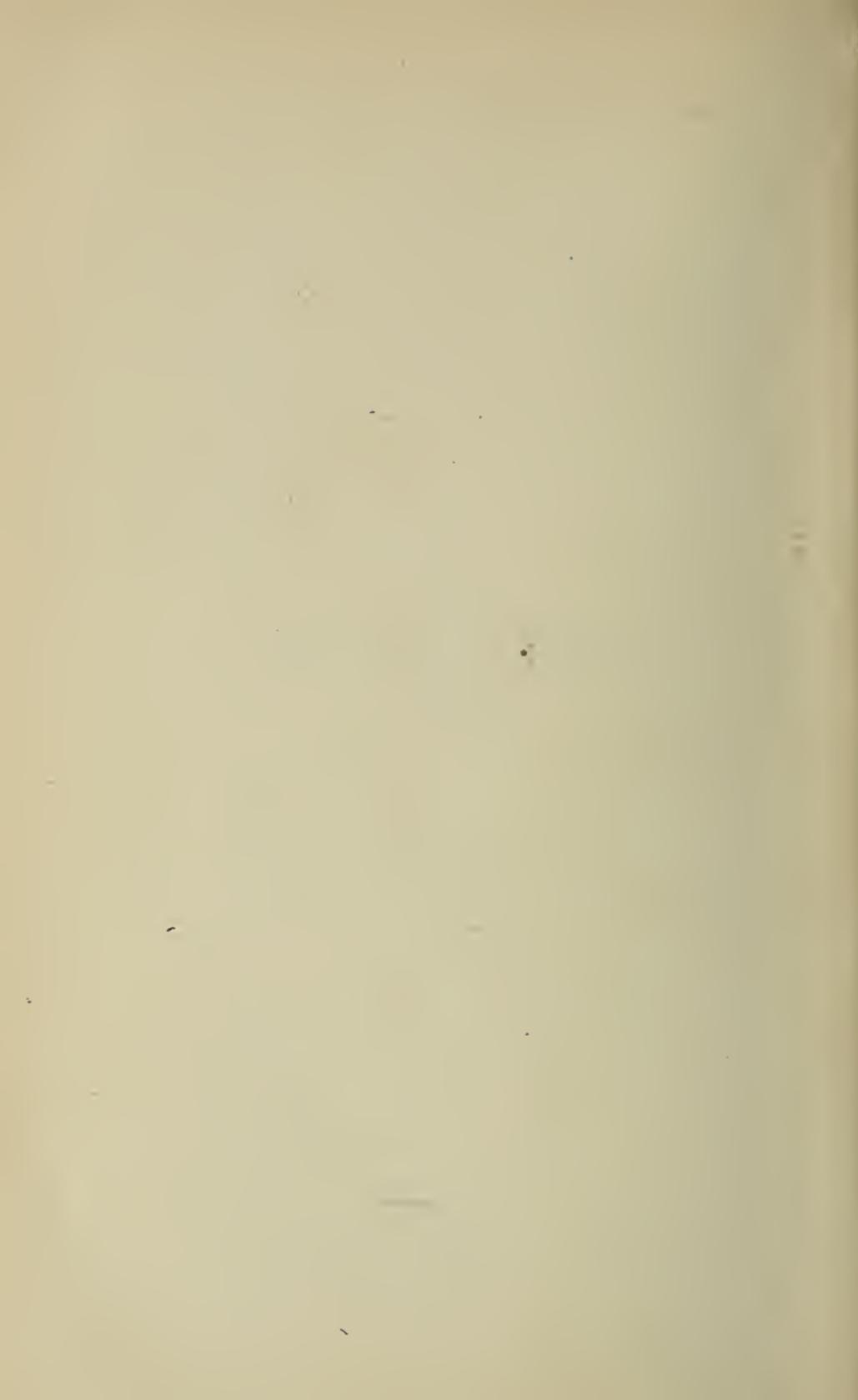
---



XLI

ZEFERINO BRANDÃO

(1891)



Zeferino Brandão<sup>1</sup>

(1891)



STAMOS na antesala . . . de um livro.  
Conversemos.

Já lá vão vinte e tantos anos. Ao certo, não sei; que a gente, em se afastando da mocidade, perde a conta ao tempo e olha de má vontade para o calendário. Ilusões.

Eu estudava latim na minha aldeia, decorava a *Lua de Londres*, e fazia versos detestáveis nas fô-

lhas brancas dos cadernos de significados. De quando em quando, á míngua de melhores poetas, a amabilidade das minhas conterrâneas levava-as a pedir-me que recitasse ao piano; e, graças á inconsciência dos meus méritos, nunca recusei o convite, excepto quando Tomás Ribeiro, passando por ali, de meses a meses, encantava os serões da minha terra com a música dos seus versos.

Um domingo, anunciou-se um serão em casa das senhoras Pinas Freires, e dizia-se que estariam lá visitas de fóra, porque tinham chegado a Lobão dois estudantes de Coimbra, e uma senhóra . . .

Lobão é a minha aldeia, uma terreóla encravada nas

<sup>1</sup> Este escrito serviu de antelóquio ao notável livro de viagens, *Bélgica*, de Zeferino Brandão.

montanhas da Beira e raramente cruzada por forasteiros. A chegada de pessoas estranhas seria, naquelles tempos, o caso capital do noticiário, se lá houvesse gazêtas. Estas, porém, são amplamente substituídas por um serão de aldeia e até pelos soalheiros da mesma.

Fui ao serão das senhoras Pinas Freires, e os hóspedes lá estavam. Ovi que um se chamava Perestrêlo, Brandão o outro, e que a senhora era irman daquêle.

Perestrêlo chegava de Santa-Comba, sua terra, e Brandão, seu patricio e camarada universitário, acompanhava-o na digressão.

Naquelas afastadas eras, ainda se não *fazia música*.

Tocou-se, dançou-se, recitou-se, jogou-se... A propósito: ovi cantar a senhora Perestrêlo, e a minha habitual fleugma, a minha timidéz sertaneja, cedêram ao mais espontâneo entusiasmo.

É que eu nunca tinha ouvido cantar assim. Quando D. Carlota Perestrêlo, numa voz, ora vibrante e enérgica, ora acariciadôra e terna, modulava:

Meu anjo, escuta! quando, junto á noite,  
perpassa a brisa pelo rosto teu,  
se alguém suspira...

sou eu! sou eu! sou eu! . . . . .

sentia eu uns estremecimentos indefiníveis, e a minha imaginação de criança dilatava-se por mundos encantados...

Sentia-me bem, animado, e até conversadôr, contra os meus hábitos.

Depois do chá, Francisco de Pina Freire, em nome de várias damas, dirigiu-me a petição do estilo: que recitasse versos...

A situação deveria embaraçar o estudantinho aldeão: estavam ali estudantes de Coimbra, um que escrevia folhetins no *Viriato*, o Perestrêlo, e outro que, segundo constava, *também* fazia versos, o Brandão. Além disso, estava ali uma artista, que devia conhecêr a cultura literária das cidades; mas a sua voz instilara-me um fluido estranho, despertando em mim uns vislumbres de ambições de glória. Anuí. Creio até que anniria, ainda que lá estivesse o autôr do *Dom Jaime*, ou o próprio Dom Jaime em pessoa.

O criado recebeu as chávenas e as damas fizeram silêncio.

Na sala próxima, em volta de uma mēsa vērde, Perestrêlo, Brandão, o dr. José de Sousa Meneses e outros, baralhando cartas, preparando-se para o voltarête, observavam a scena.

E eu disse versos: uma elegia á memória de uma criança, elegia que devia sêr tolíssima, a julgá-la por muitas das suas irmans mais novas. Mas, ao pronunciar o ultimo verso, inundou-me uma chuva de aplausos femininos, e não lhes minto se disser que duas senhōras limpavam os olhos sinceramente. . .

Triunfo completo? Não: na sala do jōgo, os do voltarête entreolhavam-se e comentavam sorrindo. Um dos comentários feriu-me satanicamente o ouvido.

O Brandão dissera:

Numa terra tão pequena,  
Tão grande poeta é pena. . .

Suponho que cōrei: e, se o Brandão olhasse para mim, veria nos meus olhos alguma coisa, se não de raios olímpicos, pelo menos de caloiro reprovado em primeiras lêtras.

Contive, porém, a indignação; *êles* eram rapagões como castelos, e eu uma criança imberbe, a quem brincando arrancariam uma orêlha.

Mascarei-me de cinico, —devia sêr magnifico!—e abeirei-me da mēsa vērde, para vêr jogar e regalar-me com os codilhos, que a sorte enviasse aos meus críticos. Oh! o prazêr da vingança!

Donde em onde, os jogadōres conversavam. Tinham a feição irónica do estudante inteligente e alegre, e não poupavam os penteados cómicos, os vestidos decotados, os leques de tostão, o sibilar dos *ss* na pronúncia beirōa desta ou daquela dama. . ., os dentes cariados daqueloutra. . .

—E que te parece o corpanzil da D. . .?—preguntava o Perestrêlo.

—Aquilo é verdadeiramente um homem de saias,—observava o Brandão.

—Se os senhōres me permitem, — obtemperei eu com

timidèz mais aparente que real,—se os senhores me permitem, a expressão mais própria para o caso é virago. . .

O Brandão surpreso:

—Que te parece cá o fedêlho, ó Perestrêlo? Sim, senhôr, marque lá dois tentos, seu caloiro. Quem lhe ensinou a dar quinaus?

—Peço perdão, mas. . .

—Sim, senhôr; sim, senhôr. Se um dia fôr a Coímbra, procure-nos na rua Sub-Ripas; queremos pagar-lhe a lição: havemos de ensinar-lhe o que são graus. . . Trunfo copas. Declaro *geral*, e jogue o *fraco*.

\*

Afinal o codilhado fui eu.

Não sei se me despedi das amabilíssimas donas da casa. Sei que nessa noite fui deitar-me com febre.

A crítica ferira-me pela primeira vêz; e agora sentia apenas uma ambição: sêr homem, têr graus, sem sêr na rua de Sub-Ripas, e demonstrar, sem côrar nem tremêr, deante de bacharéis letrados ou iletrados, que os fedêlhos têm às vêzes mais razão que os homens feitos.

\*

Anos depois, apareci em Coímbra e entrei na Universidade.

Apontava-me já o buço, tinha publicado um livro, e levava comigo uns aplausos escritos de Castilho, Camilo, Mendes Leal. . ., um arsenal sobejamente artelhado, para deslombiar a crítica de Sub-Ripas.

Os meus críticos, porém, já não estanciavam por Coímbra. Perestrêlo, formado em direito, fêz-se político, foi administradôr de concêlho, subiu a governadôr civil e é hoje Chefe de Repartição numa Secretaria de Estado. Brandão, saindo da Faculdade de Matemática, havia sentado praça, e era tenente de artilharia na Ilha Terceira.

Forçoso era adiar a minha vingança.

A verdade, porém, é que nunca mais pensei nela. Pelo contrário, encontrei em Coímbra quem me desvanecêsse to-

das as preocupações hostis. Luis Jardim, hoje Conde de Valenças, e o malgrado Guimarães Fousêca, e João Penha, e Simões Dias, e muitos outros, que de perto haviam tratado Zeferino Brandão, diziam-me d'ele maravilhas; e, ao invés do que se poderia supôr, comecei de interessar-me affectuosamente pelo meu crítico folgazão, e de inquirir dos seus trabalhos literários.

Pude sabêr que, quando appareceu em Lobão, teria êle 18 anos e o aspecto dos 25, escrevia já folhetins no *Campêo do Vouga*, a propósito da visita do Bulhão Pato á Beira, —viagem trabalhosa e arriscada naquelas épocas, e da qual eu me lembro nitidamente, porque admirei então pela primeira vêz a formosa cabeça do poeta da *Paqueta*, e escutei-lhe, a alguma distância, religiosamente, a palavra culta, solene e sóbria, apanagio dos que valem e dos que sabem.

Saindo de Coimbra em 1867, Zeferino Brandão seguiu em Lisboa a Escola do Exército, tève algum tempo por companheiro de casa um grande poeta, João de Deus, e poetou êle próprio, colaborando com Luciano Cordeiro, Gervásio Lobato, Gomes Leal e outros, no jornal de Rodrigues Sampaio.

A convivência literária de Coimbra e Lisboa, e ainda a convivência particular de João de Lemos e Tomás Ribeiro, afervorou Zeferino Brandão na cultura da poesia; e d'aí a publicação de um volume de versos na Ilha Terceira, volume de que se fêz nova edição em Elvas.

As suas predilecções literárias não o desviaram porém dos trabalhos especiaes da sua profissão; e no *Dicionário Bibliográfico Militar* vejo a resenha de vários e importantes escritos do mesmo autôr sôbre assuntos militares.

Entretanto, até hoje, a sua obra de maior fôlego e de mais largas dimensões é a que se intitula *Monumentos e Lendas de Santarem*, e que lhe abriu as portas da Academia Real das Sciências.

Quatro anos de trabalho e de investigações fastidiosas lhe custaram os *Monumentos e Lendas*, que por isso mesmo ficarão sendo um dos mais duradoiros títulos do seu nome.

Mas não párou o laborioso escritôr. Hoje, como vêem, apresenta-nos a *Bélgica*: amanhã, segundo promete, dar-

nos-á a *Itália*; depois a *História Política dos reinados de D. Afonso VI e D. Pedro II*; depois ainda... Éle o dirá.

Mas voltemos á vaca fria; ao velho conhecimento que eu tenho do escritôr.

Vinte anos depois, como diria Dumas pai, vinte anos depois daquêle serão na minha aldeia, e durante os quaes nunca mais avistara o meu critico coimbrão, assistia eu a uma sessão da classe de literatura na Academia Real das Sciencias, quando um consócio espadaúdo, còrado e grisalho, entrando na sala, foi cumprimentar Silveira da Mota, que conversava comigo.

—Parecé que se não conhecem,—observou Silveira da Mota, apresentando-nos um ao outro. E acrescentou:—é o sr. B..., é o sr. F...

—Tenho muito gôsto...

E desatei a rir, inconvenientemente.

Zeferino Brandão tornou-se muito sério, e abriu muito os olhos, interrogativamente.

—Perdôe o meu caro consócio,—justifiquei-lhe, — mas, ao reconhecê-lo, lembrei-me de uma página da nossa mocidade...

E contei-lhe tudo.

Terminada a sessão, e em quanto Latino Coêlho arquivava umas propostas aprovadas, Brandão travou-me o braço, levou-me para um ângulo da sala, e intimou:

—Você há de contar isso.

—Já contei.

—Sim, mas há de escrevêr.

—Onde e para quê?

—Eu lhe digo. Os nossos livros são as nossas memórias, e não as há mais gratas, ou, antes, mais deliciosamente pungentes, do que as dos nossos mais felizes tempos. Se, abrindo um livro meu, eu pudesse sentir que a mão de um amigo desenrolava deante dos meus olhos um dos quadros festivos da minha descuidosa mocidade...

—Mas aquilo não é quadro, é um episódio, talvez uma scèna cômica em teatro de aldeia...

—Como quiser, mas conte me essas coisas á entrada de um livro meu. Estou fazendo a *Bélgica*... Sem sêr ministro, trato de negócios estrangeiros. Antes de tudo, porém,

sou português, e faz bem ao espirito, antes de falar de estranhos, falar de coisas nossas, e até de nós próprios.

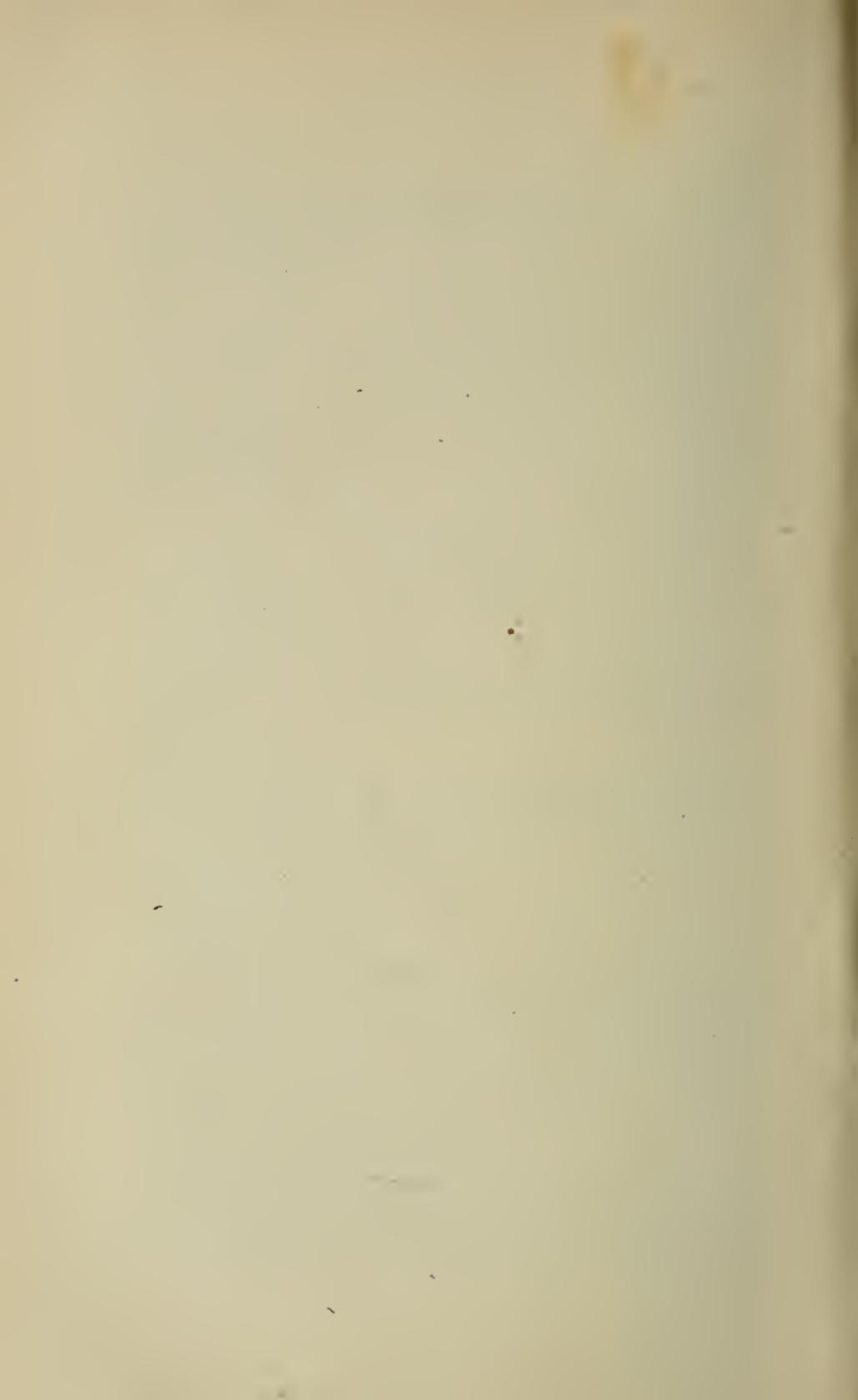
A palavra de Zeferino Brandão era tão persuasiva, e tão inelidível a sua eloquência, que posterguei escrúpulos e assinei a intimação, como quem diz que aceitou uma lètra de câmbio.

O *aceite* obriga-me ao pagamento; e, como o sacadôr endossou a lètra ao público, eis a razão das contas que estou dando a toda a gente.

O sacado é que talvez se queixe de eu pagar em moeda depreciada; mas tem recurso fácil contra o sacadôr, que pôde e há de pagar bizarramente o valôr recebido no balcão do livreiro.

Sinto passos... Correm o reposteiro...

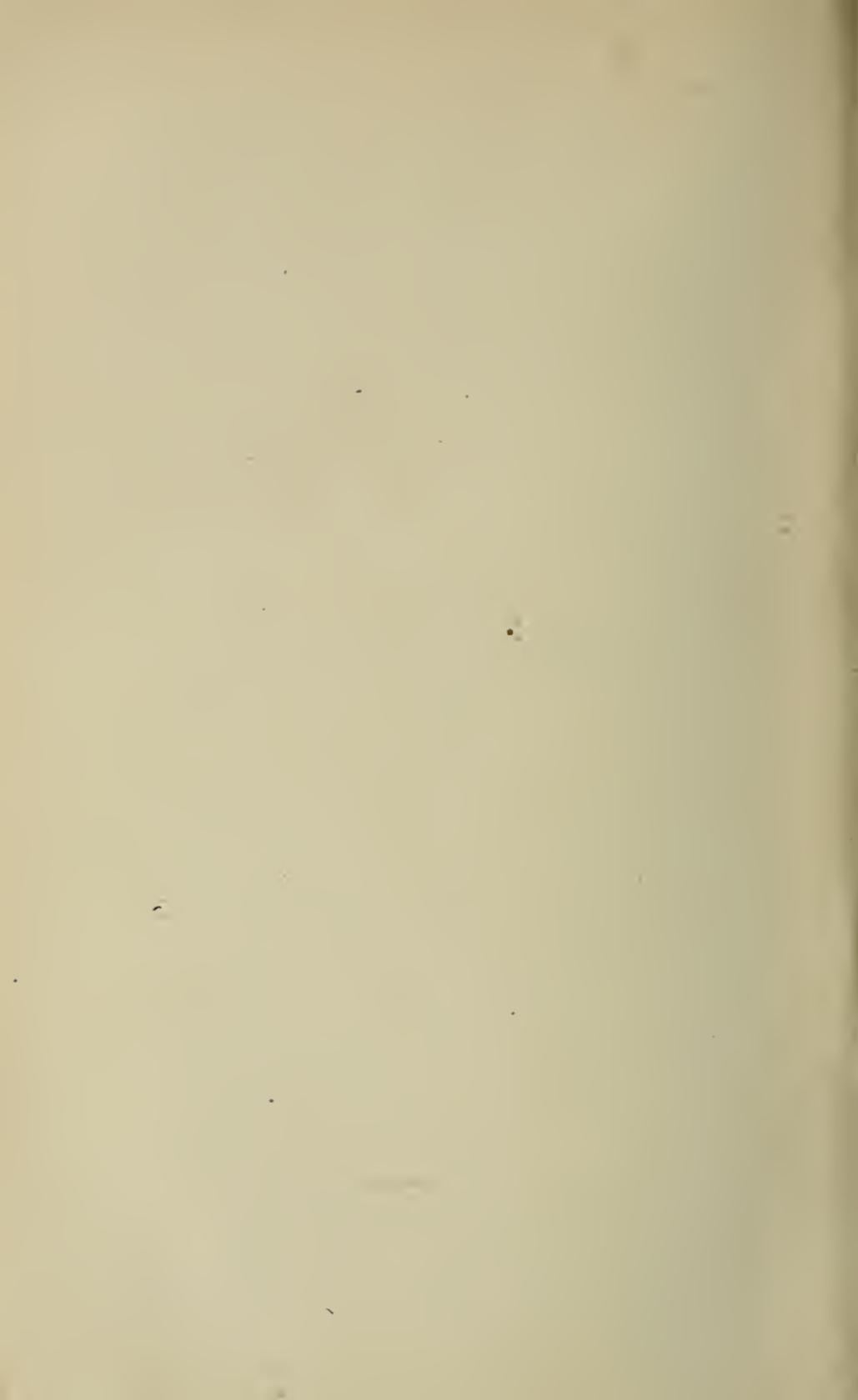
Entrem na sala, meus senhores...



XLII

VITÓRIA WOODHULL

(1888)



## Vitória Woodhull

(1888)



A sociedade portugêsa conhece pouco os Viscondes de Monserrate; mas sabe pelo menos que os opulentos titulares deixam Londres, de tempos a tempos, e, fugindo aos nevoeiros do Tamisa, procuram o *glorious eden* do seu Byron, e vêm habitar a sua formosa quinta em Cintra, onde a opulência dos proprietários se tem evidenciado em requintes de luxo e bom gôsto.

Pois a Viscondessa de Monserrate, *lady Cook*, é irman de uma das maiores celebridades dêste século, *Vitória Claffin Woodhull*, que tem logar distinto entre os mais distintos oradôres da América do Norte; que foi candidata á presidência dos Estados-Unidos, obtendo muitos milhares de votos; que é autôra de numerosos livros sobre sociologia e educação; que tem redigido exemplarmente várias sêlbas periódicas, e que fundou um Banco, com que conjurou uma grave crise econômica, que ia talvez aluir os maiores estabelecimentos de crédito da grande república norte americana.

*Mistress* Vitória Woodhull casou há anos com um banqueiro, Martin; e, dêse então, pouco tem aparecido em público, sem deixar todavia de trabalhar assiduamente na defêsa e propagação dos seus ideaes sociológicos. Actualmente, está em Londres, na sua luxuosa vivenda do Hyde-Park-Gate, onde raramente se digna de recebêr a visita e as homenagens dos europeus que a admiram. Entre os ra-

ros, a quem esta honra é conferida, conta-se um jornalista, que há poucos dias veio referir ao público a interessante conversação que teve com *mistress* Woodhull.

Cremos bem que Portugal não é dos países em que as ideias da grande reformadôra mais facilmente vingarão em frutos; entretanto, e exactamente pelo que essas ideias oferecem de extraordinário e talvez inexequível, afigura-se-nos que será lido com interesse o que se passou naquela entrevista.

Tem a palavra o *reporter* da *City*:

—«Após os cumprimentos do estilo, e tendo-nos assentado, iniciou ella a conversação:

—«Depois do meu casamento, tenho vivido muito retirada, porque não desejo que a imprensa se ocupe de mim. Contudo, fôlgo com a visita de V., porque tenho os meus trabalhos quase lindos, e espero voltar brevemente á vida pública. Gosto muito do jornalismo, porque é a alavanca da civilização e do progresso. Eu própria dirigi em Nova-York um jornal, destinado á defêsa dos direitos da mulher. Depois, publiquei muitas obras sôbre diferentes questões sociaes, e tenciono fazê-las traduzir em francès e em muitas outras linguas. O meu último trabalho é um estudo scientifico sôbre o desenvolvimento da raça humana.

—«Sob que ponto de vista trata V. dêsse assunto? — perguntei eu.

— «A raça humana, a meu vêr, comparativamente ás raças animaes, é a mais pobre. A causa provém dos seus vícios e das suas paixões. É preciso portanto reformá-la. É uma tarefa difficil, bem sei; entretanto, tomei-a a meu cargo. Sei que vou arrostar com muitos preconceitos, com muitos hábitos, e até com a liberdade individual. Mas, para grandes males, grandes remédios. Para isso, é necessário um meio radical, e deve empregar-se, se não queremos vêr desmoronar-se êste edificio, que chamamos sociedade, e que os vícios e as paixões vão minando cada vêz mais. O remédio está nisto: é preciso impedir o nascimento de individuos, que possam herdar dos pais deformidades ou vícios. Se bem que eu aprove a instituição do casamento, dêvo confessar que, em geral, casam leviaamente, sem sabêr se o espôso ou a espôsa estarão no caso de procriar filhos perfectos, bem

organizados, são de corpo e de espirito. Devia fazer-se estudo sério sobre os individuos, antes de os casar; e toda a pessoa, que estivesse eivada de um vicio fisico ou de um vicio moral, devia ser terminantemente rejeitada. Impedir-se-ia a união de pessoas ociosas e sem recursos. E, assim, chegar-se-ia facilmente a reformar a nossa raça, a diminuir o pauperismo, e a dar um pouquinho de felicidade á nossa pobre terra. E, para lhe mostrar, meu caro senhór, quanto a minha ideia é justificada pela religião cristã, veja o que diz San-Paulo, na primeira Epistola aos Corintios, capítulo III, versículos 16 e 17: — *Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o espirito de Deus habita em vós? Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá, porque o templo de Deus é santo, e é o que vós sois.* Portanto, aos mandamentos da Biblia, que se tornaram leis sociaes, taes como — *não matarás, não roubarás*, etc. — devêr-se-ia acrescentar — *não te casarás se fôres defeituoso ou doente, não mancharás o templo do Eterno.*

— «V. não tem estudado também a delicada questão dos direitos da mulher?

— «Sim, senhór, — disse ella; — como muito bem diz, essa questão é muito delicada, porque briga com tudo o que está estabelecido; mas, com a ajuda de Deus, espero chegar a resolvê-la. Sabe certamente as difficuldades e os dissabôres com que tenho lutado, e os sacrificios que tenho feito, para levar a minha obra ao ponto adeantado em que ella se acha hoje.

— «Li tudo isso nos jornaes americanos, — respondi eu. — Mas o que mais me interessou foi a candidatura de V. á presidência dos Estados-Unidos. Apesar do colossal número de votos que obtêve, entendo que nunca acreditou que seria eleita.

— «Não, evidentemente. Propus-me, pela mesma razão por que um dia fundei um Banco e me envolvi entre os especuladores da Bolsa de Nova-York, onde eu melhor descobri e expus os tramas urdidos por muitos financeiros ardilosos, que ali pululavam então, e evitei assim um *krack*, uma falência geral. Aí tem uma prova concludente de que a mulher, pelo que toca á direcção de negócios, ainda os mais complicados, é tão hábil como o homem. Foi também

por essa razão que eu, de outra vêz, me apresentei ao pé da urna, para votar. Queria travar combate, porque, se não combatermos, nunca venceremos. Era para reivindicar os nossos direitos á igualdade, visto que se diz que somos iguais ao homem, perante Deus é perante a lei. É nêsse sentido que devemos lutar constantemente. Porque não havemos de têr os mesmos direitos, já que sofremos as mesmas consequências? Não somos nós associadas dos homens? Por isso mesmo é que nós temos o direito de discutir os nossos próprios interesses. Sei que nos ridiculizam; dizem que não temos as aptidões dos homens, que não podemos, por exemplo, sêr soldados. É verdade isso; mas podemos sêr úteis, sob outros pontos de vista. E a êste respeito ocorre-me um episódio da guerra dos Cem-anos: pois não se viu no século XV que uma pobre mulher, com a sua coragem e a sua fé, salvou a França?» —

«*Mistress Woodhull* falara com tanta energia e com tanto sentimento, que não pude deixar de lhe dizêr:

— «Os seus trabalhos, minha senhõra, são realmente sublimes; mas como julga que os tornará praticamente úteis?»

— «Já iniciámos a prática, — replicou ela. — Além das somas colossaes que temos despendido na América, (e digo temos, porque não sou eu apenas a lutar), minha irman, a Viscondessa de Monserrate, que, compartilhando as minhas ideias e os meus sentimentos, me tem sempre auxiliado, cedeu á cidade de Londres um grande estabelecimento, junto ao Albert-Hall, destinado á educação de meninas, porque é pela educação que se deve começar, preparando a mulher para a sua missão futura. Aquêlê estabelecimento, cujo valôr é de cem mil libras, foi inaugurado em Março do ano passado pelo príncipe e pela princêza de Gales. Quanto a mim, vou fundar um instituto análogo, para os dois sexos, em Paris, outro em Nova -York, etc. Os meus havêres, que são imensos, gastal-os-ei, como gastei a minha saúde, unicamente na edificação da obra que emprendi. E, contudo, sou apenas uma mulher!

— «Sim, mas que mulher! — dizia eu para mim. — E, levantando-me, perguntei-lhe:

— Conta demorar-se muito em Londres, minha senhõra?»

— «Não, senhòr. Farei de Paris o meu quartel general; mas virei a Londres muita vêz, e terei muito gôsto em o tornar a vêr.»—

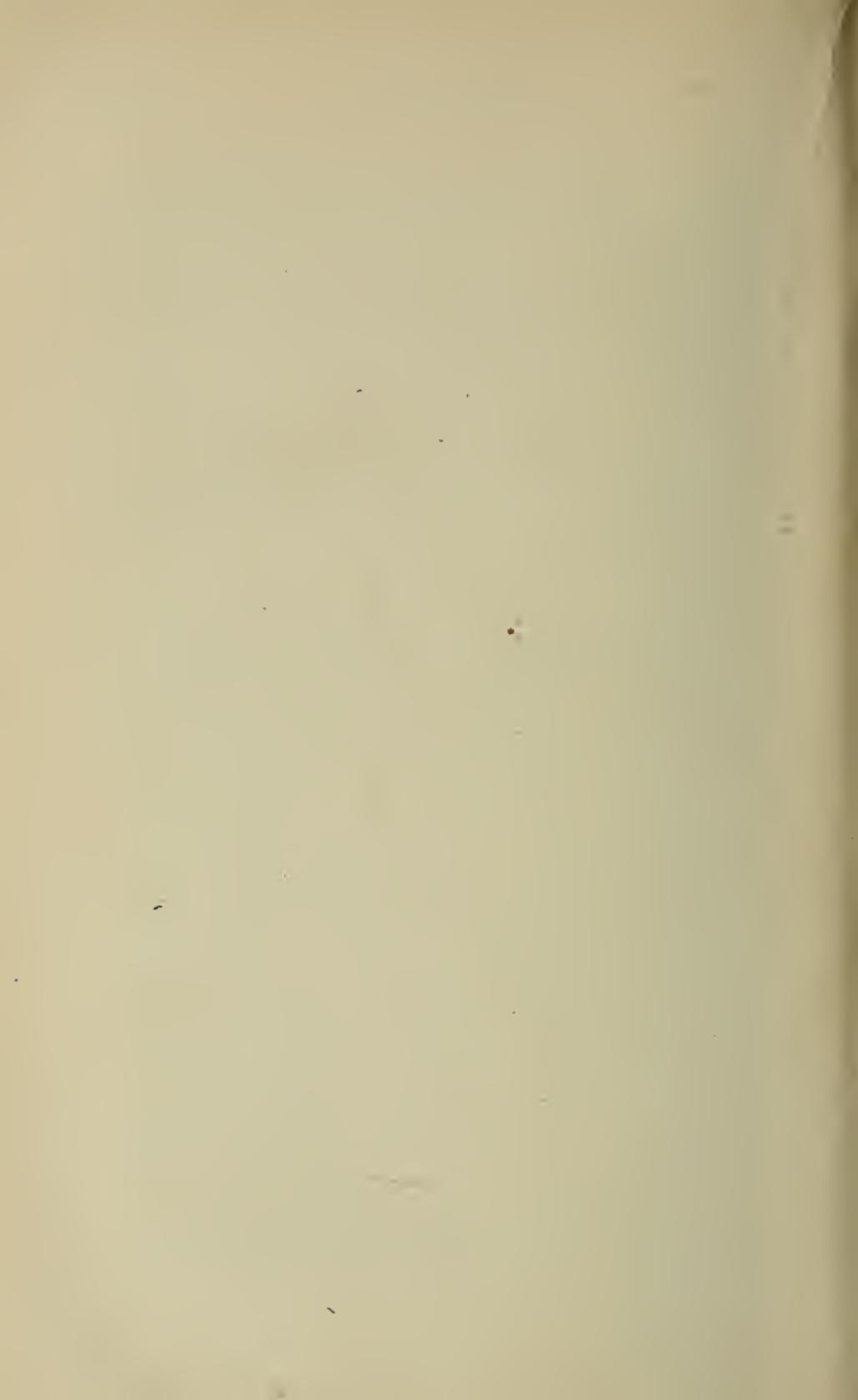
Com a Revista que, de Londres, nos trouxe a narração da curiosa entrevista, recebemos um exemplar do *ultimo trabalho*, a que se referia *mistress Woodhull*, um trabalho scientifico sôbre o desenvolvimento da raça humana. No frontispício lê-se:

*Stirpiculture, or the scientific propagation of the human race.*

É melhor não traduzir. Não há assuntos sérios que, sob certas fórmas, escapem á facécia ou á ironia petulante das nossas gazetilhas; e não quero para mim a responsabilidade de um mote, cujas glosas fôssem atentatórias de uma justa celebridade.

Demasiadamente arrojado ou não, superior ou não aos esforços de uma mulher, o problema da *população* não é novo nem insignificante. Dêsde a conhecida teoria de Malthus até os mais recentes luminares da economia social, o assunto tem desvelado as noites a muitos espíritos superiores; e não me parece que se dêvam postergar desdenhosamente, e sem discussão, os alvitres daquêle extraordinário espirito de mulher.

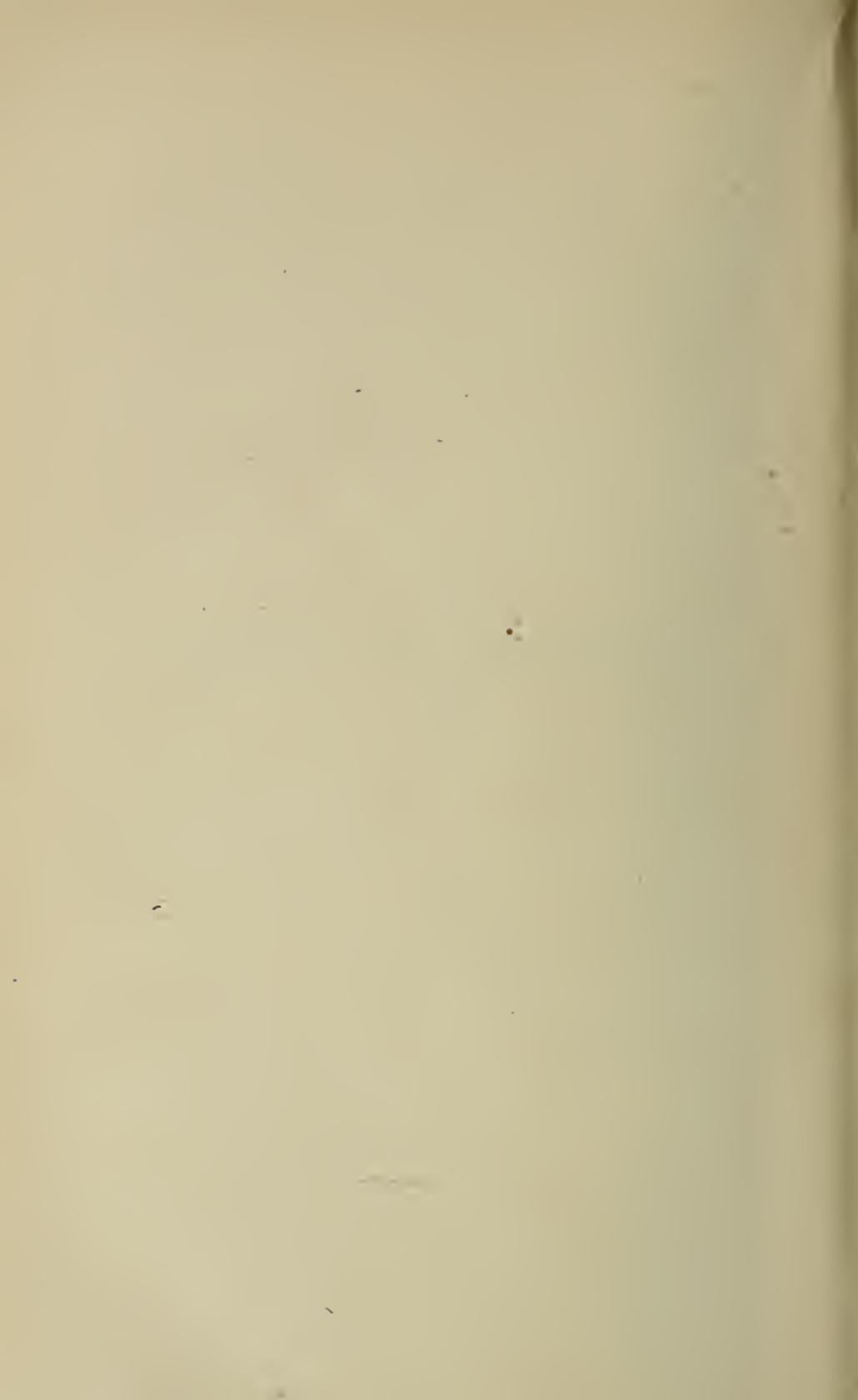
---



XLIII

VISCONDE DE SANTA-MÓNICA

(1889)



## Visconde de Santa-Mónica

(1889)



M literatura, chegou quase a sêr moda o não falar dos velhos. Os mais insofridos lidadôres do campo literário lindaram as suas testadas, erguêram barreiras, e, do vèrtice dos seus dogmas, atiraram aos ventos um anátema formidando: *extra ecclesiam non est salus*.

As novas gerações literárias não basta a glória de sulcar mares nunca dantes navegados. A generosidade e a gratidão, quando mais não haja para com os que nos antecederam no caminho das lêtras, obrigam a todos; e creio bem que o descobridor do caminho marítimo da India, na sua róta desde Mombaça e Quiloa até Calecute, havia de recordar, com muito reconhecimento, o seu ousado precursôr, que dobrou o cabo das Tormentas...

Entretanto, o desrespeito e a indiferença para com os nossos antigos homens de lêtras não é mal tão contagiôso, que o não hajam evitado os mais vigorosos e insubmissos representantes das lêtras contemporâneas. Guerra Junqueiro, por exemplo, comprazia-se em ouvir, do grande solitário de Val-de-Lobos, uma palavra de estímulo, uma opinião, um consêlho; e Antero de Quental, o audaciôso corifeu da

*escola coimbran*, ainda hoje esquece por um momento profundas dissidências, para declarar sem hesitações que ninguém excedeu Castilho em primôres de linguagem e na arte de fazêr versos. Este sentimento de justiça e esta magnanimidade constituem um bellissimo exemplo, que eu desejaria vêr acatado por todos os literatos incipientes; e, porque nem sempre o é, poucos conhecerão talvez, hoje em dia, literariamente, o Visconde de Santa-Mónica, — Henrique O'Neill, antigo Directôr Geral dos Negocios de Justiça, preceptôr de Suas Altêzas, veador de Sua Majestade a Rainha, ajudante do Procuradôr Geral da Corôa, etc.

Não é muito velho o Visconde : sessenta e tantos anos. Mas êle teima em que é velho e até o confessa, sem pesar, num dos seus espirituosos sonêtos, em que louva a Deus por não sêr *velho*. Tem, como todos os que valem, a consciência do seu valôr, mas ninguém lhe descobre um alarde, uma ostentação impertinente; e a distinção e lhanêza do seu trato acareiam-lhe verdadeiras simpâtias.

O Visconde de Santa-Mónica pertence àquella plêiade literária, que há trinta anos contava no seu grêmio os nomes de João de Lemos, Augusto Lima, Xavier Cordeiro, Aires de Gouveia, Couto Monteiro, Antonio de Serpa, e outros, parte dos quaes deixou as suas produções simplesmente nas fôlhas volantes do jornalismo, singrando outros pelos mares aparcêlados da politica, em que o naufrágio da musa é quase sempre inevitável.

Que eu saiba, Aires de Gouveia, Couto Monteiro e Antonio de Serpa já não fazem versos: o primeiro absorve se nos versículos da Bíblia, e Deus me perdôe se imagino que êle, de todo o Antigo Testamento, preferirá o *Cântico dos Cânticos*; o segundo acha um prazêr infinito em deletrear os processos do Supremo Tribunal de Justiça; e o terceiro procura a sua Egéria no Tribunal de Contas, e faz sátiras em prosa aos Progressistas e á *Esquêrda Dinástica*; Augusto Lima já não existe; João de Lemos e Xavier Cordeiro, saudosos dos seus tempos da *Lua de Londres* e da *Doida de Albano*, ainda fazem versos . . . que êles guardam para si. De fórma que o Visconde de Santa-Mónica é quem mais corajosamente mantém as tradições poéticas da sua plêiade,

fazendo versos, muitos versos, que elle raramente assina e que nunca vende ao público.

Circunstância rara: tenho deante de mim quatro livros recentes do visconde de Santa Mónica, e nenhum dêles se encontra no mercado! Sem ambições de dinheiro nem de glória, o autôr entendeu que os seus versos deviam constituir apenas uma lembrança affectuosa para os seus amigos; e, embora ninguém o apoie absolutamente, é certo que o poeta revela assim a fina tẽmpera do seu espirito e a delicada sensibilidade do seu coração de artista.

De todos os seus livros, o que me parece de mais valia é uma collecção de várias rimas, publicada em mais de 300 páginas sem o nome do autôr, e sob o titulo de *In Memoriam*. Parece que o autôr dẽste livro molhou a pena no tinteiro cáustico de Tolentino, porque a sátira lhe brota ás vèzes tão feliz e graciosa, que instinctivamente nos lembramos do famoso autôr do *Bilhar*. Mas não é só nẽste gênero que o livro abunda: há versos repassados de verdadeiro sentimento, e até se nos deparam algumas trovas singelas que nos embalarã a infãncia, e cujo autôr eu julgava anônimo. A *Feiticeira*, por exemplo.

Outra obra importante, e a mais volumosa de todas, porque abrange quasi 800 paginas, é o *Fabulário*, de que se fêz há poucos menses segunda edição, destinada exclusivamente, e gratuitamente, aos amigos do autôr e ás pessoas que elle considera merecedoras dos seus brindes.

Parece-me no entanto que a extremada modéstia do Visconde de Santa-Mónica reverte, mormente nẽste caso, em desfavôr do público, que, por mais de um motivo, deveria bem-dizêr a vulgarização do *Fabulário*. Êste livro, contendo 366 fábulas, tão cheias de espirito e graça, como de moralidade e correcção literária, pôde, além de tudo, considerar-se um livro de educação, pela facilidade e amenidade da sua leitura e pelas suas numerosas e variadas lições de moral prática. Ouso por isso consignar um voto, em opposição talvez ao modo de vêr do autôr; e é: que dẽste grõsso volume o autôr seleccione o que mais adaptável se lhe ali-gure ao ensino moral das escolas, e brinde a instrução do seu país com um pequeno fabulário, que não poderá deixar de têr a mais larga e merecida aceitação.

Registarei ainda mais duas publicações, ambas anónimas, do Visconde de Santa-Mónica: a *Feira da Ladra*, uma descrição crítica e humorística da celebrada feira, em verso solto; e a *Turra de dois caturras*, uma curiosa e engraçada colecção de sonetos, em que o poeta e um seu amigo discutem chistosamente as prendas literárias de cada um. Nem o livro, nem o Visconde, me dizem quem é esse *amigo*; mas, se pelo dedo se conhece alguma coisa, eu ia apostar que o colaboradôr do Visconde conseguiu entre nós gloriôso renome, porque creio chamar-se—*João de Lemos*.

Como espécime dos trabalhos poéticos do Visconde de Santa-Mónica, permita-me êle que dê ao público um engraçado soneto, a que há pouco me referi:

Até aos quinze. o homem não é nada;  
sái co'a maman e a mana, e come bôlos;  
aos quinze, muitos ficam sendo tolos,  
fumam, domam *pileca* espar'vonada.

Aos vinte, a educação está acabada,  
(Martes se julgam uns, outros Apolos. . .)  
E aos trinta. os que tem alguns miolos,  
se podem, abotôam-se á calada.

Aos quarenta, desanda já a roda;  
aos cincoenta se franze a sobrancêlha,  
reumatismo, mulher... tudo incomoda.

Sessenta já eu tenho, e tórço a orelha,  
por não ter desfrutado mais a bôda...  
Sou velho, e louvo a Deus por não ser velha!

Por pouco extenso, e de grande *aplicação prática*, reproduzirei do *Fabulário* a fábula XXXIII:

### Os dois sujos

Um moleiro  
e um carvoeiro  
travaram-se de razões.  
Era um da côr da neve,  
outro da côr dos carvões.  
Cada qual deles teimava  
que o outro mais sujo estava;  
linham ambos a mão leve,  
chovêram os bofetões.

E qual foi o resultado?  
 um ao outro se sujou;  
     pois ficou  
     o carvoeiro  
     empoado;  
     e o moleiro  
     enfarruseado.

Assim fazem as comadres,  
 se começam a ralhar;  
 assim fazem os *compadres*,  
 se a politica os separa:  
 cada qual, sem se limpar,  
 consegue o outro sujar;  
 nem é isso coisa rara.

Pelo que se vê, o nobre Visconde não desadora a *carapuça* nacional. . . Não a usa, mas fabrica-a. E não a fabrica, por pessimismo sistemático. Os *ridiculous* sociaes não o affligem nem o indignam: fazem-n'ó rir. É um espirito são e alegre, que, pelas cans que o abrigam, nos faz lembrar Anacreonte:

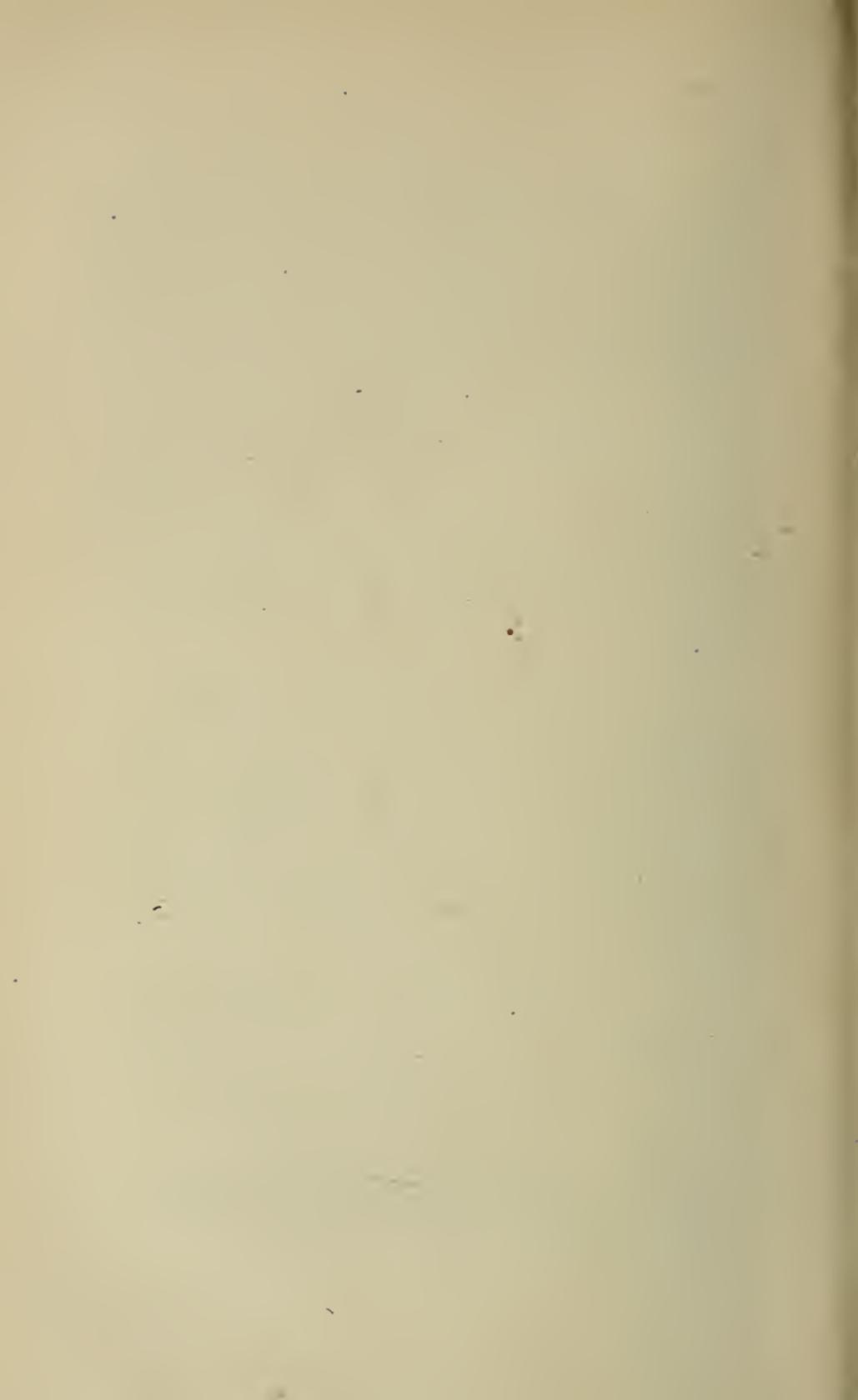
... parece velho, e é rapaz.

Rapaz ou velho, é certo que o Visconde de Santa-Mónica, talvez por um instinto invejável, foi viver para a *Rua da Infância!* Não sei bem onde é, mas sei que é uma rua muito afastada da Baixa, uma Tebaida porventura, onde o Visconde se abriga das tentações da gloria e do olhar indiscreto da publicidade. Hoje, porém, *saiu* comigo, porque desejo vê-lo remoçar a este formôso sol de inverno, e porque julgo que, não só em economia política, mas também em litteratura, há *ce qu'on voit*, e *ce qu'on ne voit pas*. . .

As vêzes, *ce qu'on ne voit pas* é o melhor. E, embora o Visconde de Santa-Mónica não seja certamente o melhor dos literatos, é sem contestação um distinto homem de letras e, seguramente, o nosso primeiro fabulista, valham o que valêrem Curvo Semedo, Pimentel Maldonado, e todos os que têm versado aquêlê gênero, tão difficil como imerecidamente descurado.

Quando estas qualidades resplendem num homem encahecido, não há espiritos justos nem corações nobres que o não saídem e que não vibrem num acôrdo espontâneo:

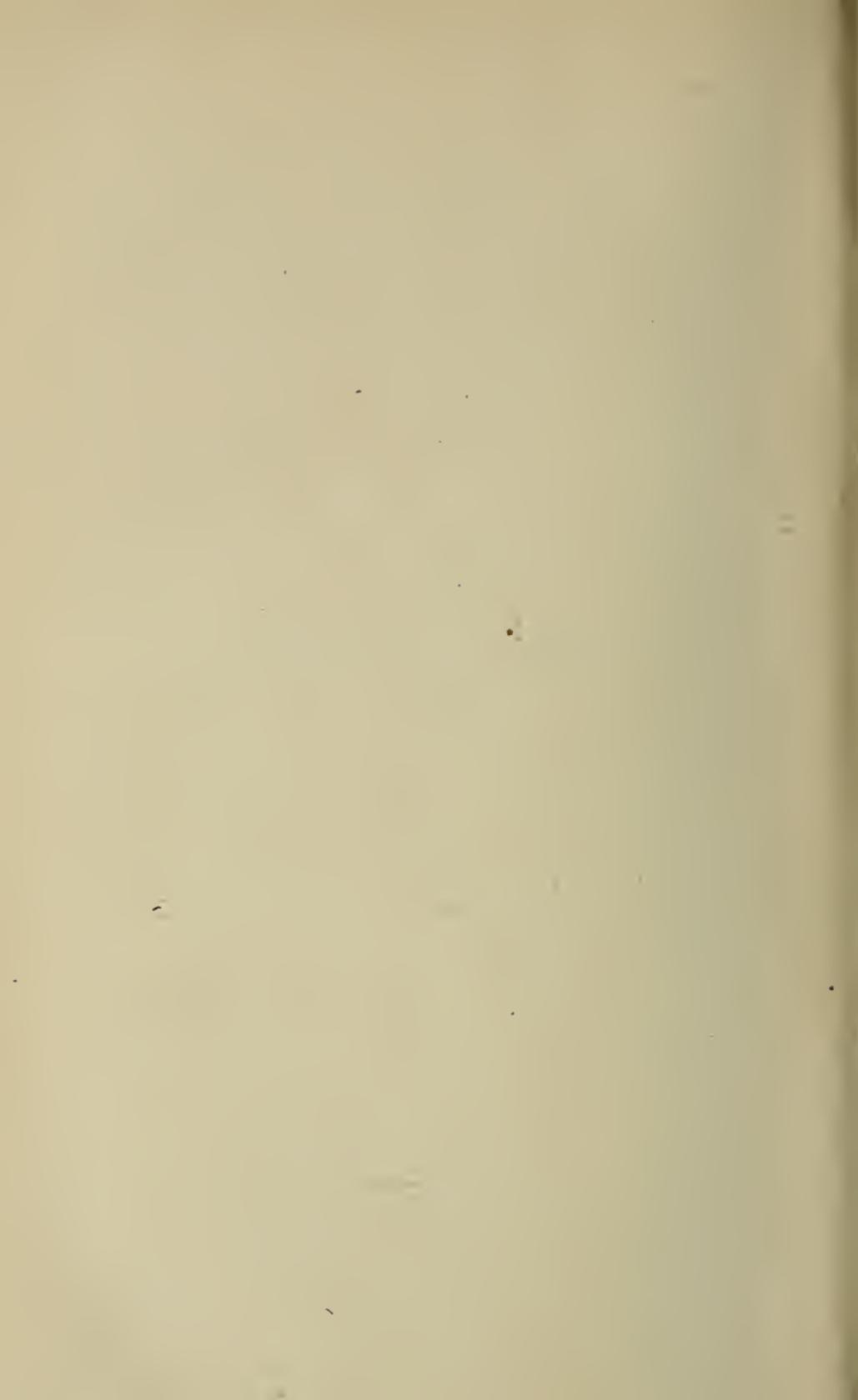
—Lugar aos velhos!



XLIV

D. JOÃO DA CÂMARA

(1904)



## D. João da Câmara

(1904)

Carta ao redactôr dos *Ecos da Avenida*:

Á que o meu amigo não acredita — porque efectivamente é quase inacreditável, — que das minhas fainas imperiosas, impreteríveis e talvez fastientas, me não sóbre meia hora para gratas occupaões de devoção ou cortesia, e insiste em me dar a honra de incluir o seu nome numa página consagrada ao meu dilectissimo e festejado confrade D. João da Câmara, desafronto-me da sua incredulidade, invocando céus e terra como testemunhas da minha sinceridade, e fingindo que me vou ocupar do aludido e prestigiôso escritôr.

E, com efeito, se a minha melhor vontade pudesse vingar em frutos, e se eu lograsse tempo e aptidões para fazer o estudo crítico ou apologético do dramaturgo e do poeta, pequeno seria o seu jornal, meu amigo, para reproduzir tudo que eu deveria dizêr.

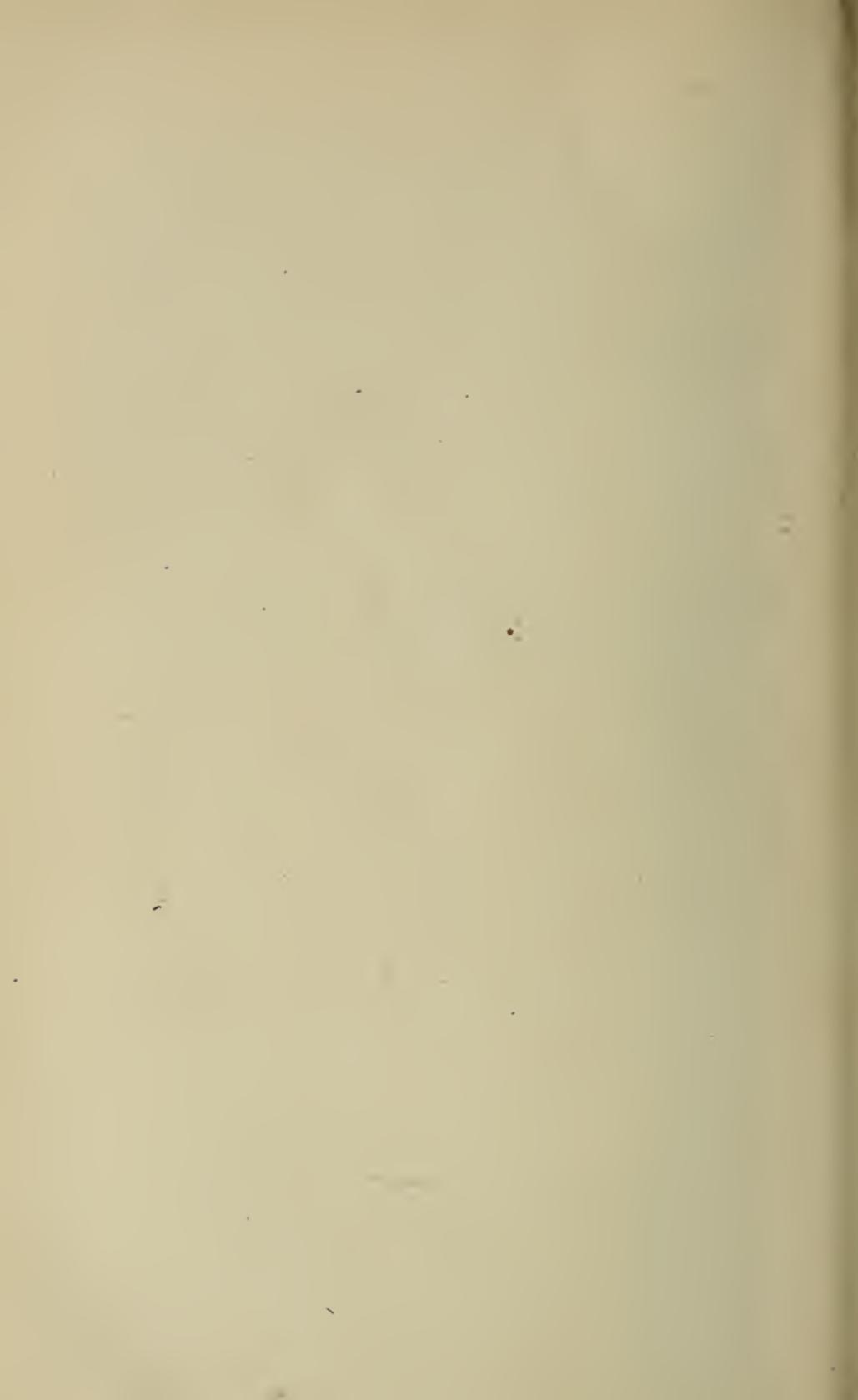
Não se podendo dizêr tudo, até me parece melhor não dizêr nada. E, depois, seria difficil dar novidade a quem lê: D. João da Câmara é, não simplesmente um dos nossos escriptôres mais conhecidos e apreciados, senão também um dos mais simpáticos caracteres, cuja limpidêz e ingenuidade, quase infantis, acareiam affectos e cultos, que nada devem á prosa dos críticos e biógrafos.

É que os seus versos cantam deliciosamente em nossos ouvidos; os seus dramas interessam-nos e comovem-nos; e o seu perfil modesto, a sua exterior simplicidade que nos parece excêntrica em meio das convenções que respiramos, dão-nos a impressão de uma adorável criança, que ajustasse ao rosto lunêtas de míope e barbas de tirano.

Mas o que para mim sobreleva a todos os predicados do escritôr é o raro escrúpulo, com que êle sabe polir a frase, não nos deixando dúvidas de que ama e conhece a lídima linguagem da sua terrá. E como as coisas raras são as de maior prêço, a vernaculidade do nosso escritôr é jóia de taes quilates, que difficilmente poderá sêr avaliada pela contrastaria indígena, pouco afeita á valorização do oiro sem liga. O que ella mais conhece são os cordões de latão; e, em terra de getas, tudo que luz é oiro.

Bastaria pois aquêlê predicado, para que eu escrevêsse um in-fólio á cêrca de D. João da Câmara, se o tempo, o espaço e a escassêz de aptidões, me não forçassem a não dizêr nada, que não sejam duas palavras de affecto e homenagem.

XLV  
CAMÕES  
(1894)



## Camões

(1894)



apologia de Camões está feita.

Depois de três séculos de glória, depois das homenagens e dos hosanas, com que a justiça, em todo o mundo culto, tem saudado a obra immortal do nosso grandioso épico, tudo que se diga em abono dos *Lusiadas* não será mais do que

a glosa, ou a ampliação, de quanto essa epopeia tem sugerido aos críticos da arte e aos historiadores da poësia.

A apologia de Camões está feita. O que admira é que o nosso primeiro poema nacional não tivesse logrado, como os de Dante, Goethe, Milton e Klopstock, uma edição verdadeiramente monumental, em que o primôr tipográfico e artístico procurasse correspondêr aos primôres geniaes do monumento camoneano.

É por isso, e sobretudo porque nada santifica e eleva o sentimento nacional como a contemplação das nossas passadas glórias e dos serviços que Portugal prestou á civilização universal, que eu senti um estremecimento de júbilo, ao vêr a riquíssima e monumental edição dos *Lusiadas*, com que os srs. Guillard, Aillaud & C.<sup>a</sup>, de Paris, vão opulentar a larga bibliografía camoneana e erguêr á memória do poeta o mais esplêndido e grandioso monumento artístico.

Em papel expressamente fabricado, e tipo expressamente fundido para essa obra, os *Lusiadas* da casa Guillard Aillaud encerram vinte heliogravuras em página separada, quarenta desenhos de esquadria e numerosas vinhêtas de remate. Esta indicação de pouco valeria, se não se devêsse acrescentar que os trabalhos de pintura e desenho, cujos originaes estiveram nêstes dias em exposição na galeria da Academia de Belas-Artes, são na sua generalidade verdadeiros primôres de arte, e correspondem brilhantemente á grandêza, á inspiração e ao radiôso patriotismo, que revestem os principaes episódios do poema. Sobretudo, os desenhos á pena, trabalho quase exclusivo de um artista eminente, o sr. Paulin Bord, maravilham pela correcção e delicadêza do traço e por uma notável intuição do espirito do poema.

Envaída-nos legitimamente o têr de mencionar que na parte artística desta edição colaboraram dois distintos compatriotas nossos, os professôres Brás de Oliveira e Marques Leitão, e que a obra foi cuidadosamente revista por um escritôr tão modesto como inexcedível no conhecimento da língua de Camões, o meu velho amigo dr. Abilio A. da Fossêca Pinto.

Ao percorrêr a galeria dos desenhos e quadros que enriquecem a edição, não resisto á tentação de especializar alguns.

Uma heliogravura, representando o *velho do Restêlo*, que na praia, entre a gente do pôvo, apostrofava os nautas que partiam em demanda do desconhecido, é um quadro sobêrbo, cheio de vida. O *velho* parece falar e movêr-se, e passam-nos pela memória as últimas estâncias do canto IV do poema:

Mas um velho de aspecto venerando,  
que ficava nas praias entre a gente,  
postos em nós os olhos, meneando  
três vêzes a cabeça, descontente,  
a voz pesada um pouco alevantando,  
que nós no mar ouvimos claramente,  
co'um sabêr só de experiencias feito,  
taes palavras tirou do experto peito:

.....  
Oh maldito o primeiro que no mundo  
nas ondas vela pôs em sêco lenho!  
.....

A aparição do Adamastôr também resalta, animada, de uma esplêndida heliogravura de Dujardin; e reconhecemos logo

..... a figura  
 ..... robusta e válida,  
 de disforme e grandíssima estatura,  
 o rosto carregado, a barba esquálida,  
 os olhos encovados, e a postura  
 medonha e má, e a côr terrena e pálida,  
 cheios de terra e crêspos os cabelos,  
 a bôca negra, os dentes amarelos.

A *Ilha dos Amôres* é um quadro deliciôso. A vista espraia-se encantada pela

..... ilha frêscã e bela,  
 que Vênus pelas ondas lh'a levava...  
 Três formosos oiteiros se mostravam,  
 erguidos com soberba graciosa...  
 .....  
 Mil árvores estão ao céu subindo,  
 com pomos odoríferos e belos...  
 .....  
 Pois a tapeçaria rica e bela,  
 com que se cobre o rústico terreno...  
 .....  
 Ao longo da água o níveo cisne canta...  
 .....

Depois os nautas

começam de enxergar subitamente  
 por entre verdes ramos várias côres,  
 côres, de quem a vista julga e sente,  
 que não eram das rosas ou das flôres,  
 mas da lan fina e sêda diferente,  
 que mais incita a fôrça dos amôres,  
 de que se vestem as humanas rosas,  
 fazendo-se por arte mais formosas.  
 .....  
 De uma os cabelos de oiro o vento leva  
 correndo, e da outra as fraldas delicadas;  
 acende-se o desejo, que se ceva  
 nas alvas carnes, súbito mostradas;  
 uma de indústria cái, e ja releva  
 com mostras mais macias que indignadas.

que, sobre ela empecendo, também caía  
quem a seguiu pela arenosa praia.

.....  
Oh que famintos beijos na floresta!  
.....

Toda esta adorável perspectiva resáí nitidamente da heliogravura, do desenho de esquadria e da vinhêta, e prendenos a vista, como se nos instilassem os filtros de Amantunta.

E a *morte de Inês de Castro*, e a *batalha de Aljubarrota*. e o *concílio dos deuses* e a *côrte do Çamorim*, e a expedição dos *dóze de Ingtaterra*, e tantos outros primôres de arte, dar-nos-iam um volume, se eu me permitisse a justificação do aplauso que me inspiram.

Paremos entretanto um pouco deante de *um galeão português do seculo XVI*, que é um helo trabalho do sr. Brás de Oliveira, e que nos faz pensar com saudade no nosso extinto poder marítimo.

Contemplemos também o *astrolábio* de Vasco da Gama, cópia autêntica daquela gloriosa reliquia, que ainda se conserva no observatório da Universidade.

Admiráveis o *Indo e o Ganges*, aparecendo em sonhos a D. Manuel!

Comovente o bom e fiel *Egas Moniz*, com a mulher e os filhos, aos pés do rei de Leão!

A *tôrre de Calecute*, os esbôços do *mosteiro da Batalha*, a *tôrre de Belém*, muitos dos mais preciosos monumntos que atestam os mais gloriosos feitos, acordam em nós o sentimento da pátria, e permitem-nos entresonar a possibilidade de uma resurreição.

O que será para lastimar é que os magníficos originaes das estampas, que enriquecem a edição, saíam de Portugal. Se êstes trabalhos não tentarem a bolsa de algum camoneanista ou de algum patriota, a aquisição dêles está naturalmente indicada a qualquer das principaes bibliotecas públicas ou das Academias artísticas do país.

A apologia de Camões está feita, disse eu Mas a edição Guillard Aillaud é porventura o fêcho da abóbada no panteão que a admiração dos homens e a justiça da história sagrou ao cantôr das glórias portuguezas.

Fechando com chave de ouro as impressões que me deixou a monumental edição, registarei algumas das palavras de um brilhante capítulo, que Edgar Quinet dedicou à nossa grandê epopeia. Oçam o magnífico estilista e laureado historiador, e agradeçâmos à sua memória estas eloqüentes frases, tão lisonjeiras como justas, que a justiça também se agradece, quando outrem espesinha os nossos direitos:

— «Os *Lusiadas* reünem, com todos os perfumes de Portugal, o ouro, a mirra, o incenso do Levante, temperados muitas vèzes com as lágrimas do Occidente.

«O gênio poético da Europa deixa, pela primeira vèz, a hãcia do Mediterrâneo, e penetra nos Oceanos da velha Ásia.

«... Sentis, a cada verso, que o baixel da humanidade lança ferro em paragens dêsde há muito aneladas; respirais novas brisas que vão enfunando as velas do pensamento humano; e o céu dos Trópicos espêlha-se na mais cristalina onda do Tejo.

«.....  
... O rio Ganges, de há tanto perdido, aparece personificado, como na epopeia do *Ramãiana*. O Titan grego, embaraçando a passagem ao navio do Gama, que em si levava o futuro, irrompe majestoso dos mares equinociaes.

«... É verdade que até nesta lingua portugüesa, tão enérgica e tão suave, tão altisonãnte e tão singela, tão rica de vogais limpidíssimas, êle parece um intérprete, uma comunicação natural entre o gênio do Occidente e o gênio da Ásia oriental.

«Camões... Não conhêço poeta algum que corresponda melhor, que melhor se associe, a uma grande parte das ideias e dos sentimentos que predominavam no seu século...

«Hã ali diálogos assombrosos entre o marinheiro e o Oceano; de um lado, a humanidade triunfante no seu navio empavesado; do outro, os cabos, os promontórios, as tormentas, os elementos, vencidos pela indústria. Não será êste o espirito do nosso tempo? A epopeia que melhor os representa não é a do Tasso, não é a do Ariosto, nem é a do Dante. São os *Lusiadas*; é o poema que abre com o sé-

culo XVI a era moderna, e que, selando a aliança do Oriente com o Occidente, celebra a idade heroica da indústria; não já poema de peregrino, mas de viajante, de comerciante sobretudo; verdadeira *Odisseia* em meio dos empórios e feitorias nascentes das Grandes Indias, no bêrço do comércio moderno, da mesma fôrma que a *Odisseia* de Homero é uma viagem através das nascentes sociedades militares e artísticas da Grécia.»

FIM

# ÍNDICE

Cap.		Pag.
	Razão da obra.....	5
I	Bulhão Pato.....	11
II	Júlio César Machado.....	21
III	O Conde de Gubernatis.....	29
IV	João Penha.....	37
V	Ranalho Ortigão.....	43
VI	Zorrilla.....	49
VII	Gonçalves Crêspo.....	55
VIII	Júlio de Vilhena.....	61
IX	Marco-António Canini.....	67
X	Simões Dias.....	73
XI	Silva Pinto.....	81
XII	Nekrassov.....	87
XIII	Castilho.....	95
XIV	Silveira da Mota.....	99
XV	O Conde de Chambrun.....	105
XVI	Maria Amália.....	111
XVII	Barbosa Leão.....	121
XVIII	D. Vicente Riva Palácio.....	127
XIX	Alfredo da Cunha.....	137
XX	Mannel de Melo.....	143
XXI	Alexandre da Conceição.....	149
XXII	Rousseau.....	157
XXIII	Alberto Pimentel.....	163
XXIV	Cláudia de Campos.....	169
XXV	Magalhães Lima.....	177
XXVI	Michelet.....	183
XXVII	Lêtras e titulares.....	189
XXVIII	Albertina Paraiso.....	197
XXIX	Teixeira de Vasconcelos.....	203
XXX	Visconde de Castilho (Júlio).....	210
XXXI	João Milton.....	217
XXXII	Visconde de Sanches de Frias.....	225

Cap.		Pag.
XXXIII	Dr. Pereira Caldas.....	231
XXXIV	João Dinis.....	239
XXXV	Mickiewicz.....	246
XXXVI	Júlio Lourenço Pinto ..	251
XXXVII	Mariana Angélica de Andrade.....	257
XXXVIII	Miguel Vicente de Abreu.....	265
XXXIX	António Rodrigues Sampaio. ....	269
XL	José Maria Ançan....	273
XLI	Zeferino Brandão.....	281
XLII	Victória Woodhull.....	291
XLIII	Visconde de Santa-Mónica.....	299
XLIV	D. João da Câmara.....	301
XLV	Camões .....	311



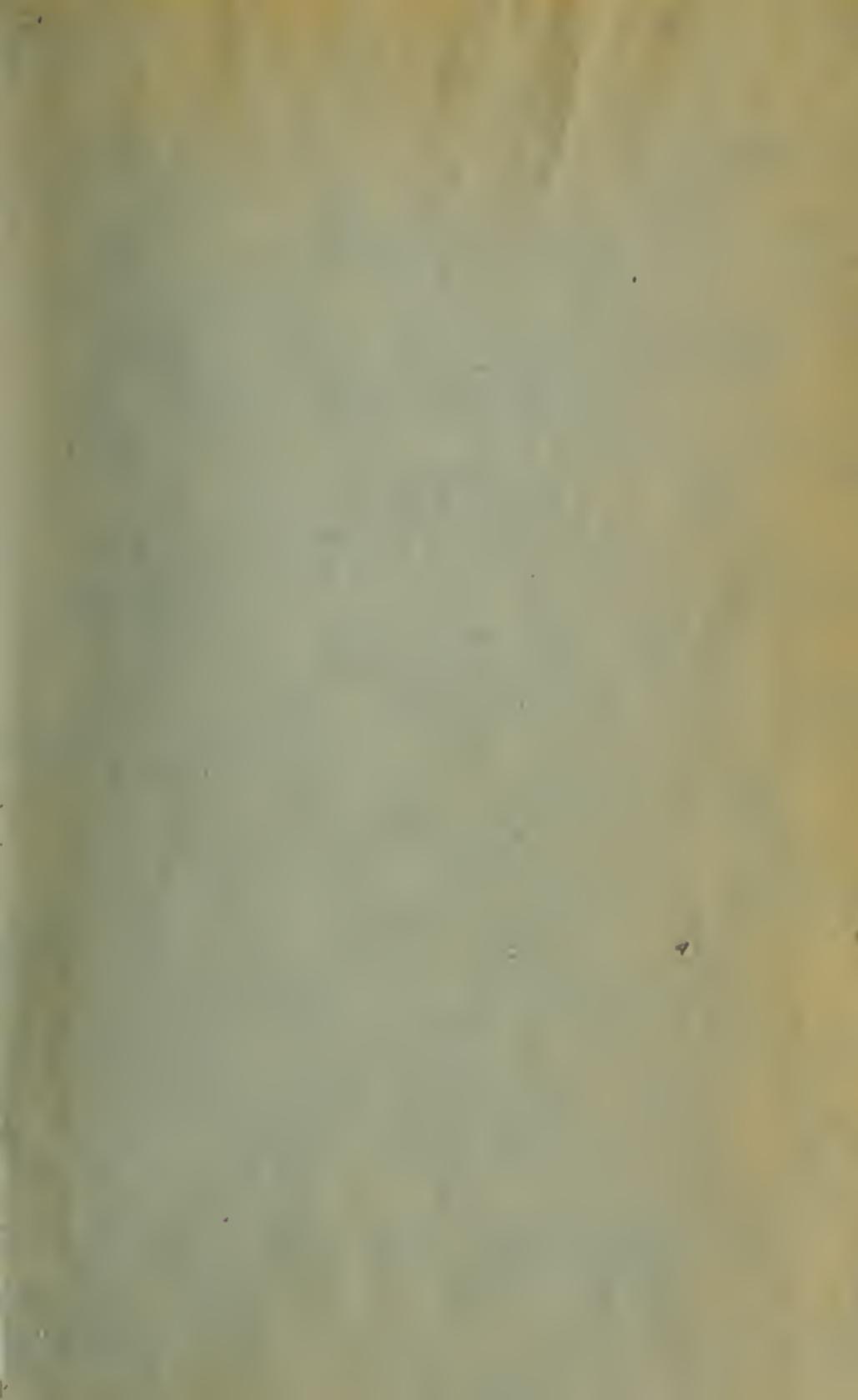




# Livraria Editora VIUVA TAVARES CARDOSO

5, Largo de Camões, 6 — LISBOA

- Cartas a uma noiva**, por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, 1 vol. 700 rs.
- A Caveira da Martyr** romance historico por Camillo Castello Branco. 2.<sup>a</sup> edição, 1 volume . . . 1\$000 rs.
- Portugal** romance cavalleiresco, com prologo de Xavier da Cunha, por João Braz d'Oliveira, 1 vol. . . . . 400 rs.
- Marques** (Historia d'um peregrino) por Alfonso Lopes-Vieira, 1 vol. . . . 400 rs.
- Historias e Aventuras** por Paulino de Brito, 1 vol. . . . . 600 rs.
- Contos e casos** por D. Thomaz de Mello e Oliveira Mascarenhas, 1 volume. . . . . 600 rs.
- Phenicios e Carthaginezes** (Os navegadores e conquistadores) por J. M. Pereira de Lima, 1 volume illustrado. . . 800 rs.
- A Guerra Russo-Japoneza**, narrativa historica, militar, geographica, anecdotica, humoristica e de costumes, por Eduardo de Noronha, 1 volume illustrado. . . . . 800 rs.
- A Fidalga do Juncal** (romance contemporaneo) por Pedro Videira, 1 vol. . . . . 800 rs.
- O Exterminio de um povo**, romance de costumes transvaalianos por Eduardo de Noronha, 1 vol. illustrado . . . . . 600 rs.
- Recordando** (Litteratura e Theatro) por D. Thomaz de Mello, 1 vol. . . . . 500 rs.
- Escandalo!** scenas da vida de provincia, por Antonio de Albuquerque, 1 volume. . . . . 600 rs.
- Aurora**, romance pagão por Augusto de Lacerda, 1 volume. . . . . 700 rs.
- Cidade Nova**, romance dos tempos modernos por Fernando Reis, 1 vol. 800 rs.
- Palavras cycicas** por Albino Fojaz de Sampaio, 1 vol. . . . . 300 rs.
- Os filhos de Ignez de Castro**, romance historico por Faustino da Fonseca e Joaquim Leitão, 1 vol. . . . . 800 rs.
- A's Mulheres Portuguezas** por Anna de Castro Osorio, 1 volume . . . . . 600 rs.
- Seára em flor** por Alberto Pimentel, 2 vol. 1\$200 rs.
- Os Bravos do Mindello**, romance historico por Faustino da Fonseca, 1 volume . . . . . 600 rs.
- O Conde de S. Paulo**, romance original por Mauricia C. de Figueiredo, 1 vol. . . . . 800 rs.
- Os Condemnados**, por Severo Portella, 1 vol. . . . . 500 rs.
- Na Russia**, aspecto da guerra e da revolução, narrativa historica e anecdotica, por Eduardo de Noronha, 1 volume . . . . . 800 rs.
- Posta-restante** (cartas a toda a gente), por João Chagas, 1 vol. . . . . 600 rs.
- A Rua do Ouro**, romance lisboeta por Alfredo Mesquita, 1 vol. . . . . 600 rs.
- Terra Virgem**, romance por Cesar Porto, 1 volume . . . . . 800 rs.
- O Tio João Gil**, chronica d'aldeia por Barros Lobo (Francisco), 1 vol. . . 800 rs.





PN  
518  
F46

Figueiredo, Candido de  
Figuras literarias

PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C  
39 16 18 05 02 004 2